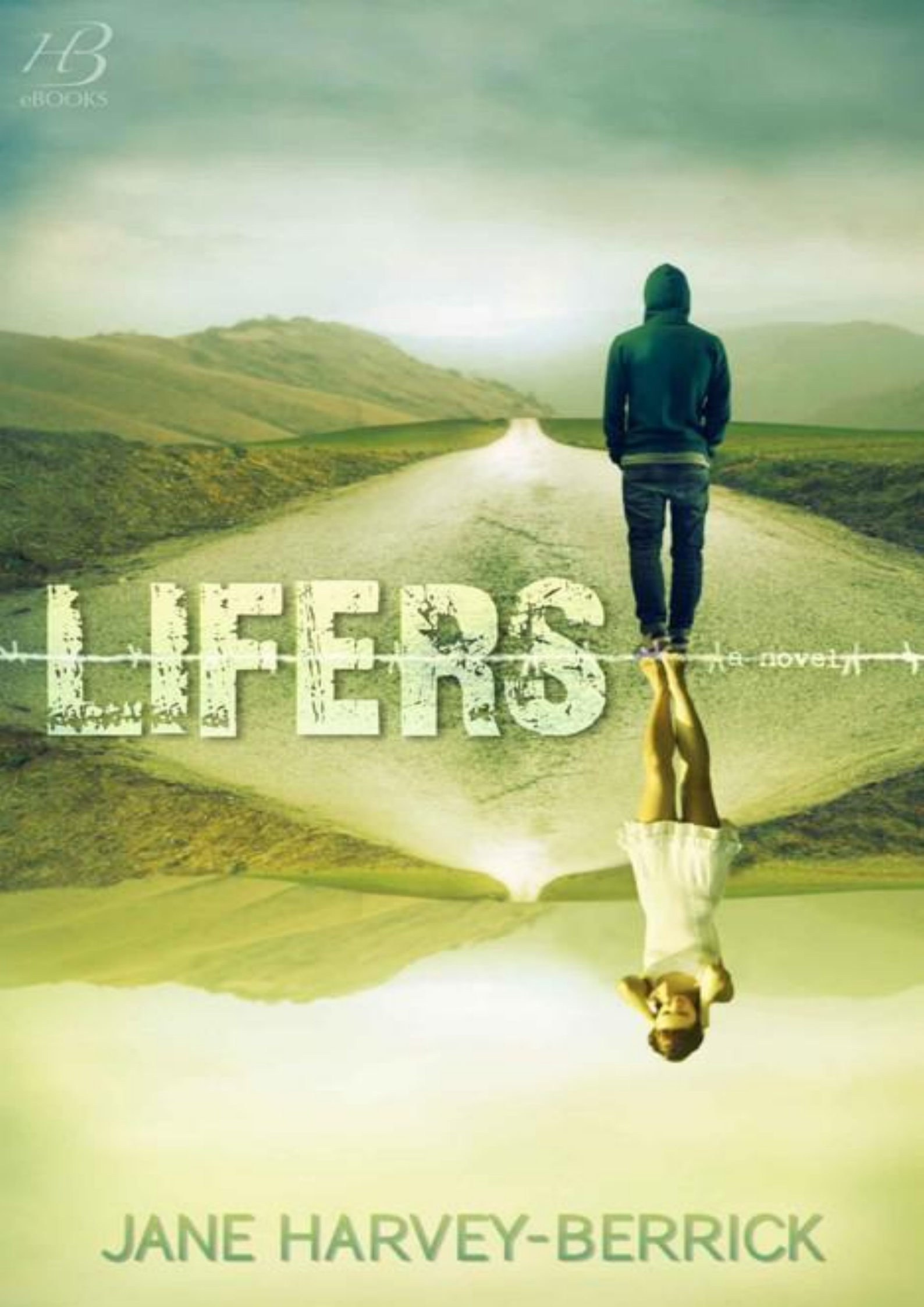

HB
eBOOKS
LIFERS
a novel
JANE HARVEY-BERRICK

Lifers

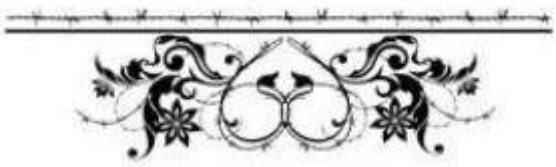
by

Jane Harvey-Berrick

Este livro é dedicado a Dina e Steve.

Por deixar o amor vencer.

Sinopse



Depois de oito anos de prisão, aos 24 anos de idade Jordan Kane é o homem que todos adoram odiar.

Forçado a voltar para sua cidade natal, em liberdade condicional, Jordan logo descobre que esta cidadezinha não mudou desde que foi levado para o reformatório há tantos anos atrás.

Ele é o pária local, evitado por todos, incluindo seus próprios pais. Mas o ódio deles por ele não chega nem perto do ódio que sente cada vez que se olha no espelho.

Trabalhando em biscates para a Reverenda, Jordan espera o tempo antes que ele possa deixar esta cidade para trás. Mas a distância pode apagar as lembranças que o assombram? Será que viver em outro estado, o libertará da prisão de sua mente? Será que a dor de viver sequer irá diminuir?

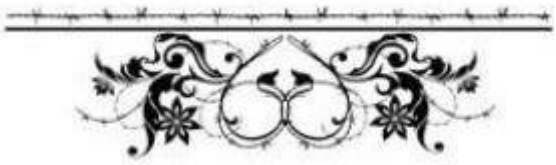
Torrey Delaney é nova na cidade e certamente não se comporta de uma maneira que os moradores acreditam que a filha de uma pastora deveria. Sua reputação de ficantes casuais e sexo sem sentido se espalha rapidamente pela cidade. E isso está acima de sua amizade com o ex-presidiário faz-tudo endurecido - a boa Reverenda está menos do que feliz com o caminho distante de sua filha.

Como em forma de amizade, podem duas pessoas danificadas que estão com medo de amar, levar o seu relacionamento para o próximo nível? Pode Torrey viver com os demônios de Jordan e pode Jordan romper as paredes de Torrey? Com a desaprovação de uma cidadezinha pesando sobre eles, eles lutam

para encontrar seu lugar no mundo. Eles podem lutar contra as probabilidades, ou será seu mundo violentamente abalado?

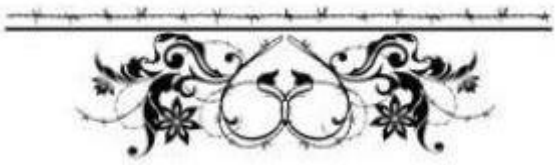
O amor é uma prisão perpétua?

Prólogo



Então disse Caim ao Senhor. — Minha punição é maior do que a que eu possa suportar.

Capítulo Um - Julgar



Torrey

O rush da manhã estava quase acabando. Eu sabia pela minha experiência de dois dias no Busy Bee Family Diner que seria tranquilo até a hora do almoço.

Eu olhava para a estrada principal, onde nem um único carro ou caminhonete se preocupou em parar, assistindo redemoinhos de poeira girar na brisa de verão preguiçoso. Isso foi tão excitante quanto poderia. O que era uma porcaria.

Servir mesas não era exatamente o meu emprego dos sonhos e não era onde eu pensei que estaria com 24 anos de idade, com um diploma universitário caro, vários anos atrás de mim. Na verdade, fiquei chocada ao encontrar-me de volta como garçonete, o tipo de trabalho que eu tinha feito quando eu era adolescente. Mas eu gostava de comer, e eu não poderia encarar voltar rastejando para o meu pai para pedir uma doação para o Life Achievement Award[1] de Torrey Delaney (Pendente). Ele só iria importunar-me de novo por andar longe do meu próprio apartamento *e* um bom trabalho.

Sim, bem, quando você dormiu com o seu chefe e, em seguida, ele dá o fora em você e te trata como merda, nenhum trabalho vale a pena, em minha opinião. E eu pensei *muito* sobre isso.

[1] Tipo de premiação nos E.U.A.

Todos os meus amigos estavam escalando os seus planos de carreira; todos eles tinham um plano. Algo. Eu não poderia enfrentar dormir em sofás e ver compaixão em seus olhos, enquanto eles se colocavam em seus trajes de negócios e saltos e se dirigiam para os seus empregos bem pagos.

Tudo o que eu sabia era que eu tinha que deixar Boston - recomeçar em outro lugar. Além disso, meu pai tinha acabado de se casar com uma vadia com peitos de silicone, apenas alguns anos mais velha do que eu. Nenhum dos dois me queria por perto. O sentimento era mútuo.

Então, eu acabei ligando para minha mãe pela primeira vez em seis anos, aceitando a oferta de um quarto em Smallbutt, Nowheresville, na costa do golfo do Texas.

Oh, ela estava feliz em ajudar e agradeceu a Deus que sua filha pródiga estava finalmente voltando para ela. Sim, bem, alguns sonhos nascem para serem quebrados. Sua ideia de noites aconchegantes lendo histórias da Bíblia juntas e passar algum tempo de qualidade mãe/filha, realmente não combinam comigo saindo para beber até altas horas e ser deixada na porta de casa antes do amanhecer por um cara em uma caminhonete.

Sim, eu era o assunto da cidade. Pelo menos eu achava que era.

Eu tive sorte que os proprietários do Busy Bee estavam com falta de pessoal, caso contrário eu teria que dirigir mais de 64 quilômetros para Freeport, ou 56 para Corpus Christi para um trabalho. Claro, a gorjeta *provavelmente* seria melhor na cidade, mas gastaria um monte de dinheiro com gasolina todos os dias, além do tempo perdido para ir e voltar. As pessoas com certeza não eram excessivamente generosas aqui, a menos que fosse com conselhos que eu não queria ouvir.

Peguei meu telefone e mandei uma mensagem de texto para um dos meus ficantes, que eu pensei que talvez valesse a pena uma segunda vez. Ele tinha sido divertido para um rapaz do campo e foi uma distração decente.

Doreen me jogou um olhar irritado. Isso não era novidade. Minha teoria é que ela tinha nascido com um cabo de vassoura em sua bunda. Ou talvez

apenas trinta anos servindo mesas a tivesse deixado como um seco e frustrado Achigã[2] aterrado. Bem, a expressão é certamente a mesma.

Eu tinha acabado de pressionar 'enviar' no meu celular quando o velho sino em cima da porta soou e eu olhei para cima. Agora *aquilo* era um grande copo de água gelada em um dia quente. Alto, mais de 1,80, com músculos definidos e com cabelo cor de areia que era apenas um pouco longo demais, tatuagens escorrendo em ambos os braços até os cotovelos, as maçãs do rosto onde você pode passar suas unhas e lábios que eram apenas perfeitos para morder.

Eu me projetava em um quadril, um movimento que eu sabia que faria a minha bunda parecer ótima. O único problema era que o cara parecia mais interessado em olhar para o sapato do que olhar para mim. Huh, talvez ele não gostasse de garotas. Eu não acho que o meu radar gay estava com defeito, mas nunca se sabe.

De repente, percebi que toda a conversa tinha parado e que cada um dos clientes caipiras estava olhando para o recém-chegado. Sim, eu pensei que ele era bonito, mas eu não acho que foi por isso que os irmãos Vardry, Chuck e Mo, estavam olhando soltando punhais para ele, ou porque os dois adolescentes no canto pareciam que seus olhos estavam prestes a explodir.

O gostoso se contorceu desconfortavelmente, como se ele pudesse sentir seus olhares ricocheteando em seus ombros largos.

Parecia estranho que o Sr. Bonito e Fodível, um cara com todos esses músculos lambíveis, estava agindo de modo tímido.

— O que eu posso fazer por você, bonitão? — eu perguntei, ignorando o silvo de irritação de Doreen.

— Uh, eu poderia ter um café preto para levar? — ele perguntou hesitante, ainda sem fazer contato visual comigo ou com qualquer outra pessoa.

[2] O achigã, Micropterus salmoides, é um peixe de água doce originário do sul do Canadá e norte dos Estados Unidos da América que foi introduzido na Europa no final do século XIX.

Eu não podia ver que cor de olhos ele tinha, mas seus cílios eram muito longos e bonitos para um cara. A vida podia ser tão injusta.

— Claro! Eu só vou conseguir isso para você, querido.

— Não. — Doreen latiu.

Ergui as sobrancelhas enquanto eu olhava para a minha colega de trabalho, seu rosto roxo de raiva.

O cara curvou os ombros ainda mais e não discutiu a questão. Ele abaixou a cabeça e saiu da loja.

— Que diabos foi isso? — eu disse, virando e olhando-a com espanto.

— Apenas colocando o lixo para fora. — disse Doreen exasperada e foi até a cozinha para agitar seu caldeirão um pouco mais.

Eu não sabia o que diabos estava acontecendo, mas eu não teria tratado um cachorro de rua assim. Eu derramei um pouco de café em um dos copos de papel que usávamos para viagem e saí atrás dele.

Eu cheguei apenas a tempo de ver o cara subir em uma caminhonete desgastada.

— Ei!

Ele olhou para mim e por uma fração de segundo nossos olhos se encontraram - íris marrons, belas, com alma. Elas eram tão profundas que eu poderia nadar algumas voltas nesses olhos.

Eu percebi que eu não tinha falado novamente e que ele ainda estava olhando para mim.

— Você saiu sem o seu café.

Dei-lhe o meu melhor sorriso, mas ele já tinha deixado cair o seu olhar.

Eu estendi o copo de papel para ele, mas por um momento eu pensei que ele não iria pegá-lo.

Então, sua mão chegou pela janela da caminhonete. Notei que ele tinha a palavra ‘amor’ tatuada nas costas de seu pulso. Eu me perguntei se ele tinha ‘ódio’ do outro lado.

Ele tomou o café de mim sem dizer uma palavra, nem mesmo um agradecimento - eu realmente odiei isso. Então, ele só ligou sua caminhonete e foi embora.

— Que idiota!

Eu balancei minha cabeça, mais determinada do que nunca a sair dessa cidadezinha onde Judas perdeu as botas.

Doreen estava soltando fumaça no momento em que entrei.

— O que na terra de Deus você acha que estava fazendo, servindo café aquele menino, correndo atrás dele como uma cadela no cio?

Minha boca caiu aberta em surpresa. Eu sabia que Doreen era uma velha amarga, mas ela não tinha sido descaradamente rude comigo antes.

— O que há de errado com esta cidade? — eu revidei. — Um cara entra para tomar um café, todo tímido e educado, e você apenas o trata como lixo!

— Você não me desrespeite, senhorita alta-e-poderosa! Sua mãe pode ser a Reverenda da cidade, mas você não é melhor do que você deve ser!

— O que isso quer dizer? — eu gritei.

— Você acabou de perder seu emprego, mocinha! — balbuciou Doreen, com o rosto vermelho.

— Tudo bem, que seja. Eu não gostava de feder a gordura de bacon, todos os dias de qualquer maneira.

Mergulhei minha mão dentro do frasco de gorjetas e empurrei o dinheiro no meu bolso.

— Eu vou considerá-lo como indenização. — eu sorri para a velha bruxa.

— Coloque isso de volta!

— E você realmente deve se lembrar de lavar as mãos depois de usar o banheiro. — eu falei por cima do meu ombro, jogando meu avental sobre a mesa mais próxima.

O sino tocou alegremente enquanto eu bati a porta da lanchonete atrás de mim.

Vendo como eu estava desempregada - e provavelmente incapaz de encontrar trabalho, nessa cidade de merda - eu decidi passar o resto do dia trabalhando no meu bronzeado na praia, que estava a apenas dez minutos de carro.

Subi no meu amado Pontiac Firebird, acariciando a pintura enquanto pegava o cinto de segurança. Tinha mais de 20 anos de idade e era um dos últimos modelos de terceira geração a sair da linha de produção em Van Nuys. Vermelho brilhante, o que me fez lembrar de um carro de bombeiros, faz 5 quilômetros por litro em um bom dia e eu o adorava.

Talvez eu usasse o motor mais do que um pouco, antes de sair daquela pequena cidade em uma nuvem de poeira.

Eu dirigi alguns quilômetros ao longo da costa antes de encontrar uma área vazia da praia de Matagorda Bay.

A areia branca se estendia por quilômetros em ambos os sentidos, cercada por grama alta. Não havia ninguém por perto e nem mesmo marcas deixadas pelos pneus para mostrar que alguém tinha estado aqui.

Abandonando o carro ao lado da estrada de terra, senti o sol quente acima enquanto a luz quebrava o azul profundo do oceano. Eu deixei as janelas abertas, certa de que ninguém ia fazer ligação direta em meu carro no meio do nada. Eu caminhei a curta distância até a praia, desejando que eu tivesse mais do que uma garrafa de água da torneira de três dias no carro para me refrescar. Mas desejar não era ter, por isso sentei minha bunda na areia, tirei

minha camiseta e sutiã, em seguida, deslizei para fora da minha calça jeans e calcinha.

Eu odiava marcas de bronzeado.

Devo ter adormecido por quase duas horas, porque o sol tinha mudado quando eu abri meus olhos novamente. Em algum lugar na pilha de roupas, meu telefone tocou, sacudindo-me para fora de um sonho estranho onde Doreen estava tentando me fazer ir à pesca de robalo.

Eu olhei para a tela: eu tinha duas mensagens - nossa, eu devo ter realmente ficado fora por um tempo, porque a primeira foi de uma hora atrás e eu não tinha ouvido tocar.

A boa notícia foi que o meu ficante - Clancy - estava livre e ansioso. Eu tinha sugerido encontrá-lo em um bar na cidade mais próxima. Era mais um lugar onde os caras se encontram para beber do que o tipo de lugar que eu normalmente iria, mas eu não estava pensando em gastar muito tempo lá antes de tomar Clancy para um passeio na parte traseira de sua caminhonete. Eu só esperava que ele fosse tão bom quanto eu me lembrava. Embora, para ser justa, os detalhes eram um pouco nebulosos.

A má notícia é que minha mãe tinha ouvido que eu tinha sido demitida da Busy Bee após um recorde de dois dias e meio. Acho que boas notícias viajam rápido em uma cidade pequena.

Eu não tinha ideia de como ela podia suportar.

Minha mãe era uma pessoa boa, eu acho. Pelo menos ela tentou ser. Ela não era um grande hipócrita como alguns pregadores que eu tinha ouvido falar e ela tinha grande aversão às roupas de poliéster como eu, mas ainda não a vi exatamente olho no olho também.

Eu tive uma vida bem comum, de classe média durante os primeiros 13 anos de minha existência. Então minha mãe tinha encontrado Deus, ou talvez Deus tivesse encontrado minha mãe, eu não estou muito certa. Porque ela

decidiu que tinha um chamando - e não era para ser esposa e mãe. Ela tinha uma missão para espalhar a Palavra de Deus.

Ironicamente, isso acabou com a minha mãe e o meu pai se divorciando. Ele não gostava muito de ficar em segundo plano, para um cara que era maior do que ele por assim dizer. E eu não gosto de ser a criança que estava sempre esperando por uma mãe que parecia pensar que os problemas de todos os outros eram mais importantes do que sua própria filha.

Olhando para trás, talvez nós estivéssemos sendo egoístas, mas eu pensei que a minha mãe poderia ter olhado no mesmo espelho e visto isso também.

De qualquer forma, assim que ela terminou a sua formação no seminário, ela conseguiu seu primeiro emprego no sudeste dos Estados Unidos. Era um mundo de distância da grande cidade de Boston e eu só posso adivinhar o que o ajuste era para ela, sendo uma mulher e liberal.

Em seguida, ela se mudou para o Texas e pelo que ela me disse, sua igreja tinha sido vazia pelos primeiros seis meses, as pessoas preferiam ouvir a pregação de um homem, não uma mulher que também era uma ianque[3].

No final, sua persistência valeu a pena. Eu estive aqui por duas, longas e tristes semanas, e eu tive que admitir que eu tinha um respeito relutante por ela. Inferno, eu nunca duraria nesse estado, muito menos nesta cidade. E eu não tinha a intenção de tentar.

Minha mente voltou para o gostoso no café. Eu me perguntava o crime que ele cometeu para ser o pária local. Talvez ele tivesse fodido à filha do xerife. Não, eu a conheci no restaurante uma vez. Ela deve ter caído da árvore da feiura e batido em todos os galhos no caminho para baixo. Além disso, ela era tão rígida que ele precisaria de um pé de cabra para obter aquelas pernas afastada.

Ainda assim, tudo o que ele tinha feito, ele manteve o calor fora de mim. Não que eu me importasse com o que eles me chamavam, mas eu não

[3] Pessoas do Norte.

queria tornar as coisas mais difíceis para a minha mãe. Droga, provavelmente era tarde demais para me preocupar com isso agora. Talvez eu realmente fosse uma causa perdida.

Eu decidi que eu teria que tentar encontrar um novo emprego amanhã. Que chatice.

Fui até a água para lavar a areia que tinha encontrado o seu caminho em algumas fendas interessantes. Aconteceu então que dois pescadores me deram uma longa olhada enquanto eu me limpava.

— Ei, moça sexy! Você é um colírio para os olhos!

— Você provavelmente se masturba tanto que já está ficando cego. — eu respondi.

Seu amigo estava rindo pra caramba, enquanto ele batia-lhe nas costas; minha contribuição para a diversão era lançá-los fora.

Eu acho que eles decidiram tentar a sorte, porque parecia que eles estavam planejando atracar seu barco. Vesti meu jeans nas pernas úmidas e tive meus braços na minha camiseta antes que eles chegassem em terra.

Eu caí fora de lá tão rápido que eles provavelmente estariam respirando os gases do escapamento do meu carro pela próxima hora.

Mamãe estava fora quando voltei, o que não foi nenhuma surpresa. Ela quase nunca estava por perto, de dia ou à noite. A obra de Deus a mantinha ocupada. Fiquei imaginando como eram seus benefícios para a saúde. Ela conseguiu plano dental?

Tomei um banho e olhei o que vestir. Eu não tinha desempacotado nenhuma das minhas roupas da cidade. Então eu não tinha uma enorme quantidade de coisas para escolher, mas era mais do que suficiente para Clancy. Embora minha bunda parecesse melhor em jeans skinny, uma saia traria o acesso mais fácil para o que eu tinha em mente. Eu esperava que Clancy apreciasse o sacrifício que eu estava fazendo em seu nome.

Eu escolhi uma saia jeans curta e uma blusa azul que não era muito vulgar. Eu combinei com uma jaqueta jeans, confirmei se eu tinha camisinhas na minha bolsa e saí.

Eu não me incomodei de deixar um bilhete - eu não queria criar um precedente.

Enquanto eu dirigia para o bar, eu percebi que estava ficando com pouca gasolina de novo e desde que eu saí do único emprego que eu tive por um tempo, meu saldo bancário era menos que um equilíbrio e mais como uma escala descendente em direção a zero.

Eu ainda tinha o punhado de gorjetas que eu consegui da lanchonete. Eu puxei para o lado da estrada e contei as moedas: nove dólares e alguns centavos. Isso não iria comprar um monte de gasolina.

Suspirei e empurrei o dinheiro de volta na minha bolsa. Eu me perguntava se meu pai seria bom em me dar mil dólares. Talvez se ele ainda estivesse em êxtase de sua lua de mel com sua ninfeta, ele poderia soltar algum dinheiro. Valia a pena o custo de uma chamada telefônica.

Ela foi direto para o correio de voz. Perfeito. Pelo menos ele não tinha bloqueado o meu número.

— Ei, papai, sou eu. Apenas imaginando como você está e se você e, hum, Ginger se divertiram em St. Thomas. Aposto que foi incrível. É, então, a razão pela qual eu estou ligando - acontece que não é tão fácil de conseguir trabalho por aqui como paralegal[4], ou como qualquer coisa realmente, e eu queria saber se você poderia me emprestar mil, talvez dois mil, só para me segurar mais até eu conseguir um emprego. Eu vou procurar em Freetown amanhã, então... de qualquer forma, espero que vocês dois estejam bem e, hum, obrigada, papai.

[4] Assistente Jurídico. A pessoa que faz o trabalho administrativo para um advogado, e está sob a supervisão direta do advogado.

Sim, isso deve servir. Apenas o suficiente de humildade misturado com falsa sinceridade. Com um pouco de sorte, ele colocaria dois mil diretamente em minha conta bancária sem nenhum de nós termos de falar com o outro.

Sentindo-me melhor sobre o estado do mundo, eu usei meu cartão de crédito para encher o tanque. Pelo menos eu não estaria pagando por bebidas à noite. É melhor que Clancy seja generoso com as cervejas se ele quiser transar.

Ele já estava lá quando cheguei. Eu gostava que ele estivesse ansioso, mas foi menos feliz que ele parecia quase bêbado. Eu não tinha conduzido até aqui para um cara que não poderia manter-se em pé.

— Lá está ela! — ele falou arrastado, para ninguém em particular. — A mais bonita cowgirl do estado.

Revirei os olhos enquanto me sentei no colo dele.

— Cowgirl? Sério? Eu pareço o tipo de mulher que usa camisas xadrez e um Stetson[5]?

Ele riu ruidosamente e prendeu suas mãos em torno de meus quadris.

— Você é engraçada, menina bonita.

Excelente. Acho que ele tinha esquecido o meu nome. Quer dizer, caramba, ele tinha em seu telefone celular. Não podia ser tão difícil de lembrar.

Ele acenou para a garçonete e ela nos trouxe algumas cervejas. Não havia muita conversa, principalmente Clancy estava apenas tentando me apalpar. Talvez ele não tivesse ouvido falar do conceito de uma coisa certa.

Ele era bonito de uma maneira genérica. Altura média, estatura mediana, dentes bonitos. Você sabe, apenas *bom*. Não pude deixar de compará-lo com o cara do café - Clancy veio querendo.

Eu decidi que iria resolver o entretenimento da noite e voltar para casa. Eu estava me sentindo cansada e um pouco fora de mim.

---

[5] Marca de chapéu.

— Vamos lá, cara. — eu disse, puxando seu braço. — Venha e me mostre alguma ação.

Eu roubei duas garrafas de cerveja para mais tarde e assisti, irritada, enquanto ele se levantava e balançava. Ele estava muito mais bêbado do que eu pensava. Este dia não estava ficando melhor.

Eu empurrei-o para fora e depois de me atrapalhar com as chaves no bolso dele, consegui largá-lo na parte traseira de sua caminhonete. Ele esparramou-se no banco e apontou para o seu zíper.

— Me chupe, baby.

Oh inferno, não! Eu não estava fazendo todo o trabalho aqui sem receber algo em troca. Abri sua calça, mas não me incomodei em fazer qualquer coisa - ele já tinha desmaiado.

Suspirando de frustração, eu comecei a sair da caminhonete. Depois tive outro pensamento. Eu lutei com a sua bunda bêbada e consegui puxar a carteira do bolso de trás. Eu tinha certeza que ele ia perder o dinheiro se eu o deixasse assim e eu não queria ser a pessoa recebendo a culpa se ele fosse roubado. O idiota provavelmente diria que havia sido eu e chamaria a polícia.

Enfiei a carteira no forro de divisão na parte de trás do banco do motorista e mandei um texto dizendo-lhe onde estava e para nunca, nunca me chamar novamente. Então eu apaguei o número dele.

O carro da minha mãe estava na garagem quando cheguei em casa, mas as luzes estavam apagadas, então ela deve ter ido para a cama. Fiquei aliviada. Eu não me sinto como tendo qualquer vínculo mãe e filha ou discussão das minhas escolhas de estilo de vida agora.

Tomei outro banho rápido, o meu terceiro do dia e caí na cama, amaldiçoando o calor e a falta de um aparelho de ar-condicionado decente. Bem, provavelmente isso não era um aparelho - era mais provável o fato de que minha mãe tinha ido muito longe para economizar dinheiro. Texas no verão era uma merda.

Frustrada e chateada com a falta de Clancy, bem, nada, eu usei minha amiga de cinco dedos para me aliviar e me perguntei se eu teria uma chance de melhor qualidade de ficantes em uma cidade maior.

Algo para olhar para frente.



Jordan

Eu sabia quem ela era assim que eu a vi. Mesmo que ninguém falasse comigo, eu tinha ouvido as fofocas. Ela era a filha da senhora Reverenda - a selvagem.

Eu fiquei feliz pelo café, embora. Normalmente, eu levava uma garrafa térmica quando saía para o trabalho, mas eu tinha esquecido hoje e eu realmente precisava da minha dose de cafeína. É surpreendente como você pode se tornar viciado nessas coisas tão rápido.

Porra, eu odiava que eu era o seu caso de caridade. Eu estava tão cansado disso. Mas eu não estava em posição de fazer nada sobre isso também. E isso me deixou chateado.

Eu tinha que admitir que ela fosse algo para olhar, embora. Ela tinha um rosto doce em forma de coração, emoldurado por essa juba de cabelos castanho-dourados encaracolados, que caía até o meio das costas. Um homem pode perder-se por dias num cabelo assim sem se importar. E maldição, se seu corpo não era algo, também, com curvas em todos os lugares certos.

Foi um longo tempo desde que eu tinha tido uma mulher - oito, longos anos - e eu não conseguia ver essa seca chegar ao fim em breve. Então, uma mulher como essa me fez imaginar todos os tipos de coisas.

Sua mãe parecia uma senhora simpática. Ela realmente tentou arduamente levar as pessoas a me aceitar. Eu poderia ter dito a ela que ela estaria em uma aposta com derrotas consecutivas em suas mãos. Nasci nesta cidadezinha e eu estava certo de que ninguém me queria por aqui. Verdade seja dita, eu não quero estar aqui também. Mesmo assim, era muito melhor do que onde eu tinha estado. Eu tinha que ficar por mais quatro meses, talvez mais. Então eu estaria fora daqui. Eu estaria batendo a poeira dessa cidade fora dos meus sapatos e nunca olharia para trás. Eu não sabia para onde eu iria - mas qualquer lugar exceto aqui soava bem. E nem uma pessoa maldita iria sentir minha falta.

Eu estacionei em frente à Reitoria[6] como se eu tivesse informado, a Reverenda Meredith Williams saiu assim que ouviu a minha caminhonete. Normalmente ela me encontra onde ela me arranjou trabalho para o dia, mas esta manhã ela me pediu para vir à sua casa. Ela disse que seu quintal precisava de conserto e iria demorar algumas semanas para resolver. Eu realmente não ligo para o que eu faço.

— Bom dia, Jordan. Como está esse lindo dia de verão?

— Bem, obrigado, senhora. Você quer que eu comece no quintal hoje?

— Na verdade, Jordan, eu queria saber se você poderia me fazer mais um favor. Hector Kees ligou e acontece que o seu carro quebrou de novo, e você sabe que ele leva as três irmãs Soper à igreja no domingo. Sua mãe me disse que você tinha um jeito com os motores. Então eu queria saber se você poderia dar uma olhada?

— Hum, claro. Mas ele vai querer que eu conserte seu carro?

Ela tem um olhar determinado em seu rosto.

[6] Residência cedida pela ordem religiosa aos seus reverendos.

— Você não precisa se preocupar com Hector. Deixe-o comigo. Você só deve se preocupar com o carro.

Eu não estava feliz com o seu 'favor', mas eu não podia dizer não também. Segui-a na minha caminhonete, batendo para baixo a esburacada estrada poeirenta. Não que eu precisasse de direções - eu poderia ter encontrado meu caminho de volta no escuro com os olhos fechados.

A casa de Hector estava na periferia da cidade, perto da baía. Eu costumava dirigir aqui com Mikey para fumar maconha ou ficar bêbado. Era uma espécie de nosso lugar. Tivemos até um pacto de não levar as meninas lá.

Eu realmente não gosto de estar aqui de novo, mas eu não tive escolha.

Eu fiquei na minha caminhonete enquanto a Reverenda tinha uma discussão muito acalorada com Hector. Eu não queria ouvir os nomes que ele estava me chamando. Então eu liguei o rádio e sentei para ouvir uma faixa de Evanescence que estava tocando - 'Bring Me To Life'. A ironia não passou despercebida por mim, então troquei para uma estação que tocava música country do Texas, em vez disso.

Eu tinha perdido um monte de músicas ao longo dos últimos oito anos. Desde então, eu passei a maior parte do meu tempo na casa dos meus pais ouvindo rádio enquanto eu trabalhava na garagem convertida. Salvando meu pai e minha mãe de ter que olhar para a minha cara, também.

Eventualmente, os gritos diminuíram e Hector pisou de volta em sua pequena casa de madeira de baixa qualidade. A Reverenda acenou para eu sair. Ela estava sorrindo, mas não era um sorriso verdadeiro - era um que ela tinha colocado só para me incentivar.

Ela balançava as chaves do carro de Hector e as deixou cair na minha mão.

— Desculpe por isso. Ele vai ser o mais feliz da vida quando você consertá-lo. — e ela se virou para ir embora.

— Espere, você não vai ficar?

Ansiedade encheu a minha voz e a Reverenda colocou uma mão com simpatia no meu braço.

— Você vai ficar bem, Jordan. Hector diz que existem ferramentas no porta-malas. Basta deixar as chaves na varanda quando você tiver acabado.

— Esse filho da puta vai atirar em mim, em vez de olhar para mim - desculpe a minha linguagem, senhora.

— Posso lhe assegurar que Hector será muito grato. — disse ela, hesitante.

Parecia bom cada vez que ela dizia isso sobre um dos habitantes da cidade, mas isso não o tornava verdadeiro.

Ela deu um tapinha no meu braço novamente, e como o cão obediente que eu era, comecei a olhar para o Chevrolet quebrado que tinha sido abandonado sob um velho carvalho.

A poeira dos pneus da Reverenda ainda estava girando pelo ar quando a porta do barraco se abriu e Hector estava lá apontando um cano de doze no meu estômago favorito.

— Estou de olho em você, rapaz! — ele cuspiu. — Você pode ter enganado a Reverenda, mas eu sei que você é ruim até os ossos. Então comece a fazer o que tem que ser feito. Um movimento em falso e eu não vou ter vergonha de soltar um barril de chumbo grosso em sua direção. Entendido, rapaz?

— Sim, senhor. Você não terá nenhum problema de mim.

Isso não é a verdade.

Ele acenou com a arma novamente, fazendo sinal para que eu seguisse em frente e eu peguei a chave que eu tinha deixado cair no chão.

Senti um arrepio frio na parte de trás do meu pescoço. Eu simplesmente não me sentia bem deixando aquele velho filho da puta falar comigo desse jeito e eu realmente não estava feliz dando as costas a um homem que me odiava e que estava segurando uma arma carregada.

Tentei ignorá-lo e descobrir por que seu maltratado velho Chevrolet soava como um fumante de quarenta cigarros por dia.

O sol estava alto no céu e eu trabalhava até suar muito. Eu podia sentir o calor queimando a minha nuca, embora eu tivesse virado meu boné de beisebol dos Rangers para trás para me dar proteção.

Olhei por cima do ombro, mas Hector não se moveu. Ele ainda estava sentado em sua cadeira de balanço, com uma garrafa de cerveja ao lado dele e a espingarda ainda apontada firmemente em minha direção.

— Huh, Sr. Kees, eu poderia ter um copo de água, senhor? Está mais quente que o inferno aqui fora.

— Você acha que eu sou burro o suficiente para virar as costas para você, garoto? Minha mãe não criou nenhum tolo.

Eu não poderia nem mesmo ter a porra de um copo de água nessa cidade.

Então eu me lembrei de que eu tinha o café para viagem ainda no porta-copos da minha caminhonete. Estaria frio agora, mas por mim tudo bem.

— Tudo bem. Eu só vou conseguir alguma coisa da minha caminhonete.

O cano da espingarda me seguiu enquanto eu passava por ele. Os pelos na parte de trás do meu pescoço eriçaram quando ouvi um duplo martelo sendo engatilhado. Saí devagar, o copo de papel em minhas mãos levantadas.

— É apenas uma xícara de café. — eu disse, em voz baixa.

Ele grunhiu o que poderia ter significado qualquer coisa. Mas pelo menos ele não atirou.

O café estava forte, mas não muito ruim, e fez seu caminho para livrar a poeira da minha garganta. O bebi e voltei ao trabalho.

O Chevrolet era um pedaço de lixo, mas eu achava que eu poderia fazê-lo funcionar novamente.

Meia hora mais tarde, eu terminei e girei a chave do carro. Ele disparou na segunda tentativa e um raro sorriso passou pela minha face.

Eu não sei muito, mas eu sabia sobre carros.

Eu desliguei o motor e o silêncio se espalhou.

— Vá agora! Seu fugitivo! — estalou Hector. — A Reverenda fez sua boa ação do dia, mas eu não quero você na minha propriedade, não mais.

Eu assenti, sem esperar nada menos.

— Assassino! — ele gritou atrás de mim, enquanto eu ia embora.

Eu esperava isso também.

Sem nada melhor para fazer e nenhum lugar para estar, eu fui para casa.

Felizmente, a casa estava vazia. Meu pai estava no trabalho e minha mãe - inferno, eu não tinha ideia de onde ela estava. Ela não tinha estado muito por perto desde que eu voltei. Talvez eu devesse me sentir mal por tirá-la de sua casa, mas de alguma forma eu não poderia me importar menos.

Tomei uma longa ducha fria, em seguida, fiz um sanduíche de presunto e queijo e sentei na sombra da varanda, terminando minha comida.

Quando eu a ouvi puxar o carro na entrada da garagem, tensão penetrou em meu estômago, enquanto seus passos soavam em todo o chão da cozinha atrás de mim. Eu não me virei, mas eu podia sentir que ela estava me observando.

— O que você está fazendo em casa a esta hora?

Sua voz raspou para fora através da porta de tela.

— Concluí um trabalho para a Reverenda e voltei para pegar algo para comer.

Ela não respondeu, apenas se afastou, deixando-me sozinho.

Estava tudo bem. Ainda era uma maldita folga ficar sozinho.

Entrei e deitei na minha cama por um tempo, pensando. Eu poderia passar horas perdido em meus pensamentos. Eu costumava perguntar o que minha vida teria sido se eu tivesse tomado uma decisão diferente naquela noite. Mas pensamentos como esse poderiam deixar um homem louco. Em vez disso, eu tentei fazer o que o meu conselheiro tinha me dito e me concentrar no que eu queria para o futuro.

Eu consegui meu GED[7] e peguei alguns cursos universitários, mas nem de longe suficiente para conseguir me formar. Tinha sido difícil manter qualquer motivação, dadas as circunstâncias, mas agora... faculdade comunitária era uma possibilidade, mas não havia nenhuma maneira que eu queria ficar por aqui uma vez que o meu tempo acabasse. Eu acho que os meus pais estavam contando os dias tanto quanto eu.

Era difícil fazer planos para o que eu queria fazer com minha vida quando eu não merecia ter nenhum. Eu não merecia viver, mas eu era muito covarde para fazer algo sobre isso. Eu tentei algumas vezes e simplesmente não tinha conseguido. Acho que o meu castigo era continuar vivendo.

Minha mente voltou para a filha da Reverenda. Essa era uma mulher quente. Senti-me ficar duro só em pensar nela. Ela era bonita, também, mas ela agia como se ela não desse a mínima para isso. Ela sabia que era sexy, mas era parte de quem ela é - ela não usa isso como uma arma.

Pensando em seus lábios carnudos, tinha inevitavelmente me dado tesão, e eu ia fazer alguma coisa com ele quando eu ouvi o rangido no chão do lado de fora da minha porta.

Sentei-me bem rápido e me certifiquei de que não havia nada óbvio a mostra.

A voz de minha mãe martelou através do painel de madeira.

[7] Exames de equivalência educacional.

— Estou saindo. Você disse que precisava de um jeans - eu acho que eu vou ter que ir ao Goodwill[8]. Qual tamanho você usa agora?

Eu levantei da cama e abri a porta para olhar para ela.

— Quarenta e dois.

Ela assentiu com a cabeça e se afastou.

A breve conversa tinha me esvaziado suficientemente. Então em vez de voltar para o meu quarto, eu fui para a garagem para levantar alguns pesos. Mikey tinha deixado um conjunto lá e desde que eu voltei, eu transformei o espaço em um miniginásio.

Eu malhei por algumas horas até que ouvi o carro da minha mãe fazer uma parada, seguido imediatamente pela caminhonete do meu pai.

Eu debati se deveria ou não entrar em casa, mas decidi ficar na garagem, onde eu estaria fora do caminho.

Depois de meia hora, minha mãe bateu na porta.

— O jantar está pronto.

A cozinha cheirava a frango frito. Minha mãe tinha uma maneira de utilizar toda uma carga de ervas, por isso era um pouco picante e incrível. Era a única coisa que eu gostava sobre viver aqui.

O primeiro dia quando voltei, ela estabeleceu três lugares na mesa para que todos pudessem comer juntos. Eu acho que cada um de nós tinha chegado à indigestão olhando um para o outro enquanto tentava comer. Desde então, ela tinha deixado a minha comida na mesa da cozinha, enquanto ela e meu pai comiam em bandejas na sala da família.

Tornou-se o nosso acordo tácito de que o menor tempo que passássemos juntos seria melhor para nós.

---

[8] Rede de brechós.

Eu sabia que eles não me queriam aqui, mas por enquanto estávamos todos presos juntos com as nossas memórias - frustração e mágoa da minha parte; ódio, da deles.

Eu sabia que a Reverenda pensou que tinha me feito um maldito favor ao falar-lhes em me ter de volta, mas eu desejava uma dúzia de vezes por dia que ela não tivesse.

Não ajudou em nada. Desejar era para os tolos.

Lavei o meu prato na pia e empilhei-o na máquina de lavar louças, antes de voltar para o meu quarto.

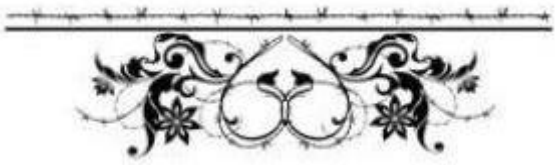
Eu esperava que eu fosse capaz de dormir durante a noite, mas os pesadelos tinham sido muito ruins desde que eu tinha chegado em casa. O conselheiro tinha me avisado sobre isso - eu só não achei que seria tão fodidamente aterrorizante. A primeira noite de volta, eu pensei que estava tendo um ataque cardíaco. Meu pai teve que me sacudir para acordar, depois saiu, sem uma palavra. Acho que o eu irritei por estragar seu sono.

Eu não fiquei surpreso ao acordar assustado, suando frio às 3:00, mas pelo menos eu não tinha despertado a casa desta vez. Ou se eu tivesse, ninguém se importou.

Eu livrei-me da energia acumulada na garagem por uma hora, em seguida, voltei para a cama. Foi logo após o amanhecer, quando acordei de novo.

Outro maldito dia no Paraíso.

Capítulo Dois - Receio



Jordan

— O que

você está fazendo aqui?

Eu não precisava olhar para saber quem estava falando - eu reconheci sua voz. Não foi tão difícil. Além da minha família e da Rev[9], ninguém mais falava comigo - exceto se fosse para me insultar.

Eu não queria olhar para ela, mesmo que ela estivesse extremamente bonita, então eu murmurei uma resposta.

— Trabalhando.

— O quê? Você trabalha para a minha mãe?

Isso me fez olhar para cima. Eu pensei que ela soubesse. Não foi por isso que ela me deu o café? Porque ela sabia quem eu era - o caso de caridade local.

Eu cometi um erro quando olhei em seus olhos. Seu olhar intenso imediatamente me prendeu.

— Eu pensei que você soubesse.

— Não, não até agora. Então você é o quê, um faz-tudo?

[9] Reverenda.

Assenti, incapaz de falar.

— Oh, tudo bem.

Eu não podia evitar meus olhos passear pelo seu corpo enquanto ela falava. Imaginei que ela teria acabado de acordar, porque seu cabelo estava todo emaranhado e parecia que ela estava usando um pijama. Ela pegou uma caneca de café e o cheiro do café me deixou com água na boca. Mas, então, ela cruzou as pernas e meus olhos foram atraídos para os sensuais shorts que ela estava usando e regata apertada apresentando o maior e mais fantástico par de peitos do caralho que...

— Meus olhos estão aqui em cima, imbecil! — ela retrucou.

Eu senti o calor subindo nas minhas bochechas e voltei, novamente, os meus olhos para o chão. Peguei as alças do carrinho de mão e fui em direção ao fundo do quintal.

Estúpido, estúpido, estúpido.

— Ei! — ela gritou atrás de mim. — Você esqueceu a porra do seu café de novo!

Olhei para ela, surpreso. Ela estava segurando a caneca de café com um sorriso divertido no rosto.

— Preto, sem açúcar - certo?

Eu assenti, ainda sem saber o que ela queria dizer.

— Bem, eu não vou caminhar todo o maldito quintal para te entregar! — ela bufou, mexendo os dedos dos pés descalços para mim.

Ela xingou muito mais que qualquer outra filha de reverendo que eu já tenha conhecido. Ela colocou o café no degrau da varanda e deu um tapinha no espaço ao lado dela.

— Está tudo bem, eu não vou morder.

Deus, eu realmente espero que isso não seja verdade.

Eu apertei a minha língua entre os dentes para não dizer algo estúpido como isso em voz alta.

Cuidadosamente, como se ela pudesse mudar de ideia e explodir de raiva, eu me sentei ao lado dela e peguei a caneca de café. Cheirava como o céu. Tomei um pequeno gole e quase gemi de prazer.

— Gostoso demais, não é mesmo? — ela sorriu, levantando uma sobrancelha.

— Com certeza, minha senhora. Eu não provei nada tão bom desde... desde sempre.

— Minha senhora? — ela riu. — Jesus, isso faz parecer que eu sou uma velha ou coisa parecida. Quantos anos você tem, pelo amor de Deus?

— Vou completar 24 no final do ano. — eu respondi, minha cabeça girando como um pinball.

— Oh, eu também. Fiz 24 em abril.

Fiquei olhando para o meu café, sem saber se era para eu dizer 'parabéns' ou algo assim. Parecia que ela estava esperando que eu falasse.

— Você é bem tagarela! — ela riu e cutucou meu ombro.

Cristo, eu sou patético. Uma mulher linda e gostosa está falando comigo e eu apenas sento aqui, mudo como uma rocha. Eu costumava ser bom nisto.

— Você é daqui? Parece que sim, mas nunca se sabe.

Uma sacudida de surpresa me chocou. *Ela não sabe quem eu sou!*

— Sim, senhora. Nascido e criado.

— Eu disse a você - não me chame de 'senhora'. Meu nome é Torrey.

Até mesmo o nome dela era bonito.

Ela fez uma pausa e percebi que ela estava esperando que eu me apresentasse. Eu acho que nos últimos oito anos tinham me roubado a educação, junto com todo o resto.

— Bem, eu acredito que você está na faculdade? — ela continuou, diante do meu silêncio. — Eu estou na Universidade de Boston. — ela disse, com orgulho. — E então eu fiz aulas de direito durante alguns meses. Que saco, então eu fiz um curso para conseguir a certificação de paralegal em vez disso. Aí as coisas melhoraram. — ela fez uma careta. — Bem, até recentemente.

Eu decidi que se ela realmente não sabia, era melhor eu contar a ela de uma vez, como se estivesse arrancando um Band-Aid.

— Eu consegui meu GED[10] no reformatório.

Eu me encolhi internamente, esperando que ela se afastasse de mim.

Em vez disso, ela deu uma pequena risada. — Oh, você é um bad boy?

Eu não respondi, não tinha a menor ideia do que dizer. Eu não conseguia sequer olhar para ela.

Sua voz era suave quando ela falou de novo. — Oh, desculpe. Eu posso ser muito franca, às vezes. Está tudo bem, você não tem que me dizer. Acho que você não foi para a faculdade depois do reformatório, não é?

Eu balancei a cabeça, em seguida, arrisquei um rápido olhar para ela. Sua expressão era gentil, mas não com pena. Isso me deu um momento de esperança. Provavelmente falsas esperanças, no entanto eu esperava que não fossem.

— Eu acho que você poderia dizer que me formei em como ir para a prisão depois de reformatório. Eu saí há um mês.

Ela ficou em silêncio por um momento.

[10] O Teste de Desenvolvimento Educacional Geral (GED) é projetado para as pessoas que, por várias razões, não se formou no ensino médio, mas querem um certificado equivalente ao diploma do ensino médio tradicional.

— Isso deve ser estranho. Como foi? Quando você saiu?

Meus olhos focaram nos dela. Ninguém me perguntou nada tão diretamente.

— Por que você quer saber isso?

Ela encolheu os ombros. — Só para saber. Deve ter sido um inferno.

Eu balancei a cabeça. Sim, o inferno. Essa seria uma das maneiras que eu poderia descrever.

— Você sabia que sua mãe convenceu meus pais a me trazerem de volta quando eu saí?

Eu não sei por que eu contei isso a ela. Eu só não queria que ela parasse de falar - fazia tanto tempo.

Ela deu um sorriso irônico. — Não, eu não sabia, mas não me surpreende. Minha querida mãe, sempre tentando resolver os problemas dos outros.

Eu estava desesperadamente tentando pensar em outra coisa para dizer. — Então, hum, você acabou de se mudar para cá?

Ótima pergunta gênio! Tem a porra de um trailer estacionado na garagem.

— Sim, acabei de sair de Boston. Depois que eu deixei o meu trabalho, eu pensei em tentar a vida de cidade pequena por um tempo.

Eu assenti, ainda não tendo ideia do que dizer em seguida.

— Então, você vai voltar a morar com seus pais. — ela recomeçou.

— E você.

Ela fez uma careta. — Sim, é surreal.

— Eu queria que ela não tivesse.

— Que ela não tivesse o que?

— Sua mãe. Eu queria que ela não tivesse dito aos meus pais para me trazer de volta.

— Por que isso? — ela perguntou, olhando diretamente para mim.

Lutei com o que lhe dizer. Quer dizer, eu não sabia quem era esta mulher, e, certamente, não deveria sair por aí confiando, só porque ela era filha da reverenda. Mas me senti tão bem em contar toda essa merda para alguém que não estava me julgando pelo que eu tinha feito, ou pelo que tinha ouvido dos outros. Era viciante e eu não queria que ela parasse de perguntar.

— Eu só acho que poderia ter sido mais fácil ser um ninguém em uma das casas de passagem na cidade. Um ex-presidiário como mil outros caras. Aqui, todo mundo sabe a minha história e decidiu que eu sou lixo.

— Exceto eu. — ela disse, ainda olhando diretamente nos meus olhos.

Era ruim tê-la olhando para mim daquela forma - como se pudesse ver a minha alma, ou algo parecido.

— Sim, mas isso é porque você não me conhece.

Seus olhos não vacilaram.

— Você quer ser deixado em paz?

O jeito que ela perguntou, eu sabia que se eu disse sim, que ela iria embora e seria o fim. Por mais doloroso que fosse falar de tudo, eu não queria que acabasse.

— Não, eu não quero que você me deixe em paz.

Os lábios dela formaram um sorriso maravilhoso que fez seus olhos brilharem e seu nariz fez essa coisa bonitinha com rugas. Eu estava viciado - e muitos problemas.

— Bom. — disse ela, simplesmente.

Ficamos ali sentados em um silêncio confortável por alguns minutos. Bem, eu acho que ela estava confortável - meu pau estava tão duro, olhando para as longas pernas dela esticadas na frente - confortável era à última coisa que eu estava.

Ela parecia estar olhando longe, mas eu acho que ela deve ter notado a minha condição, afinal de contas, porque ela disse em tom de conversa. — Se você quiser usar o banheiro para se masturbar, melhor fazê-lo agora, porque eu vou tomar banho em um minuto.

Eu quase engoli a minha língua e tenho certeza que meu maxilar estava muito perto de cair no chão.

— Desculpe-me? — consegui dizer com dificuldade.

Ela virou para mim com uma expressão divertida.

— Você parece um pouco desconfortável, cowboy. Achei que você poderia precisar de um pouco de alívio.

— Caramba! Você é sempre tão direta?

Ela encolheu os ombros delicadamente.

— Basicamente. Isso te incomoda?

— Hum...

— Não se preocupe. Você não tem que responder. Incomoda a maioria das pessoas.

Ela suspirou e me olhou um pouco triste.

— Não, eu gosto disso. — eu disse. Surpreso que eu estava tentando tranquilizá-la.

— Sério? — disse ela, sorrindo novamente. — Isso seria legal, já que vamos ser amigos.

— Vamos?

— Claro, cowboy.

— Meu nome é Jordan. Jordan Kane.

Eu finalmente consegui balbuciar meu nome. Ela estudou meu rosto e eu senti meu rosto esquentar. Eu não recebia um olhar de uma mulher assim há um longo tempo. Finalmente, ela estendeu a mão.

— Jordan Kane. — disse ela, pensativa. — Nome bonito para um cara bonito.

Quando peguei sua mão macia na minha, eu estava em choque total e suas palavras não estavam fazendo nada para ajudar a distrair a enorme ereção na minha calça.

De repente, a porta de tela abriu. Torrey soltou a minha mão, enquanto a Reverenda saía. Ela não parecia feliz em me ver conversando com sua filha e me perguntei se ela tinha ouvido o último comentário de Torrey.

— Hum, é melhor eu voltar ao trabalho. — eu murmurei, levantando-me apressadamente.

— Com certeza, Jordan Kane. — Torrey disse. — Foi um prazer falar com você.

Eu murmurei algo indistinto e corri para longe, mas não antes de ouvir a Reverenda dizer. — Você não acha que você deveria colocar uma roupa, ao invés de sentar para conversar com metade das suas roupas? Venha, eu preciso falar com você sobre uma coisa.

Eu vi a Rev lançar um olhar em minha direção. Eu não ouvi a resposta de Torrey, mas ela seguiu a mãe para dentro de casa. Eu podia adivinhar o que elas estariam falando e eu estava certo de que a filha da Reverenda não estaria falando comigo de novo tão cedo.

Eu estava bem com isso. Eu não merecia que nada de bom acontecesse. Só ela ter falado comigo como uma pessoa normal foi a melhor conversa que eu tive em oito anos.



Torrey

— O que foi, mãe?

— Eu realmente não acho que é apropriado você sair por aí vestida - quer dizer despida - assim. — disse ela, com firmeza.

Não pude conter um rolar de olhos. *Sério? Ela está tentando ser um pai, agora que eu tenho 24 anos?*

— Bem, antes de tudo, *mãe,* eu não estou "saindo por aí" vestida assim. Sentei-me em sua varanda com uma xícara de café. Não é como se eu estivesse caminhando pela Main Street. E segundo, por que você não me diz o que está realmente lhe incomodando?

Ela bufou e se esquivou da questão por um tempo. Eu estava com meus braços cruzados, esperando.

— Bem, bem, você deve saber a verdade.

— Sobre?

— Jordan Kane acabou de sair da prisão e...

— Eu sei. Ele me contou.

— Ele fez isso?

— Sim.

Isso pareceu tirar o seu ar e ela se deixou cair no sofá.

— Ele disse-lhe *por que* ele estava na prisão?

— Acho que ele teria chegado a essa parte, mas fomos interrompidos. — eu disse, arqueando uma sobrancelha.

— Vem sente-se. — disse ela, batendo a mão na almofada ao lado dela.

Sentei-me na poltrona em frente, colocando as minhas pernas sobre o braço.

— Vá em frente, então. Manda ver.

— Não é algo para brincar, Torrey.

— Você me vê rindo?

— Não, bem... a verdade é que Jordan Kane é um jovem muito problemático. Agora, eu estou fazendo o meu melhor para ajudá-lo a voltar para a sociedade, mas...

— Mas o quê? Vá direto ao ponto, mãe.

Ela olhou para mim rapidamente.

— Mas isso não vai ajudá-lo se você começar a ser sedutora com ele.

Comecei a rir com isso. — *Sedutora?* Nossa. Será que acabamos de entrar numa maquina do tempo e descemos na década de 1950? Fiz ao cara uma xícara de café e eu meio que tenho a impressão de que eu sou a única pessoa que tentou ter uma conversa com ele há algum tempo. — minha voz ficou séria. — Ele parecia solitário. Fiz-lhe o café.

Minha mãe balançou a cabeça.

— Eu ouvi o que você disse a ele - você disse a ele que achava que ele era bonito.

— Mãe, isso não é ser sedutora. É um fato. Esse cara é extremamente gostoso.

Ela ofegou, e eu não podia deixar de atormentá-la um pouco mais.

— Dizer que ele é bonito é como dizer que é escuro à noite.

— Eu sei que você está tentando me irritar, Torrey, então eu vou deixar isso passar. O *fato* é que ele deve ter imaginado que você estava sendo sedutora com ele, não importa como você nomeia isso.

— Tudo bem. Você me pegou fodendo com os olhos o faz-tudo gostoso. Então me processe.

— Eu não quero você falando desse jeito, Torrey!

— Oh, caramba, mãe! Eu não estava transando com ele na varanda!

— Não há necessidade de ser tão grosseira!

Eu estava ficando seriamente chateada agora. Será que essa mulher não percebia como ela estava sendo hipócrita?

— Oh, não mesmo? Então, conversar com o faz-tudo, a quem *você* empregou e dar-lhe a porra de um café de repente é um pecado capital? Por que não falamos sobre o que está realmente lhe incomodando, em vez de ficarmos cheias de rodeios?

— Eu não posso falar com você quando você está assim. — disse ela, levantando-se de repente.

— Sim, bem, eu acho que nunca vou ter uma conversa real então, porque esta é quem eu sou. E se você estivesse presente ao invés de deixar-nos quando eu tinha 13 anos, você saberia disso.

— Torrey, eu notei que você tem uma série de questões não resolvidas sobre a minha vocação...

— Foda-se, mãe! Você não vai conseguir usar isso como uma defesa! Nem tudo vem de volta para você. Você não me conhece e você com certeza não pode me julgar.

— Então pare de *me* julgar! — ela gritou. — Eu estou fazendo o melhor que posso!

Sentei-me de volta e nós olhamos uma para a outra por um longo momento, enquanto ela respirou fundo, várias vezes.

— Jordan Kane não é alguém que você deva ter contato.

— Mãe, vamos lá! *Ter contato?* O que isso significa? Eu não deveria falar com ele? Não deveria fazer a ele um maldito café? O quê?

— Eu realmente acho que você poderia aceitar a minha palavra de que ele não é uma pessoa adequada.

Não pude deixar de suspirar dramaticamente.

— Então você não vai me dizer pelo que ele foi preso?

Ela olhou-me em conflito, mas permaneceu resolutamente silenciosa.

— Tudo bem, não me diga. Eu vou perguntar a ele mesmo.

— Torrey. — ela disse, fazendo uma careta. — Você não pode simplesmente confiar em mim quando eu digo que ele tem um histórico de violência? Eu estou apenas tentando proteger a minha filha.

Whoa! Eu não esperava isso.

— Depois de ser colocado em um centro de detenção juvenil por dois anos, ele foi transferido para uma prisão de adultos para um adicional de seis anos. Certamente isso lhe diz alguma coisa. Você está estudando direito - você sabe o que isso significa. Agora ele está cumprido a pena, eu estou tentando ajudá-lo de todas as maneiras que posso, mas ele é perigoso. Eu não quero ver você se machucar.

Eu não conseguia entender. O cara doce, tímido que eu conheci em duas ocasiões simplesmente não se encaixava com a imagem de um criminoso violento que minha mãe estava pintando. Alguma coisa estava errada, mas eu não tinha ideia do que era. Quer dizer, eu podia ver que ele era um cara grande e

forte, com abdominais de tanquinho, mas ele simplesmente não parecia o tipo agressivo. A única sensação que ele me passou foi a de que ele era solitário.

— E pelo que seus pais me disseram, — ela continuou. — *o comportamento de* Jordan começou muito tempo antes disso. Parece que Jordan era sempre o selvagem, estava sempre em apuros: bebidas, drogas, brigas, meninas...

Minha mãe me lançou um olhar. Ela estava tentando me passar uma mensagem, mas tudo que eu conseguia pensar era que Jordan fez o que um garoto de 16 anos de idade faria.

— Sim, bebida, drogas, brigas, meninas - entendi. O que mais?

Minha mãe suspirou e balançou a cabeça, irritada que eu *não estava* entendendo.

— Seu irmão mais velho, Michael, era completamente diferente. Era responsável - um estudante e um trabalhador incansável, ele ficou longe das bebidas e tinha uma boa namorada com quem ele estava pensando em se casar. Ele era um bom rapaz.

— Sim, e?

Minha mãe suspirou e desviou o olhar.

— Michael... morreu e isso destruiu a família. Foi nessa época que Jordan foi... mandado embora.

— Uau. Isso é... horrível! Coitados dos pais.

— Sim, eu sei. É uma história terrível. Eu sinto por Gloria e Paul, perdendo dois filhos desse jeito.

— Espere, o quê? O que quer dizer com "*perder dois filhos"?* Jordan ainda está vivo!

Mamãe balançou a cabeça tristemente. — Eles perderam dois filhos de uma forma muito real. É uma coisa terrível. Michael morreu e Jordan estava na prisão.

— Sim, claro, mas ele está em casa agora. Ele me disse que você convenceu seus pais a trazê-lo de volta.

Ela me olhou intrigada.

— Ele disse isso? Você só esteve falando com ele por cinco minutos!

— Acho que eu tenho um rosto amigável. — eu disse, calmamente.

— Bem, é verdade. Eu persuadi seus pais para trazê-lo de volta. Eles não queriam ter nada a ver com ele e eles não o tinham visto por sete anos, então...

— Você quer dizer que eles não iam visitá-lo na prisão? Nunca? Nem sequer uma vez?

— Bem, não. Quando ele se tornou um adulto e foi transferido para a prisão, eles sentiram que ele era uma causa perdida e decidiram chorar por seus dois filhos.

— Você está brincando comigo? — eu quase gritei com ela. — Eles o abandonaram? Que forma de serem bons cristãos!

— Você não sabe a dor de perder um filho. — minha mãe retrucou.

Eu me inclinei para frente na poltrona. — Você não me *"perdeu"*, mãe. Você me deixou para trás. Sua vocação era mais importante do que sua família. Mas quer saber, você fez uma escolha - boa para você. Pelo menos você não deixou ninguém miserável enquanto você decidia o que você queria.

Ela sabia que eu estava me referindo ao ano antes dela ir embora, quando ela rezava todas as noites para que Deus lhe dissesse o que ele queria dela. Ela tinha sido forte o suficiente para fazer uma escolha difícil. Era uma das poucas coisas que eu admirava nela, apesar de ter sido uma merda para mim e meu pai.

— Você não entende. — disse ela, em voz baixa.

— Seja como for, mas você está dizendo que a família de Jordan não queria ter contato com ele todo esse tempo?

— Não.

— Então, por que diabos ele está vivendo com eles agora se eles ainda o odeiam?

Minha mãe suspirou.

— Eu pensei que iria ajudá-los a se curar - tendo a família junta novamente. Tenho certeza que irá, com o tempo.

Mesmo que ela tenha dito as palavras, ela não parecia muito certa em tudo, e tendo em conta o que Jordan tinha dito, eu não acho que o tempo ia fazer muita diferença.

— Ele está danificado e ele é vulnerável, também. Então você vê agora por que eu não quero que você se envolva com ele.

Olhei para ela.

— Hum, não realmente. Tudo o que você me disse é que o Estado diz que ele não é mais um perigo para a comunidade, mas todo mundo aqui o trata como um leproso.

— Eu sei. — minha mãe admitiu, por fim. — Tem sido muito difícil... para todos. E porque Michael era muito querido e respeitado, a volta de Jordan - bem, reabre um monte de feridas, desperta uma série de lembranças ruins. — ela balançou a cabeça. — Eu entendo, Michael era o quarterback da escola e estava indo para a faculdade com uma bolsa de futebol completa. Ele ia colocar esta cidade no mapa. Você sabe como os texanos são sobre futebol. E um monte de gente boa perdeu um amigo no dia em que ele morreu. Isso machucou toda a comunidade. Algumas pessoas ainda estão sofrendo.

— Sim? Bem, essas “boas pessoas” tratam seu irmão como uma merda.

— Você não entende.

— Porque você não me conta toda a história!

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Eu continuo esperando que vá ficar mais fácil para todos.

— Então como é que ele está trabalhando para você?

— Bem, ele precisava de um emprego para cumprir suas exigências de liberdade condicional...

— Deixe-me adivinhar: ninguém aqui lhe daria trabalho.

Ela suspirou novamente. — Não, ninguém iria empregá-lo. Embora eu ainda esteja esperançosa. Eu peço que ele venha às vezes. Ele tem jeito para reparar motores de automóveis. Tenho certeza de que uma boa oficina de automóvel poderia empregá-lo. Eu não desisti, mas nesse meio tempo, eu pensei que ele pudesse fazer alguma coisa com o meu quintal. Nosso quintal está como uma selva.

— Eu acho que você está lutando uma batalha perdida tentando conseguir a ele um emprego, mãe. Eu sei que você gostaria de dar às pessoas o benefício da dúvida, e eu meio que acho que é legal, mas a maioria das pessoas gosta de ter alguém para desdenhar, e servindo Jordan a eles não está fazendo nada para *ajudá-lo*.

Ela sorriu. — Você é mais parecida comigo do que você gosta de admitir.

— O quê?

— Você gosta de dar às pessoas o benefício da dúvida, também.

Um sorriso relutante penetrou no meu rosto. — Sim, você me pegou.

Foi o primeiro momento verdadeiro que tivemos entre nós desde que eu cheguei à reitoria. Ele passou rapidamente.

— É melhor você ir tomar aquele banho. — disse ela, com os olhos divertidos. — Eu acredito que você tem que encontrar um trabalho.

— Sim, espero que as pessoas não sejam tão rancorosas comigo.

— Não julgue as pessoas tão severamente, Torrey.

— Acho que você deveria dizer isso a eles, mãe.

Saí da sala e fui para o chuveiro. Minha mãe tinha me dado muita informação e eu precisava processar tudo que ela havia me contado.

Eu me senti muito mal por Jordan. Acabar no reformatório, quando tinha 16 anos - era muito foda. Ele tinha sido pintado como vilão, mas parecia-me que ele era um garoto que tinha cometido alguns erros. Trabalhando no escritório de advocacia, me deparei com uma série de casos em que uma decisão idiota arruinou vidas. Isso acontecia com mais frequência do que se podia imaginar: a infidelidade, fraude, roubo, bebidas, drogas. Você acha que está em um caminho e de repente você percebe que pegou o caminho errado e fica se perguntando que porra aconteceu com sua vida. Acredite em mim, aconteceu comigo.

Eu me perguntei novamente o que Jordan teria feito. Talvez um dia ele confiasse em mim o suficiente para me contar.

Eu também suspeito que, se andasse pela cidade por algum tempo, eu provavelmente ouviria a história completa. Apenas minha mãe tinha quaisquer reservas em espalhar fofocas. Era irritante pra caralho, mas eu também achava que era legal da parte dela.

Foi bom falar com ela, ter uma conversa real em vez de ficarmos cheias de rodeios. Eu não falava muito com meu pai. Ele perdeu o interesse em mim depois que minha mãe foi embora. Ele passava seu tempo perseguindo as mulheres e aproveitava. Eu praticamente me cuidei sozinha desde os 13 anos e eu sempre pensei que era mais parecida com ele, por isso o comentário da minha mãe tinha me surpreendido.

Para minha surpresa, descobri que eu não me importava de ser um pouco como ela. Pelo menos ela estava tentando mostrar às pessoas que Jordan era mais do que apenas o ex-criminoso que todos pensavam.

Por outro lado, o meu nível de tolerância para com ela tinha sido alcançado quando ela me acusou de flertar com ele. Ele era bom o suficiente para cortar a grama, mas não bom o suficiente para falar com sua filha? Havia alguns sérios padrões duplos aqui.

Tomei banho rapidamente, mas demorou muito para lavar meu cabelo. Ele estava tão grosso e encaracolado; era muito cabelo. Os caras adoravam meus cabelos e eu também adorava, mas era uma merda cuidar deles. Na maioria das vezes eu os deixava naturais. Secador de cabelos era um desperdício de tempo. Eu tentei secá-los quando eu era mais jovem, mas depois de ter queimado meu segundo secador de cabelos em um mês, eu desisti. Agora era só vento e ele secava naturalmente na minha cabeça. A única alternativa seria raspá-lo, e, acreditem, havia dias em que eu considerava isso. O calor e a umidade Texas não ajudavam, porque, independente de como eu arrumava meu cabelo - ou tentava arrumar - assim que eu saía para esse calor escaldante do verão, tudo que eu tinha era um monte de frizz.

Procurei na minha pilha de escassas roupas para encontrar um jeans razoável e camisa conservadora. Se eu fosse procurar emprego, eu queria parecer uma cidadã responsável e sóbria. E eu não tinha escrúpulos em usar o status de filha da Reverenda se me ajudasse a encontrar trabalho.

Olhei para fora da janela, enquanto abotoava minha blusa.

Foda-me! Alerta de cara gostoso!

Jordan tinha tirado a camiseta e estava usando uma calça jeans cortada como bermuda que era muito grande, deixando-os perigosamente abaixo de seus quadris, mostrando a curva de uma bela bunda.

O sol dançava nos músculos das suas costas, enquanto empurrava o cortador de grama da minha mãe e eu pude ver uma tatuagem em seu ombro esquerdo. Era uma cruz celta e ornamentada com um coração sangrando no centro. Algo estava escrito dentro dele, mas ele estava muito longe para eu ver o que era.

Então ele se virou e começou a cortar em minha direção. Seu peito e estômago pareciam duros como pedra. Qualquer outra coisa que ele tenha feito na prisão, ele deve ter malhado muito. Imaginei que não deveria ter muito mais o que fazer.

Eu pensei que eu estava tendo um flash quente, porque seu corpo estava me fazendo pensar todos os tipos de coisas que boas garotas não deveriam ter em suas mentes. A coisa boa era que eu nunca tinha sido uma boa garota.

Eu esperava que ele olhasse para cima e me visse observando, mas seus olhos permaneceram fixos na grama que ele estava cortando.

Apreciei do show gratuito um pouco mais antes arrancar meus olhos da janela e terminar de me vestir.

Eu tinha um trabalho para procurar antes que o dinheiro da gasolina acabasse.



Jordan

Eu não cheguei a vê-la depois que a Reverenda a levou para dentro. Eu sabia que era provável que eu nunca mais a visse, certamente não iríamos conversar mais. Ela já teria sido advertida sobre mim.

Eu não culpo a Rev - eu também não gostaria de ter um cara como eu passando o tempo com a minha filha.

Ouvi o barulho do seu carro ligando. Eu teria reconhecido o som do motor em qualquer lugar - um Pontiac Firebird - um dos últimos desse modelo. Era a porra de um belo carro. Eu tinha passado vários minutos o

observando quando cheguei esta manhã. Era um carro normal para uma mulher dirigir. A maioria por aqui dirigia carros compactos japoneses que eram econômicos no combustível.

Mas não essa mulher. Ela era diferente.

Achei que ela estava indo para seu trabalho no restaurante. Agora que eu sabia que ela realmente não sabia quem eu era, eu questionei ainda mais porque ela me seguiu com o café. Ela disse que eu era bonito. Talvez ela tivesse se interessado em mim e eu tinha sido burro demais para perceber? Bem, isso não aconteceria de novo, não depois de sua agradável conversa com a mamãe.

Eu tentei tirar todos os pensamentos sobre a filha da Reverenda da minha cabeça e me concentrar em arrumar o quintal selvagem.

Terminei os gramados, então, olhava para o que precisava ser feito em seguida. Era uma longa lista.

Comecei a trabalhar na parte de trás do quintal da reverenda, cortando as silvas e rosas que haviam assumido o canto do limite da propriedade. Eu realmente precisava de luvas para este trabalho, uma vez que as minhas mãos e os meus braços estavam sendo cortados. Mas eu realmente não me importava; a dor me fazia sentir bem.

Na prisão, um monte de caras se cortava. Ninguém falava muito sobre isso, mas todos nós sabíamos. Eu acho que aliviava um pouco os sentimentos reprimidos. Eu pensei tentar isso uma vez, mas a raiva e a culpa eram tudo que eu tinha, então se eu os perdesse, não haveria nada. Esse era um pensamento assustador.

Quando eu tinha chegado ao final da minha sentença - minha segunda sentença - eu tinha sido atribuído a um dos mais procurados postos de trabalho existentes na prisão, o trabalho no jardim da prisão. Era bom estar do lado de fora, trabalhando com o sol nas minhas costas. Quer dizer, sim, eu estava autorizado a ficar do lado de fora, mas tinha que realmente trabalhar, fazer algo crescer me fazia me sentir útil.

Imaginei que a Reverenda não iria para o céu se tivesse que cuidar do jardim de Deus, porque o seu jardim estava terrível. Eu me perguntava há quanto tempo ela vivia aqui. Quando eu era um garoto tenho certeza que não existia uma Reverenda na cidade. Então eu percebi que talvez fosse por três ou quatro anos: tempo suficiente para que as pessoas confiassem nela e recente demais para que ela ainda fosse uma estranha. Apesar de que ela poderia ser, porque ela era uma Reverenda mulher e uma Yankee. O suficiente para fazer de você um estranho por aqui.

Eu trabalhei até que o sol foi ficando mais baixo e uma brisa estava esfriando o suor na minha pele. Não havia ninguém por perto para me dizer que eu poderia ir embora e eu não tinha relógio para saber que horas eram, então eu simplesmente juntei minhas coisas e voltei para casa. Meu pai e minha mãe tinham saído, então, eu tomei banho, comi a minha refeição na cozinha em silêncio e dormi em uma cama em silêncio. Eu não conseguia nem ouvir meus pais conversando uns com os outros quando eles chegaram mais tarde.

Você sabe aquela frase: “o silêncio era ensurdecedor”? Parece sem significado, certo? Mas a prisão nunca foi silenciosa; havia pessoas gritando, portas batendo e mil e um ruídos diferentes ecoando nas paredes. Mesmo à noite, você ouve as pessoas gemendo e chorando - todos os pesadelos dos crimes cometidos por dois mil detentos.

Mas aqui à noite - nenhum som. Ninguém falava; ninguém gritava. A não ser eu e eu não estava ciente. Eu perguntei a minha mãe se eu poderia dormir no quarto da família e assistir TV na primeira noite. Meu pai respondeu que era um desperdício de eletricidade. Foram três noites em claro antes que eu conseguisse dormir por algumas horas e consegui dormir porque estava exausto. Eu ficava acordado, esforçando-me para ouvir os pequenos sons da casa durante a noite, de vez em quando ouvia um latido de um cão, ou o zumbindo de um mosquito. Nós estávamos muito longe da estrada até mesmo para ouvir outro carro - apenas um monte de silêncio. Era enervante.

Sonhei com Mikey novamente. Ele estava rindo de mim desta vez e apontando para algo na estrada, apenas alguns segundos antes de nós batermos. Eu vi tudo acontecer em câmera lenta - todo seu pescoço estalou, a

maneira como o vidro se espalhou como uma chuva de cacos e seu corpo voou pelo para-brisa, surpresa refletida em seus olhos mortos.

Eu sentei na cama acordado, tremendo e suando. Três horas da manha novamente. Eu sabia que não seria capaz de voltar a dormir, então eu fui até a garagem para malhar - novamente.

Quatro horas mais tarde, eu tropecei para fora da casa e fiz meu caminho para a reitoria.

Eu apenas comecei a suar cortando as silvas e as amontoando em uma pilha quando ouvi sua voz.

— Ei, cowboy!

Eu me virei e vi a bonita filha da reverenda, Torrey, sentada na varanda, assim como ontem, segurando uma caneca de café para mim.

Seu sorriso desapareceu quando eu cheguei mais perto e imaginei que a conversa com sua mãe tinha tido um efeito.

— Que diabos você pensa que está fazendo? — perguntou ela, com raiva.

Eu congelei no meu caminho. Do que ela estava falando? Olhei para o jardim deserto onde eu estava entrando e me virei para ela. Seu maxilar estava cerrado, transformando seus lábios grossos em uma fina linha branca. Que tipo de jogo ela estava jogando? Ela estava tentando dizer que eu a estava atacando ou algo assim? O pensamento me fez sentir a bile subir na minha garganta e eu tinha dificuldade para engoli-la.

— Minha senhora, eu...

— O que você fez com seus braços? — ela perguntou, apontando para os inúmeros cortes e arranhões que estavam marcando a minha pele, onde as tatuagens terminavam.

— Você está louco, cacete? — ela continuou sua voz ficando mais alta a cada segundo. — Por que você não está usando luvas?

— Eu não tenho nenhuma.

Ela olhou para mim como se eu estivesse falando outra língua.

— Vem cá, seu idiota!

Ela agarrou meu pulso e me arrastou para dentro da casa.

Eu nunca tinha estado na cozinha da Reverenda antes. Era uma cozinha bonita e básica, não extravagante como eu tinha visto na TV. Eu acho que ela não ganhava muito dinheiro na grande cidade do Texas. Ou talvez ela simplesmente não se importasse com a cozinha. De alguma forma eu pensei que uma senhora de Boston teria algo mais extravagante. Eu sabia que a casa da Reitora pertencia à igreja, mas eu pensei que ela iria se fixar aqui.

Torrey me empurrou na frente da pia da cozinha e encheu com água morna. Ela estava murmurando e xingando o tempo todo. Mesmo quando eu estava me perguntando o que ela estava fazendo, eu não pude deixar de pensar que ela era tão bonitinha.

Então ela começou a lavar meus braços, usando uma xícara com água nas mãos e despejando sobre os cortes. Doeu muito, mas isso não era nada comparado com a faísca que eu sentia cada vez que ela me tocava. Eu percebi com horror que eu tinha conseguido uma ereção instantânea.

— Eu posso fazer isso. — eu disse mais ou menos, assumindo a limpeza dos meus cortes.

— Claro, Garotão. — disse ela, maliciosamente. — Você arrumou muito bem o quintal, não é mesmo, cortando aquelas silvas com as mãos desprotegidas. Oh sim, você mostrou-lhes quem é que manda. O que é um pouco de sangue, desde que você pode mostrar que é o fodão? Deus! Os homens podem ser tão idiotas!

Rapaz, essa mulher era um rojão. Apenas o meu tipo de garota. Não agora, é claro. Ela ainda estava de pé atrás de mim e eu podia sentir seus olhos queimando fazendo buracos na parte de trás do meu pescoço.

— Eu vou pegar alguns curativos e Bactine[11]. Não se mexa! — ela ordenou.

Ela tinha ido embora por alguns minutos e eu comecei a entrar em pânico, imaginando como seria se a Rev entrasse e me encontrasse parado em sua cozinha, esse pensamento era simplesmente assustador.

Eu ignorei o que Torrey tinha me dito e tinha um pé para fora da porta quando ela voltou.

— Eu lhe disse para não se mexer! — disse ela, irritada. — Puxa, você tem transtorno de déficit de atenção?

Eu balancei minha cabeça lentamente como um cachorro bobo.

— Sente-se. — ela ordenou, apontando para uma cadeira de madeira.

Eu sentei.

Ela passou o remédio por todo o meu braço e colocou band-aid sobre os piores cortes.

— Você não tem uma camisa de manga longa, ou alguma coisa que você possa usar para cobrir seus braços? E você realmente precisa de algumas luvas de trabalho. Eu vou dizer a minha mãe para comprar-lhe alguma. Por enquanto, é melhor usar isso.

Ela me deu um par de luvas de borracha cor de rosa de lavar pratos. Olhei para elas, incrédulo.

— Eu não posso usar isso!

— Isso é uma coisa machista sobre não usar rosa? Você prefere ter seus braços rasgados em pedaços? Você realmente tem duas células cerebrais na cabeça?

— Você tem sequer ideia de quando você está de garçonete, que você é encantadora pra cacete? — eu soltei sem querer.

[11] Antisséptico.

Eu poderia ter mordido minha língua quando percebi que eu tinha dito isso em voz alta.

Ela recostou na cadeira e eu não tinha certeza se ela estava se preparando para me repreender ou se ela estava lutando contra um sorriso.

— Ei! Eu posso ser encantadora - quando eu quero ser!

E então ela riu. Deus era um som maravilhoso. As pessoas não riam muito quando estavam perto de mim e eu certamente não tinha ouvido os meus pais rirem recentemente. Isso mexeu com alguma coisa dentro de mim. Eu não sabia o que era, mas eu gostei.

Sua diversão terminou em um bufo grosseiro e eu podia sentir meus lábios transformando-se em um sorriso estranho.

— Eu posso ser encantadora. — disse ela, de novo.

— Oh sim?

— Sim!

— Prove! — eu zombei dela.

Ela piscou surpresa e então seu sorriso se tornou diabólico. Fiquei imaginando que pensamentos pervertidos estavam se escondendo por trás desse rosto bonito.

— Oh, baby. — ela disse, com a voz toda suave e doce. — Eu posso ser encantadora! Agora, deixe-me ver esses cortes nos seus braços, coitadinho. Coitadinho de você; pobre bebê.

E ela se inclinou para frente, dando-me uma boa visão de dentro da sua blusa. Ela não estava usando sutiã e pude ver seios suaves e o dourado da sua pele. Fechei os olhos e contive um gemido.

Eu não sei o que ela viu nos meus olhos quando eu os abri, mas suas palavras encantadoras pararam de repente.

— Desculpe. — disse ela, em voz baixa. — Eu não tive a intenção de provocar. Eu estava apenas brincando.

Eu assenti, desconfortavelmente ciente de que se eu me levantasse agora seria óbvio o quanto suas palavras - e falta de roupas - tinha me afetado.

— Tudo bem, você está pronto para ir. — disse ela, batendo no meu joelho e ficando de pé. — Antes vou colocar mais um pouco de café para você.

Ela ficou em frente à cafeteira, de costas para mim, permitindo-me levantar da minha cadeira. Talvez ela soubesse exatamente o que estava acontecendo comigo. Era humilhante, mas eu tinha passado por coisas piores.

O único som no cômodo era o borbulhar suave da cafeteira. No final, eu não aguentava mais.

— Vou esperar lá fora, senh... Torrey. — eu murmurei.

— Você não tem que sair, Jordan. Eu sou a idiota aqui.

— Eu... hum... eu acho que seria melhor. Se a sua mãe... se a Reverenda me visse...

Ela suspirou.

— Claro, tudo bem, se você se sentir mais confortável. Eu levo o café para você.

Concordei em agradecimento e saí levando as luvas cor de rosa de lavar prato. Olhei para elas, apreciando o gesto mais do que ela poderia imaginar, mas não havia possibilidade de minhas mãos entrarem nessas pequenas luvas.

Eu ouvi a porta de tela bater suavemente e quando me virei, no degrau da varanda tinha uma caneca de café.

Mas Torrey tinha ido embora.

Eu peguei a caneca, inalando o aroma delicioso e senti meus olhos arderem. A solidão me bateu forte. Na prisão eu guardei para mim; aqui, eu não

sabia mais quais eram os limites. Era o jogo da vida onde eu não conhecia as regras e não sabia como jogar - e eu estava perdendo. Muito.



Torrey

Eu me senti como o pior tipo de provocadora de paus depois que Jordan saiu. Eu estava mexendo com a sua cabeça e nem tinha percebido. Quando eu vi o olhar no seu rosto, seus olhos negros expressivos cheios de desejo, eu sabia que tinha cruzado a linha.

Eu não queria. Eu juro que eu não queria. Mas ele era tão fácil de conversar e eu não tinha feito quaisquer outros amigos desde que eu mudei para cá.

Jordan era meu amigo? Eu sei que eu disse que poderíamos ser amigos e eu gostaria de tentar. Porque eu nunca conheci uma pessoa que precisasse tanto de um amigo. Era quase uma pena que ele fosse assim tão gostoso. Ele deixava o limite da amizade difícil para eu respeitar. Especialmente quando tudo o que eu queria fazer era pular em cima dele.

Eu balancei minha cabeça. Minha mãe estava certa sobre uma coisa: Jordan era vulnerável e ele não precisava que eu tornasse sua vida mais difícil.

Mas depois do olhar ardente de desejo, sua expressão tinha virado gelo - um olhar frio e duro de prisão. Pela primeira vez, eu quase podia acreditar no que minha mãe disse sobre ele.

Voltando para o meu quarto, eu decidi que não havia mal nenhum em fazer-lhe um café de manhã e ter uma pequena conversa. Isso era um território

seguro. Tirei meus shorts e regata, deixando-os em uma pilha no chão antes de caminhar pelo corredor para o chuveiro.

Minha prioridade ainda era encontrar um trabalho e ontem tinha sido um fracasso. Além do mais, eu não tive retorno do meu pai, por isso eu sabia que alguns mil dólares não iriam aparecer na minha conta. Parecia que eu estava por conta própria, afinal de contas.

Eu me sequei com uma toalha qualquer que estava pendurada no banheiro e corri de volta para o meu quarto. Eu ignorei o meu cabelo emaranhado - eu definitivamente não tenho tempo para passar 20 minutos tentando escova-lo. Então, eu só puxei meus melhores jeans e uma camisa vistosa que eu costumava usar no escritório e apliquei uma pequena quantidade de rímel e batom. Estava tão quente, que apenas caminhar até o meu carro derreteria a maquiagem.

Lembrei-me que minha mãe tinha deixado o jornal local na mesa de café, então eu o peguei enquanto saía pela porta.

Do quintal eu podia ouvir o som de alguma ferramenta de podar, então eu sabia que Jordan ainda estava trabalhando. Eu esperava que as luvas de lavar prato tivessem ajudado. Eu decidi comprar-lhe um par de luvas de trabalho com proteção para os braços. Minha mãe poderia me pagar de volta.

Tive sorte quando eu olhei para os classificados na parte de trás do jornal. Um novo Starbucks estava abrindo no shopping, a poucos quilômetros da cidade. Eu tinha trabalhado em alguns de seus concorrentes quando era uma estudante, então estava confiante de que eu tinha a experiência que eles estavam procurando.

Quando eu estava tirando o carro da garagem, vi Jordan no meu espelho retrovisor. Ele estava me observando, com um olhar de saudade e decepção em seu rosto adorável.

Eu não podia pensar nisso agora. Eu precisava colocar minha cabeça no jogo e encontrar a porra de um trabalho.



Algumas horas mais tarde, eu tinha uma pilha de formulários sob meu braço e uma entrevista marcada para o dia seguinte.

Tudo bem, isso não pagava tão bem quanto o trabalho de paralegal que eu tinha em Boston, e não, não era exigido exatamente um diploma universitário para fazer um excelente café, mas era um começo.

Eu comemorei comprando uma saia realmente bonita que sussurrou o meu nome enquanto eu passava pela pequena loja.

Não foi a coisa mais inteligente que eu já tinha feito, gastar 75 dólares que eu não tinha, mas elas deixavam minhas pernas lindas. E depois dos últimos dias, eu realmente precisava levantar a minha moral.

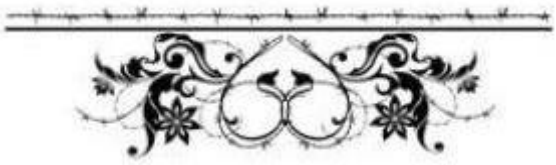
Quando voltei para casa, Jordan já havia ido embora.

Sim, eu admito eu estava evitando encontrar com ele.

Eu tinha outro trabalho a fazer: eu precisava esvaziar o trailer. Minha mãe já tinha mandado fazer isso.

Enquanto eu fazia o trabalho percebi que lá dentro não tinha realmente muitas coisas que eu quisesse manter. De alguma forma, tudo parecia contaminado com más recordações. Tudo poderia ir: Goodwill, e-Bay - eu não queria nada disso.

Capítulo Três - Opções



Jordan

Ouvi-a antes que a vi.

Ela estava xingando para cima e para baixo, xingando mais do que eu tinha ouvido falar na prisão metade do tempo.

— Seu inútil pedaço de merda! Seu pedaço inútil de lixo! Vou mandá-lo para um ferro-velho! Ligue, filho da puta!

Puta merda! Essa menina tinha uma boca suja.

Ela estava sentada em seu Pontiac Firebird, arrancando a chave da ignição e batendo no painel. Eu poderia dizer imediatamente que o motor estava em marcha, mas não virando. Apenas duas razões por que um carro não vai ligar: ele não está recebendo o combustível, ou não está recebendo energia.

— Hum, senhorita Torrey?

Seu rosto bonito estava vermelho e irritado quando ela olhou para mim.

— O quê?

— Eu acho que você tem um problema com as velas de ignição.

— Como diabos você sabe disso? Você fez alguma coisa para elas?

Fui picado por sua acusação. Ela realmente deve pensar que eu era um pedaço de merda, se ela achava que eu tinha bagunçado seu carro assim.

— Não, senhora. — eu disse, em voz baixa. — Eu só sei sobre motores.

Seu rosto relaxou.

— Ignore a mim e a minha boca grande, Jordan. Eu só estou chateada porque eu tenho que estar em um lugar e a princesa me deixou na mão. Agora eu vou ter que remarcar.

Eu não consegui deixar de escapar um pequeno sorriso.

— Você chama o seu carro de princesa?

Ela sorriu para mim. — Claro, ela age como uma cadela total a maior parte do tempo. Eu só ando com ela, porque ela é bonita. Isso é uma princesa, certo?

Um som estranho de tosse saiu de mim, e eu percebi que eu estava quase rindo. O reconhecimento machucou meu peito, e eu parei imediatamente. Eu não merecia rir.

Torrey me olhou com curiosidade quando eu deixei cair os olhos para o chão.

— Hum, eu posso consertá-lo para você, se você quiser.

— O quê? Você pode consertar meu carro?

Eu encolhi os ombros e acenei com a cabeça. — Se você quiser.

— Você realmente entende de carros?

Eu assenti novamente.

— Merda, sim! Eu gostaria!

— Hum, você pode abrir o capô? Eu poderia dar uma olhada agora.

— Sim! Deus, sim!

Examinei as velas de ignição e vi que o meu primeiro palpite estava certo. Eu mostrei para ela.

— Veja isso, mi... Torrey? Está seco. Isso significa que nenhum combustível está chegando. Se ele estivesse negro, isso significaria muito combustível.

— Você pode consertar?

— Eu preciso verificar o filtro de combustível em linha, limpar o carburador e verificar os jatos para bloqueios, certifique-se que tudo está harmonioso. Se isso não funcionar, você vai precisar de uma nova vela de ignição montada, mas eu acho que você não vai precisar fazer isso. Sim, eu posso consertar.

— Meu Deus, você seria um salva-vidas.

Seu comentário me deu um soco no estômago.

Você está tão errada.

Será que ela sabe? Ela *deve* saber. Eu não conseguia explicar. Virei-me e comecei a me afastar.

— Ei, espere!

Quando eu não abrandei, ouvi a porta do carro abrir e, em seguida, Torrey agarrou meu braço.

— Jordan? Que porra é essa? Eu pensei que você ia consertar meu carro, e então você simplesmente vai embora!

— Desculpe, eu sinto muito, eu...

Ela soltou o meu braço e sua voz suavizou.

— Obviamente, eu disse alguma coisa para te aborrecer... mas eu não tenho ideia do que seja. Eu faço isso o tempo todo. — ela riu com tristeza. — Eu

sou famosa por isso. Olha, eu ficaria muito grata se você pudesse consertar meu carro, Jordan, e eu prometo que vou calar a boca.

Eu concordei com a cabeça de novo, muito emocionado para falar. Eu parecia ter me transformado em uma porra de desastre emocional desde que deixei a prisão. Eu não conseguia me controlar mais. Era frustrante pra caralho.

Ela bateu palmas, imediatamente mudando a energia ao nosso redor, afugentando as trevas que constantemente giravam em torno de mim.

— Então, você pode me dizer o que você precisa para fazer o trabalho, mas primeiro eu preciso que você me leve para que eu não perca a minha entrevista de emprego.

— Uma entrevista de emprego? — eu estava confuso. — Achei que você trabalhava na Busy Bee na cidade.

Ela levantou uma sobrancelha e sorriu para mim. — Acho que eles não gostaram do jeito que eu sirvo o café.

E então eu entendi. Ela tinha sido despedida... por minha causa.

Ela tinha as mãos sobre a porta do passageiro antes de eu conseguir sufocar outra frase.

— Senhorita Torrey, eu... — meus olhos se arregalaram. — Eu não posso levá-la!

— Por que diabos não? Você tem alguma regra - sem garotas na caminhonete?

Ela estava brincando comigo? Eu não tinha certeza então eu arrisquei um rápido olhar para ela. Sim, ela estava sorrindo.

— Não. — eu botei para fora. — Não é isso...

— Fico feliz em ouvir isso. — disse ela, com uma ruga bonita do nariz. — Você tem as chaves?

— Senhorita Torrey...

— Só Torrey! Caramba! Eu tenho que usar um crachá para você também?

— Torrey... se eu te der uma carona para sua entrevista, eu posso garantir que você não vai conseguir o emprego.

— Não seja tão idiota!

— É verdade. — disse eu, querendo que ela entendesse. — Você já foi despedida de um emprego por minha causa. As pessoas por aqui... não gostam de mim. Na verdade, elas praticamente amaldiçoam a terra que eu piso.

Esperei para ver um pouco de piedade em seu rosto ou uma desculpa cair de seus lábios bonitos sobre o porquê não era uma ideia tão boa ela pegar uma carona comigo depois de tudo.

— Você vai me dizer por quê?

Olhei para ela.

— Você... você não... sua mãe não...

Ela cruzou os braços e olhou para mim com calma.

— Não. Minha mãe não me disse qualquer coisa realmente. Por que você não me conta?

Porque você nunca mais vai falar comigo.

Ela suspirou. — Você não precisa. Apenas me dê uma carona, tudo bem?

— As pessoas vão falar, e se elas te virem comigo...

— Foda-se. — disse ela.

— Desculpe-me? — *eu ouvi direito?*

— Eu disse foda-se. Se alguém se recusa a me dar um emprego por causa de quem me deu uma carona, então eles não são o tipo de idiotas para quem eu quero trabalhar. Agora, você tem as chaves?

Eu assenti, atordoado em silêncio. Mais uma vez. Cristo, essa mulher me silenciou toda vez que eu a vi. Ela era tão destemida; ela iria cobrar o inferno com um balde de água gelada.

Ela subiu na minha caminhonete e ficou lá esperando por mim. Segui devagar, ainda relutante. Eu não queria causar problemas para ela; não quando sua mãe tinha tentado fazer tanto por mim. Não quando Torrey se deu ao trabalho de me fazer um ótimo café todos os dias.

Eu não sabia como explicar de modo que ela iria entender o que estava enfrentando. Como eu disse, não conseguia pronunciar as palavras da minha boca estúpida.

Ela parecia completamente à vontade na minha caminhonete. Uma de suas longas pernas estava levantada, assim seu pé repousava sobre o painel. Ela usava uma saia hoje, um pouco mais conservadora do que suas roupas de costume, mas ela ainda estava quente com o que ela usava. Ela usava uma blusa sem mangas simples em um azul pálido que fez sua pele cor de mel brilhar. Ela era bonita pra cacete e ela estava sentada na minha caminhonete como se ela não tivesse preocupação na vida. Eu não sei, talvez ela não tivesse.

Subi ao lado dela e saí lentamente da garagem.

— Onde?

— Esquerda. Para a cidade.

Fiz o que ela disse e dirigi com cuidado, mantendo-me abaixo do limite de velocidade o tempo todo.

Eu estava tentando me concentrar na direção, mas um milhão e um pensamentos estavam girando pelo meu cérebro.

Ela deve ter percebido os olhares em sua direção que eu não consegui evitar.

— Pergunte-me. — disse ela.

— Perguntar o quê?

Um sorriso divertido puxou seus lábios para cima, quando ela olhou para mim.

— Tudo o que você está rebentando um intestino para manter dentro. Pergunte-me.

Vomitei a pergunta que vinha lutando para passar por meus lábios.

— Não te incomoda? Sentar aqui com... com alguém como eu?

Meu estômago se apertou quando ela não respondeu imediatamente. Eu sabia que ela estava pensando em sua resposta com cuidado, pois normalmente ela só deixava tudo escapar, como se ela não tivesse um botão de edição.

— Eu diria que o incomoda mais do que isso me incomoda. — disse ela, por fim.

Eu não tinha certeza do que fazer com sua resposta. Seria verdade? Me incomoda que esta linda garota iria colocar-se em risco, ficando na minha caminhonete? Ninguém sabia que ela estava comigo.

— Sim, isso me incomoda.

— Você vai me machucar?

Meus olhos se arregalaram com o choque.

— Porra, não!

Eu *não* podia acreditar que ela me perguntou isso!

— Então, estamos bem. — disse ela, calmamente.

Minha boca estava aberta.

— Você não está realmente incomodada?

— Jordan, se você fizer algo que me deixe desconfortável, eu vou deixá-lo saber. Acredite em mim. Não tenho nenhum interesse em sair com loucos.

— Eu não sou normal. — eu gaguejei.

Ela olhou para mim avaliadora, e eu senti meu rosto corar sob seu olhar intenso.

— Claro, você tem problemas. Quem não tem? Você é normal, Jordan. Seu passado é apenas um pouco mais colorido. — ela arqueou uma sobrancelha. — Você não é *tão* especial.

Que puta de primeira classe!

Então me perguntei se ela estava brincando. Eu não poderia dizer e isso só me deixou mais chateado - com ela, comigo mesmo. Eu estava zangado demais para falar. Confuso, também. Felizmente, ela deixou de tagarelar e me deu um pouco de paz para pensar.

Pouco tempo depois, nós estávamos dirigindo pela cidade, e eu acho que eu estava segurando a minha respiração, rezando para que ninguém nos visse juntos. Eles não podiam pensar pior de mim do que já faziam, mas eu não queria tornar a vida mais difícil para Torrey ou a mãe dela.

Claro que, quando parei no sinal no cruzamento da rua principal, vi a Sra. Ogden olhando para nós. Ela sempre foi a maior fofoqueira da cidade. Eu duvidava que ela tivesse mudado ao longo dos últimos oito anos.

— As pessoas vão ver você comigo. — eu cuspi, batendo no volante em frustração.

— Mmm, sim. — disse ela, com a voz distante.

Eu me virei para olhar para ela e vi que ela estava olhando para fora da janela.

Bem, eu não podia fazer nada sobre isso agora, e não era como se eu não tivesse avisado a ela.

— O que você tem no seu iPod? — ela perguntou, depois de um breve silêncio.

— Hum, eu não tenho um.

— Sério? Você deve ser o único cara que eu conheço que não tem.

Dei de ombros desconfortável.

— Não era permitido um na prisão?

Fiquei surpreso com a facilidade com que ela fez a pergunta que a maioria das pessoas não se atreveriam a fazer em voz alta. Meus pais nunca mencionaram a prisão, e até mesmo a Reverenda era cheia de dedos em torno do assunto. Mas não Torrey. Eu não sabia se isso era uma coisa boa ou não.

— Não, nós não éramos autorizados a ter dispositivos eletrônicos. Algumas pessoas tinham rádios - eu tive um por um tempo - mas você não os mantém por muito tempo. Essas coisas são muito fáceis de roubar ou trocar por drogas.

— Oh, é claro. — ela assentiu para si mesma. — E você não teve um iPod desde então?

Eu balancei a cabeça, com vergonha de dizer a ela que eu não tenho dinheiro. Sua mãe me paga quase nada para fazer biscates e manter o quintal limpo, e que, com o pagamento de meus US $ 40 por mês para o serviço de liberdade condicional para o privilégio de me verificarem e um pouco para os meus pais pelo alimento e aluguel, não sobrava mais do que alguns dólares em moedas.

Fiquei feliz quando ela não fez mais perguntas; meu cérebro estava sofrendo com as que ela já fez. Eu não tinha falado tanto em, bem, oito anos.

Eu comecei a ficar inquieto quando eu percebi que suas coordenadas estavam nos levando para fora da cidade novamente. Eu logo estaria além da área que eu tinha permissão para ir. Se eu quebrasse minhas exigências de liberdade condicional, eu seria jogado de volta na prisão até o próximo milênio.

— Hum, senhorita Torrey, é muito mais longe?

— Só Torrey. — ela disse, revirando os olhos. — Não se preocupe, eu vou te pagar pela gasolina - se eu conseguir o emprego.

— Não é isso...

— Então o quê?

Eu olhava para frente, sentindo a queimadura de humilhação incendiar-se novamente.

— Eu não estou autorizado a ir mais de 16 quilômetros além do limite da cidade. É uma exigência da minha liberdade condicional.

— Oh. — ela disse, olhando para mim com preocupação. — Merda, eu sinto muito! Eu não fazia ideia! Porra! Olha, você pode me deixar aqui. É apenas mais um quilômetro e meio até a estrada. Eu posso andar.

— Um quilômetro e meio para onde? — eu conhecia esta estrada, e não havia nada ao longo dela por quilômetros.

— Para o shopping. — disse ela. — Honestamente, você pode me deixar aqui.

Há um shopping?

— Desde quando? — eu disparei.

Ela olhou intrigada. — Desde quando o quê?

— Desde quando há um shopping aqui?

Eu estava apertando o volante, meus dedos ficando brancos.

— Oh. — ela disse, baixinho. — Eu acho que é muito novo. A Starbucks, onde estou indo para uma entrevista ainda nem foi aberta ao público ainda.

Merda. Tinham construído um maldito shopping desde que eu tinha estado preso. Eu me perguntava que outras mudanças aconteceram que eu não sabia.

— Realmente, está tudo bem. — disse ela novamente. — Você pode me deixar aqui.

— Eu acho que posso fazer mais um quilômetro e meio.

— Eu não quero causar problemas.

Eu suspirei. — Não se preocupe com isso. Problemas me encontram de qualquer maneira.

Rezei para que o shopping estivesse dentro do meu limite de 16 quilômetros. Eu não queria pensar sobre as consequências se eu colocar um dedo do pé sobre a linha. E eu só estava autorizado a conduzir, porque a minha oficial de condicional havia argumentado que sem transporte eu não seria capaz de chegar ao trabalho, o que é a vida em um lugar tão remoto.

Felizmente, o novo shopping logo apareceu, logo depois da colina, e eu olhava para a vista. Eu não poderia imaginar que esta cidadezinha seria capaz de sustentar qualquer coisa desse tamanho. Devia haver estacionamento para mais de mil carros e vários hectares de pastagem rasteira foram agora pavimentadas e cobertas de aço e vidro brilhantes.

Mas a novidade tinha a sensação de anonimato sobre isso, e eu me senti mais relaxado aqui do que eu estive em um tempo.

Eu estacionei em um local longe de outros carros e esperei ela sair. Eu tinha um velho livro no banco de trás, então eu planejava apenas sentar e ler enquanto ela ia para sua entrevista.

— Você não vem? — disse ela, franzindo a testa para mim. — Você não vai apenas ficar sentado aí, não é?

— Bem, sim.

— Você não está na prisão agora, Jordan, e você não precisa se esconder. Viva um pouco. Dê uma chance.

Ansiedade correu através de mim, mas eu sabia que ela estava certa. E estar em algum lugar como este, onde havia menos chance de ser reconhecido, também, apelou. Muito.

Meus olhos estavam examinando a área, em busca de problemas. Eu respirei e tentei agir como algo normal. Pelo menos eu esperava que eu não parecesse um maluco assustador cachorro louco.

Um pouco relutante, saí da caminhonete e tranquei as portas. Eu quase desmaiei de choque quando Torrey enganchou seu braço no meu e começou a caminhar em direção às lojas.

Eu olhei para ela, sem palavras.

— Isso está bem? — disse ela, não me soltando. — Meu pai sempre me diz que eu não respeito os limites pessoais das pessoas.

— Hum, não. É... bem. — eu gaguejei.

— Bom. — ela disse, com voz calma.

Gostei da forma como sua pele macia roçou meu antebraço. Eu gostei muito - demais, provavelmente. Percebi que parecíamos um casal, caminhando juntos assim. Minha garganta fechou, e eu não poderia ter dito uma palavra se minha vida dependesse disso.

Ela apontou o café e soltou meu braço. Eu perdi seu contato imediatamente.

Então, ela ficou na minha frente, estendendo os braços.

— Bem? Como eu estou?

Linda. Maravilhosa. Sexy. Fora dos limites.

— Hum, bem. — eu consegui falar.

Ela ergueu as sobrancelhas. — Você é discreto garanhão. Eu posso ver que eu vou ter de me assistir com você.

Ela se afastou sacudindo a cabeça. Então ela fez uma pequena pirueta e gritou. — Espere por mim aqui? Eu vou voltar em cerca de 20 ou 30 minutos.

Ela nem sequer ficou para ouvir minha resposta, mas quem eu estava enganando? Além de transportar merda na casa da mãe dela, eu não tinha outro lugar para ir - e nenhum lugar que eu estava sendo procurado.

Eu encontrei um banco onde eu podia ver a entrada da loja de café e sentei.

Parecia estranho estar fora sem ninguém me observando - sem guardas, sem câmeras, sem habitantes me julgando e apontando minhas falhas. Era difícil acreditar que eu estava livre. Eu não merecia ter isso, mas eu estava tão grato por estar fora daquele buraco de merda da prisão, que eu poderia ter beijado a porra do asfalto no estacionamento.

Mesmo assim, eu não me sentia totalmente livre. Eu provavelmente nunca o faria. Eu sempre carrego o conhecimento de que meu irmão está morto, porque eu fui um idiota. Havia dias em que eu queria que eles me trancassem para sempre, porque é isso que eu merecia. Por razões que eu não entendia, a vida tinha me dado uma segunda chance, e isso era difícil de lidar. Eu não tinha ideia de como viver mais.

— Jordan? Jordan Kane?

Eu olhei para cima para ver uma mulher com cabelo ruivo olhando para mim. Oh merda, sabia pela forma que ela estava me olhando que ela me conhecia. E houve apenas uma pessoa na escola com o cabelo dessa cor.

— Allison?

Levantei-me, e ela imediatamente deu um passo atrás.

— Uau, é você! — disse ela, nervosa, tentando forçar um sorriso brilhante.

Eu concordei e enfiei as mãos nos bolsos.

— Como tem passado? Quer dizer... ouvi dizer que você... saiu.

Concordei novamente.

Allison tinha sido a minha namorada quando eu estava no segundo ano do ensino médio. Embora, pensando bem, havia um grande número delas. Estávamos juntos na noite que Mikey morreu. Nós tínhamos transado até que eu estava muito perdido para saber quem eu era ou o que diabos eu estava fazendo. Eu só a vi uma vez desde então, e esse foi o dia que eu tinha sido condenado. Ela chorou.

— Me desculpe, eu não escrevi. — disse ela, torcendo a alça de sua bolsa ao redor de seus dedos.

— Está tudo bem.

O que mais eu poderia dizer? Eu não acho que eu teria escrito de volta se ela tivesse.

— Eu deveria. — ela continuou. — Eu queria... eu só não sabia o que dizer.

Cristo, isso é estranho.

Olhei para o café, mas ainda não havia nenhum sinal de Torrey.

— Como vão seus pais? — perguntou Allison, hesitante.

— Sim, eles estão... bem. É difícil para eles, sabe?

Ela assentiu com a cabeça.

— Como tem passado? — perguntei. — Você foi para a faculdade, como você queria?

Ela sorriu seu primeiro sorriso genuíno.

— Sim, eu fui! Eu me formei com o meu MBA do Estado do Texas.

— Uau, isso é ótimo. Bom para você. Hum, eu pensei que você queria estudar dança e teatro?

Ela fez uma careta.

— Foi apenas um sonho. Eu... eu cresci muito depois... depois do que aconteceu. Sinto muito, Jordan. Nunca cheguei a dizer-lhe isso.

Suas palavras me fizeram engasgar, e eu podia ver a partir do olhar em seu rosto que ela se sentia da mesma maneira.

— Você está bem. — ela suspirou, chegando a tocar no meu braço e traçando um dedo ao longo de uma das minhas tatuagens.

A voz dela estava cheia de pesar, mas eu não acho que era para mim.

— Obrigado. Você também. — eu murmurei.

Eu procurei novamente por Torrey, mas em vez disso, eu vi um cara magro com óculos caminhando em nossa direção.

— Ei, é a minha garota. — ele disse, colocando um braço possessivo ao redor dos ombros de Allison e dando-me um olhar duro.

As bochechas de Allison coraram, e suas palavras colidiram enquanto ela lutava para nos apresentar.

— Oh, Henry, este é, hum, este é Jordan. Éramos... amigos... no ensino médio.

Ele estendeu a mão, e depois de uma breve pausa, a sacodi. Fiquei surpreso e meio que divertido quando ele tentou esmagar os meus dedos. Eu apertei de volta um pouco mais forte do que deveria e o vi estremecer.

— Alli não mencionou você. — disse ele, fingindo ser tudo uma piada.

— Você sabe que isso não é verdade. — disse ela, em voz baixa. — Este é o *Jordan.* — e do jeito que ela enfatizou o meu nome, eu pude ver o segundo exato em que ele finalmente entendeu.

Seus olhos se arregalaram e ele puxou Allison mais próxima ao seu lado.

— O ex-presidiário?

Ela lhe deu uma cotovelada firme nas costelas.

— Sim, sou eu. — eu disse, a amargura evidente em minha voz.

— Hum, acho que devemos ir agora. — disse Allison, puxando a jaqueta de seu namorado. — Bom ver você de novo, Jordan. Eu espero... que tudo vá bem. Diga oi para seus pais por mim.

Quando ela foi embora, eles pareciam estar discutindo.

Um momento depois, Torrey veio praticamente dançando, do café.

— Isso parecia desconfortável. — disse ela, inclinando a cabeça em direção a Allison e o idiota. — Eu os vi da janela. Quem são eles?

Eu estava irritado com sua bisbilhotice, então eu apenas dei de ombros. — Garota conhecida do ensino médio e seu namorado.

— Tudo bem. — disse ela, aceitando a minha resposta imediatamente.

Então *eu* me senti um idiota por ser tão defensivo.

— Allison era minha namorada na época... na época que fui enviado para o reformatório. Eu não a vi desde então. O cara era o namorado dela, eu acho.

Torrey sentou-se ao meu lado no banco e deu um tapinha no meu joelho.

— Aposto que foi horrível vê-la novamente.

Claro que sim!

— Foi tudo bem, eu acho. O namorado dela era um idiota.

Ela riu. — Ele provavelmente não gostou do fato de que o ex da sua namorada parece um maldito modelo!

Eu tinha certeza que eu fiquei vermelho, ouvindo suas palavras.

— Eu acho que toda a vibração de presidiário o deixou desconfortável. — eu disse, forçando uma risada oca. — Mas pelo menos ela falou comigo, o que é mais do que a maioria das pessoas têm feito. Não foi muito ruim.

— Veja! — ela disse, parecendo muito contente. — As coisas estão ficando cada vez melhores!

Eu não teria ido tão longe, mas ainda assim, não tinha sido tão ruim quanto poderia ter sido. Talvez ela estivesse certa.

— Ei! Acorde! — ela gritou, me cutucando no lado. — Você não ouviu o que eu disse? Temos que ir comemorar!

Eu esfreguei minhas costelas, e ela sorriu para mim, quando ela se levantou.

— Comemorar o quê?

— Eu consegui um emprego, idiota! Venha, eu vou te comprar uma bebida.

— Uh, isso é muito legal, Torrey, mas eu não posso entrar em um bar.

Seu rosto caiu. — Oh, isso é certo. — então ela sorriu. — Tudo bem, bem, eu não posso comprar um café, mas também o único lugar decente não está aberto, mas que tal pizza?

Eu praticamente babava quando ela mencionou pizza. Eu não tinha tido uma desde que eu saí, e as que você tem na prisão, bem, vamos apenas dizer que se eu tivesse um pouco de massa de tomate batida na sola do meu sapato, teria sido mais saborosa.

— Ha, o olhar em seu rosto! — disse ela, apontando um dedo para mim. — Se um cara sequer olhar para mim desse jeito, vai ser a primeira vez.

Olhei para ela com surpresa.

— Sério? Mas você é linda!

Sua boca caiu aberta. — Você acha que eu sou linda? Espere, não responda a isso - eu não quero dar-lhe a chance de voltar atrás.

Ela sorriu e passou o braço pelo meu novamente. Eu *realmente* gostei disso.

— Você é. — eu disse, baixinho. — Você é linda. Qualquer cara seria louco de não pensar assim.

Ela lançou seu belo sorriso para mim e encostou a cabeça no meu braço.

— Obrigada! Você não é tão ruim também, Auto Man[12].

Caminhamos ao longo da luz do sol no final da manhã, assim como qualquer um dos outros casais no novo shopping. Era tão normal, mas me senti totalmente bizarro, como se alguém fosse saltar e começar a gritar merda para mim, dizendo que eu não deveria estar em torno de pessoas comuns. Eu comecei a ficar tenso, meus olhos correndo ao redor, esperando o ataque começar.

Torrey puxou de leve no meu braço, com uma expressão preocupada. — Demais?

— Hum, só...

Esfreguei minhas mãos sobre o meu rosto com força o suficiente para arrancar a pele. Senti sua mão agarrar meus pulsos.

— Ei, está tudo bem. Nada de ruim vai acontecer. E se isso acontecer, eu vou te proteger.

A ideia dela me proteger era cômica. Ela era quase trinta centímetros mais baixa e, provavelmente, pesava quarenta e cinco quilos encharcada.

Ela sorriu. — Vamos de pizza?

Eu concordei, aliviado que ela tinha compreendido.

— Sim, isso seria ótimo. Hum, mas eu não tenho dinheiro.

[12] Um trocadilho que a Torrey faz com a habilidade com carros que o Jordan tem.

Ela balançou a cabeça. — Eu disse a você - por minha conta. Seu dinheiro não funciona aqui hoje. Além disso, você vai consertar meu carro para mim, não é?

Eu quase sorri. — Sim, senhora. Eu vou.

Ela me cutucou nas costelas novamente.

— Pare de me chamar de senhora! Isso faz com que me sinta com cerca de cem anos. Se você fizer isso de novo, da próxima vez eu vou chutar suas bolas. Entendeu?

Eu não pensei que ela estava brincando. — Sim, senh... Torrey.

— Então o que você gosta em sua pizza?

Olhei para o menu vitrine e minha boca encheu de água com a ideia de um banquete com presunto, pepperoni, carne e frango.

— Eu não me importo. O que quer que você goste.

— Pare de fazer isso. — disse ela, franzindo a testa. — Pare de tentar agradar a todos o tempo todo. Apenas me diga o que você quer em sua maldita pizza.

— Desculpe. — eu murmurei. — Eu não estou acostumado a... ter uma escolha.

— Está tudo bem. — disse ela, dando um tapinha no meu ombro. — Apenas me diga.

— Eu poderia ter o banquete de carne?

Ela revirou os olhos. — Você é um cara - eu deveria saber. — e ela me empurrou com o ombro.

Ela era tão tátil, me tocando o tempo todo. Mas não era estranho ou forçado, era só como ela era.

Tivemos que esperar na pizzaria, enquanto eles preparavam o nosso pedido. Ela segurou minha mão o tempo todo, deixando-me saber que ela estava lá para mim.

O garçom manteve jogando olhares preocupados para nós, como se ele estivesse a um dedo de discar o 911.

— Está tudo bem, Jordan. — Torrey sussurrou. — Tente relaxar. Parece que você está prestes a fazer uma corrida para ele, e você está o deixando nervoso. Estaremos fora daqui em poucos minutos, e aquele banquete de carne vai festejar em sua boca.

Então ela apalpou o rosto e gemeu.

— Eu não posso *acreditar* que eu disse isso. Soou muito ruim. Nunca me lembre de que eu disse isso!

Eu não sabia o que dizer quando ela piscou para mim e sorriu. Eu apenas respirei fundo e sorri de volta.

Deus, essa mulher! Ela só tinha uma maneira de fazer tudo tão... suportável.

As pizzas chegaram e Torrey tirou sua carteira, entregando um cartão de crédito. Peguei as caixas, desesperado para dar o fora. Eu segurei a porta enquanto Torrey pegou as duas latas de refrigerante, e então fomos para a minha caminhonete. O cheiro estava me deixando louco e eu devo ter andado mais rápido do que o habitual, porque Torrey gritou comigo para ir mais devagar.

— Eu não consigo acompanhar. — ela gritou. — Só porque suas malditas pernas continuam para sempre, isso não significa que as minhas também façam!

— Eu acho que as suas pernas estão muito bem. — eu disse, automaticamente.

Sim, como se eu já não pensei sobre elas a cada segundo de cada dia desde que a conheci.

— Você andou conferindo as minhas pernas, Jordan Kane?

Até aquele momento, eu não sabia que a prisão tinha sugado o meu filtro mental, juntamente com tudo o que eu tinha perdido. Senti meu rosto ficar quente, mas Torrey apenas deu uma risadinha calma e deixou que eu me esquivasse da situação.

Nós baixamos as janelas da caminhonete, para que não ficasse tudo embaçado. Sim, isso me fez pensar coisas, também. Tentei me concentrar em comer. Assim que eu abri a tampa, o cheiro de queijo derretido, tomate, tempero e o banquete de carne tinham-me babando. Eu levei uma mordida enorme e senti meus olhos rolarem para trás em minha cabeça. Essa merda era *boa*.

— Eu acho que alguém está desfrutando de sua pizza. — Torrey brincou.

— Desculpe. — eu murmurei, em torno de uma segunda fatia. — Está bom pra caralho!

Ela sorriu e empurrou a melhor parte de uma fatia toda em sua boca. *Isso* me fez pensar coisas, também. Mas a atração da pizza puxou minha cabeça para trás, para fora da sarjeta.

Comemos em silêncio, mas não era estranho. Eu era apenas um cara comendo pizza em sua caminhonete com uma mulher bonita sentada ao lado dele. Foi... normal.

Assim que eu tive esse pensamento, a culpa me inundou de volta. E, como sempre, uma enorme pedra sentou no meu estômago, me repugnando.

— Você tem aquele olhar de novo. — disse Torrey.

Eu nem sequer me preocupei em perguntar o que ela queria dizer - eu já sabia.

Suspirei e fechei a tampa da caixa de pizza. Talvez eu fosse capaz de comer o resto mais tarde.

— Você quer falar sobre isso?

Eu balancei minha cabeça. — Não. Não vai ajudar.

— Você tem certeza disso? Você já tentou?

Eu olhei para frente para fora da janela.

— Meu conselheiro disse... — eu lancei um olhar para o lado, mas seu rosto não mostrou nenhuma reação. — Meu conselheiro disse que eu deveria falar sobre... as coisas.

— Tudo bem... — disse Torrey, com cuidado. — Mas você não faz, porque...?

Meus olhos caíram para o volante. — Não há ninguém para ouvir.

Ela descansou a mão levemente na minha coxa.

— Há agora.

Tentei obter as palavras, mas nada estava acontecendo. Seus dedos deslizaram para longe, e eu abaixei minha cabeça, derrotado.

— Conte-me sobre Mikey. Eu gostaria de ouvir sobre o seu irmão.

— Ele era o melhor. — eu disse. — O melhor cara, o melhor filho, o melhor irmão. Você teria gostado dele.



Torrey

Eu pensei que tivéssemos um grande avanço com a pizza, sabe, fazer algo comum, mas ele fechou-se novamente. Eu praticamente podia ouvir as portas da prisão de sua mente se fechar.

Eu conheci um cara na faculdade que tinha ido ver um amigo na prisão uma vez. Apenas uma visita lhe tinha dado pesadelos por semanas: o barulho, a desumanização das pessoas, o cheiro.

Então eu pensei que se Jordan não podia falar sobre as coisas ruins, talvez se lembrando dos bons momentos que teve com seu irmão poderia ser mais fácil.

Assim que eu mencionei o nome de Mikey, ele mudou mais uma vez, um sorriso iluminando seu rosto adorável.

— Ele era o melhor. — disse ele, com sinceridade. — O melhor cara, o melhor filho, o melhor irmão. Você teria gostado dele. — ele fez uma pausa. — Todo mundo o amava, ele era fácil de amar.

— Ele era tão bonito como o seu irmão?

Ele levantou uma sobrancelha para mim e sorriu - um de verdade, tudo e mais, um sorriso de mostrar os dentes. Foi apenas um vislumbre do jovem garoto arrogante que eu imaginava que ele tinha sido. Eu acho que não era possível ele ser mais bonito. Vivendo e aprendendo.

— Quando éramos mais jovens, as pessoas pensavam que éramos gêmeos.

— E depois?

— Seu cabelo é... era mais escuro do que o meu e ele o mantinha curto. — ele passou a mão pelos seus cachos bagunçados. — Ele era um grandalhão - o

grande quarterback do ensino médio, só músculos, mas um pouco menor do que eu. Eu era um magricela naquela época.

Seu sorriso desapareceu. Eu estava desesperada para mantê-lo positivo e otimista. Ele tinha um grande sorriso e eu queria ver mais do mesmo.

— Isso explica tudo.

Ele olhou para cima. — Explica o quê?

— As bermudas cortadas que você usa quando está trabalhando no jardim. Elas parecem que estão prestes a cair. — *Não que eu me importe.*

Mas, em vez de sorrir de novo, ele franziu a testa.

— Sim.

Eu esperei, mas ele não explicou. Eu estava prestes a explodir de frustração. Tentar fazê-lo falar era pior do que arrancar um dente.

— E? Não basta me dizer 'sim' e depois tudo ficar quieto!

— Desculpe. — ele murmurou.

— Pelo amor de Deus, Jordan! Não se desculpe o tempo todo - apenas fale comigo!

Ele me olhou com cautela.

— Estou irritando você?

— Claro que sim!

— Desculpe... quer dizer... — ele suspirou. — Eu achei que ninguém se importaria - sobre as roupas. Quando deixei a prisão, minhas velhas coisas não serviam mais. Eles não deixam você sair em seu uniforme DJCT.

— Que diabos é isso?

Ele se recostou no assento, esfregando a testa.

— Departamento de Justiça Criminal do Texas. Nós todos vestíamos uniformes de prisioneiros, que podem ser facilmente identificados. Eu acho que é para despersonalizá-lo, também, sabe, então os oficiais não formam associações ou qualquer outra coisa.

— Era listrado? Não que você não ficaria bem em listras.

Eu queria trazer de volta o seu sorriso lindo, mas tudo o que ele conseguiu foi um toque irônico de seus lábios.

— Ha, sem listras. Sem setas, também. Não, nós tivemos que usar essas camisas pulôver branca de algodão e calças com elásticos brancas. Mas esses são propriedade do Estado. Então, quando eu fui solto, recebi um par de calças de moletom e uma camiseta. Era tudo o que tinha no meu tamanho. Eu não sei, eu não perguntei. Quando cheguei em casa, tirei algumas camisetas e um par de calças jeans do quarto de Mikey. Eles tinham mantido tudo, então... eu realmente achei que não faria diferença...

Ele olhou para baixo.

— Acho que isso não caiu bem com os seus pais.

Ele balançou a cabeça tristemente.

— Você poderia dizer isso. Minha mãe gritou comigo então começou a chorar. Meu pai gritou, dizendo como eu estava em casa há cinco minutos e já tinha perturbado a minha mãe, e que eu era um bastardo ingrato depois que eles concordaram em me ter de volta... que foi desrespeito ao meu irmão morto... eu não fiz nada para ele dizer isso. Eu só precisava de algumas roupas.

Ele parecia tão chateado e frustrado, que eu queria me inclinar e dar-lhe um grande abraço. Mas não o fiz.

— Então o que aconteceu?

— Eles me deixaram ficar com a merda que eu já tinha pegado. Minha mãe disse que eu tinha “contaminado” eles, então não havia nenhum ponto em colocá-los de volta. Ela me deu algumas coisas do Goodwill depois disso.

Eu estava tão irritada com seus pais. Que diabos era o problema deles?

— Jordan, você não fez nada de errado. Seus pais exageraram, isso é tudo. Eu acho que é de se esperar, mas não é culpa sua. Se eles tivessem pensado nisso por dois segundos eles teriam percebido que você precisava de roupas para vestir.

Ele balançou a cabeça em desacordo em silêncio.

Eu tentei pensar em uma maneira de aliviar o clima. — De qualquer forma, eu gosto das bermudas largas.

— Você gosta?

— Claro. — eu disse, com um sorriso maligno. — Eu fico me perguntando o quão longe ao sul elas vão. Estou pensando em correr uma piscina. Talvez algumas das mães da vizinhança gostariam de ver.

Ele pareceu surpreso por um momento, então seu sorriso tímido apareceu de novo e acho que ele poderia ter corado. Porra, ele era bonito.

Mas, como sempre, seu bom humor não durou.

Ele olhou para o relógio no painel da caminhonete.

— É melhor voltar. — disse ele, tristemente. — Sua mãe vai ligar para a polícia para dizer que eu sequestrei você, se ficarmos fora por mais tempo.

— Jordan Kane, você acabou de fazer uma piada?

Ele pareceu surpreso. — Hum, não?

— Bem, eu pensei que era engraçado.

Ele considerou por alguns segundos e depois sorriu um pouco, mas não respondeu.

Liguei o rádio enquanto ele dirigia, e o observei batendo os dedos ao som da música, perdido em pensamentos.

Quando chegamos de volta, eu pulei para fora da caminhonete e joguei o saco plástico que eu tinha escondido na minha bolsa.

— Para você.

Sua surpresa virou espanto quando ele tirou um par de luvas de trabalho de long cuff[13], tamanho grande.

— Você... você comprou isso para mim?

— Claro! Eu disse que o faria. Não se preocupe, eu vou pegar o dinheiro de volta com minha mãe.

Eu acenei e me dirigi para a porta da frente.

— Torrey! — ele me chamou.

Eu me virei para olhar para ele.

— Obrigado. — disse ele.



Jordan

Eu não podia acreditar que ela me comprou um presente. Mesmo que sua mãe estivesse pagando por isso. Eu não tive alguém fazendo algo assim para mim há muito tempo.

Tirei as luvas de suas embalagens e puxei-as. Elas se encaixavam perfeitamente.

[13] Um tipo de luva que protege não só a mão, mas também o braço.

Voltei ao trabalho e tirei um pouco da minha frustração nos matos crescendo nas rosas da Rev. Eu só tinha alguns arranhões nos meus braços. Eu esperava que houvesse um jardim emergindo da selva, quando terminasse. Eu não queria pensar o que iria acontecer comigo quando eu terminasse - eu não poderia continuar trabalhando aqui, se não havia nada para fazer. Eu esperava que a Reverenda estivesse orando por um plano B.

Fiquei de olho aberto, mas eu não vi Torrey novamente. Eu esperava ser capaz de agradecê-la mais uma vez pelas luvas, e por, bem, tudo.

Quando cheguei em casa, o carro da minha oficial de condicional estava estacionado na garagem.

Mais alegria.

Meus pais odiavam ter um investigador na casa, mas era parte do acordo que tinham assinado como condição da minha liberdade condicional, então eles não poderiam se opor. Mas eles poderiam se ressentir um pouco mais.

Pelo menos a Oficial Carson não era uma puta completa. Quer dizer, ela era *um deles,* então eu realmente não confiava nela, mas ela não saiu de seu caminho para tornar as coisas difíceis também.

Eu vi minha mãe parada na cozinha com os braços cruzados, fumegando enquanto a Oficial Carson passava pelos armários. Ambas se viraram e me viram ao mesmo tempo.

— Olá, Jordan. — disse a Oficial Carson, agradavelmente. — É bom vê-lo. Como você está?

— Tudo bem, obrigado, senhora. — eu murmurei. Era a minha resposta padrão para a maioria das perguntas.

Eu a vi olhar para minha mãe que ainda não tinha falado.

— Como vai o trabalho? — a Oficial continuou.

— Tudo bem.

— Reverenda Williams diz que está muito satisfeita com você.

Eu assenti e enfiei as mãos nos bolsos.

Ela sorriu, agradável. — Bem, eu estou quase acabando aqui. Obrigada, Sra. Kane. Jordan, eu só preciso dar uma olhada no seu quarto agora, se está tudo bem?

Ela não tem que pedir permissão, então foi bem legal que ela fez.

— Sim, claro.

Segui-a até as escadas e ao longo do corredor, em seguida, assisti da porta enquanto verificava debaixo da cama, no meu armário, debaixo do colchão e vasculhou cuidadosamente através da minha cômoda. Ela verificou até sob as gavetas e atrás de cada uma. Foi uma busca razoavelmente completa, mas se eu quisesse esconder drogas ou essas merdas, eu não teria sido tão malditamente óbvio. Eu provavelmente as deixaria do lado de fora ou no sótão, escondido atrás das vigas, como Mikey e eu costumávamos fazer.

— Como que você se sente, ao estar em casa?

— Tudo bem.

Ela suspirou. — Você sabe, Jordan, parte do meu trabalho é ajudá-lo na transição. Eu sei que é difícil, mas se você falar sobre isso e com o apoio de sua família, você terá uma chance muito maior de ficar fora da prisão.

Sim, claro - o apoio da minha família.

— Sim, senhora.

Ela esperou um momento, mas não tem nada mais de mim.

— Você tem o seu relatório mensal para mim?

— Huh, sim. Eu vou buscá-lo.

Entreguei-lhe a folha de papel, coberta de minha escrita habitual incompreensível. Junto com todos os outros requisitos de liberdade condicional, eu tive que escrever um relato “completo e verdadeiro” do meu mês.

Passei o rabisco para ela e ela lançou um breve olhar sobre ele.

— Obrigada, Jordan. Bem, esta será a última visita em casa que farei. Ainda haverá as buscas aleatórias, é claro, mas além desses, nós vamos continuar a nos reunir em meu escritório. Você tem o meu cartão - você pode me chamar a qualquer momento, se você tiver um problema.

Eu assenti.

— Tudo bem, eu já estou indo. Vejo você em duas semanas. Não se esqueça de obter o seu teste feito na delegacia de polícia.

— Sim, senhora.

Eu a acompanhei até a porta, e ela me deu um sorriso profissional antes de sair.

Minha mãe estava batendo panelas e frigideiras na cozinha quando eu fechei a porta atrás da Oficial Carson. Eu sabia que ela odiava essas inspeções, tanto quanto eu; a diferença é que ela não estava acostumada a eles. Eu fui até a garagem e puxei alguns pesos. Isso ajudou. Um pouco.

Eu jantei sozinho na cozinha, lavei meu prato e fui para o andar de cima, rezando para o sono entorpecer minha mente.



Acordei de repente. Não era um sonho que tinha me perturbado. Eu tinha certeza que eu tinha ouvido alguém falar alguma coisa.

Ouvi atentamente e então ouvi: um motor de carro virando. Os feixes gêmeos de faróis dividindo o escuro. O que quer que esteja acontecendo, eu estava adivinhando que não era nada bom.

Eu saltei da cama e corri para a porta da frente. Eu cheguei apenas a tempo de ver luzes traseiras vermelhas desaparecer na nossa estrada e para a cidade.

Eu acendi a luz da varanda e vi imediatamente o que os meus visitantes noturnos tinham feito. Minha caminhonete estava coberta de tinta vermelha, e alguém tinha cortado cada um dos pneus.

Xinguei em voz alta, e então eu ouvi a voz do meu pai atrás de mim.

— Essa é a caminhonete do seu irmão.

— Eu sei, pai. Eu não pedi para que isso acontecesse.

— Eu devia saber que deixar você usá-la iria acabar assim. Tudo que você toca...

Eu queria arrancar meus cabelos de frustração. Meu pai tinha sido relutante em me deixar usar a caminhonete de Mikey, e minha mãe se recusou a sequer discutir o assunto. Mas quando meu pai apontou que ela acabaria tendo que me levar em qualquer lugar, eu acho que a forçou a concordar. Principalmente, porque ela não podia suportar a ideia de gastar todo esse tempo a sós comigo.

Tanto faz.

Demorou uma semana inteira de trabalho duro, para fazer a caminhonete funcionar novamente. E agora isso.

Eu não podia acreditar que tinha acontecido. Por que eles têm de violar a caminhonete de Mikey? Quer dizer, que porra é essa? Como é que eu ia começar a trabalhar agora? Como é que eu ia fazer alguma coisa?

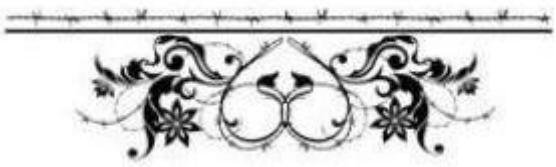
Minhas mãos tremiam da adrenalina queimando meu corpo, e eu queria bater em alguma coisa... muito.

— Não, você não quis que nada disso acontecesse. Você só saiu e ficou bêbado e Michael morreu por sua causa.

A voz de meu pai estava tão cansada, sequer com raiva. Soou mais como algo que ele disse em sua cabeça umas mil vezes. Ele se virou, fechando a porta na minha cara.

Algumas coisas não mudam.

Capítulo Quatro - Nascente



Torrey

Em deferência à moralidade policial - também conhecida como minha mãe - eu defini o meu alarme meia hora mais cedo do que o habitual, para que eu pudesse tomar banho e me vestir antes de Jordan chegar para o trabalho.

Ela praticamente me acusou de "induzi-lo", fazendo café, enquanto vestia as roupas que eu dormi. Eu só tinha mudado a minha rotina, porque eu estava um pouco preocupada que ele poderia pensar a mesma coisa.

Eu tinha visto o jeito que ele olhou para mim, e ele me disse que achava que eu era atraente... bem, “linda” foi o que ele tinha dito. Tomei esse comentário com um grão de sal - o cara era praticamente virgem. Tudo bem, provavelmente não um virgem *real* tendo em conta o que minha mãe tinha mencionado sobre ele se meter em encrencas com as garotas, mas a menos que ele estava tomando uma bunda na prisão, o que de alguma maneira eu duvidava, então ele não tinha feito sexo em oito anos. Um novo nascimento virgem, talvez. De qualquer forma, eu não queria tornar mais difícil para ele. E eu, *definitivamente,* vi o quanto eu estava fazendo isso. Não que eu estivesse olhando intencionalmente, era apenas muito, hum... óbvio e para que isso possa ser tão óbvio, ele deve ter tido muito... sim, é melhor não pensar nisso.

Mas perder meia hora de sono me fez mal-humorada. Eu *não* era uma pessoa da manhã.

Eu cambaleei até a cozinha, desesperada por uma dose de cafeína antes de me mexer mais um centímetro.

Eu estava prestando atenção tentando ouvir o som da caminhonete de Jordan, quando de repente eu o vi da janela da cozinha. Ele estava usando suas bermudas enormes e parecia que ele estava mancando.

Eu bati na janela, e ele pulou. *Merda, eu devo parar de fazer isso com o pobre rapaz.*

Mas quando ele se virou, eu fiquei chocada. Puxei a porta de tela e marchei em direção a ele.

— Caramba! Que diabos aconteceu com você agora?

Jordan era uma bagunça. O sangue estava escorrendo pela perna de um corte em seu joelho esquerdo; seu cotovelo direito não parecia muito melhor, e as palmas de ambas as mãos também foram raladas.

— Caí. — disse ele, com zero de inflexão na sua voz.

— O quê? Você caiu de uma maneira que conseguiu ralar o joelho *esquerdo,* o seu braço *direito, ambas as* mãos *e* rasgar toda a volta da sua camiseta?

Ele concordou e encolheu os ombros.

— Você está cheio de merda, Jordan! Traga seu traseiro aqui.

Ele parecia relutante em entrar na casa, então eu peguei um punhado de sua camisa suada e o arrastei para dentro, empurrando-o para o sofá.

— Senta aí. Não se mexa.

Ele deixou sua mochila escorregar do ombro e se inclinou para trás, com os olhos fechados.

Eu corri para cima para pegar o kit de primeiros socorros da minha mãe e uma garrafa de água oxigenada, pela segunda vez em dois dias. Então,

distraidamente, eu fui para a cozinha pegar um pouco de água fervida, colocando em uma tigela e levando para o sofá com uma toalha limpa e mais Bactine. Parecia provável que íamos ter que estocar se Jordan fosse continuar a trabalhar aqui. Talvez beijar os ferimentos ajudaria também - ou beijar outras coisas. *Aaagh! Mente no trabalho, Delaney!*

— Mergulhe as mãos lá dentro. — eu pedi.

Ele sussurrou algo enquanto suas mãos afundavam na água quente.

— Covarde. — eu brinquei com ele.

Ele ergueu as sobrancelhas, e eu pensei ter visto um leve sorriso se contorcer em seus lábios.

Após ele lavar as mãos cuidadosamente, eu as enxuguei com uma toalha e cobri as palmas com pomada. Ele precisava de dois pequenos Band-Aids sobre os piores arranhões, mas por outro lado as suas mãos não eram muito ruins. Após a briga de ontem com as roseiras, os braços já eram um patchwork de arranhões e Band-Aids. Parecia que ele tinha lutado com alguns linces. Será que as pessoas ainda fazem isso? Bem, nós estávamos no Texas.

— Basta manter as mãos limpas e secas. Elas vão ficar bem. E lembre-se de usar suas luvas de trabalho o tempo *todo*. Agora, deixe-me ver o seu cotovelo.

Repeti o processo de imersão e de limpeza, depois usei uma pinça para retirar alguns pedaços de areia do cotovelo. O corte foi muito profundo, mas não muito grande. Limpei-o com a água oxigenada e senti seu corpo tenso quando eu limpei com o líquido claro para o corte, mas ele não falou.

Se eu tivesse que pensar em uma palavra que definiu Jordan, seria "estoico". Ele tomou a dor como as outras pessoas tomavam café. Definitivamente estoico, juntamente com "quente".

Ainda assim, isso provavelmente não era pior do que ter uma tatuagem. Eu não poderia deixar de me perguntar quando e onde ele teria feito todas elas. Quando ele tinha 16 anos? Possível - apenas.

Seu joelho esquerdo tinha tomado o pior de tudo o que tinha acontecido com ele. E eu não acreditava em sua história de merda que simplesmente tinha caído. Se eu tivesse que dar um palpite - que parecia provável, já que ele não estava me dizendo nada mesmo - eu diria que ele estava correndo quando ele caiu, então, rolou. Fugindo *de* alguma coisa, talvez?

Não era da minha conta, mas eu ainda estava curiosa.

Eu estabeleci-me entre seus pés e dei uma boa olhada em seu joelho. Vários pedaços de areia estavam presos lá dentro, e eu pude ver que ia precisar de uma lupa, bem como uma pinça.

— Espere aqui. Não se mova. — eu disse a ele.

Eu pensei que eu vi um flash de irritação, mas seu olhar vazio logo estava no lugar novamente. Eu estava meio satisfeita por estar ficando sob sua pele. Eu queria saber como o verdadeiro Jordan era. Ele era um mestre em manter-se fechado. Não podia ser bom para ele - não seria bom para ninguém manter-se tão tenso. Eu imaginei que ele tinha oito anos do mesmo. Estremeci com a ideia do que desvendar oito anos de medo e tensão pode parecer.

Eu encontrei uma lupa riscada na parte inferior da bolsa de maquiagem antiga da minha mãe. Satisfeita que eu tinha as ferramentas para o trabalho, eu corri de volta para baixo e fiquei satisfeita ao descobrir que ele não se moveu.

— Como está indo tudo aí, cowboy? — eu disse, no meu melhor sotaque Texano.

— Bem, tudo bem, senhora. — disse ele, de forma exagerada para mim.

Desta vez havia um sorriso definitivo espreitando nos cantos da sua boca, e isso me deu esperança.

Ajoelhei-me entre seus pés de novo e comecei a retirar pedaços de areia.

Eu vi um músculo em sua coxa tremer algumas vezes, mas ele não disse nada.

Quando eu ouvi o carro da minha mãe do lado de fora, eu senti Jordan tenso novamente, mas eu estava tão focada no que eu estava fazendo que apenas continuei.

Minha mãe entrou pela porta e eu ouvi a ingestão de ar chocada.

— Oh, desculpe-me. — ela ofegou e imediatamente começou a recuar.

Que porra é essa?

Eu me virei para ver sua figura recuar.

— Mãe! O que você está fazendo?

Ela virou-se para encontrar o meu olhar irritado. Seu rosto estava queimando de vergonha.

— O quê? — eu disse novamente.

Ela levou à vista ao joelho machucado de Jordan e ao kit de primeiros socorros, em seguida, soltou um suspiro de alívio.

— Oh, eu sinto muito! Eu pensei...

Eu percebi o que tinha visto: eu ajoelhada, com a cabeça quase no colo do Jordan. Ela, obviamente, correu para a conclusão errada.

— Puxa, mãe, é mesmo? Você pensou que eu estava o chupando aqui, no seu sofá?

O rosto dela ficou um tom ainda mais escuro de vermelho, e atrás de mim Jordan parecia que estava sufocando.

Minha mãe soltou algumas vogais mutiladas, então quase correu para a cozinha, murmurando sobre fazer café.

— Eu deveria ir. — disse Jordan em um sussurro rouco, levantando-se desajeitadamente.

— Sente o seu traseiro e deixe-me terminar!

Hesitante, ele abaixou-se para o sofá novamente. Eu balancei a cabeça em descrença na estranheza das pessoas e voltei ao trabalho.

Cinco minutos depois, eu estava feliz que eu tinha tirado toda a areia. Eu terminei de limpá-lo, em seguida, coloquei um grande curativo sobre o joelho.

— Você está pronto.

Ele levantou-se apressadamente, os olhos fixos no chão, como de costume.

— Obrigado. — disse ele, em voz baixa.

— Sim, sim. Eu sou a Santa Joan.

— Uma guerreira.

— O quê?

Desta vez, ele arriscou encontrando meus olhos.

— Santa Joan era uma guerreira. Ela levou os franceses na batalha contra os Ingleses.

— Quem morreu e colocou você no comando? — eu disse acusadora, ainda mais do que um pouco irritada com a minha mãe.

Seu rosto congelou.

— Oh, Deus! Sinto muito, Jordan! Isso foi...

Mas ele já estava fora da porta.

Caramba, já houve um tempo em que eu não era tão estúpida?

Minha mãe o viu pela janela da cozinha.

— Torrey...

— Não comece, mãe.

— Eu não deveria ter assumido... mas você disse - essa linguagem era desnecessária.

Eu virei minha cabeça para olhar para ela.

— Sério? Você é tão hipócrita que o que te incomoda *não* é o fato de que você pulou a uma conclusão extremamente errada sobre mim e Jordan? Mas não é *isso* que incomoda você - oh não! O fato de que eu te falei sobre isso é um grande problema, porra!

— Por favor, não xingue! Você sabe que eu não gosto.

— Tudo bem! Eu não vou xingar se você não for assumir que eu sou uma vagabunda gigante!

Saí da sala, quase atirando fogo pelos olhos. Por direito a casa deveria ter sido acesa por agora.

Corri para o meu quarto e despejei minha bolsa para tentar encontrar as chaves do carro, fazendo com que as multas de estacionamento não pagas, batom e dinheiro trocado chovessem na minha cama.

Então me sentei pesadamente, saltando um pouco sobre o colchão muito mole - eu não poderia decolar em uma nuvem de fumaça e guincho de pneus em chamas, porque o meu carro ainda estava fodido.

Eu olhei para fora da janela, meus olhos procurando por Jordan. Ele estava em pé, com os ombros caídos, olhando para o emaranhado de silvas e rosas na frente dele.

O jeito que ele estava apenas ali era doloroso de assistir. Ele parecia tão derrotado. Eu odiava que eu tinha contribuído para ele se sentir assim. Apenas porque minha mãe tinha assumido que eu estava sendo vulgar como de costume. Tudo bem, então eu fiquei com um grande número de caras nas semanas que eu estive aqui, mas será que ela realmente acha que eu faria com um cara em seu sofá no meio do dia? Apague isso, porque a resposta era obviamente “sim”.

Eu não podia culpá-la - eu não lhe dei muitas razões para pensar bem de mim. Ela não sabia que eu ainda tinha limites; eles simplesmente não eram os mesmos que os *seus* limites.

Eu ouvi a porta da frente bater, então eu achava que ela tinha saído. Ela provavelmente estava tão ansiosa para ficar longe de mim quanto eu dela. Suspirei pesadamente. Eu posso não ser capaz de corrigir o meu relacionamento com a minha mãe, mas eu poderia tentar fazer as coisas melhores para Jordan.

Voltei para baixo e abri a porta de tela principal da cozinha.

— Ei, cowboy!

Ele se virou; seu rosto rígido com o vazio estudado que parecia ser o que ele fazia para se esconder. Eu acho que foi uma habilidade necessária na prisão.

— Você vai consertar meu carro ou o quê?

Ele piscou e olhou para mim com cautela.

— Você ainda quer que eu tente?

— Bem, duh! Claro que sim!

Ele concordou e veio mancando em minha direção.

— Você vai me dizer o que diabos aconteceu agora, ou eu tenho que jogar vinte perguntas de novo?

Seus olhos não encontraram os meus quando ele respondeu.

— Eu caí. — disse ele, de novo.

— Tudo bem. Então, não me diga. Você caiu. Tanto faz.

Joguei minhas chaves para ele. — Concerte o meu carro e eu vou preparar algo incrível para o almoço. Que tal rolinhos primavera de queijo feta e quinoa com molho nam prik de tomate[14]?

Seus olhos se arregalaram.

— Hum, eu não sei o que é. As únicas palavras que eu reconheço são rolinhos primavera e tomate uma coisa ou outra.

— Acho que a prisão não era muito quente em comida tailandesa, sem trocadilhos.

Ele balançou a cabeça.

— Eu nunca comi comida tailandesa. É, como na, Tailândia?

— Oh, baby, você está para um verdadeiro deleite! Eu faço o mais malvado nam prik deste lado de Bangkok. Você está se sentindo corajoso?

— Não tanto quanto você notaria. — disse ele, com a boca torcendo para baixo. — E eu sinto muito que eu fiz as coisas mais difíceis entre você e sua mãe.

Sua voz era áspera com sinceridade, e ele não me olhava nos olhos.

— Ha! Isso não foi nada a ver com você. Temos o nosso próprio drama, então não se preocupe com isso. — fiz uma pausa. — Foi muito engraçado, porém, quando você pensa sobre isso.

Da maneira como seu rosto ficou vermelho imediatamente imaginei que ele não estava pronto para fazer uma piada sobre isso.

— Então, a princesa: por que a cadela não vai ligar?

O segui do lado de fora e percebi imediatamente o que estava faltando.

— Jordan, onde está a sua caminhonete?

[14] Uma pasta picante tailandesa, onde a base é tomate assado no forno para mergulhar os rolinhos primavera.

Seus olhos deslizaram para o meu carro e ele não olhava para mim.

— Tive um problema com ela esta manhã.

— Então... você andou até aqui?

— Sim, senh... sim, eu gosto de correr, então... hum, você pode abrir o capô para mim de novo e eu vou dar uma olhada?

Ele estava claramente infeliz falando sobre o que tinha acontecido, então eu deixei por isso mesmo.

Era fascinante vê-lo trabalhar, ele era tão competente e responsável. Ele ofereceu outro vislumbre da pessoa que ele costumava ser e a pessoa que eu esperava que ele pudesse voltar a ser.

E eu admito que, vendo seu corpo tenso dobrado sob o capô do meu carro, estava excitante. Se ele fosse qualquer outra pessoa que não quem ele era, eu teria pulado nele agora. Mas sabendo que ele era vulnerável - eu tinha que pisar nos freios com força. Ele precisava de um amigo, não um caso ocasional. Embora, por outro lado, talvez ele não estivesse tão nervoso se ele transasse.

— Bem, você parece saber o que está fazendo. — eu disse, depois de vários minutos de agradável cobiça. — E eu me sinto meio excluída. Vou preparar algo exótico para o almoço.

— Você não tem que fazer isso. — disse ele, olhando para mim. — Eu trouxe um sanduíche.

— Hunf! Sanduiche, sanduiche! Eu posso fazer melhor do que isso. Prepare-se para se surpreender.

Eu voltei para a cozinha, satisfeita que eu tinha ido fazer compras com a mãe no início da semana e abastecido com o tipo de coisas que eu gostava de comer. Eu estava *tão* entediada de macarrão com molho de espaguete, não importava quantos cogumelos minha mãe colocava nele.

Eu alinhei meus ingredientes como soldados prestes a ir para a batalha, que foi uma comparação apta, porque quando eu cozinhava, eu sempre parecia acabar usando todos os utensílios da casa e deixava parecendo que a geladeira tinha explodido.

Quinoa tinha sido uma opção quando eu era uma estudante: fácil de usar, você pode guardá-la para sempre e ficava muito boa com tudo que você atirava nela. Hoje, acrescentei ervilhas congeladas, cebola, queijo grego, suco de limão e um monte de folhas secas de hortelã. Talvez quando Jordan terminasse no jardim da minha mãe, eu plantasse algumas ervas para ela para que pudéssemos cozinhar com especiarias frescas.

O nam prik precisava de um pouco mais de preparação: tomate, azeite, alho, pimentão vermelho, gengibre, coentro, suco de limão e o ingrediente secreto que eu tive que pedir de Galveston, pasta de tamarindo.

Eu enganei com a massa filo, utilizando o material congelado pronto. Eu tinha certeza de que Jordan não saberia a diferença, a menos que eu fosse burra o suficiente para deixar o pacote.

Depois de muito brincar e xingar mais que o habitual (o que dizia muito), assim que os rolinhos primavera ficaram prontos para serem retirados da panela, eu ouvi o meu carro ligar.

Corri para a janela a tempo de ver Jordan sorrindo de orelha a orelha, enquanto ele acelerava o motor.

Eu gritei de alegria e corri para fora da porta da frente.

— Você conseguiu! Você é incrível!

Suas bochechas ficaram rosadas com prazer, e eu tive que me parar para não abraçá-lo.

— Muito obrigada! Você me salvou de vender o meu sangue.

Sua expressão vacilou, e eu poderia dizer que ele não tinha certeza se eu estava brincando.

— Tudo bem, entre e lave as mãos. O almoço está quase pronto.

Ele concordou e desligou o motor, antes de me seguir hesitante a casa.

Eu voltei para a cozinha a tempo de impedir que o alarme de fumaça disparasse Ótimo: dez rolinhos primavera levemente chamuscados. Ah bem. A intenção é que conta, certo?

Jordan pairou pela porta da cozinha com um olhar em seu rosto que dizia que ele estava à espera de ser mandado para fora novamente.

Partiu meu coração vê-lo parecendo tão derrotado.

— Sente-se. — eu pedi, apontando para uma das cadeiras da cozinha.

— Hum, a sua mãe vai voltar, porque se ela for, eu...

— Sente-se! — eu disse, enfaticamente. — Você é meu amigo e até que ela diga o contrário - o que ela não vai - esta é minha casa, também.

Ele sorriu timidamente.

— Algo cheira bem.

— Sim, a minha receita especial. — eu coloquei os pratos na frente dele. — Você quer pauzinhos?

Seus olhos se arregalaram ansioso.

— Tudo bem. Você pode ter um garfo normal, mas não é tão divertido.

Peguei um garfo da gaveta de talheres e o coloquei na frente dele.

— Pode comer.

Ele esperou por mim para pegar um dos rolinhos primavera e colocar um pouco do nam prik no meu prato. Então ele espetou o seu próprio rolo primavera com o garfo, o mergulhou no molho e timidamente provou.

Suas sobrancelhas se ergueram e ele imediatamente começou a tossir.

Puta que pariu. Talvez eu devesse tê-lo avisado que eu tinha adicionado pimenta extra.

Eu lhe servi um copo de leite e sentei-me, observando seus olhos lacrimejarem.

— Muito picante?

— Está... ótimo. — ele arquejou.

Eu não pude deixar de rir.

— Não, sério. — ele tossiu. — Eu simplesmente não esperava isso...

— Está tudo bem. Eu gosto picante - não é coisa para todas as pessoas.

Ele engoliu o leite e tentou mordiscar o rolinho primavera novamente. Desta vez, ele ficou bem longe do molho.

Eu acho que não foi tão ruim, porque no final, ele comeu sete desses bebês, terminando com um par de maçãs.

Dei-lhe um copo de chá verde para tomar na varanda. Ele cheirou desconfiado então tomou um gole.

— Tem gosto de água suja do banho. — disse ele, com um tom ligeiramente acusador.

— Não era para ser. — eu respondi, revirando os olhos. — É delicado depois do jantar para revigorar - é bom para a digestão. Pelo menos *tente* algo novo! — eu reclamei.

Ele assentiu lentamente, mas eu não acho que ele estava concordando comigo.

— Só porque todos no Sul parecem gostar de chá gelado! Isto é muito melhor para você.

Observei-o com firmeza até que ele bebeu mais do mesmo, em seguida, tive pena dele, prometendo fazer o café mais tarde.

— Posso lavar os pratos para você, já que eu não cozinhei?

— Claro que não! Você é meu convidado, embora talvez eu não deixe passar tão fácil da próxima vez. Mas vendo como você arrumou o meu carro, estamos bem.

— Obrigado, Torrey. Foi ótimo.

— Mentiroso! — eu ri. — Você odiou!

— Não, realmente. — ele disse, com sinceridade.

— Você é um péssimo mentiroso, Jordan Kane! Mas está tudo bem.

Ele me olhou timidamente. — Você não está brava?

— Não. Eu não posso ajudá-lo se a sua experiência culinária é presa em carne e batatas. — eu tive uma das ondas cerebrais. — Mas quer saber, eu posso ajudar com isso. Amanhã vou fazer a você um verdadeiro curry tailandês - apenas não tão picante.

— Hum... obrigado? — disse ele, com uma expressão um tanto desconfiada.

— Vou fazer mais do mesmo. Eu começo a trabalhar na próxima semana, assim, você nunca vai me ver depois disso.

Seus lábios se apertaram e seus olhos caíram no chão.

— Tudo bem.

Arhg! Eu realmente quero dar um tapa nele! Eu odeio essa porcaria de bajulação que ele continua me dando. Mas eu sabia que ele tinha oito anos disso - alguns dias comigo zombando dele não ia corrigi-lo.

Eu dei um tapa no ombro dele e voltei para dentro, deixando-o para atacar o jardim novamente.

Mas quando me virei para olhar para o desastre de uma cozinha, eu me perguntava se talvez devesse ter aceitado sua oferta para lavar os pratos depois de tudo.

Oh, bem, minha mãe estava sempre dizendo que o trabalho duro era bom para a alma. Eu queria saber que otário veio com esse monte de merda de cavalo.



Às 16:30 eu bati na janela da cozinha. Puta que pariu - o fiz saltar novamente. Eu não conseguia me lembrar. Talvez eu devesse colocar um adesivo na janela: *não dê ao faz-tudo gostoso um ataque cardíaco.*

— Hora de parar! — eu gritei.

Ele concordou e esfregou a parte de trás de seu braço sobre o rosto suado.

— Vamos lá, cowboy, eu vou dar-lhe uma carona para casa no meu carro recém-consertado!

Ele caminhou lentamente na minha direção, obviamente, ainda com dor considerável do jeito que ele estava mancando.

— Tudo bem. Eu posso ir andando para casa. Mas obrigado.

— Não seja tão bobo. Entre na porra do carro.

Ele se arrastou de pé para pé, até que eu senti quando abriu a porta do carro e se arrastou para dentro. Eu gostaria de ajudar, se não fosse pelo fato de que ele tinha provavelmente 90 quilos de músculo sólido.

Eventualmente, ele fez uma careta e olhou fixamente para um ponto em algum lugar perto do meu pé esquerdo.

— Huh, eu meio que cheiro mal agora.

— Sim, bem, eu ia deixar você tomar banho aqui, mas eu não posso arriscar a minha mãe dando outro AVC[15], o que certamente aconteceria se ela encontrasse um homem nu em sua casa. Tenho certeza de que ela esta tendo um tempo para ela. Então, basta entrar no maldito carro e eu vou abrir as janelas.

Ele murmurou algo que eu não podia ouvir e fechou a porta do passageiro, cuidadosamente rolou para baixo a janela primeiro. Teria sido doce, se não fosse tão triste.

Eu liguei o rádio alto para que ele não se sentisse forçado a falar se ele não quisesse. Mas foi Jordan quem começou uma conversa.

— Por que você me chama de “cowboy”. — ele perguntou, em voz baixa.

Dei de ombros. — Porque sim.

— Eu nunca lacei uma vaca na minha vida. Eu provavelmente até me esqueci como montar. — disse ele.

— Nada de cavalgar, hein? Que pena! — eu sorri e vi suas orelhas ficarem vermelhas. — Olha, eu não vou chamá-lo de “cowboy”, se você não gosta.

Sua resposta foi tão suave que eu mal conseguia ouvi-lo.

— Eu não disse que eu não gostei...

— Tudo bem... cowboy.

Eu vi um sorriso puxando o canto de sua boca.

Eu dirigi para fora da cidade e tomei a virada para Placedo Road.

— Você vai ter que me dizer qual o caminho, porque eu não sei exatamente onde você mora.

[15] Acidente vascular cerebral.

Ele acenou com a cabeça e depois de um quilômetro e meio ou assim, disse-me para virar para a direita.

— Você pode me deixar aqui. — disse ele, em voz baixa.

— Não seja bobo, acha que eu não vi você mancando. Vou levá-lo até o fim.

Eu não pude deixar de notar que quanto mais perto chegava sua casa, mais tenso ele se tornou. Não preciso ser um gênio para descobrir que a casa não era um lugar muito feliz.

Finalmente, mais de três quilômetros da estrada principal, ficamos sem asfalto e passamos para a estrada de terra e fomos batendo sobre touceiras de capim duro. Uma pequena casa de madeira de dois andares estava entre um bosque de choupos. Poderia ter sido muito uma vez, mas agora ela só parecia triste e abandonada - provavelmente um indicador do estado de espírito das pessoas que viviam lá, também.

Sua caminhonete estava estacionada na frente da casa e coberto por uma lona velha.

— Algo que você não pode consertar? — eu perguntei curiosamente, saindo do carro.

— Algo assim. — disse ele, evasivamente.

Antes que ele pudesse me parar, eu espreitava sob a lona e imediatamente desejei que eu não tivesse.

A palavra “assassino” tinha sido pichada com tinta vermelha nas laterais, e cada pneu tinha sido cortado.

Assassino? Oh meu Deus! Mil perguntas correram pela minha mente. Minhas mãos tremiam enquanto eu olhava para o homem ao meu lado. Eu simplesmente não podia acreditar. *Ele era um assassino?* Não, isso não pode estar certo. Minha mãe teria me dito. Certamente? Ela disse que ele era perigoso... mas *um assassino?*

— Foda-se, Jordan! O quê...? Quem...?

Eu me perguntei se eu deveria ter medo dele, mas ele parecia o mesmo - triste, bonito, quebrado.

Eu não podia acreditar que ele era um assassino. A verdade era que eu não *queria* acreditar nisso e eu era muito covarde para perguntar a ele diretamente. Ainda.

Ele deu de ombros, cansado.

— Eu não sei quem fez isso. Crianças.

— O que disse a polícia?

Ele me jogou um olhar incrédulo. — Eu não quis chamá-los.

Eu balancei a cabeça para ele, impaciente.

— Você *tem* que chamar! Isso é assédio grave! Vandalismo, transgressão criminal, ofensa criminal, e, é claro, pichação.

— Não. — ele disse, com firmeza. — Sem polícia. Aqui não. De jeito nenhum.

Foi à declaração mais clara que eu já o ouvi fazer.

— E como você chegou nessa condição? — eu perguntei, apontando para o curativo no joelho. — Parece que alguém tentou te atropelar.

Meus olhos se arregalaram quando eu vi a verdade em seu rosto.

— Merda! Foi o que aconteceu, não é?

— Por favor, Torrey. — ele disse, com voz rouca. — Não diga a ninguém. Eu não preciso de mais problemas.

Seus olhos estavam implorando

— Eu acho que você está errado, mas a decisão é sua. — eu disse, em voz baixa.

Ele soltou a respiração que estava segurando.

— Obrigado.

Então eu tive uma ideia e peguei meu celular, tirando rapidamente uma foto dos danos. Eu imaginei que ele podia precisar de evidência do assédio. Acho que a minha formação jurídica era boa para alguma coisa, mesmo que eu não pudesse forçá-lo a apresentar uma queixa.

— O que é isso? — ele perguntou, desconfiado.

Dei de ombros. — Eu não sei, mas você pode ser grato que eu tenha isso um dia.

Não parecia que ele acreditava em mim, mas ele não me pediu para excluí-lo também.

— A maioria das pessoas por aqui não tinha telefones celulares com câmeras, quando fui preso.

Meu queixo caiu. Essa pequena declaração me fez perceber o quanto ele tinha perdido; tudo o que ele tinha passado. Eu não sabia o que dizer.

— Bem, obrigado pela carona. — ele murmurou.

— Claro. A que horas você quer que eu venha buscá-lo na parte da manhã?

Ele balançou a cabeça rapidamente. — Não, está tudo bem.

— Seus pais te dão uma carona?

Seus olhos deslizaram para longe do meu, algo que eu notei que ele fazia quando ele não queria responder a uma pergunta direta.

— Eu estou bem.

Só então a porta da frente se abriu, fazendo-me saltar. Serviu-me de lição por todas as vezes que eu assustei Jordan.

A mulher que eu assumi que era a mãe dele estava lá. Ela não se parece muito com o filho. Jordan deve ter a aparência de seu pai.

Ela parecia chateada com alguma coisa.

— Oi! — eu disse tão alegremente quanto pude, dada a sua expressão sinistra. — Eu sou Torrey Delaney, filha da Reverenda Williams.

— O que ele fez agora? — ela retrucou, ignorando a minha mão estendida.

— Desculpe?

Ela parecia se recompor, porque seu comportamento mudou instantaneamente.

— Oh, eu estava pensando se havia um problema, Srta. Delaney?

— Bem, além de alguns destroços que alguns idiotas fizeram da caminhonete de Jordan e o fato de que parece que alguém tentou atropelá-lo, não, estamos todos bem. — eu disse, sarcasticamente.

Seus olhos cintilaram para cima e para baixo de mim, e então ela se virou e entrou na casa sem dizer uma palavra.

— Parece ser uma pessoa muito acolhedora. — eu disse, em voz baixa.

— Ela nem sempre foi assim. — disse Jordan em voz baixa, balançando a cabeça. — Ela costumava rir o tempo todo. Todos desejavam que sua mãe fosse como a nossa. — ele encolheu os ombros. — As coisas mudam.

— Ela é assim o tempo todo com você?

Ele concordou e suspirou.

— Ela me odeia. Ambos fazem. Mas não mais do que eu me odeio.

Eu podia sentir as lágrimas picar meus olhos; eu *nunca* chorei.

— Deus, Jordan, eu corrigiria para você, se pudesse.

Ele deu um pequeno sorriso. — Eu sei que você faria. Obrigado pela carona.

Então ele se virou e entrou na casa.



Jordan

Tudo doía. Torrey tinha acertado quando ela tinha adivinhado como eu tinha ficado ferido.

Depois que eu vi o que eles fizeram para a caminhonete, eu não tinha escolha a não ser correr para a reitoria. Eram apenas oito quilômetros, nada que eu não pudesse lidar. Mas eu não contava com os bastardos que tinham destruído minha caminhonete esperando por mim.

Eles me seguiram até a estrada principal, gritando e xingando para mim, jogando o lixo que eles tinham armazenado em seu carro. Eu pensei que era a extensão do mesmo, então eu simplesmente ignorei. Talvez o que os fez ainda mais chateados.

Pareciam crianças do ensino médio, por isso não era como se eu não conhecesse qualquer um deles de antes. Mas um deles tinha cabelos ruivos; isso me lembrou tanto de Allison. Então me lembrei que ela tinha um irmão mais novo chamado Trent.

Quando eu tinha chamado o seu nome, o carro acelerou por mim, acertando meu quadril quando ele passou, me enviando de cambalhotas na estrada e deixando-me esparramado no chão. Foi péssimo, mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Eu não esperava Torrey cuidar de mim do jeito que ela fez. Ela estava compassiva pra cacete. Isso fez minha cabeça girar. Eu não conseguia descobrir porque ela estava perdendo seu tempo comigo. Se eu fosse honesto, eu tinha estado esperando que ela quisesse algum tipo de vingança. Até agora, ela só tinha me tratado bem. Eu tinha ouvido meu pai e minha mãe falando sobre sua reputação, mas além de ser um pouco namoradeira, ela era apenas uma pessoa muito legal comigo.

Eu quase tive um ataque cardíaco quando ela enfrentou sua mãe sobre a coisa toda no sofá. Eu ainda estava em choque que ela tenha achado engraçado, apesar de ter sido depois. Na hora, eu estava mortificado. Eu tinha sido capaz de ouvi-la gritar com a mãe do jardim. Eu esperava que eu não tivesse ferrado nada entre elas. Eu provavelmente tinha. Eu era bom nisso.

Eu manquei para o meu quarto e tirei minhas repugnantes roupas suadas. Eu não sei como ela pode ter ficado no mesmo carro comigo. Você realmente não percebe isso muito na prisão, porque todo mundo cheirava a bunda. Mas agora era diferente. Toda vez que ela chegava perto de mim, eu sentia o cheiro de flores do verão.

O chuveiro parecia incrível. Era um verdadeiro luxo ter tanta água quente quanto eu queria e não ter que manter um olho aberto o tempo todo para quem estivesse vindo para o bloco de chuveiro. Eu ainda não conseguia me acostumar a ter tanta privacidade. Quando cheguei, eu costumava esquecer onde eu estava e usava minha cueca no chuveiro para lavá-las. Na prisão, todos faziam isso - por razões óbvias. Mas como eu só tinha um par, muitas vezes eu não me incomodei em usar uma, agora que eu estava em casa.

A água picou meus braços e pernas. Eu tive que admitir que eu estava muito destruído. Mas eu estive pior na prisão, tinha ficado com vários olhos roxos e meu nariz quebrado uma vez. Eu tinha sido colocado na solitária por 72 horas, apesar de não ter sido nada a ver comigo, apenas no lugar errado na hora errada. Merda como isso aconteceu; não havia nenhum sentido para eu ser uma cadela chorona sobre isso. E de qualquer maneira, tinha me curado de forma simples.

Fiquei surpreso ao ver que meu pai estava esperando no meu quarto depois que eu terminei no chuveiro.

Ele olhou para os novos buracos no meu corpo, mas não fez nenhum comentário.

— Isso não está dando certo. — disse ele, sem rodeios. — Eu não posso ver sua mãe perturbada assim. Ela está ficando com medo de deixar sua própria casa novamente.

Olhei para as tábuas nuas, certeza que eu podia adivinhar o que ele ia dizer.

— Nós temos nossa casa vasculhada por estranhos; comentários na rua - você não sabe o que é isso para nós. Então ontem à noite com a caminhonete do seu irmão - bem, foi a gota d'água. Entrarei em contato com sua oficial de condicional e dizer-lhe que você precisa sair. Eles têm lugares para pessoas como você na cidade; eu acho que seria melhor para todos se você apenas for embora.

Ele se levantou e saiu. Eu não me incomodei em argumentar porque, bem, ele estava certo. E para mim, não importava para onde eu fosse - eu ainda teria que viver dentro de minha pele. Mas talvez fosse melhor se eu fosse a algum lugar que ninguém me conhecia. Eu não iria deixar nada para trás - exceto Torrey.

Eu senti a dor do arrependimento no meu peito. Sim, eu sentiria falta dela.

Torrey

Eu não queria admitir, mas eu precisava falar com a minha mãe.

Eu liguei para o celular dela, mas foi direto para o correio de voz. Quando ela o desligava, geralmente, significava que ela estava visitando com alguns paroquianos. Esperei um tempo, de pé na cozinha olhando para o jardim enquanto as sombras alongavam. Eu podia ver a forma desmedida da lixeira, com longos dedos de silvas cortadas penduradas, como se estivessem tentando rastejar para fora. A ideia me fez tremer.

Olhei para o relógio na parede de novo, passando longe com regularidade irritante.

No final, eu decidi ir até a igreja no caso dela estar lá.

Era perto o suficiente para andar, por isso eu não me incomodei levando meu carro.

Era o tipo de bairro onde as pessoas andavam com seus cães, as crianças andavam em suas bicicletas e brincavam na rua. Verdadeira cidadezinha. Nada como onde eu cresci.

A igreja estava no meio de um monte de casas bastante novas na intersecção de uma das estradas de maior dimensão. Era grande, mas enquanto eu olhava para o lado de fora, fiquei impressionada com o exterior moderno monótono. Não era supostamente importante o que um lugar de culto parecia, mas eu achava que o ambiente certo ajudava, sabe?

Mas assim que eu entrei, eu estava em outro mundo varrido pelo cheiro de cera. Eu não tinha sentido nada assim desde a casa da minha avó. Isso trouxe lembranças de bolos caseiros e ouvindo suas histórias antes de dormir.

— Torrey? O que você está fazendo aqui?

A voz de minha mãe flutuou por trás de uma das fileiras de cadeiras.

— Oh, ei, mãe! O que você está fazendo no chão?

Ela suspirou.

— Ambas as senhoras da limpeza ligaram para cancelar. Uma foi cuidar de sua irmã doente em Gainesville e a outra tem uma unha encravada, por isso ela não pode andar.

— Puxa mãe. Você administra este lugar, você é membro de todas as porr... drogas de comitês, organiza o grupo de pais e das crianças *e* limpa a igreja? Você devia pedir a Deus por um aumento

— Não seja impertinente e segure a blasfêmia. — disse ela, mas eu peguei o sorriso em sua voz, também. — Você poderia me ajudar, sabe.

Revirei os olhos. — Tudo bem. Contanto que você saiba que a limpeza é contra a minha religião.

Ela riu. — Tenho notado. Apenas diga a si mesmo que vai ser bom para a sua alma.

— Tanto faz. O que precisa ser feito?

Ela me apontou na direção de alguns trapos, uma lata de cera e uma droga de púlpito muito grande que precisava brilhar em honra da glória de Deus, ou algo assim.

Fazendo uma careta, eu esguichei um pouco de cera em um pano e fui à limpeza.

— Então, o que é tão urgente que você se dignou a pôr o pé dentro de nossa igreja? — ela perguntou, com a voz divertida.

— É sobre Jordan. — eu respondi, indo direto ao ponto.

— Eu pensei que poderia ser. — disse ela, em voz baixa.

— Alguém cortou os pneus de sua caminhonete na noite passada. E se isso não bastasse, eles picharam de tinta por toda parte. Além disso, eu tenho

certeza que o mesmo alguém tentou atropelá-lo esta manhã. Você viu como ele estava machucado. Ele não quis me dizer sobre isso, mas é óbvio que ele está sendo vítima.

— Ele deu queixa?

— Não, e isso é parte do que me incomoda. Ele se recusou a envolver a polícia. Quer dizer, eu entendo por que ele não iria querer - ele tem uma espécie de alergia aos meninos de azul - mas se ele não fizer alguma coisa, eu estou preocupada, que só vá piorar.

— Eu tenho medo que você esteja certa. — disse ela, cansada. — Eu tenho pregado sobre a tolerância e o perdão até perder o fôlego: "Com toda a humildade e mansidão, com paciência, suportando uns aos outros em amor." Mas parece não ter feito muita diferença.

Ela parecia desanimada - que não era como a minha mãe.

— Eu esperava que você tivesse algumas ideias. — eu admiti.

— Querida, os problemas de Jordan não são de sua responsabilidade.

— Eu sei mãe, mas é uma merda total a forma como as pessoas por aqui o tratam. Eles pintaram a palavra "assassino" em sua caminhonete. É verdade?

Ela negou com a cabeça imediatamente.

— Não aos olhos da lei.

— Mas em seus olhos?

Ela suspirou e olhou para baixo.

— Jordan é responsável pela perda de uma vida. Não é para eu dizer mais: eu acredito que ele vai ser julgado por um poder superior quando chegar a hora, assim como todos nós.

Sua resposta foi apenas parcialmente satisfatória.

— Ele está realmente tentando, mas ninguém vai lhe dar uma chance. — eu disse, baixinho. — Até mesmo seus próprios pais agem como se o odiassem.

— Eu não sabia que você os tinha conhecido.

— Bem, só a mãe, esta tarde, quando eu dei uma carona para Jordan. Ela nem sequer conseguiu dizer "oi" antes de perguntar em que problemas ele tinha se metido. Ele mesmo diz que se odeia e ele tem que viver com isso vinte e quatro horas, sete dias por semana.

Ela sentou-se pesadamente em uma das cadeiras.

— Eu estava com medo disso. Eu pensei que ter Jordan em casa iria ajudá-los a trabalhar com os seus problemas juntos, mas a partir de como isso parece, isso não está acontecendo. Eu acho que eles sequer se entristeceram corretamente. Eles estão presos na etapa da raiva. Eles não conseguem superar isso. Tentei levá-los a fazer terapia, mas eles recusaram.

— Jordan disse que ele tinha um conselheiro na prisão, mas ele não disse o que eles falaram. Ele pode até não ter tido esse tipo de terapia.

Minha mãe balançou a cabeça. — Pelo que entendi, Jordan recebeu o tipo de aconselhamento que é projetado para ajudar um prisioneiro a se reajustar na sociedade antes de ser solto. Ele pode ter tido algum aconselhamento na época...

Ela não parecia muito certa.

— Terapia familiar poderia ajudá-los?

— Eu realmente gostaria de pensar que poderia, mas fazê-los não é o problema. Eu já até me ofereci para ajudá-los a partir de fundos de dificuldades da igreja, mas os Kanes são pessoas orgulhosas. — ela olhou para mim. — Querida, eu sei que isso não é algo que você acredita, mas você pode se juntar a mim em uma oração?

— Mãe...

— Basta ouvir, você não tem que dizer nada.

Ela ficou de joelhos e enfrentou o altar.

— Senhor, eu peço a sua ajuda divina para brilhar nos rostos de seus filhos, Gloria, Paul e Jordan Kane. Traga a paz em seus corações e luz em sua escuridão. Rogo também por minha filha, Torrey Delaney. Mostre-lhe o caminho, Senhor, e ajude-a a fazer as escolhas certas. Transformaste o meu pranto em dança; Tu és o meu cilício e me vestiu de alegria. Para que a minha glória possa cantar louvores a ti e não se cale. Senhor, meu Deus, vou dar graças a Ti para sempre. Peço por estas coisas em nome de Jesus. Amém.

Eu não sabia o que dizer então eu fiz uma piada sobre isso.

— Ei, você está ficando muito boa nisso, mãe!

Ela escalou fora de joelhos e levantou uma sobrancelha. — Bem, nossa! Obrigada, querida! Bom saber. Eu recebo um adesivo por isso?

Tudo bem, então talvez eu tenha um pouco do meu sarcasmo dela. Foi bem legal descobrir que eu não me importava tanto.

— Engraçado, mãe. Você poderia fazer stand up.

— Eu faço, querida, todos os domingos. Você deveria vir.

— Hum, não! — eu balancei a cabeça vigorosamente, e ela riu.

Meus pensamentos se voltaram para Jordan novamente.

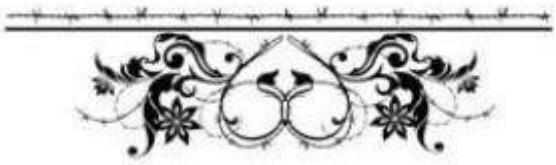
— Sério. Você acha que talvez pudesse falar com seus pais para que eles não lhe dessem um momento tão difícil?

Ela suspirou. — Eu vou tentar, mas eu não posso garantir nada.

— Obrigada, mãe.

Nós terminamos a limpeza em silêncio, cada uma perdida em seus pensamentos.

Capítulo Cinco - Expectativa



Torrey

Minha mãe me acordou ridiculamente cedo.

— Sinto muito, querida, mas eu tenho que sair para uma reunião com o bispo, em Houston. Eu só queria que você soubesse que eu vou contatar os Kanes para ver se eu posso encontrá-los. Vou tentar fazê-lo no caminho de volta, mas pode ficar muito tarde.

— E você não poderia ter colocado isso em um bilhete? — eu perguntei mal-humorada.

— Sim, eu poderia, mas eu queria ver seu rosto sorridente. — ela sorriu para mim.

— Tudo bem, mãe. Dirija com cuidado.

— Vou sim querida. Ah, mais uma coisa... você disse que os pneus de Jordan foram cortados?

— Sim?

— Bem, eu me lembrei de que há mais de um ferro-velho em direção a Corpus, cerca de doze ou quinze quilômetros da cidade. Deixei o endereço na mesa da cozinha para você. Achei que você poderia levar Jordan lá e ver se há

alguma coisa que poderia conseguir para sua caminhonete, que não seja muito caro.

Sentei-me na cama, empurrando um emaranhado de cabelo do meu rosto.

— Isso é muita gentileza sua, mãe, mas eu não acho que ele tenha todo esse dinheiro.

— Se você puder conseguir algo por US $ 50, eu vou pegar o dinheiro do fundo de dificuldade. Isso é o que está lá. Apenas certifique-se de conseguir um recibo.

Eu acho que nós duas ficamos surpresas quando eu a puxei para um abraço apertado. Nós não temos um relacionamento meloso, mas eu pensei que isso definitivamente justifica uma demonstração de afeto.

— Obrigada, mãe. Você continua me surpreendendo - eu gosto disso.

— Oh, você também, querida. Estou tão orgulhosa da jovem compassiva que você se tornou.

— Sim, não exagere mãe.

Ela riu e se levantou. — Não me espere! — ela disse por cima do ombro.

Eu estava bem acordada depois disso, então eu decidi ignorar o que Jordan tinha dito e ir buscá-lo. Então nós poderíamos dirigir direto para o ferro-velho e conseguir alguns pneus novos. Eu esperava.

E eu não tinha certeza se eu seria capaz de conseguir transportar quatro pneus de caminhonete na Princesa, por isso poderia ter que fazer duas viagens. Melhor começar logo.

Admito que tive um sentimento borbulhante animado no meu estômago com a ideia de ter um dia inteiro para gastar com o Jordan. Eu queria ajudá-lo, com certeza, mas havia mais do que isso. E não apenas o fato de que o cara era seriamente sexy. Eu queria *saber* dele, queria que ele tivesse a chance de ser a

pessoa que ele estava destinado a ser, não apenas a sombra de um homem que ele era agora.

E, merda, se eu tivesse que ficar nesta cidadezinha mais quatro ou cinco meses, eu poderia ajudar alguém a ter uma mudança, se pudesse. Caramba, eu estava virando minha mãe. Isso era uma espécie de maldição? Todos acabam se transformando em nossos pais, não importa o quanto nós lutamos contra isso?

Eu tomei meu tempo no chuveiro e puxei meu short jeans favorito para o meu não encontro com Jordan. Eu não estava com fome, mas eu estava desesperada para um café, então eu fiz um pote cheio, bebi dois copos e enchi uma garrafa térmica com o resto para dar à Jordan.

Eu estava um pouco apreensiva dirigindo para sua casa, especialmente depois da pequena cena de ontem à noite com a mãe dele, mas eu estou com sorte. Avistei-o correndo pela estrada, batendo sua mochila contra si a cada passo. Eu levei um momento para apreciar o deslizar suave de sua marcha, apesar da crosta grossa no joelho esquerdo, e tive o prazer de assistir seus músculos alongando e contraindo em suas coxas fortes.

Ele parecia um pouco preocupado e surpreso quando ele me viu. Estava tudo bem, era sua definição normal - uma que eu estava determinada a tentar mudar.

— Ei, cowboy! Será que você esqueceu seu maldito café? — eu gritei para fora da janela, acenando com a garrafa térmica para ele.

Ele esboçou um sorriso e inclinou contra o carro, um braço no teto do carro.

— Obrigado! Eu definitivamente poderia usá-lo. Você está saindo para o dia?

— Estou. Entra.

— Tudo bem. Eu posso fazer o meu caminho até a casa de sua mãe - você não tem que me dar uma carona.

— Entre, idiota, vamos às compras.

Ele estava no meio do banco quando ele pegou a palavra 'compras'.

— Hum, perdoe-me, mas o que foi que você disse?

— Você ouviu - compras! Não há nada de errado com a sua audição, Cowboy.

Ele colocou o cinto de segurança e me observou enquanto eu colocava o carro em movimento.

— Por que estamos indo as compras, Torrey?

Gostei da maneira como meu nome soou quando ele disse isso.

— Beeem. — eu disse, esticando a palavra da maneira que eu o ouvi pronunciar. — Minha mãe é um daqueles tipos de cristãos que gosta de fazer boas ações...

— Tenho notado. — disse ele, com a voz inexpressiva.

— Sim, e ela decidiu que eu posso ser sua ajudante, como...

— Bob Esponja e Patrick Estrela?

— Oh, cara! Você assistiu muuuuitos desenhos na prisão. Não, eu estava pensando em algo mais legal como Batman e Robin.

— Você acha que Robin é legal?

— Bom ponto. Bem, talvez não a versão Burt Ward[16]...

— Nenhuma delas.

— Tudo bem, então mulher-gato.

— Mulher-gato era arqui-inimiga de Batman.

[16] Ator que interpretou Robin na série de televisão Batman entre 1966 e 1968.

— Eu sei, mas a roupa era legal.

— Eu pensei que era sexy. — disse ele, levantando uma sobrancelha.

Eu gostei do jeito que ele estava quando ele fez isso.

— Sim, mas esse não é o ponto... — eu o lembrei.

— Portanto, há um ponto? — ele sorriu.

Eu adorava ver o sorriso dele, também.

— Tinha quando eu comecei, eu não tenho tanta certeza agora; eu continuo sendo interrompida por um gigante sabe tudo.

— Sinto muito.

— Desculpas aceitas.

— Então, onde estamos indo, de novo?

— Eu disse a você: fazer compras.

— Compras para quê?

— Você vai ver.

Ele bufou, parecendo irritado. *Iupi! Pelo menos ele não parecia ansioso ou com medo - progresso!*

Dei um tapinha em sua perna.

— Basta relaxar e desfrutar do passeio.

— Você pode voltar para a parte em que você estava dizendo que sua mãe gostava de fazer boas ações?

— Eu não sei, você vai me interromper de novo?

— Não.

— Promete?

— Sim.

— Hmm...

— Hmm?

— Não, eu mudei de ideia.

Ele rangeu os dentes com frustração e me lançou um olhar sujo.

Não pude deixar de rir alto e ver pelo canto do meu olho como ele quebrou outro sorriso. Se ele continuasse assim, sorrindo, iria se tornar um hábito.

Demorou cerca de 30 minutos de carro os quinze quilômetros para o ferro-velho, principalmente porque eu tomei uma curva errada fora da cidade. Então eu percebi que eu estava ficando perto do limite de dezesseis quilômetros de Jordan, e tive que dar meia volta e começar desde o início, transformando toda a viagem em um percurso de 56 quilômetros.

Jordan não parecia se importar. Nós conversamos sobre coisas aleatórias - filmes que ele gostava quando era criança, alguns que ele tinha visto enquanto estava na prisão.

Eu provavelmente deveria ter perguntado a ele o caminho para o ferro-velho, vendo como ele tinha vivido aqui desde que nasceu, mas eu queria fazer uma surpresa a ele.

Quando virei para o monte empoeirado, ele ficou definitivamente surpreso.

— Estamos no ferro-velho. — disse ele, sem rodeios.

— Sim, Capitão Óbvio. Estamos à procura de pneus de caminhonete. — eu expliquei, saindo do carro.

Um olhar de decepção atravessou seu rosto.

Merda. Talvez eu devesse ter dito mais cedo para onde estávamos indo.

Era um lugar deprimente. Carros e caminhões quebrados enchiam toda a área, o alumínio e aço reluzente sob uma camada de poeira fina, marrom. Os mortos haviam sido amontoados em piras de metais esmagados, esperando para ser retirado e reciclado - o *Soylent Green*[17] do mundo automóvel.

Uma montanha de pneus de borracha se destacou na escura parte traseira do lote. Era um lembrete desagradável de onde os carros vinham para morrer. Juro que meu Firebird estremeceu de terror.

— Hum, boa surpresa? — eu perguntei timidamente, arriscando um olhar para a expressão vazia de Jordan.

Ele franziu a testa um pouco e balançou a cabeça.

— Torrey, isso é muita gentileza sua, mas eu não tenho dinheiro para pneus novos. Eu te avisei.

— É verdade, mas você não estava pensando em recompensa de Deus.

— Você vai ter que explicar isso.

— Minha mãe me deu cinquenta dólares para que você consiga alguns pneus novos. E antes que você argumente, ele não saiu de seu próprio bolso, por isso não comece a reclamar sobre isso.

Ele cruzou os braços, um movimento que fez seus bíceps parecerem lambíveis, quer dizer, agradáveis - tanto faz - ele se inclinou para trás em seu lugar.

— Você quer dizer que o dinheiro veio do fundo de dificuldades da comunidade, não é.

— Ah, você adivinhou. — eu disse, fingindo um olhar desapontado.

— Eu não posso aceitá-lo. — ele estalou.

— Claro que você pode.

[17] Alimento feito de pessoas mortas no filme de mesmo nome de 1973. No texto, fazendo relação à reciclagem.

— As pessoas por aqui não...

— As pessoas por aqui não vão saber. E adivinha o que, mesmo que soubessem, não é da conta deles. Esse dinheiro é para minha mãe usá-lo como ela acha que seja justo. Além disso, você não acha um paradoxo interessante que foram as pessoas da comunidade que cortaram seus pneus, mas que a mesma comunidade vai pagar para substituí-los? Alguns podem chamar isso de acaso.

— Ou irônico.

— Ambos funcionam. — eu concordei, feliz que ele entendeu.

— Eu não sei... — ele começou, mordendo o lábio.

Eu quero fazer isso. Caramba, meu monólogo interior é uma prostituta com tesão.

— Eu *sei,* então saia da porra desse carro para me ajudar a encontrar o que estamos procurando, Auto Boy.

Ele fez uma careta, mas soltou o cinto de segurança. — Você com certeza tem um monte de apelidos para mim.

— Eu sei. Sou criativa assim. Você deve ouvir o que eu tenho para a minha nova madrasta.

— Eu não sabia que você tinha uma?

— Você não sabe tudo sobre mim. — eu disse, levantando uma sobrancelha.

Antes que ele pudesse responder, fomos abordados por um cara extremamente peludo, do tamanho de um lutador da WWE. Fiquei muito feliz que Jordan estava comigo, porque esse cara era seriamente assustador.

— Bem, bem. — ele mordeu fora, em uma profunda voz de barítono. — Se não é o notório Jordan Kane.

Ooh, eu não contava com isso. Espero que as coisas não estejam prestes a ficar violentas.

— Como você está Hulk? — Jordan perguntou, em voz baixa.

Oh nossa! Despertar um monstro de 180 quilos não é minha ideia de inteligente.

— Melhor do que você, rapaz, isso é certo. — então o monstro-homem estendeu um punho carnudo. — É bom ver você, garoto.

Eles apertaram as mãos em alguns movimentos complicados de homem e esbofeteou um ao outro nas costas. Jordan tossiu um pouco e eu não teria ficado surpresa ao ver sua espinha saindo através de um pulmão.

Então o Hulk virou para mim. — E quem é a moça bonita, seu cachorro!

— Dá um tempo. — Jordan murmurou, parecendo e soando envergonhado. — Esta é Torrey Delaney. Ela foi boa o suficiente para me dar uma carona.

— Ela foi?

— Oi! — eu disse brilhantemente, orgulhosa que a minha mão não tremia enquanto eu a estendia.

O Hulk levou os meus dedos cuidadosamente e deu à minha mão uma agitação suave, como se tivesse medo que eu desintegrasse se fizesse mais forte. Os olhos dele me avaliaram para cima e para baixo, em seguida, voltaram para Jordan.

— Então, o que você está fazendo deste lado, garoto?

— Preciso de alguns pneus para a caminhonete de Mikey, Hulk.

Ah, então 'Hulk' é o seu nome, não um insulto. E Jordan tem sido repressor comigo sobre apelidos.

— Sim? Quantos você precisa?

— Quatro.

Hulk pareceu surpreso. — O que diabos você fez?

Jordan não respondeu, de repente, achando a terra aos seus pés absolutamente fascinante, por isso entrei em cena com a resposta. — Alguns idiotas os cortaram.

Hulk voltou a olhar para Jordan, que ainda estava olhando para o chão poeirento.

— Acho que tenho o que você precisa garoto. — disse Hulk. — Pegue aquela chave de roda e siga-me.

Hulk abriu o caminho e eu segui na parte de trás.

— Ei! — eu murmurei para Jordan. — Quão bem você conhece esse cara?

— Muito bem, por quê?

— Apenas pensando. Eu não quero acabar no seu triturador de carro.

Jordan sorriu para mim. Ele tinha dentes bonitos.

— Não, você está segura. Hulk é um gatinho. — então, seu sorriso desapareceu. — Eu e Mikey aprendemos tudo o que sabíamos sobre carros com ele.

Hulk levou-nos passando por uma pequena montanha de metal mutilado, para a área de caminhão do ferro-velho, onde o mutilado e três rodas tinham igualado a um impasse, as peças de reposição amontoadas para o conforto.

— Sirva-se. — disse ele, acenando com o braço para as carcaças de plástico e alumínio.

Ele começou a caminhar de volta para o escritório.

— Hum, Sr. Hulk? — eu disse um pouco nervosa. — Temos apenas cinquenta dólares...

Hulk parecia divertido. — Não há nenhum custo.

— Oh, sério?

— Não.

E ele se virou novamente.

— Nesse caso...?

Ele olhou por cima do ombro, com uma expressão paciente.

— O que foi agora, garota?

Eu não gosto de ser chamada de 'garota', mas agora eu preciso de sua ajuda - e mais eu não sei se ele fica verde e dobra de tamanho, se ele fica bravo.

— Eu queria saber se você tem alguma tinta reserva para pintura do carro. A caminhonete de Jordan foi redecorada, também.

— É verdade?

Os olhos dele foram para o outro lado, para Jordan, que encolheu os ombros.

— Eu vou ver o que consigo encontrar. Por aqui.

Corri atrás de Hulk e ele me levou para um galpão atrás de seu escritório. Era uma abundância de tintas metálicas. Latas de todas as cores e todos os tamanhos estavam espalhadas ao redor. Algumas tinham secado ao pó, mas havia o suficiente para que ainda fossem utilizáveis.

— Uau! Isso é ótimo! Obrigada, Hulk.

Ele assentiu, em seguida, fez uma careta para mim.

— Você não é daqui.

Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Não, estou só de passagem.

— Ele não precisa de nenhuma mulher problema.

Revirei os olhos.

— Nem todas as mulheres são problemas.

— Se você diz.

— E seu ponto é?

— Jordan não é um garoto mau.

— Eu concordo. Francamente, eu estou um pouco surpresa por encontrar alguém que não seja minha mãe e eu que, na verdade, fale com ele.

Hulk me estudou de forma constante. — Você é aquela garota da senhora Reverenda, não é?

— Sim, sou eu. Culpada.

— Huh. Assim, Jordan é o seu caso de caridade - está certo?

Olhei de volta friamente. — Não há nada de errado com a caridade. Mas, tanto quanto eu estou preocupada, eu estou apenas ajudando um amigo. Qual é a sua desculpa?

Ele soltou uma gargalhada que me fez pular. — Bem, você é um rojão de fogos de artifício! Fico feliz em ver que Jordan conseguiu para si uma selvagem.

Então, ele caminhou de volta para o escritório, ainda rindo.

Fiquei sozinha com o estoque de tinta, sentindo-me um pouco confusa.

Quando eu tinha resolvido quais Jordan estava mais propenso a querer, eu estava muito empoeirada e suada. Eu peguei a garrafa térmica de café do meu carro e fui encontrá-lo.

Ele estava ainda mais sujo e suado. Acho que lutar com quatro pneus de caminhonete faria isso com um homem. Ele abandonou sua camiseta e estava usando apenas seus tênis e as largas bermudas cortadas. Elas deveriam vir com

um aviso de saúde, porque eu tinha certeza que eu ia ter um derrame por observá-lo ajustá-las em intervalos regulares.

— Ei, cowboy! Você esqueceu seu maldito café de novo! — eu gritei.

Ele se virou e me deu um grande sorriso, em seguida, aproximou-se e deixou-se cair ao meu lado na sombra do edifício.

— Você achou o que precisava? — eu perguntei, passando-lhe a xícara de café.

— Sim, quatro pneus bons.

— Excelente. A pergunta é: você acha que seremos capazes de levá-los todos na Princesa?

— Devemos conseguir três no porta-malas.

— Oh, bombom, porque muitas caminhonetes podem andar com três rodas.

— É, quem diria?

Dei um tapa em seu braço e ele se afastou, esquivando-se quando eu balancei novamente.

— Você joga duro! — ele disse.

Eu levantei uma sobrancelha e observei com prazer vingativo como suas bochechas ruborizaram novamente.

— Então, cowboy. Roda número quatro vai aonde? Ou teremos que fazer outra viagem?

— Bem, nós poderíamos. Mas se você não se importa, poderíamos colocar uma no teto.

Eu olhei para ele com desconfiança. — Não vai amassar?

— Não, se tivermos cuidado. Tudo o que precisamos é aquele cobertor que você tem na mala do carro para não arranhar a pintura. E eu vou pedir uma corda a Hulk.

— Bem, tudo bem então. Mas se houver um único arranhão ou amassado minúsculo, eu não posso prometer que não vou ficar violenta com sua bunda.

Ele sorriu e piscou para mim. Realmente, ele piscou! Iupi!

Cerca de 15 minutos mais tarde, depois de muito suor e xingamentos de Hulk e Jordan, os pneus foram todos carregados para dentro e em cima do meu carro. Eu não estava muito feliz com isso, e a Princesa parecia muito infeliz, mas os dois homens haviam prometido que meu carro iria sobreviver ileso.

A viagem de volta foi mais rápida, principalmente porque eu deixei Jordan me dar orientações. Ele estava encantado com a minha seleção de cores e prometeu que ele iria pintar algo memorável para encobrir a bagunça vermelha feia.

De volta à sua casa, ele começou a trabalhar de imediato. Ele ainda não tinha comentado sobre o que ele estava pintando, embora eu sentisse como se ele poderia estar esperando por mim para falar primeiro. Excepcionalmente para mim, eu não estava ansiosa para iniciar a conversa ali.

— Hum, Jordan, eu realmente preciso usar o banheiro. Eu tenho minhas pernas cruzadas, os olhos cruzados e se eu tivesse um rabo, teria um nó nele, também.

— Claro, sem problema. Há uma chave debaixo do tapete.

— Isso não é muito seguro! — eu reclamei.

Ele deu de ombros. — Eles sempre fizeram isso dessa maneira. Veio a calhar quando éramos crianças.

— O que, esgueirando meninas em seu quarto?

Ele sorriu.

— Não. Nunca teve uma menina no meu quarto.

— O quê? Nem mesmo um amigo que era uma menina?

— Não.

— Por que não?

Ele sentou-se nos calcanhares, pensando em sua resposta.

— Bem, eu acho que é porque eu fui de pensar que meninas eram estúpidas, para brincar de girar a garrafa durante a noite. Minha mãe leu o ato como motim, e Mikey e eu fomos proibidos de ter meninas na casa - para sempre.

— Oh, imagino: dois adolescentes. Eles provavelmente estavam preocupados em se tornar avós antes do tempo. Eles sabiam que proibir meninas na casa não necessariamente protegeria contra isso?

Ele sorriu maliciosamente. — Eu não acho que eles queriam saber, o que estava tão bem, tanto quanto Mikey e eu estávamos preocupados.

— Hmm, há uma história aí, Jordan Kane, e tenho a intenção de descobrir o que é. Mas primeiro eu preciso fazer xixi!

Depois que eu tinha terminado no banheiro, eu não consegui evitar dar uma olhada nos outros cômodos. Havia três quartos no andar de cima. Um deles era, obviamente, o quarto dos seus pais, eu não vou entrar lá; o seguinte, eu assumi que era de Jordan.

A cama estava feita e havia cartazes de vários times de futebol pregados nas paredes. Era uma bagunça, com vários pares de jeans e um par de camisas xadrez amontoados sobre a única cadeira. Livros foram enfiados em uma estante estreita, e quando eu olhei mais perto fiquei surpresa ao ver que a maioria eram livros didáticos do ensino médio.

Eu pulei quando ouvi a voz de Jordan atrás de mim.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu não podia deixar de querer violar a regra de 'nenhuma menina em seu quarto'. — eu disse, sorrindo para ele.

Ele franziu o cenho. — Este é o quarto de Mikey.

— Oh! — cor inundou meu rosto. — Eu sinto muito! Eu apenas assumi...

Olhei em volta novamente, desta vez vendo os sinais que eu tinha perdido antes: a camada de poeira sobre tudo, a sensação um pouco antiga, dos cartazes e fotos.

Um tremor frio passou por mim. Este quarto era um santuário. Nada tinha sido tocado. Agora que eu olhei de perto, pude ver que mesmo os lençóis da cama estavam cobertos com uma camada de poeira. Era insuportavelmente triste - mas também um pouco assustador.

— Você ainda quer ver o meu quarto? — perguntou ele, inclinando a cabeça para um lado.

— Você não precisa. Eu estava apenas curiosa.

Ele sacudiu a cabeça na direção da porta ao lado e a abriu.

Este quarto não poderia ter sido mais diferente. Na verdade, se eu estivesse olhando para comparações, eu diria que ele parecia uma cela. Não havia quadros nas paredes e na estante havia apenas dois livros: um de bolso rasgado que parecia que poderia ter vindo de uma venda de quintal e a Bíblia Sagrada.

Não havia pertences pessoais em tudo.

Olhei em volta, procurando por alguma coisa, mas não havia nada. Olhei para ele, confusa, querendo perguntar, mas temendo a resposta.

— Vá em frente. — disse ele. — Pergunte-me.

— O que aconteceu com todas as suas coisas?

— Eles queimaram.

Ele se virou e me deixou de boca aberta para o quarto vazio.

Eu me senti horrível que eu tinha invadido sua privacidade dessa forma, mesmo que ele não tinha nada a esconder. Bem, ele não tinha nada em tudo, o que foi mais triste.

Um enorme sentimento de tristeza pressionava meu corpo enquanto eu seguia Jordan descendo as escadas. O que faria a uma pessoa, vivendo dia após dia cercado por nada além de lembranças e ódio? Em muitas maneiras, a sua vida em casa parecia uma prisão, e eu comecei a entender a extensão dos problemas que ele enfrentou, bem como as razões para as paredes que ele tinha erguido em torno de si.

Mas talvez isso fosse pior? Na prisão, você não espera que alguém se importe com você. Mas ele não deveria ter uma expectativa de que ele seria amado por seus pais, não importa o quê? O amor de um pai não é incondicional? Acho que não.

Eu me perguntei novamente o que Jordan tinha feito para sofrer tanto ódio deles. Eu realmente esperava que ele me dissesse.

Eu desci as escadas na ponta dos pés, quase com medo de respirar naquela casa assombrada e sentei-me na varanda, observando-o trabalhar em silêncio para substituir os pneus cortados em sua caminhonete. Eu me ofereci para ajudar, mas ele se recusou, dizendo que iria mais rápido se eu apenas ficasse sentada.

— Onde você acha que você vai - quer dizer, quando sua liberdade condicional tiver terminado?

Ele mexia nervosamente com a chave de roda.

— Está tudo bem, você não tem que me dizer. — eu o tranquilizei. — Podemos falar de outra coisa, se quiser.

— Não, está tudo bem. Eu gosto de falar sobre isso com você. É apenas um pouco estranho para mim. Eu sinto que você é um sonho e eu vou acordar e descobrir que a minha vida realmente é totalmente uma merda depois de tudo.

Meu coração doeu de ouvi-lo, parecia tão infeliz.

— Jordan, você ainda tem alguns meses, em seguida, você pode deixar este lugar e nunca olhar para trás.

Ele suspirou e fechou os olhos.

— Não é assim tão fácil.

— Claro que é. Você diz: 'para o inferno com esta cidadezinha'. E então você entra em sua caminhonete e vai embora.

— Talvez para você seja fácil...

— Não, se é o que você quer - você apenas vai embora.

— Eu não possuo nada, Torrey. Nem mesmo esta velha caminhonete quebrada. Ela... ela pertencia a Mikey, e não há nenhuma maneira que meu velho me deixaria tê-la. Quase o mata que eu a dirija - bem, sem falar quando as pessoas saem cortando os pneus. Eu teria que sair daqui e pedir comida como um vagabundo.

— Mas pelo menos você estaria livre.

— Livre para morrer de fome? Enfim, eu não estou tão certo sobre ser livre. Minha verdadeira prisão é aqui. — e ele bateu um longo dedo contra sua cabeça. — 'Os homens não são prisioneiros do destino, mas apenas prisioneiros de suas próprias mentes'. Franklin D. Roosevelt. Ele sabia o que estava falando.

Fiquei impressionada. — Como você sabe isso? Eu era uma estudante de história e não sei a metade das coisas que você sabe.

— Universidade da vida. — disse ele, oferecendo um pequeno sorriso. — Eu tinha oito anos para fazer nada além de ler. Li todos os livros da merda da biblioteca - duas vezes.

— Veja! Eu sabia que você era inteligente!

Jordan parecia triste. — Mikey era o inteligente. Ele tinha uma bolsa de estudos integral para ir para UT em Austin. Eu era apenas seu irmãozinho burro, que arrastou minha bunda na lama e arruinou o nome da família. Todo mundo disse que eu não chegaria a ser nada - acho que eles estavam certos.

— Você não é nada. — eu disse, rispidamente. — Diga isso de novo e eu realmente vou te machucar.

Eu vi um pequeno e doloroso sorriso contorcer seus lábios.

— Você teve algum amigo que foi te ver na prisão?

Ele balançou a cabeça.

— Não, ninguém queria saber.

— E desde que você saiu?

— Não. Não posso dizer que os culpo. Eu não acho que eu iria sequer reconhecer qualquer um deles agora. Além disso, Mikey era meu melhor amigo...

— E você não fez amigos na... na prisão?

Ele deu de ombros.

— Talvez um cara no reformatório, mas não, não realmente. Fiz alguns contras - alguém para assistir a sua volta, sabe. Eu preferia manter a mim mesmo.

— Deve ter sido solitário.

— Sim e não. Você sabe alguma coisa sobre o Japão?

— Nossa! Muito aleatório?

— Eu li um livro sobre o Japão uma vez. É um dos países mais populosos do planeta; todos aqueles milhões de pessoas aglomeradas em quatro pequenas ilhas. Então todos têm que viver uns dos bolsos dos outros, sabe? E eles têm aquelas portas corrediças feitas de papel para dividir os quartos. Não há muita

privacidade. Então, eles ficam sozinhos por estarem dentro de suas cabeças. Isso era o que foi para mim.

Sim, eu entendo isso.

Ele voltou a se concentrar na caminhonete e entramos em um silêncio quase confortável.

Quando ele terminou, era fim de tarde, e meu estômago estava roncando, exigindo comida.

— Eu tenho uma ideia. — eu anunciei.

— Mais uma? — disse ele, sem olhar para cima.

Eu sorri para seu tom de voz. Eu gostava quando ele me provocava de volta.

— Algumas pessoas têm uma ao ano. — eu respondi. — Eu sou uma raça rara que às vezes tem ideias com frequência.

— Não diga. Vamos ouvir esta famosa ideia sua.

— Vamos voltar para minha casa. Eu vou preparar uma cesta de piquenique e nós podemos pegar sua velha caminhonete e encontrar um lugar fora da estrada para relaxar na praia.

— Relaxar?

— Você se lembra de quando relaxava? Eles inventaram isso na década de sessenta.

Ele olhou por cima do ombro para mim. — Eu realmente deveria fazer algum trabalho no quintal de sua mãe.

— Urgh, deixe isso! Ele ainda estará lá amanhã. Vamos dar um mergulho.

Ele sorriu. — Sabe, isso parece ótimo!

— Eu sabia que você iria gostar da minha ideia. Tenho muitas boas.

Ele ergueu as mãos. — Não vou discordar de você. Eu não ousaria!

Antes de eu sair, eu insisti que ele espirrasse um pouco de tinta sobre a palavra 'assassino'. Era uma cicatriz feia e eu não queria ter que vê-la novamente.

— Tudo bem, me pegue em cerca de 20 minutos!

Corri para casa e preparei um piquenique: frango frio, um pouco de sobra de salada e uma torta de maçã que eu tinha feito na noite anterior. Então eu adicionei alguns refrigerantes e uma garrafa com água - bom o suficiente.

Corri para cima e puxei o meu biquíni do armário e o enfiei na minha bolsa. Nada de nadar pelada na praia hoje - não que eu teria me importado, mas eu não acho que seria justo para Jordan.

Eu estava quase pronta quando escutei a caminhonete dele chegando.

Eu cambaleei para fora de casa, levando a enorme cesta de piquenique. Jordan saltou imediatamente de sua caminhonete e a tirou de minhas mãos. *Ah, ele era tão doce.* E uau, ele cheirava muito bem. Ele obviamente *teve* tempo para tomar banho, ao contrário de mim.

— Então, aonde vamos? Você conhece esta área melhor do que eu. Onde é um bom lugar para um mergulho?

— Eu conheço o local perfeito. — disse ele, com um sorriso.

Eu esperei. — E? É um segredo?

— Sim. — disse ele, com um olhar de satisfação no rosto.

— Oh, muito engraçado, Sr. Olho por olho.

Ele deu de ombros. — Eu acho que o que é bom para a gansa deve ser bom para o ganso, querida. — e então ele piscou.

Eu adorava ver esse lado lúdico dele emergir lentamente.

— Vá para o oeste, meu jovem, vá para o oeste.

Ele deu aquele sorriso safado para isso, outra pequena amostra do adolescente arrogante que uma vez ele tinha sido.

O rádio da caminhonete estava sintonizado numa estação local, e eu cantei junto enquanto ele dirigia.

Após cerca de quatro músicas ele se virou para mim com uma expressão espantada.

— Você sabe as letras de todas as músicas!

— Bem, sim. Eu gosto de ouvir música. É uma forma muito econômica de transmitir emoção, você não acha?

— Hum, eu acho. Eu realmente nunca pensei sobre isso.

— Além disso, eu gosto de visitar novos lugares sozinha. Eu ouço música enquanto dirijo. Não é nenhum grande mistério.

— É por isso que você está no Texas?

— Mais ou menos. Eu precisava ganhar algum dinheiro para viajar e eu precisava de um lugar para ficar enquanto eu o conseguia. Então eu pensei em vir ver a minha mãe.

— Você não é íntima dela?

Chupei uma respiração, considerando a minha resposta.

— Nós não éramos. Mas eu acho que foi bom que nós passamos um tempo juntas neste verão. Eu realmente não a tenho visto muito desde que eu tinha 13 anos e não em tudo desde que fiz 18 anos. Então, sim, é bom... sabe, tentando conhecê-la agora que eu sou uma adulta.

Ele balançou a cabeça, uma expressão grave no rosto. — Não posso dizer que sei o que é isso.

Eu não tinha certeza do que ele quis dizer com isso, mas eu achava que não era o momento nem o lugar para perguntar. Além disso, estava um dia lindo; eu não queria azedar seu humor.

Nós dirigimos em silêncio por vários minutos antes de ele resmungar que estávamos quase lá.

Ele saiu da estrada e dirigiu sobre dunas de areia por quase um quilômetro e meio antes de parar à beira da água, o oceano azul brilhante se estendendo em direção ao horizonte.

— Nada mal. — eu disse, sorrindo para ele. — Este lugar é lindo. — eu me inclinei e o beijei no rosto. — Obrigada por me trazer aqui.

Percebi imediatamente que eu tinha ultrapassado a fronteira invisível que eu tinha tentado manter no lugar. Seus olhos se fecharam e ele apertou fortemente o volante, os nós dos dedos ficando brancos com a tensão.

Quanto a mim, os meus lábios formigavam do contato com a sua bochecha e meu corpo queimava por ele.

Respirando fundo, eu abri a porta do passageiro e pulei para fora. Jordan veio alguns segundos atrás de mim, carregando a cesta de piquenique e o cobertor que ele tinha pegado do meu carro. Ele insistiu em carregar ambos quando nos estabelecemos a poucos metros de onde o oceano batia suavemente aos nossos pés.

As sombras já começavam a aumentar, e fiquei desapontada que nós saímos muito tarde para nadar. Eu estava ansiosa para lavar o suor e a sujeira do dia com um mergulho refrescante.

Eu abri o cobertor e sentei-me com as pernas cruzadas, estilo indiano.

— Deus, eu estou com tanta fome! É melhor você comer, cowboy, ou eu vou comer tudo à vista!

Ele assentiu, mas ainda parecia distraído. Então, eu joguei uma asa de frango nele, que ele pegou com facilidade, trazendo-o de volta ao presente.

Ele deu uma grande mordida.

— Isso está muito bom, Torrey. — disse ele, continuando a roer avidamente na carne.

— Eu sei. Eu sou a mulher perfeita: Eu posso cozinhar e eu dirijo um carro legal.

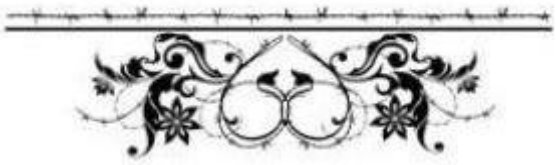
— Você é. — disse ele, em voz baixa. — Você é perfeita.

Seu humor era sério quando eu olhei para ele surpresa.

— Hum, obrigada. Eu estava brincando na verdade. Eu sou uma puta completa a maior parte do tempo e tenho zilhões de hábitos irritantes.

— Eu não estava brincando. — disse ele, segurando meu olhar. — Eu estou grato pra cacete que você está aqui. — ele tomou uma respiração profunda. — E eu realmente quero te beijar agora.

Capítulo Seis - Adiante



Torrey

Sabendo que era, provavelmente, um grande erro, eu estendi a mão e acariciei sua bochecha com a palma da minha mão.

— Eu realmente gostaria de beijá-lo, também.

O que deveria ter sido a sua sugestão para o mergulho em mim. Em vez disso, ele ficou olhando para a areia cobrindo seus pés descalços.

— Está tudo bem. — eu disse em voz baixa, tentando tranquilizá-lo. — Eu gosto do que você disse para mim. Você não precisa fazer nada agora. Eu não vou a lugar nenhum.

Ele suspirou e se inclinou na minha mão.

Timidamente ele estendeu a mão e passou os dedos gentis sobre o meu cabelo. Em seguida, ele inclinou o corpo para frente e me beijou, seus lábios apenas raspando junto aos meus.

Mudei a minha mão para a parte de trás de sua cabeça e puxei-o para mais perto, pressionando minha boca firmemente contra a sua. Ele gemia baixinho, a forma como tomou fôlego me dizendo o quanto isso o estava afetando.

Eu persuadi a abertura de seus lábios e lambi seu lábio inferior, em seguida, puxei-o delicadamente com os dentes. Um som como um gemido escapou dele, e eu poderia dizer que ele estava usando todas as suas forças para se impedir de atacar a minha boca com a sua.

Cautelosamente, eu mergulhei minha língua em sua boca e senti sua resposta hesitante enquanto ele se lançava contra mim. Ele tornou-se mais ousado, aprofundando o beijo e me puxando com ele quando ele se deitou no cobertor. Em seguida, ele girou, para que ele estivesse em cima de mim, seu corpo pressionando o meu.

Corri minhas mãos sob sua camiseta, sentindo os músculos definidos de suas costas e ombros sob meus dedos, algo que eu queria fazer desde o primeiro dia em que o vi. Puxei o material macio de seu corpo e ele fez uma pausa longa o suficiente para permitir-me puxá-la sobre sua cabeça.

Eu não tinha vindo para a praia com qualquer expectativa de ter relações sexuais com o Jordan. Quer dizer, sim, eu imaginava isso *muito,* mas eu não tinha pensado que ia chegar lá tão de pressa - se alguma vez chegasse.

Debrucei-me no meu cotovelo e levei um momento para apreciar a bela arte de suas tatuagens enrolando em torno de seus braços e ombros.

Então eu notei uma longa cicatriz na base das suas costelas.

— O que é isso?

Ele ficou rígido, com as mãos congelando na minha cintura.

— Briga de faca. — disse ele, por fim.

Eu acariciei a cicatriz com o meu dedo indicador, em seguida, inclinei-me para plantar um beijo nela.

— Obrigado. — disse ele, em voz baixa. — Você não sabe o quanto isso significa para mim quando você faz coisas desse tipo. Você é tão...

— Tão o que?

Ele pensou por um momento e depois acenou com a cabeça um pouco, quando ele encontrou a palavra certa.

— Tão compreensiva.

Eu considerei a sua escolha de palavras. Eu era compreensiva? Eu não tinha tanta certeza. A maioria das pessoas achava que eu era uma puta argumentativa e do contra, mas se ele queria pensar coisas boas sobre mim desse jeito, eu não ia discutir com ele.

— Você tem cicatrizes em suas juntas, também. — eu disse. — Elas se destacam contra o seu bronzeado.

Ele abriu os dedos no meu braço, olhando fixamente para a evidência de lutas passadas, como se ele nunca houvesse notado antes.

Mudei para as minhas costas, puxando-o para cima de mim novamente. Sua fascinação com as mãos desapareceu instantaneamente.

Em seguida, ele foi beijando meu pescoço, empurrando a minha camisa do meu ombro para encontrar a pele nua debaixo. Eu podia sentir o quanto ele me queria, mas ele estava pronto?

— Nós vamos fazer isso? — eu disse.

Ele hesitou e, em seguida, levantou a cabeça lentamente para olhar para mim.

— Fazer o quê?

— Bem, nós estamos tipo, em uma posição comprometedora aqui, e embora eu esteja interessada em levá-la todo o caminho, eu não quero empurrá-lo para fazer algo que você não quer.

— Oh, eu quero. — disse ele, com firmeza. — Foda-se, eu quero.

Ele me beijou mais forte e eu senti sua vontade e necessidade na forma como ele me tocou. Eu poderia dizer que era quase irresistível para ele.

— Você está tremendo.

Jordan parou de me beijar e caiu de costas. Não era a reação que eu pretendia em tudo.

— É... já faz um tempo. — disse ele, com a voz tensa de emoção. — Eu sei que eu não vou... durar.

Debrucei-me sobre um cotovelo e passei os dedos levemente pelo seu peito e estômago, observando seu corpo tremer sob o meu toque, sua ereção notável através de seus jeans.

— Então nós vamos ter que ir de novo assim que estiver pronto.

Ele gemeu e fechou os olhos. — Eu não tenho certeza se isso faz com que seja melhor ou pior.

— Vamos descobrir. — eu respondi, minhas mãos ocupadas com o zíper.

Ouvi sua respiração ficar presa em sua garganta quando puxei seu pau para fora da calça. Era grande e longo e bem educado, em pé para me cumprimentar. Parecia tão bom quanto eu imaginava e eu não podia deixar de lamber os lábios.

Seu estômago duro contraia e tremia enquanto eu o acariciava algumas vezes; sua respiração era superficial e seu coração estava disparado.

— Merda. — ele sussurrou, e eu não tinha certeza se era ou não para eu ouvi-lo.

Coloquei meus lábios sobre seu pau, deleitando-me com o cheiro de homem limpo e almiscarado que emanava dele. Ele não tinha ideia de como ele parecia celestial, deitado sob o céu escuro, esperando por mim.

Chupei delicadamente, e seus quadris empurraram duramente em minha boca.

— Desculpe. — ele suspirou. — Desculpe!

Eu sorri ao redor dele e comecei a lamber e chupar a sério.

Ele estava certo - ele não durou muito tempo.

Em poucos segundos ele estava empurrando em minha boca, e eu senti suas mãos puxando meu cabelo tentando me levantar dele.

— Eu vou gozar... eu vou...

Apreciei o aviso, mas eu não tinha nenhuma intenção de me afastar. Eu queria que esta primeira vez fosse especial para ele.

Ele estremeceu em minha boca pelo que pareceu uma eternidade. Eu pensei que eu ia ficar sem engolir antes que ele tivesse acabado, mas, finalmente ele acabou e eu pude sentar.

Seus olhos ainda estavam fechados e seu peito arfava, as mãos segurando o cobertor de cada lado dele.

Deitei-me perto dele, seus braços me envolveram, me puxando para seu peito.

— Santa merda! — ele disse.

— Bem, não exatamente, mas talvez da próxima vez. Embora, como eu sou filha de uma reverenda, eu acho que é perto o suficiente.

— Você é um anjo. — disse ele, baixinho. — Meu anjo da guarda.

— Se eu sou um anjo, estamos em mais problemas do que pensávamos. — eu disse, limpando meu queixo em seu peito nu.

Ele riu, um som grave, profundo. Eu percebi que eu nunca tinha ouvido uma verdadeira risada dele antes. Era um bom som, muito bom.

— Talvez nós dois tenhamos que ser maus juntos. — ele sussurrou contra meu cabelo.

— Funciona para mim. — eu disse.

Ele me puxou mais apertado, e eu o senti colocar um beijo no topo da minha cabeça.

— Qual é o problema? — eu disse, desafiadoramente. — Não quer beijar minha boca, agora que você gozou nela?

Eu podia ver pela forma como o seu corpo congelou, que ele ficou surpreso. Talvez até mesmo chocado.

— É isso que você acha? Deus, não! Eu poderia beijá-la durante horas. Eu acho que eu seria feliz apenas fazendo isso.

Eu não consegui evitar o sorriso que se espalhou pelo meu rosto.

— Sério?

— Claro que sim! Você tem os lábios mais lindos que eu já vi. Eu am... beijá-los é incrível.

— Prove.

Ele se moveu tão rapidamente, que eu não sabia o que estava acontecendo até que ele estava deitado em cima de mim, seu corpo pesado sobre o meu, seus lábios roçando minha boca.

O contraste de seu corpo duro e lábios macios estava me deixando louca.

Ele beijou meu peito, meu pescoço, meu rosto, minhas pálpebras, até a ponta do meu nariz. Em seguida, ele provocou os meus lábios com a língua até que eu agarrei seu cabelo e puxei-o para mais perto. Nossas línguas entrelaçadas e, em seguida, ele começou a me acariciar de forma incrivelmente sensual, cheio de sensibilidade e paixão. Eu estava tão excitada, que eu pensei que poderia gozar apenas com ele me beijando. *Isso* nunca tinha acontecido antes.

— Mulher bonita, quero fazer amor com você. — disse ele, com voz rouca. — Deus, eu te quero tanto agora.

Fiel à sua palavra, eu senti seu pau duro cavar no meu quadril.

— Uau, isso foi rápido. — eu comentei, descendo a mão para acariciá-lo.

— Um dos benefícios de estar na seca. — ele respondeu, entre beijos. — O *único* benefício.

Ele empurrou minha camiseta sobre os meus seios e a tirou, em seguida, correu a ponta da sua língua ao longo da borda do laço do meu sutiã.

— Tão linda. — ele murmurou.

— Só porque você não tem nada para comparar. — eu ri.

— Ei, isso não é verdade! Eu tive diversão no meu tempo e eu posso dizer-lhe que os seus seios são sensacionais pra caralho. Acho que este sutiã deve sair.

— Lembra-se de como fazer isso? — eu ri para ele.

Ele levantou uma sobrancelha e me deu um lento sorriso diabólico. — Eu acho que ele vai voltar para mim.

Ele deslizou o braço em minha cintura e me puxou bruscamente, em seguida, chegou por trás com o braço livre e puxou o elástico.

— Droga. — disse ele, depois de lutar com ele por alguns segundos. — Onde está o maldito fecho?

Eu não pude deixar de rir. — É um sutiã esportivo, gênio. Não há fecho.

— Porra! Eu realmente pensei que tinha perdido meu toque ali por um momento. Você é puro mal, mulher.

Sentei-me e levantei os braços sobre a cabeça. — Agora veja se você pode tirá-lo.

Com os dedos surpreendentemente suaves, dado como obviamente excitado ele estava, ele puxou o sutiã para cima do meu corpo e deslizou sobre meus braços e mãos.

Então ele me baixou de volta para o cobertor e começou a adorar os meus seios. Era a única maneira de descrever como ele beijou cada centímetro de

pele, pressionando seus lábios macios em minha carne, provocando meus mamilos deliciosamente duros com a língua.

Quando ele mordeu delicadamente com os dentes, um longo gemido voou da minha boca.

— Você gosta disso, Torrey?

— Deus, sim! Continue fazendo isso!

Estendi a mão para acariciar seu cabelo e deslizei meus dedos nos cachos desgrenhados em sua nuca.

Eu juro, o homem ronronou. Assim como um grande leão velho deitado ao sol.

Quando eu arrastei minhas curtas unhas em suas costas, arqueou o pescoço para longe de mim e seus olhos estavam bem fechados.

— Deus! Toda vez que você me toca eu acho que não pode ficar melhor, então simplesmente fica. — ele murmurou.

Eu empurrei seu jeans sobre a curva de sua bunda e usei meus calcanhares para empurrá-lo até os joelhos.

— Tire-os. — eu insisti. — Eu quero você nu.

— Sim, senhora! — ele disse com uma risada, chutando as pernas livres.

Seu belo corpo nu, pairava sobre mim e um arrepio de antecipação percorreu todos os nervos. Este homem era bom pra caralho.

— Eu acho que você deveria ficar nua também. — disse ele, acariciando meu pescoço com o nariz, com as mãos viajando pelos meus seios, levemente torcendo os mamilos.

— Vá em frente. — eu disse, o encorajando.

Dentro de poucos segundos, ele tirou meu shorts jeans de meus quadris, e eu vi seu maxilar cair aberto.

— Sem calcinha! — ele sussurrou. — Deus, mulher! Eu juro que você vai me matar.

— Bem, se esse for o caso, apresse-se e me foda primeiro!

Ele gemeu alto e começou a fazer uma trilha de beijos ardentes entre os meus seios e para baixo para o meu estômago.

— Cristo, você cheira bem. — disse ele, com a cabeça mergulhando para baixo. — Posso dar-lhe um bom e velho carinho sulista?

— Talvez uma outra hora. — eu disse, um pouco impaciente. — Agora eu quero sentir seu grande pau dentro de mim.

— Foda-se. — ele sussurrou.

— Essa é a ideia geral. — eu disse. — Enquanto nós ainda somos jovens.

De repente, ele rolou de costas, as palmas das suas mãos apertando os olhos.

— O quê?

— Eu não tenho nenhuma porra de camisinha. — ele gritou, furioso. — Eu nunca pensei... quer dizer, eu não...

— Oh, não seja tão idiota. — eu disse, empurrando seu ombro. — Você realmente acha que eu iria sair para um passeio na caminhonete de um cara quente sem um estoque de preservativos? Você com certeza perdeu seu jogo, Big Boy.

Ele rolou para o lado. — Você acha que eu sou quente?

— Inferno, sim! Agora, pare de me provocar e se apresse.

Eu arrastei o meu short para mim e me atrapalhei procurando a tira de preservativos que eu tinha guardado antes.

— Nós temos três. — eu disse, jogando-os para ele. — Enlouqueça.

Seus olhos brilhavam com desejo e determinação. Eu diria que o homem gostava de um desafio.

Ele rasgou o pacote com os dentes, um movimento que parecia brega em alguns caras, mas totalmente adequado a ele.

— Não perca as peças de reposição. — eu avisei.

— Porra, de jeito nenhum. — disse ele, sua voz firme. — Eu tenho toda a intenção de foder você até a exaustão, você e sua linda boca.

— Muitos já tentaram.

Suas mãos frenéticas acalmaram.

— Não diga coisas como essa, Torrey.

— Coisas como o quê?

— Sobre... o número de caras que você fodeu.

— Por que não? Eu gosto de caras; eu gosto de sexo. Eu não tenho vergonha disso. Devo fingir que eu sou virgem ou algo assim? É normal os caras se comportarem como cães e só receberem um tapinha nas costas. Mas quando uma mulher faz isso...

— Não foi isso que eu quis dizer! — ele gemeu.

— Então o que diabos você quis dizer? — eu rebati, começando a me sentir irritada.

— Eu só não quero que você pense sobre qualquer outro cara quando está comigo. Eu quero você *comigo* - você inteira. Não é só uma foda. Não para mim, não com você. Eu sei que você acha que é porque eu não tenho dormido com uma mulher há muito tempo, mas não é. É porque é você, e eu quis dizer isso quando eu disse que queria fazer amor com você.

Fui surpreendida por seu pequeno discurso.

— Deixe-me fazer amor com você, Torrey Delaney. — ele disse, sua voz suave e quase suplicante.

Eu assenti sem dizer nada e imediatamente seus lábios estavam nos meus, suave e forte, urgente e complacente.

Suas mãos acariciaram o meu corpo e provocaram meus seios, os polegares esfregando círculos suaves sobre os meus mamilos.

Eu podia sentir seu pau pressionando contra minha coxa agora, a massageando suavemente enquanto ele beijava meu corpo de cima a baixo. Então, uma mão deslizou entre as minhas pernas e esfregou suavemente contra o meu clitóris.

— Porra, você é tão boa, querida. Eu mal posso esperar para estar dentro de você.

— Então faça isso!

— Tão impaciente. — ele disse, com um sorriso na minha pele. — Eu esperei oito anos, eu não vou apressar isso agora.

Eu cedi o controle e decidi deixá-lo ir em seu próprio ritmo. Não era como se eu tivesse outro lugar para estar. Além disso, tinha sido um tempo desde que um cara tinha tomado o seu tempo comigo. Eu estava, geralmente, com pressa e não procurava por nada mais que uma rapidinha, por assim dizer.

Mas se Jordan Kane queria levar seu próprio doce tempo, quem era eu para discutir?

Ele deslizou um de seus longos dedos dentro de mim, me mostrando tudo aquilo que ele tinha ficado sem ao longo dos últimos anos, ele não tinha esquecido como tocar uma mulher.

Eu era uma bagunça trêmula de gelatina derretida em poucos segundos. Aqueles eram dedos talentosos que ele tinha. Não é à toa que ele era tão incrível a ajustar um motor. Droga!

Logo, eu estava além do pensamento racional, meu corpo se movendo a cada toque, como uma marionete que ele controla as cordas, puxando sensação após sensação de mim.

Assim que ele me trouxe para a borda e todo o meu corpo estava pulsando de desejo, ele tirou os dedos. Eu estava prestes a reclamar, quando senti a incrível plenitude de Jordan empurrando seu corpo no interior do meu.

Ele gemeu baixinho e se deteve um segundo quando estava totalmente revestido por meu corpo, obviamente, tentando recuperar o fôlego e evitar gozar antes da hora.

— Eu não vou ser capaz de segurar. — ele suspirou. — Foda-se, eu estou tão perto já!

— Então, não segure. Não reprima. — eu sussurrei, minhas unhas cavando em suas costas. — Eu quero que seja duro. Quero sentir cada parte de você agora. Eu quero sentir você gozar dentro de mim.

Era como se as minhas palavras o tivessem libertado, rompido uma barreira mental que ele tinha construído, porque ele fez exatamente o que eu disse. Seu quadril subia e descia rapidamente enquanto ele batia em mim, forçando-me mais e mais alto até o orgasmo.

Ele ergueu-se, tendo o seu peso sobre os antebraços e a mudança de ângulo enviou-me selvagem, seu osso púbico batendo rudemente contra o meu clitóris já sensível.

Eu gozei com tanta força que vi estrelas. Então me lembrei de que estávamos fora e era noite; eu ainda podia ver as estrelas quando eu abri meus olhos novamente.

Jordan gritou o meu nome quando ele gozou. Foi a coisa mais sexy que eu já tinha ouvido.

Eu tinha ouvido caras gritar um monte de coisas quando gozavam - principalmente nomes de outras garotas e um cara gritou “mãe” o que eu achei profundamente perturbador - mas Jordan era perfeito.

Seus bíceps tremeram e eu o puxei para baixo, então meus seios foram esmagados pelo peso de seu peito.

A respiração dele rugiu em meu ouvido enquanto ele lutava para tê-la sob controle.

Depois de um longo momento, senti a mão dele derivar para baixo, onde ainda estávamos conectados, e ele cuidadosamente se retirou.

Ele tirou o preservativo usado e deu um nó no final. Isso me lembrou de amarrar um nó no final de balões de festa e o pensamento me fez rir.

— O quê? — perguntou ele, voltando-se para olhar para mim, a dúvida nublando seus olhos castanhos.

— Oh, nada de mais. Apenas me sentindo bem.

— Sobre o que você estava rindo? — ele insistiu.

— Não vá ficar todo preocupado com o desempenho. Eu só estava pensando que os preservativos me lembram de balões de festa, isso é tudo.

— Sério? — disse ele, com o rosto enrugado de preocupação. — Porque eu não culpo você. Eu sei que foi fodidamente lamentável. Eu *sei* que posso fazer melhor do que isso e...

Apoiei em meu cotovelo para olhá-lo nos olhos, para que ele soubesse que eu quis dizer o que disse.

— Pare de se preocupar! Isso foi incrível. Caso você esteja se perguntando, todos aqueles gritos e golpes violentos, era eu tendo um maldito orgasmo incrível.

Ele ainda parecia preocupado. — Você não está apenas dizendo isso?

— Nossa, Jordan! Não! Eu já disse qualquer coisa para fazer você se sentir melhor?

Ele mordeu o lábio enquanto pensava sobre isso. — Eu acho que não.

— Bem, você está certo. Eu não saio por aí contando mentiras, até mesmo pequenas mentiras apenas para fazer as pessoas se sentirem melhor. E se um cara é um idiota meia bomba, digo-lhe como é. Você não tem nada para se preocupar. Por outro lado...

— Por outro lado, o quê? — sua voz era hesitante.

— Eu estou ansiosa para ter mais prática com você. Você tem oito anos para compensar. O que você diz?

Seu sorriso poderia ter iluminado Vegas.

— Eu digo que você é uma mulher muito sábia e eu tenho muita sorte por ter conhecido você.

— Agora você está entendendo. — eu disse, com um sorriso.

— Eu pensei que *eu* era o único entendendo?

— Não seja um cara. — eu disse, empurrando seu ombro. — Eu fui bem fodida - eu estou feliz.

Deitamos juntos e ele me puxou contra ele, seu corpo quente e sólido ao meu lado.

Eu descansei meu braço em seu estômago, braços cruzados puxando os poucos pelos que cresciam acima de sua barriga.

— Por que você tem todas essas tatuagens? — eu perguntei. — Eu estive pensando sobre elas. A menos que você as tinha aos 16 anos, você deve ter se tatuado na prisão.

Seus dedos que tinham estado flutuando para cima e para baixo no meu braço, pararam.

— Você é a única que sempre fala isso.

— Falo o que?

— Sobre a prisão. Todo mundo tem apenas vergonha e não sabe o que dizer. Os que falam comigo, de qualquer maneira. Mas você - você apenas fala.

— Você se importa?

— Deus, não. É um alívio, de certa forma. Quer dizer, isso aconteceu e eu não posso mudá-lo. Mas fingir que não aconteceu - e que eu sou normal como todo mundo - fica cansativo pra cacete.

Eu tomei uma respiração profunda.

— Jordan, você acha que você poderia me dizer agora? O que aconteceu com Mikey? Com você?

Ele me lançou um olhar de pânico.

— Torrey, eu...

— Você sabe que pode confiar em mim. Eu não vou julgá-lo.

— Você vai. — ele disse, com dificuldade. — Claro que você vai. E eu não vou culpá-la quando fizer.

Seus olhos estavam me implorando.

Suspirei e desviei o olhar. Nós ficamos ali durante vários minutos, sem falar, o ar mais frio crescente.

Eventualmente, sentei-me e comecei a puxar a minha roupa para mim. Sem dizer nada, eu passei a Jordan sua camiseta e jeans.

Acho que eu era boa o suficiente para foder, mas não para ele compartilhar algo importante comigo.

Nós nos vestimos em silêncio e eu comecei a ficar de pé, quando, de repente, senti a mão dele na minha.

— Eu tinha 16 anos. — disse ele, sua voz só um pouco mais alto do que um sussurro.

Eu me virei para olhar para ele, mas seu olhar estava fixo na areia na borda do cobertor.

— Nós comemoramos o aniversário de 18 anos de Mikey com os nossos pais na semana anterior. Isso foi... bom, mas meio chato.

Meu Deus! Ele está realmente falando comigo. Ele vai me dizer...

— Ryan, o nosso amigo, ele queria ter uma cervejada, enquanto seus pais estavam fora. E... eu disse que ia dirigir, então Mikey poderia tomar uma bebida. Quando chegamos ao Ry, o lugar estava cheio, carros em toda parte, as pessoas bebendo e dançando, gente se pegando por todo o lugar. Você sabe, coisas normais.

— Mikey ficou com esta menina Sonia, que ele saía algumas vezes. Fui procurar por Allison. Quando eu a encontrei, ela já estava muito bêbada. Vendo como as pessoas já estavam indo embora, decidimos passar a noite. Eu comecei a beber e Allison estava sendo uma vadia porque uma de suas amigas estava dando em cima de mim.

Ele suspirou.

— Eu não estava a desencorajando muito, eu acho. Enfim, chegamos a uma briga e Allison começou a gritar comigo. Saí e procurei Mikey. Ele estava chapado - fumando maconha e essas merdas. Eu disse que estava indo embora e ele tentou me convencer a ficar. Discutimos um pouco, e em seguida, ele disse que iria dirigir. Cara, ele estava tão alto, ele não podia nem ver direito. E... eu tinha as chaves.

Jordan deu um suspiro trêmulo.

— Então Mikey entrou no carro comigo, dizendo “Irmãos antes de mulheres”, e eu comecei a dirigir para casa.

Seu corpo estava tenso ao meu lado, mas não me atrevi a chegar a tocá-lo. Ele parecia tão distante, perdido em suas memórias.



Jordan

Lembro-me de tudo.

Lembro-me de ligar o rádio bem alto para manter-me acordado pela curta viagem de carro de volta, mas eu acho que adormeci ao volante, porque a próxima coisa que eu sabia era que o carro tinha saído da estrada, capotado e batido em uma árvore.

Eu acho que não fiquei apagado por muito tempo, porque eu me lembro de rastejar para fora do carro e ver as rodas ainda girando, girando e girando. Eu não conseguia entender por que Mikey não estava no carro comigo. Eu estava cambaleando por toda parte, chamando seu nome.

— Meu Deus! O que aconteceu depois?

Que porra é essa?

Confuso, olhei para cima, voltei do passado doloroso, e vi os belos olhos azuis de Torrey me observando. *O que eu estava falando? Eu disse tudo isso em voz alta?*

— Você não tem que me dizer se é muito difícil, Jordan.

Nós ainda estávamos na baía, ainda deitados sobre o áspero cobertor, com seus braços em volta de mim.

Fechei os olhos, viajando de volta para aquela noite novamente, através daquelas memórias sombrias.

— Alguém deve ter visto o carro sair da estrada porque havia pessoas lá bem rápido. Lembro-me de pensar que estava cego de um olho, mas era só por

causa de todo o sangue. Eu tinha um corte na cabeça e um retalho de pele estava pendurado para baixo. Eu não percebi. E então meu pé ficou preso em alguma coisa e caí sobre isso - eu literalmente tropecei em seu corpo. Eu não o reconheci no começo.

Dizer esta parte da história dói tanto. Eu não consigo respirar, meu peito dói, e é como se simplesmente tivesse acabado de acontecer.

— Ele não estava usando o cinto de segurança, foi jogado através do para-brisa. Seu rosto tinha... sumido. Mas eu reconheci a sua camiseta, e eu sabia que era ele. Eu estava gritando, eu acho. Eu me lembro disso. Eles me disseram mais tarde que era eu. Quando eu me lembro, é como se alguém estivesse me dizendo sobre isso, sabe? Como se fosse um filme - só que eu *sinto* isso. Tudo isso.

Torrey segurou minha mão tão apertado, meus dedos começaram a formigar. Eu não me importava, porque eu não queria que ela soltasse. Eu não quero que ela nunca deixe ir.

— Alguém me puxou para longe, um cara. Eu nunca soube quem ele era. Apenas um transeunte azarado. Lembro que ele colocou seu casaco sobre o rosto de Mikey, e eu estava gritando que ele não seria capaz de respirar assim; que ele iria sufocar. E esse cara continuava dizendo “Ele se foi, filho. Ele se foi.” Mais e mais. Houve uma ambulância e, em seguida, a polícia. Eles me levaram para o hospital primeiro e me costuraram. Acho que eu estava em estado de choque, porque eu continuei perguntando-lhes por que estava tão frio, e eu não conseguia parar de tremer. A polícia queria me interrogar e alguém teve que ligar para os meus pais. Lembro-me de minha mãe gritando e chorando, e ela caindo no chão, e meu pai estava a segurando e chorando também. E eu estava sentado lá e todo mundo estava olhando para mim como se eu fosse algum tipo de monstro. Eu continuei perguntando a eles sobre Mikey: “Onde está meu irmão? Eu preciso ver o meu irmão.” Eu acho que eu sabia que ele estava morto, mas eu não queria acreditar.

Torrey passou os dedos na minha bochecha e me beijou suavemente.

— Oh meu Deus, Jordan! Eu sinto muito.

Eu encontrei seus olhos e fiquei surpreso ao ver que eles estavam brilhando com lágrimas.

— Meu Deus. — ela continuou, sua voz caindo para um sussurro. — Isso é só... horrível e terrível e uma merda - mas foi um acidente.

Ela colocou os braços em volta de mim e me senti tão bem em tê-la lá, me ancorando no aqui e agora.

— Eu não posso imaginar o que você passou. — disse ela, em voz baixa. — Quer dizer, você era apenas uma criança. E lidar com tudo isso sozinho.

Eu senti o toque suave de seus dedos na minha pele e eu queria que esse sentimento durasse para sempre.

— Você não está sozinho agora. — disse ela.

E eu senti isso. Eu o senti em suas palavras, em sua voz e em seu corpo. Fechei os olhos: Eu não estava mais sozinho.

Rolei para o meu lado para olhar para ela.

— Você ainda está aqui. — eu disse, baixinho. — Eu tinha certeza de que você teria fugido para as colinas agora.

Ela sorriu tristemente.

— A vida te deu uma merda e eu não posso imaginar como foi para você perder o seu irmão assim...

— Eu não o *perdi!* — eu rebati. — Eu o *matei*!

— Foi um acidente.

— Isso não faz nenhuma diferença!

— Eu acho que faz.

— Ele ainda está morto!

— Sim, ele está. E você está vivo, então pare de agir como se você devesse ter sido enterrado com ele.

O quê?

— Eu realmente quero dizer isso, Jordan. Você tem que parar de se torturar - foi um acidente!

— Todo mundo aqui pensa que eu sou um assassino.

— Jordan, não!

— Meus próprios pais pensam isso, Torrey. Inferno, mesmo *eu* pensei isso... penso isso.

— Mas...

— É o que eu sou. Eu quase matei um homem - na prisão. Eu queria.

Ela fechou os olhos por alguns instantes.

— Diga-me. — disse ela, uma expressão determinada no rosto.

Virei à cabeça para olhar para ela.

— Você quer dizer que os fofoqueiros da cidade ainda não lhe contaram essa história também?

— Não, mas mesmo que tivesse, eu gostaria de ouvir a sua versão.

Suspirei e olhei para baixo.

— Bem, o que eles dizem é na maior parte verdade, de qualquer maneira. Entrei em uma briga - um cara foi esfaqueado. Eu tenho a culpa. A verdade é que eu estava no lugar errado na hora errada. — eu olhei para ela de lado, observando suas expressões à medida que fluíam em seu rosto. — Eles me acusaram de tentativa de homicídio. Quer dizer, inferno, a arma - a faca - não era nem mesmo a minha. Eu deveria ter sido acusado por agressão, ou agressão com uma arma mortal no máximo, mas... eu não sei... quer dizer, eu não tenho certeza de como acabou assim para mim. De qualquer forma, eu peguei sete

anos. — eu sorri, e os lábios de Torrey viraram para baixo. — Eu tenho nove meses a menos por bom comportamento... e superlotação. Agora, eu estou servindo os últimos seis meses em liberdade condicional...

Minha voz sumiu.

— O que começou a luta?

Dei de ombros.

— Acontecia o tempo todo. É difícil não ser arrastado para coisas, sabe, ficar neutro. Havia dois grandes grupos que circulavam no reformatório: a ABTs, a Aryan Brotherhood[18]; e EPT, a El Paso Tangos[19]. Sendo branco, eu deveria juntar-me à ABTs. — eu continuei. — Mas eu só queria ser deixado em paz. Mas querer e conseguir - são coisas diferentes. Dois deles me pegaram sozinho. Eu consegui isso. — eu levantei a minha camiseta e apontei para a cicatriz branca na base das minhas costelas. — E eu virei à faca em um dos membros da quadrilha - quase matei o filho da puta.

Olhei diretamente para ela.

— Eu queria matá-lo. Eu teria, se eles não tivessem me arrancado dele.

Pela primeira vez desde que eu a conheci, ela parecia assustada, com medo de mim. Uma dor aguda, acentuada ameaçou dividir meu peito aberto. Ela estava com medo de mim. Mas talvez isso fosse uma coisa boa, mesmo que me matasse. Ela precisava saber sobre a escuridão dentro de mim.

Eu segurei seu olhar enquanto eu continuei, minhas palavras e memórias implacáveis.

— Eu tinha me dado um pulmão perfurado, mas eu estava com quase 18 anos até então - meu registro no reformatório teria sido selado. — eu dei uma risada sem humor. — Eu não fui considerado apto para ser deixado entre

[18] Irmandade Ariana.

[19] O Passo de Tango.

pessoas decentes. Eles me moveram direto do reformatório para a prisão. Mas as gangues não eram tão ruins lá. Foi quase um alívio.

Olhei para ela novamente, mas ela estava olhando para as luzes da cidade refletindo na água, à distância.

— Eu acho que você sabe o resto. — eu disse.

Eu estava tentando ler seus pensamentos pelo seu rosto, mas eu não podia ver seus olhos, então eu não tinha certeza do que ela estava pensando ou sentindo.

— Obrigada por me dizer. — disse ela, calmamente.

Ela não parecia mais com medo e eu não sei como me sentia sobre isso. Em vez disso, eu queria pedir-lhe para não me deixar. Eu estava com medo do que ela diria quando ela tivesse tempo para pensar sobre tudo. Mas Cristo, eu estava tão aliviado que ela ainda estava aqui comigo agora.

Eu só queria saber quanto tempo duraria.



Nós não falamos muito depois disso, e Torrey estava quieta no caminho de volta. Toda vez que eu ariscava olhar para ela, ela estava olhando para fora da janela.

Eu silenciosamente pedi-lhe para falar, para dizer alguma coisa, mesmo que fosse para gritar comigo. *Basta dizer alguma coisa!*

À medida que os segundos passavam e ela ainda não falava, eu senti como se já a tivesse perdido, e isso doeu pra caralho. Eu acho que eu não poderia suportar a perda de mais alguém que eu me importava, que eu amava.

Eu sempre soube que eu teria que lhe dizer a verdade em algum momento, eu só esperava que não tivesse sido tão breve. Mas eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes que alguém dissesse a ela, talvez a própria mãe, então quando ela perguntou - de novo - eu tinha que dizer a ela.

Eu me sentia enjoado, revivendo tudo isso, e eu percebi que ela foi a primeira pessoa que eu havia dito sobre como Mikey morreu, desde a porra daquele inútil psicólogo na prisão. Foi uma experiência completamente diferente dizendo a Torrey, e toda a velha culpa e dor tinham me inundado de volta. *Por que* eu fui tão estúpido naquela noite? *Por que* eu entrei no maldito carro? *Por que* era eu quem tinha sobrevivido? *Por que* foi Mikey quem pagou? E meus pais, também. Nós tínhamos pago, pago e pago, mas a dívida *nunca* iria embora. Eu nunca terminaria o pagamento. Nunca.

Quando olhei para o futuro que eu tinha, eu só vi cinquenta anos vazios caminhando através de cada longo e solitário, dia cinzento. Parecia insuportável. E se Torrey não quisesse ficar comigo, eu não tinha certeza se queria enfrentar essa jornada.

Pensei que dizer a ela tinha sido a coisa certa a fazer, mas agora eu me perguntava se ela só parecia que tinha aceitado bem. Talvez ela estivesse em estado de choque. Talvez ela tivesse medo de mim agora. Talvez ela estivesse aborrecida porque dormiu comigo. Talvez ela só quisesse ficar longe de mim...

Quando eu parei em frente à sua casa, ela ainda não tinha falado. Eu senti como se minha pele iria abrir da tensão queimando dentro de mim.

— Torrey, eu...

Mas eu não sabia o que dizer para fazê-la ficar.

Ela suspirou profundamente, e meu coração murchou.

— Jordan, hoje à noite... obrigada por me dizer.

Eu assenti e engoli o medo. — Será que... isso... muda... as coisas?

Claro que sim.

Ela não respondeu de imediato, e a tristeza em seus olhos, acima de tudo, me matou. Eu desejei que ela me matasse. Eu desejei que ela pegasse uma arma e atirasse na minha cabeça fodida, ao invés de me rasgar lentamente de dentro para fora.

— Eu acho que eu entendo... as coisas... um pouco mais. Eu só preciso... deixar tudo acalmar.

Oh Deus...

Ela se inclinou para frente e tocou meu rosto com a ponta dos dedos, virou-se e saiu, saltando da caminhonete.

Parecia um adeus.

Palavras tentaram se forçar para fora da minha garganta, mas viraram pó antes de chegarem os meus lábios.

— Vejo você por aí, Jordan. — disse ela, com a voz distante e triste.

E então ela se foi.

Sentei-me a olhar para a casa dela, querendo que ela mudasse de ideia, desejando que ela viesse falar comigo - me notasse. Mas uma por uma, as luzes se apagaram até que a casa estava escura e silenciosa.

Sentindo-me enjoado, fui para casa devagar.

Arrastei-me até as escadas para o meu quarto e caí na cama. Eu ainda podia sentir o cheiro dela em mim, ainda que o cheiro estivesse enfraquecendo - flores silvestres.

Eu esfreguei as palmas das minhas mãos sobre meus olhos, forçando-os fechados. Mas eu estava com medo de cair no sono, porque então seria tudo como um sonho, e quando eu acordasse, eu estaria sozinho novamente em um pesadelo.

Sentei-me, olhando para a escuridão.

Um erro.

Isso é tudo o que tinha precisado.

Um estúpido, infantil, fodido erro. E tinha rasgado minha família em pedaços, meu irmão está morto. Morto. Por minha causa. Eu via todos os dias o que eu tinha feito, a dor que eu tinha causado. Na prisão, eu tinha estado isolado, protegido contra as consequências de minhas ações. Enquanto eu era o único sofrendo - o único que pensei que estava sofrendo - era justo, era justiça. *Cristo, quão egoísta eu tinha sido mesmo assim?* Mas isso? Como isso era justo? *Por que estou vivo?*

Eu apertei as pontas dos meus dedos contra meus olhos, tentando pressionar para trás as imagens que quebram meus sonhos todas as noites.

Eu não aguentava mais. Vendo a tristeza e dor nos olhos de Torrey quando ela olhou para mim. Eu estava destruindo sua vida, também. Eu estava danificado, eu sabia disso. Minhas bordas quebradas cortam todos que estão perto de mim.

Eu encontrei-me de pé na cozinha, chegando até a gaveta onde as facas são mantidas.

Minha mão puxou uma pequena faca, de lâmina longa. Fina. Afiada. E eu a segurei contra meu pulso, observando o brilho do luar contra a lâmina.

Um corte longo e ascendente, isso é tudo que eu precisava. Não em todo o pulso, mas seguindo as linhas azuis que mapeiam seu caminho em toda a minha pele.

E eu estava ali, pronto, esperando. Por algo. Uma razão para viver. Uma razão para morrer.

Eu fiquei lá.

Segurei a faca com tanta força, minha mão começou a tremer e suor turvou minha visão.

Faça-o. Faça certo desta vez. Ponha-se fora de sua miséria. Acabe com isso. Faça agora.

Eu fiquei lá.

E então eu pensei na maneira como Torrey me segurou.

Caí no chão, ainda segurando a faca, ainda disposto a terminá-lo. Mas eu não poderia fazê-lo. Lembrei-me da maneira que Mikey tinha vivido, rido e amado, e eu simplesmente não podia fazê-lo.

A faca escorregou de meus dedos, fazendo barulho no chão.

Fiquei lá, sozinho com meus pensamentos.

Eu tive algumas noites longas na minha vida, mas essa foi uma das mais escuras e uma das mais longas. Uma das mais solitárias.

Uma hora antes do amanhecer, eu me levantei e coloquei a faca na gaveta. Ela estaria lá quando eu precisasse, me esperando. Mas não esta noite.

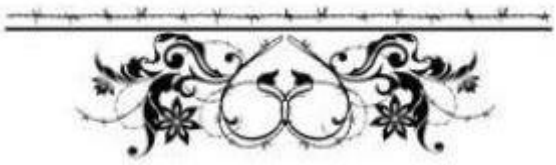
Eu fui para a garagem e levantei pesos até que meus músculos queimaram, tanto quanto meu cérebro. Eu não me importava que eu tinha um dia inteiro de trabalho pela frente. Eu precisava sentir algo diferente do horror.

O céu passou de preto para veludo roxo, cinza, quando a cor vazou de volta ao mundo. Este mundo. Meu mundo.

Eu podia vê-la em breve. Talvez.

E se eu não pudesse? E se ela se recusasse a sequer olhar para mim novamente?

Capítulo Sete - Oportunidades



Jordan

Eu nem sequer tentei comer o café da manhã. Tomei banho rapidamente e vesti a roupa de trabalho. O tempo todo, eu não conseguia parar de tremer as mãos.

Meus pais ignoraram minha presença. Eu estava acostumado com isso, e eu estava começando a preferir assim.

Cheguei à reitoria muito cedo. O carro da Reverenda já tinha ido embora, mas a Princesa estava estacionada na garagem. Olhei para a janela de Torrey. As cortinas ainda estavam fechadas, a janela escura sob o sol de manhã cedo.

Vesti minhas luvas de trabalho e comecei a cortar as silvas, meus pensamentos caóticos, mas enjaulados.

Foi quase uma hora depois que eu ouvi a porta de tela ranger abrindo, e uma sonolenta Torrey estatelou-se no degrau da varanda.

Ela estava carregando duas xícaras de café.

— Por que você está aqui tão malditamente cedo? — ela resmungou, acenando para mim.

Porra, eu estava tão grato que ela ainda estava falando comigo, que eu só a olhava, meu coração martelando dolorosamente.

Ela piscou para mim, parecendo confusa.

— Muito ansioso? — ela riu.

— Deus, sim. — eu admiti incapaz até mesmo de fingir que a visão dela não me afetou profundamente. Eu me soltei da prisão do desespero e caminhei em direção a ela como um sonâmbulo.

Ela estudou o meu rosto e passou o dedo indicador na minha barba por fazer quando me sentei ao lado dela.

— Você parece uma merda Jordan. O que está acontecendo?

Eu não conseguia olhar para ela.

— Diga-me. — ela pediu, com a voz subitamente suave.

— Eu... eu não consegui dormir. Eu não consegui desligar meu cérebro. Eu... eu não tinha certeza... depois do que eu te disse... eu não achei que você iria querer...

— Oh. — ela disse baixinho. — Você ficou preocupado a noite toda que, o que...? Que eu não falaria com você hoje?

Eu concordei em silêncio, e ela deu um suspiro exasperado.

— Você é um idiota, Jordan Kane. Eu disse que iria vê-lo hoje. Venha aqui.

E ela fechou a pequena distância entre nós, inclinando a cabeça no meu ombro.

— Eu acho que eu deveria ter dito algo mais para você ontem à noite. — ela murmurou. — Desculpe. Foi um choque... e eu estava pensando sobre tudo o que você disse, tudo o que você passou. Mas eu nunca quis que você pensasse que eu... — ela hesitou. — Estou muito feliz que você me disse. É muita coisa para eu assimilar - para qualquer um assimilar. Isto é provavelmente porque as pessoas são tão babacas com você - eles realmente não sabem o que fazer então elas atacam.

Eu não tinha certeza sobre isso, mas enquanto Torrey ainda continuasse falando comigo, isso era o suficiente. Eu respirei com alivio, o meu desespero acalmado por suas palavras.

— Você tem que me dizer o que você está pensando. — disse ela, dando um beijo no meu braço nu.

Eu assenti, mas não falei.

— Nós vamos ter que fazer algo sobre suas habilidades de comunicação. — disse ela, uma risada tranquila enviando ondas suaves através de seu corpo para o meu.

— Eu acho, — eu disse, lentamente. — Que conhecer você foi a melhor coisa que já me aconteceu.

Você não sabe, mas você me salvou Torrey Delaney.

Ela sorriu. — Eu estou feliz que eu conheci você, também.



Torrey

Ele pareceu assombrado esta manhã quando ele me viu, foi como se tivesse visto um fantasma. Eu me senti horrível que eu o tinha deixado com a impressão de que eu não poderia lidar com o que ele me disse.

Eu me aconcheguei mais nele, apreciando a sensação incomum de carinho do cara que eu tinha tido relações sexuais. Eu estava mais acostumada com o Pá Pum obrigado madame, e acordar sozinha novamente pela manhã. Embora, para ser justa, até agora, isso era praticamente tudo o que eu

queria de um homem, especialmente nos últimos tempos. Transe, vá embora. Não se apegue.

Conexão emocional tinha sido uma maldição para mim desde Jeremy - Jem - quando eu tinha 18 anos. Eu pensei que tinha me apaixonado, mas não era um quarto do que eu sentia por este homem danificado sentado em silêncio ao meu lado. O pensamento me assustou, mas não o suficiente para que eu não pudesse ver onde isso poderia ir.

Era real. Ele era real, e talvez eu pudesse parar de correr. Talvez.

Ao mesmo tempo, eu tive que admitir para mim mesma que ele me assustou ontem à noite. Não com sua revelação do que havia acontecido com Mikey, mas com a frieza que ele falou que queria matar um homem quando estava no reformatório.

Um arrepio de medo passou por mim. Eu sabia o que Jordan estava tentando me dizer: ele acreditava que ele era um assassino.

Mas não é isso que temos dentro de todos nós? Matar ou ser morto? Essa era uma pergunta que cada um de nós poderíamos fazer em nossas horas mais sombrias: Pelo quê eu estaria disposto a morrer? Pelo quê eu estaria disposto a matar?

Eu não podia responder a isso.

Eu percebi, que apesar de tudo o que ele tinha dito, tudo o que ele me disse, eu cruzei uma linha com Jordan e, surpreendentemente, eu estava bem com isso.

Eu dei um tapinha na sua coxa e me levantei.

— Eu tenho algumas tarefas para fazer antes de começar este novo emprego em alguns dias, mas você quer fazer algo depois que você sair do trabalho?

Seu sorriso era como o sol saindo.

— Talvez nós pudéssemos ir para a baía de novo. — sugeri, levantando as sobrancelhas. — Dar um mergulho neste momento? Não se desespere - não é um encontro, apenas dois amigos indo nadar.

— Sim, senhora. — ele disse, com um sorriso dividindo seu rosto.

— Tudo bem, bem, eu vou encontrá-lo aqui e você pode dirigir. Eu não quero correr o risco de levar a princesa sobre aquelas dunas. — atirei-lhe um olhar malicioso. — E se você estiver todo suado do trabalho. — eu disse, tentando não lamber os lábios. — Um mergulho agradável e refrescante vai ser ainda melhor. Não se preocupe com um traje de banho.

Ele gemeu e eu pisquei para ele.

Então eu peguei as duas canecas de café e o deixei sentado no degrau, me olhando atordoado.



Jordan estava esperando por mim quando voltei à reitoria no final da tarde. Eu tinha passado o dia discutindo por telefone com o meu banco, tentando estender o meu cheque especial. Talvez eu tenha também feito um tratamento de beleza, que eu não podia pagar, mas totalmente merecido.

O olhar ansioso de Jordan desapareceu assim que ele viu a princesa entrando na garagem.

Ele saltou para fora de sua caminhonete e se inclinou na minha janela. Parecia que ele estava prestes a me beijar, mas em seguida, ele se endireitou, enfiou as mãos nos bolsos, e me deu um sorriso tímido em vez disso.

Tomei a iniciativa e saí do carro, chegando para roçar um beijo suave na sua bochecha.

— Oi! Está pronto para ir?

— Claro, querida.

— Ótimo. Então, você vai me deixar dirigir a sua caminhonete?

Ele pareceu surpreso, então encolheu os ombros.

— Eu acho que você só pode morrer uma vez.

Seu sorriso desapareceu imediatamente e, desta vez, era óbvio que ele estava se batendo pela escolha de palavras.

— Jordan. — eu disse, pegando a mão dele. — É apenas um ditado. Como o que eu disse, "quem morreu e colocou você no comando". As pessoas dizem coisas assim o tempo todo. Você tem que parar de ser tão sensível sobre isso ou isso vai feri-lo toda vez - e eu sei que eu não quero fazer isso.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Eu não sei como. — ele admitiu, em voz baixa. — Como posso *não* sentir essas coisas?

Era uma boa pergunta.

— Talvez você possa tentar perdoar a si mesmo, mesmo que apenas um pouco.

Ele balançou a cabeça. — Eu acho que não.

Eu suspirei. Estávamos andando em círculos.

— Está bem, bem, eu só quero que você saiba que eu sinto muito por todas às vezes aleatórias que eu ferir seus sentimentos. E não me peça para dizer isso de novo, porque eu não tenho o hábito de pedir desculpas!

Isso tem um pequeno sorriso.

Ele me ajudou a subir na caminhonete e sentou-se nervosamente no assento do passageiro.

Juro que sua caminhonete foi abastecida com gasolina de canguru, porque nós batemos e pulamos todo o caminho até a baía. Eu acho que Jordan não respirou uma vez a viagem toda.

Era um belo dia com um céu azul perfeito. Eu decidi que eu poderia realmente me acostumar com tardes preguiçosas como esta.

Eu coloquei o cobertor e me virei para encontrar os olhos de Jordan fixos no meu corpo. Eu nunca tive um homem olhando para mim com desejo tão intenso.

Mas, então, ele pareceu se dar uma sacudida mental.

— Eu vou dar um mergulho. — disse ele, olhando para o horizonte claro. — Junte-se a mim?

— Não. Eu só vou sentar aqui e cobiçar você por um tempo. — eu disse. — Sabe, apenas apreciar a vista.

Ele revirou os olhos, mas não pode deixar de sorrir.

Ele tirou sua camiseta, em seguida, dobrou e a colocou sobre o cobertor. Ele deu de ombros quando me viu olhando para ele, incrédula.

— Velhos hábitos. — disse ele, timidamente.

Ele se afastou de mim e baixou a bermuda.

O meu próprio show privado de strip. Suspiro. Aquele homem poderia ter feito uma fortuna fazendo isso nas festas. Mas esse show foi todo para mim. A vida era booooooa.

Ele sorriu quando me viu olhando para sua bunda.

— Eu não tenho um traje de banho, como você disse.

Em seguida, ele entrou no mar.

Ele era tão gracioso, cortando a água, movendo-se tão facilmente como se o oceano fosse o seu ambiente natural. Parecia errado que ele tinha sido

enjaulado por tanto tempo. O que isso faz a uma pessoa que foi limitada a uma cela de 3 x 2,5 metros por anos?

Sentei-me em silêncio sob a luz do sol, me perguntando se ele estava livre das jaulas de sua própria mente. Eu sabia que elas ainda o torturavam; eu só não sabia até que ponto.

Deitei-me de lado, o observando à distância.

Devo ter adormecido, porque quando eu acordei ele estava sentado ao meu lado, a água ainda brilhando em seus ombros. E ele estava vestindo o calção de novo.

Assim que ele viu que eu estava acordada, ele se inclinou e me beijou. Um lento, longo e apaixonado beijo.

Estranhamente, eu não consegui meu mergulho naquela tarde, em vez disso, passei o tempo aprendendo seu corpo.

À noite, a temperatura havia caído, e eu tremia da leve com brisa que havia surgido. Em breve seria a hora de ir para casa. O pensamento esvanecendo minha apreciação do belo pôr do sol.

— Você está com frio, querida?

— Um pouco. Mas eu tenho uma ideia sobre como você pode me aquecer novamente. — eu provoquei.

Seus lábios se levantaram em um sorriso.

— Oh sim? Talvez você possa esclarecer-me, Srta. Delaney, porque eu certamente não sei o que você quer dizer.

— Você é um daqueles meninos do sul com sotaque suave que eu ouvi falar? — eu ri tentando aprender seu sotaque, uma mistura de Rhett Butler e Matthew McConaughey.

— Essa é uma terrível interpretação do meu sotaque, Srta. Delaney. Eu talvez tenha que beijar para tirá-la desses seus deliciosos lábios.

— Você vai ter que me pegar primeiro. — eu gritei, saltando de pé e correndo desordenadamente em direção à água.

Eu tinha molhado até meus tornozelos, apenas para perceber que era muitíssimo mais frio do que eu esperava quando Jordan me pegou pela minha cintura e nós dois caímos no oceano.

— Puta merda! — eu tossi. — Isso está frio pra caralho!

Ele riu alto. — E você estava esperando o que, exatamente? Você estava tremendo em meus braços quentes e agradáveis há dois minutos e você pensou que a água estaria mais quente?

Ele balançou a cabeça como um cachorro molhado, me molhando com gotículas.

— Porra, mulher! Estou congelando minha bunda aqui. Você está tentando acabar com essa noite para sempre?

Eu me levantei, usando seu corpo firme para me alavancar.

— Está bem, eu tenho que admitir que não foi uma das minhas melhores ideias.

— Oh, claro que não! — ele riu. — Nadar nu com você estava definitivamente na minha lista de coisas a fazer.

— Ora, Sr. Kane! Não me diga que você está tendo pensamentos impróprios sobre mim.

— Desde o primeiro dia que eu te vi, querida. — disse ele, com um sorriso feliz iluminando seus belos olhos. — E tendo um quarto só para mim, pela primeira vez em oito anos, eu tenho que dizer que eu tenho sufocado frango bem duro todas as noites.

Eu balbuciei uma risada. — Sufocando o frango? Realmente! Porque que você evoca todos os tipos de imagens bizarras de penas e pele de galinha, nenhum dos quais é excitante. Quer dizer, de modo geral, o pensamento de você jogando baseball com uma mão estaria me deixando toda quente e suada, mas...

— Espere, o quê? Você está dizendo que *você* está tendo pensamentos impróprios sobre mim, senhorita Delaney?

— Deus, sim! O dia que você entrou na Busy Bee Diner, eu estava pensando em um plano para ter o meu mau caminho com você.

Seu sorriso feliz desvaneceu, quando nossos pensamentos voltaram para aquele dia.

— Ei! Não deixe que os filhos da puta te deixem para baixo. Como eu disse, mais alguns meses e sua condicional será concluída, então você pode sair desse inferno - para o bem.

— Eu não mereço você. — disse ele, baixinho. — Eu não mereço sentir qualquer coisa diferente de merda pelo que eu fiz.

Eu lhe dei uma tapa forte no rosto, e ele cambaleou para trás.

— Eu disse que ia bater em você se você falasse porcaria como essa novamente. Olha, eu não conhecia o Mikey...

— Não, você não conheceu! — disse ele, asperamente.

— Bem, todo mundo fica me dizendo o grande cara que ele era.

— Isso é verdade, ele era!

— Sim? Então você acha que esse "grande cara". — eu gritei, usando aspas no ar com as minhas mãos. — Você acha que esse "grande cara" que amava você iria querer que você fosse tão fodidamente miserável todos os dias pelo resto de sua vida?

— Você não entende como é. — ele murmurou.

— Oh, inferno. Isso é o melhor que você tem? Eu não sei como é? Bem, me ilumine, cabeça de merda!

Eu acho que talvez eu o tenha empurrado demais, porque ele saiu da água e caminhou de volta até a praia.

Puta que pariu, essa era uma bela bunda que ele tinha. Eu tenho que estudar isso mais tarde. Mas por agora, eu estava curiosa para saber qual a resposta que ele iria me dar, melhor do que andar para longe como um adolescente mal-humorado.

Mas quando eu voltei para a nossa área de piquenique, ele estava sentado sobre o cobertor, todo encurvado.

Eu imediatamente sentei ao lado dele e coloquei os meus braços em volta de sua cintura, apoiando o queixo em seu ombro.

— Eu não sei como ser algo mais. — ele sussurrou. — Eu fodi com toda a minha vida. Eu sei que parece idiota, mas eu sei quem eu sou aqui - o perdedor, o cara que matou seu irmão. — ele deu um suspiro trêmulo. — Eu não sei quem eu vou ser se eu for embora.

— Jordan. — eu disse, beijando seu ombro suavemente. — Você pode ser quem você quiser ser. Você tem que ter uma chance na vida. Sim, você vai ter merda jogada em você, mas há muito mais para você do que a soma de sua história, há mais esperando por você do que esta cidadezinha. Você tem um bom coração, e se você deixar as pessoas te conhecer, elas vão ver por si mesmas.

Sua cabeça pendia, mas quando ele olhou para cima novamente, sua expressão gelada estava de volta e eu tremi. Desta vez não foi por causa da temperatura.

— Por que você se importa Torrey? — ele zombou. — Eu não sou o seu problema. Sou apenas mais um em uma longa lista de caras que você fodeu.

Ai. Eu não estava esperando isso. Eu deixei meus braços caírem longe dele e me inclinei para trás em minhas mãos.

— Bem, é bom saber o que você pensa de mim. Acho que minha fala sem cortes chegou a você afinal de contas.

De repente, seu humor mudou novamente e ele parecia arrependido.

— Porra, eu sinto muito. Eu não quis dizer isso assim. Isso saiu muito errado.

— Não brinca, Sherlock! Sabe, você não tem que ser um idiota sobre isso. Acontece apenas que eu gosto de sexo, e eu não acho que haja algo de errado com isso. Mas as pessoas podem ser muito críticas. Francamente, eu não achei que você seria uma delas.

— Oh, bem, eu entendi agora. — disse ele, irritado. — Você pensou que o ex-presidiário teria padrões inferiores - nenhum questionamento de merda a ser feito.

— Você pode ser um verdadeiro idiota. Foda-se, Jordan!

Eu vesti meu short e regata, não me importando que o meu sutiã ficou enterrado em algum lugar na areia.

Jordan ficou me olhando sem se mover. Eu resisti à vontade de chutar areia em seu rosto. Eu sabia por que ele estava me machucando, porque ele estava sofrendo e com medo, mas isso não significava que eu tinha que ficar e ser o seu bode expiatório.

Droga, eu queria que eu estivesse com meu próprio carro. O babaca punheteiro parecia que ia me deixar ir andando para casa. E eu *ainda* não consegui encontrar meus chinelos. Lágrimas quentes saltavam atrás dos meus olhos. *Oh, de jeito nenhum!* Eu *não* ia deixar esse babaca me fazer chorar. Prometi a mim mesma há muito tempo que eu não estaria derramando lágrimas por causa de um cara novamente.

Eu comecei a andar, e quando ele percebeu que eu estava andando em linha reta após sua caminhonete estúpida, ele finalmente conseguiu acordar.

— Torrey, espere!

— Vá se foder!

Eu ouvi um farfalhar atrás de mim, então eu imaginei que ele estava vestindo sua bermuda. Eu pisei duro até estrada de terra, xingando quando uma

pedra afiada ficou escavada na parte macia do meu pé. Porra, isso ia ser uma longa caminhada.

Ouvi a voz de Jordan novamente, implorando para eu esperar.

Eu andei talvez cem metros através das dunas e até a estrada de terra, quando eu ouvi o rugido do motor da caminhonete, e os faróis amarelos inundaram o caminho à minha frente.

Eu considerei brevemente me esconder atrás de um arbusto, mas o pensamento de que bichos rastejantes e selvagens poderiam estar se escondendo comigo vetou essa ideia.

A caminhonete parou ao meu lado, o motor em marcha lenta.

— Entre. — ele estalou.

Continuei andando conforme a caminhonete se arrastava perto de mim.

— Torrey, entra na caminhonete, porra, ou eu vou ter que ir aí e jogar sua bunda para dentro! — ele gritou.

Sem dizer uma palavra, eu abri a porta e sentei-me, recusando-me a olhar para ele.

A caminhonete não se mexeu.

— E agora? — eu berrei. — Estou na porra da caminhonete!

— Coloque o seu cinto de segurança. — disse ele baixinho, com a voz firme carregada com a tensão.

Por um segundo, pensei em discutir com ele, mas depois me lembrei de que Mikey morreu quando ele tinha sido arremessado pelo para-brisa do carro que Jordan estava dirigindo. Ele não estava usando cinto de segurança.

Prendi-o no lugar, e uma expressão de alívio atravessou o rosto de Jordan, antes dele voltar à frieza impassível mais familiar.

Nós dirigimos alguns quilômetros para a reitoria em silêncio, cada um muito chateado e irritado para encontrar palavras que curem ao invés de ferir.

Quando chegamos, eu soltei o cinto de segurança e arremessei-me pela porta aberta.

— Sinto muito. — disse ele, sua voz suave e terna.

— Sim, você e o resto do mundo. Quer saber, Jordan? Eu não te fodi como alguma forma distorcida de piedade. Eu fiz isso porque eu gostei de você. Mas eu acho que você realmente é um idiota, afinal de contas. Tenha uma boa vida.

E bati a porta antes que ele pudesse dizer mais uma palavra.



Jordan

Uau. Eu estraguei tudo. Se eu tivesse planejado como acabar com o nosso não encontro da pior maneira possível, teria sido assim.

Eu poderia ter sido mais idiota? Bem, eu acho que eu poderia tê-la deixado ir andando para casa - teria sido o ponto alto da escala de comportamento idiota. Mas o jeito que ela olhou para mim, eu acho que ela teria preferido ir para casa a pé descalça em uma estrada de cascalho coberta com brasas ao invés de ir comigo. Eu não podia culpá-la.

Eu tinha dirigido o caminho todo a menos de 40 Km/h indo deliberadamente lento apenas para tentar dar-me tempo para pensar em *algo* para dizer a ela enquanto eu ainda tinha a chance. Porra, tinha sido apenas um choque quando ela disse toda essa merda comovente para mim. Ela

disse que eu tinha um bom coração. Obviamente ela estava errada sobre isso, mas eu não pude deixar de gostar do fato de que ela pensava assim.

Foda-se! Tocá-la, sentir suas mãos em mim, estar dentro dela. Eu não conseguia me lembrar de nada tão bom. Eu sei que tinha sido um longo tempo, mas eu pensei que meu coração ia explodir da paixão crua correndo através de mim.

Deus! Por que eu fui tão burro? Eu sabia que não a merecia, e deliberadamente eu acabei com qualquer chance com ela. Merda.

Eu simplesmente não conseguia encontrar as palavras para dizer o que as duas últimas noites tinha significado para mim. Eu tentei, mas eu continuava engasgando com elas. Depois que ela saiu da caminhonete, fui para casa, usando cada palavrão que eu pude pensar e gritando-lhes o mais alto que pude. Irônico, não é?

Estava a menos de cinco quilômetros de casa, quando eu vi as luzes de um carro da polícia no meu espelho retrovisor. Ele me seguiu por quase um quilômetro, e eu pensei que poderia estar tudo bem, mas, em seguida, a sirene ligou e eu puxei para o lado da estrada.

Eu o vi se aproximar de mim lentamente, com a mão sobre a arma na cintura. Cavei minha identidade da minha carteira e mantive minhas mãos no volante, onde ele podia vê-las.

Seu uniforme e arma estavam me dando flashbacks. Eu podia sentir o suor sair por todo o meu corpo e minhas pernas tremiam com o esforço de não correr.

— Licença e registro. — disse ele.

Eu já os tinha na minha mão, mas eu tinha a sensação de que não seria o suficiente para acalmá-lo.

Ele fez a verificação rápida de sempre. Naquele momento eu estava certo de que ele já sabia quem eu era.

— Saia do veículo, por favor, Sr. Kane.

Eu nem sequer me preocupei em perguntar por que eu fui parado, embora estritamente falando, ele deveria ter me dado uma razão.

— Você fez consumo de álcool?

— Não, senhor.

Ele me fez andar em linha reta, tocar o dedo no meu nariz, ficar em uma perna - toda essa merda - e ele fez o teste do bafômetro de qualquer maneira.

Quando ele viu negativo, as outras perguntas começaram: onde eu morava; de onde eu tinha vindo; o que eu tinha feito; quantas vezes eu tenho que me reportar à delegacia; quando foi a última vez que eu fiz o teste de drogas e álcool; quando foi a última vez que o meu oficial de condicional havia visitado minha residência. Assim por diante.

Foi tudo projetado para me deixar saber que ele era o único no controle, o único com o poder - e que ele estava me observando.

Ele me manteve lá meia hora, quase até o meu toque de recolher, então, finalmente, me deixou ir para casa.

Meu pai e minha mãe estavam esperando por mim. Uau, esta noite realmente não tinha nenhuma chance de melhorar.

— Onde você estava? — meu pai começou imediatamente.

— Fora. Com uma amiga.

— Com a filha desprezível da reverenda?

Meu temperamento começou a se desgastar. Segurei-o com força.

— Ela não é desprezível. — *Não é exatamente do que eu acabei de chamá-la?*

— Fique longe dela. — ele continuou. — Ela não é boa.

— Jesus Cristo, pai! — eu explodi. — Ela é a única pessoa por aqui que fala comigo! Como é que ela "não é boa"?

Ele apertou os lábios, mas não respondeu.

— Oh, eu entendi. Qualquer um que fala comigo é automaticamente ruim, é isso?

Sim, eu acho que acertei em cheio.

— Enquanto você estiver sob nosso teto, você vai cumprir as nossas regras.

Inacreditável pra caralho!

— Quais são as porras das regras? Estou em liberdade condicional! Eu faço o teste de álcool e drogas a cada semana. Temos que ter a minha oficial de condicional fazendo buscas aleatórias na maldita casa! Eu não posso ir para a cidade para conseguir um emprego decente! Eu tenho o toque de recolher! Que outras regras que vocês querem acrescentar a isso? Vocês já disseram que eu estou sendo expulso - bem, porra, iupiii! Vá em frente, *pai,* porque este lugar é apenas mais uma cadeia!

— Você não traga essa linguagem suja de prisão para esta casa! — ele rugiu.

Eu desisti e fui para o meu quarto, me jogando em cima da cama. Eu pressionei meu rosto no travesseiro, sentindo a dor na minha bochecha onde Torrey tinha me batido. Foda-se, eu merecia mais do que isso pela maneira que eu a tratei.

Fiquei ali em silêncio. Eu pensei que meu pai poderia me seguir, mas ele não o fez. Ouvi-o falar com minha mãe, sua voz irritada, mas eu não podia entender as palavras. Provavelmente não era nada bom.

Então eu ouvi o telefone tocar, o que era incomum, pois estava tarde. Quem quer que fosse eu poderia dizer pelo seu tom que o meu pai estava

irritado, mas tentando ser educado. A chamada terminou logo depois e a casa se afundou em silêncio.

Fiquei acordado, ouvindo os ruídos noturnos, alerta para qualquer som que significasse que os bastardos tinham voltado para a minha caminhonete.

Pensei em Torrey e no que ela tinha dito, o que ela tinha feito. E eu pensei sobre o que eu tinha dito, o que eu tinha feito. E eu pensei sobre o que eu não deveria ter dito, não deveria ter feito.

Eu não dormi naquela noite também. Mas desta vez foi diferente. Torrey não tinha se assustado quando eu disse a ela o que tinha acontecido com Mikey, ou mesmo sobre a tentativa de homicídio. Não, de alguma forma ela tinha aceitado isso. Agora eu estava perdendo o sono por ser o tipo regular de idiota, e tratar uma pessoa decente como merda. Eu estava muito certo de que a ironia não passou despercebida por Torrey também.

Quando o meu antigo despertador tocou na manhã seguinte, sentei-me imediatamente e balancei as pernas para a beira da cama. Senti-me como uma merda, mas pelo menos eu tinha decidido o que dizer a Torrey. Bem, na maior parte apenas me rastejar pra caralho. Eu esperava que funcionasse.

Se eu pudesse ter proporcionado flores, eu teria comprado a ela um pouco. Cheguei a considerar escolher algumas selvagens que cresciam na beira da estrada a caminho de sua casa, mas isso parecia um pouco patético e estúpido. O que eu era.

Tomei um banho rápido e vesti outra das camisetas de Mikey. Eu sabia que quase matava minha mãe quando eu usava as roupas dele, mas eu não tinha muita escolha. Ela tinha me dado um par de camisetas do Goodwill, mas elas eram muito pequenas. Eu acho que ela teria preferido que eu tivesse ficado com o uniforme da prisão, como uma marca visível do que eu era. Caramba, eu acho que ela teria trazido de volta a marca se pudesse, ela me odiava tanto.

A cozinha estava vazia e a casa ainda estava em silêncio. Eu pensei que se eu corresse, eu poderia evitar esbarrar em qualquer um dos meus pais novamente. Eu estava começando a perder peso a partir das refeições que estava

faltando ultimamente. Ao menos, minha bermuda emprestada parecia ainda maior.

Eu esmaguei um pedaço de queijo entre duas fatias de pão e enfiei duas maçãs em meus bolsos da bermuda, o que me deixou parecendo deformado. Combinou um pouco com o que eu sentia por dentro.

Ouvi alguém no chuveiro e sabia que eu não tinha tempo para fazer uma garrafa térmica de café. Eu realmente esperava que Torrey me perdoasse - novamente - e me desse um pouco de seu excelente café. Mas do jeito que eu tinha deixado as coisas ontem à noite, ela provavelmente iria jogá-lo em meu rosto. Eu não a culpo.

Quando cheguei à Reitoria, eu estava errado em todos os aspectos, porque seu carro não estava lá. Meu primeiro pensamento foi que ela tinha encontrado outro cara para ficar. A ideia doeu tanto que eu pensei que eu ia perder a pequena quantidade de café da manhã que eu tinha sido capaz de comer.

Bati na porta e esperei, quase prendendo a respiração.

— Bom dia, Jordan. — disse a reverenda, abrindo a porta de tela e olhando para fora. — Se você pudesse começar por esvaziar o antigo galpão hoje. A segunda lixeira está chegando ao meio-dia, então jogue fora qualquer coisa quebrada. Empilhe as coisas boas para o lado e eu vou dar uma olhada mais tarde.

— Sim, senhora.

Ela começou a fechar a porta.

— Huh, desculpe-me, senhora. Torrey está em casa?

Seus lábios se apertaram e eu pensei que ela ia apenas fechar a porta na minha cara como a maioria das pessoas, mas eu acho que ela tinha sua reputação de “legal” para proteger.

— Não, ela vai ficar fora por alguns dias. — eu acho que ela deve ter tido pena de mim porque ela acrescentou rapidamente. — Ela tem dois dias de treinamento para o seu novo emprego, então ela vai ficar na cidade.

Eu pensei que ela estava se despedindo e me virei para ir embora. Mas depois ela voltou a falar.

— Como estão às coisas em casa, Jordan?

— Tudo bem, obrigado, senhora. — eu respondi, automaticamente.

— Bom... isso é bom. Será que sua mãe estará em casa hoje de manhã?

— Huh, eu acho que sim. Eu não tenho certeza.

Ela assentiu com a cabeça, ofereceu um ligeiro sorriso, então a porta se fechou e eu estava sozinho. Mais uma vez.

Merda. Torrey realmente tinha ido embora. Se ela não voltar... o pensamento era doloroso demais para contemplar. Tentei dizer a mim mesmo que eram apenas alguns dias, e então ela estaria de volta. Então eu poderia pedir desculpas pessoalmente. Mais uma vez. Se ela me deixasse.

Eu comecei a trabalhar no quintal, vestindo as luvas de trabalho que Torrey tinha comprado para mim. Eu sentia falta de seu café. Inferno, isso era uma besteira - eu sentia falta *dela*. Eu sentia falta de seu sorriso e seu sarcasmo. Eu sentia falta do jeito que seu cabelo caía emaranhado ao redor do seu rosto, e que ela não se importava se ele tinha visto uma escova ou não. Eu sentia falta das longas pernas esticadas na frente dela quando ela se sentava no degrau e fechava os olhos, apreciando a luz do sol da manhã. Eu sentia falta de ouvi-la falar sobre seus planos para o dia, ou a música que ela tinha escutado, o livro que ela tinha acabado de ler. Eu odiava pensar que ela estava na cidade onde eu não podia ir, e talvez encontrando algum cara esperto da cidade, talvez indo para o seu quarto.

Deus, esse pensamento me torturava.

Eu estava feliz por ter que jogar alguma merda pesada em torno da limpeza do galpão da Rev, porque era uma maneira de liberar a raiva e a ansiedade que corria através de mim. Mas quem eu estava enganando? Eu era apenas um leigo fácil para ela, e nem mesmo um particularmente bom. Senti minha pele quente com a humilhação pela maneira que eu não tinha sido capaz de me controlar com ela, gozando como uma porra de um adolescente - de novo.

Desde que eu tinha me interessado pelas meninas quando era criança, eu recebi um monte de ação. Eu era alto e considerado de boa aparência, de modo que até mesmo algumas garotas mais velhas tinham se interessado em dar ao irmãozinho de Mikey Kane uma carona. Sim, eu tinha sido um jogador. A vida com certeza tinha um senso de humor doentio, porque eu realmente não era mais, e a única mulher que eu queria provavelmente me odiava.

Na hora do almoço, ouvi a segunda lixeira chegar, e aquela cheia de resíduos de jardim foi levada. Estupidamente, eu meio que senti falta disso. Vê-lo sendo preenchido, era uma forma de medir a quantidade de porcaria que eu tinha esvaziado da selva.

Sentei-me no degrau da varanda e comi o meu sanduíche. Eu não tinha trazido nada para beber, mas a Reverenda tinha uma torneira ao ar livre no quintal. A mangueira foi corroída nela, mas com uma chave da caixa de ferramentas do Mikey, eu fui capaz de abri-la. O primeiro jorro de água era marrom com ferrugem, mas depois que eu a deixei correr por um minuto ou dois, o gosto era bom. Um pouco picante, como quando você levar um soco no rosto e corta seu lábio então você prova seu próprio sangue. Mas estava boa.

Às 16:30 eu peguei minhas coisas e fui para casa devagar, temendo as horas antes da hora de ir para a cama. Mesmo com meu corpo dolorido do trabalho pesado que eu tinha feito e meu cérebro nebuloso pela falta de sono, a casa dos meus pais era o último lugar que eu queria estar. Eu teria gostado de ir para uma longa viagem, mas eu não podia sair mais de dezesseis quilômetros dos limites da cidade, e eu não podia pagar a gasolina de qualquer maneira.

Mas quando cheguei em casa, vi as latas de tinta que Torrey tinha encontrado no ferro-velho de Hulk, e tive uma ideia.

Achei alguns pincéis velhos na garagem e comecei a trabalhar. Eu não precisava de um esboço para saber o que eu ia pintar. Eu fiz isso por Mikey, por mim e por Torrey. Eu esperava que, se eu usasse seu presente, ela veria que eu estava grato e me desculpasse pelas coisas cruéis que eu disse.

Primeiro de tudo eu transformei a mancha vermelha feia que encobria a palavra “assassino” em um vermelho-sangue quente - do jeito que podemos ver quando o sol afunda no oceano. Então, eu pintei uma grande cruz celta na porta, a mesma imagem que eu tinha no meu ombro, a mesma imagem que eu tinha gravada na minha mente. Então, eu adicionei um coração sangrando e o nome de Mikey em uma caligrafia curvada em todo o projeto.

Eu provavelmente fiquei ajoelhado por algumas horas quando me levantei de repente, consciente de que mamãe estava me observando. *Quanto tempo ela tinha estado ali?*

— Reverenda Williams veio me ver esta manhã. — disse ela. — O que você anda dizendo a ela?

Eu pisquei surpreso.

— Nada. Eu quase não falei com ela. Por quê? O que ela disse?

— Você deve ter dito alguma coisa.

— Ela me perguntou como eu estava casa. Eu disse que estava bem. É isso.

— E aquela menina dela?

Meus olhos caíram para o chão. — Sim, eu converso com Torrey.

Os olhos de minha mãe se estreitaram e seus lábios se curvaram em um sorriso de escárnio.

— Eu sabia: aquela garota é problema.

Meu coração começou a martelar. *O que Torrey disse à sua mãe? Certamente nada sobre nós? Por favor, Deus, não!*

— Eu não fiz nada. — eu disse minha voz totalmente desprovida de convicção.

— Bem, a Reverenda esteve aqui de novo, metendo seu nariz onde não é chamada.

Eu não sabia o que dizer, mas eu tenho a impressão de que minha mãe não precisa de mim para falar também.

— Parece que vamos ter que mantê-lo. — ela cuspiu.

— O quê?

— A Reverenda disse que era nosso dever cristão mantê-lo todo o tempo que você está em liberdade condicional. Então, nós o faremos. Nós vamos fazer o que é certo, mas então eu quero que você vá embora. Entendeu?

— Sim, eu entendi.

— Eu não acho que você entende! — disse ela, com a voz trêmula de fúria. — Toda vez que eu olho para você me enoja! Tudo o que eu posso ver é o corpo morto de seu irmão naquela sepultura fria, e ver você andando por ai com as roupas dele, respirando ar puro de Deus. Não é justo. É simplesmente errado!

— Você acha que eu não sei disso? — eu gritei de volta. — Você não acha que eu desejo mil vezes por dia que tivesse sido eu e não ele?

Os olhos de minha mãe encontraram os meus. — Eu desejo isso, também.

Ela entrou em casa, batendo a porta.

Curvei-me sobre o meu estômago o esvaziando, salpicando as latas abertas de tinta com vômito.

Torrey

Dois dias na cidade tinha sido o meu limite. Acho que estava me transformando em uma garota do campo. Quem diria.

O treinamento de barista tinha sido tedioso além das palavras, principalmente porque eu não aprendi nada novo, apenas um monte de slogans de marketing que eles queriam usar enquanto nós preparávamos um soja chai latte mocha triplo com canela. Mas eu gostei de algumas das garotas que eu conheci, e fizemos os arranjos para nos encontrarmos em algumas semanas para ir aos clubes.

Ficou determinado que eu ficasse no turno da tarde no shopping no primeiro mês - de duas até meia-noite. Isso me convinha. Eu definitivamente não era uma pessoa da manhã... embora algumas coisas feitas no início da manhã valessem a pena.

Olhei pela janela quando ouvi a caminhonete de Jordan. Eu tinha me acalmado consideravelmente desde que o vi pela última vez. Pensando nisso longa e duramente, percebi que nenhum de nós tinha uma grande bagagem de história com relacionamentos. E se eu fosse honesta comigo mesma, eu sabia que eu tinha tentado pressioná-lo demais. Então, eu estava dando a ele mais uma chance de não ser um idiota. É melhor ele manter muito bem com ambas as mãos, ou eu iria chutar a bunda dele.

Notei imediatamente a obra de arte incrível que ele tinha pintado para encobrir a pichação feia. Porra, ele era um artista! Eu reconheci o desenho - era o mesmo da tatuagem em suas costas. Fazia sentido agora. Era um memorial para seu irmão, e era óbvio que ele sofria a perda de Mikey a cada dia.

Eu olhei para a pequena caixa deitada em um saco plástico ao lado da minha cama, me perguntando novamente sobre o presente que eu tinha comprado a ele. Parecia uma boa ideia na época. Agora, eu não tinha tanta certeza. Mas como eu já tinha perdido o recibo, ele pode muito bem tê-lo. Mas

se envolver com alguém tão... danificado? Acho que *isso* foi uma ideia estúpida. Pena que ser inteligente não foi o suficiente para me impedir de saltar com os dois pés.

Desde que eu tinha terminado com Jem, meu primeiro namorado sério, quando eu era uma caloura da faculdade, fazia questão de ficar longe de caras que eu gostava muito. Em vez disso, eu me deliciava com sexo sem compromisso e simplifiquei a coisa. Até o meu ex-patrão era para ser casual. Mas havia algo sobre Jordan; além disso, eu tinha uma ideia sagaz que o sexo só ia ficar melhor. A combinação de sua força e suavidade, o seu firme corpo em forma e bondade que ele soltava de vez em quando. Não que o que tínhamos compartilhado até agora não tivesse sido muito bom no momento, mas eu senti que ele tinha muito mais a oferecer. Eu estava ansiosa para descobrir, desde que ele implore a quantidade adequada do meu perdão, é claro.

Eu cambaleei escada abaixo e aproveitei o tempo para fazer um pouco de café. Então eu carreguei duas canecas para fora no degrau da varanda. Jordan já estava sem camisa, vestindo apenas calça jeans cortada e transportando o lixo para fora do galpão da minha mãe.

Sua pele macia brilhava com o suor, e eu pude apreciar novamente a amplitude de seus ombros e sua cintura fina, a curva de sua bunda e pernas longas e fortes. Ele era lindo por fora, mas acho que eu era a única pessoa que via que havia beleza no interior, também.

— Ei, cowboy! Você esqueceu seu maldito café! — gritei.

Sua cabeça disparou para cima, e eu podia ver pela expressão em seu rosto que ele não esperava ouvir minha voz outra vez. Foi meio doce quão nervoso ele parecia. Eu rapidamente fiquei séria quando me lembrei das razões para isso.

Ele se aproximou e pairou na minha frente, sem saber se sentava ou fugia.

— Coloque sua bunda para baixo. — eu disse, apontando para o espaço ao meu lado. — Vê-lo pulando de um pé para outro está me fazendo querer fazer xixi.

Ele esboçou um pequeno sorriso e sentou-se no degrau abaixo de mim, então eu tinha uma vista panorâmica de seus ombros fortes e musculosos por trás.

— Obrigado pelo café. — disse ele, em voz baixa.

— Você tem sorte que eu sou uma pessoa que perdoa. — eu disse.

— Eu tenho... sorte. — ele concordou, balançando a cabeça lentamente. — Eu não mereço que você fale comigo agora.

— Oh, caramba! Sem a festa da piedade de novo! 'Ninguém me ama, todo mundo me odeia, acho que vou comer vermes!'

Ele franziu a testa e torceu o nariz ao mesmo tempo. — Vermes?

— Eu estou supondo que você não foi escoteiro.

— Hum, não! Não é a minha cena.

— Oh, certo - residente bad boy.

Ele franziu a testa e olhou para baixo.

— Você me deve um pedido de desculpas, seu idiota. — eu disse, com insistência. — E eu não sou uma pessoa muito paciente.

— Deus, eu sei. — disse ele, baixando a cabeça. — Eu fui um otário de merda.

— Sim, você foi. Aqui... — e eu deixei cair o seu presente no seu colo.

— O que é isso?

— Para você.

— Você... você tem uma coisa para mim?

Ele parecia atordoado.

— Sim.

— O que é isso?

— Bem, caramba! Por que você não dá uma olhada, cabeção!

Ele abriu o saco plástico e olhou para dentro.

— Você me comprou um telefone celular?

— Sim. Mais barato que pude encontrar. É pré-pago, assim você terá que adicionar os minutos quando você precisar deles. Coloquei 50 dólares para começar.

— Você me comprou um telefone celular? — ele repetiu.

Isso realmente não estava adiantando.

— Sim, Jordan, eu comprei-lhe um telefone celular.

— Mas... eu não tenho ninguém para ligar.

Revirei meus olhos.

— É, então você pode me ligar para pedir desculpas quando você foder tudo novamente. Eu já programei o meu número. E você *ainda* me deve a merda de um pedido de desculpas. Portanto, comece com mensagens de texto.

Deixei-o sentado no degrau com seu novo brinquedo. Ele não estava se movendo, mas eu tinha certeza que ele ainda estava respirando, então eu imaginei que ele ficaria bem.

Imaginei que ele não estava acostumado a receber presentes.

Isso me fez pensar o que acontecia na prisão no Natal. Eu não podia imaginar que eles tinham presentes de Papai Noel, mas nunca se sabe. Eu teria que perguntar a ele.

Quando saí do chuveiro, meu celular estava piscando: *1 nova mensagem*.

Eu sorri ao ver que era de Jordan.

Sinto muito.

Bem, dificilmente era um prêmio Pulitzer, mas era um começo. Claramente, ele era um homem de poucas palavras.

Não pude deixar de sorrir para mim mesma quando li sua mensagem novamente.

Eu deslizei minha nova camisa polo preta de manga de polietileno e a vesti lentamente. Meu uniforme era preto, mostrando que eu era uma barista. Era bem mais legal do que ter que usar um avental verde como o resto do pessoal, mas não *tão* legal. Eles me prometeram algumas calças de uniforme, também, mas porque eles não tinham tido qualquer no meu tamanho, eu estava autorizada a usar minhas próprias calças jeans por enquanto. Oba para mim. Pelo menos elas faziam a minha bunda ter um bom aspecto.

Eu decidi estrear a minha roupa nova para Jordan e levar outro café para ele antes de sair.

Eu estava prestes a bater na janela da cozinha quando eu lembrei que eu estava tentando *não* assustá-lo à morte. Em vez disso, eu só peguei duas canecas, saí e esperei que ele me notasse. Não demorou muito.

— O que você acha? — eu disse, abrindo meus braços para que ele pudesse ver o novo uniforme.

Seus olhos varreram meu corpo de cima a baixo e ele engoliu várias vezes.

— Huh, você esta bem. Ótima. Você sempre está ótima.

— Meu Deus! Não me diga que o meu uniforme barista está te excitando!

Ele deu um sorriso tímido. — Bem, sim. Eu acho que está.

Eu ri alto e soquei o punho no ar. — Trabalhadores do mundo uni-vos!

Ele se sentou ao meu lado e pegou a segunda caneca de café.

— Huh, então você recebeu a minha mensagem de texto?

Eu sorri para ele.

— Sim, Jordan. Eu recebi a sua mensagem efusiva, comovente.

Suas bochechas coraram e ele olhou para baixo.

— Eu gostei muito da sua mensagem. — eu disse, em voz baixa.

— Eu quis dizer isso. — disse ele, ainda olhando para a terra pelo seu pé esquerdo.

— Eu sei que sim. Desculpas aceitas. Então, você quer fazer algo no domingo?

— Domingo?

— Sim, domingo, o dia depois de amanhã. Estou trabalhando sábado, mas pensei que seria divertido fazer algo no fim de semana.

Fiz uma pausa, esperando a ficha cair. Esperando... esperando... mas... nada. Nenhuma ficha caindo.

— Jordan, este é o momento onde você me chama para um encontro! — eu disse, dando-lhe uma dica enorme, do tamanho do Texas.

Seus olhos se arregalaram, enquanto ele olhava para mim.

— Você... você quer ir a um encontro comigo?

— Bem, caramba! Você não precisa! Como fazer uma mulher se sentir desejada!

Levantei-me para ir, sentindo a dor crua da rejeição.

Ele saltou para seus pés.

— Não! Quer dizer, sim! Eu quero! Eu só... eu pensei que eu tinha estragado a minha chance com você.

— Bem, você disse que sentia muito. Eu acredito em você, então... que tal tentarmos novamente?

— Deus, sim! — disse ele, com os olhos brilhando de esperança. — Torrey Delaney, você quer ir a um encontro comigo no domingo?

— Eu vou ter que ver a minha agenda.

Seu rosto caiu instantaneamente.

— Eu estou brincando com você, Jordan. Sim, eu gostaria muito de ir a um encontro com você no domingo.

Ele fechou os olhos, um pequeno sorriso curvando os cantos de seus lábios. Quando ele olhou para mim de novo, seus olhos eram escuros e intensos.

— Eu realmente quero te beijar agora. — ele disse, com voz rouca.

Um pulso de desejo passou por mim. — Vá em frente.

Ele deu um passo em minha direção e colocou a mão no meu rosto, acariciando com a ponta do polegar.

Porque eu ainda estava de pé na varanda, estávamos quase à mesma altura. Ele simplesmente se inclinou e roçou seus lábios contra os meus, suspirando quando ele se afastou.

— Tão suave. — ele sussurrou.

Eu queria mais.

Envolvendo meus braços firmemente em torno de seu pescoço, pressionando seu corpo contra o meu, eu o puxei para mim novamente.

Era como riscar um fósforo, só que eu não tive a chance de recuar antes da chama queimar. Sua explosão de desejo me impressionou.

Ele me agarrou pela cintura e deu dois passos rápidos até para a varanda, batendo as minhas costas contra a parede da casa, minha respiração saiu forte de meus pulmões. Ofeguei e senti sua língua na minha boca, forte e exigente. Minhas pernas enrolaram em sua cintura e ele moeu seus quadris em mim, um ponto forte de calor contra as minhas coxas.

Sua intensidade era irritante, mas eu estava muito perdida no momento para me importar.

— Eu te quero tanto, cacete. — ele rosnou, contra o meu pescoço. — Deus, eu quero você!

Seu aperto era quase doloroso e eu podia sentir que todo o seu corpo tremia.

Eu estava ofegante, gemendo sem palavras.

— Por favor. — ele implorou. — Por favor, Torrey, por favor!

Pensamentos de estar atrasada para o trabalho, pensamentos de qualquer natureza voou para fora da minha mente.

— Lá em cima. — eu ofeguei.

Ainda me segurando em seus braços, ele abriu a porta de tela e entrou na cozinha. Seus olhos corriam ao redor e eu apontei para as escadas. Ele quase correu até elas, o peso do meu corpo contra o dele insignificante contra a sua necessidade.

— Segunda porta à esquerda!

Nós nos chocamos contra o batente e caímos de costas na minha cama. Eu senti as molas do colchão velho protestando debaixo de mim.

Ele mordeu meus seios através da minha camisa e começou a puxar a minha calça assim como me atrapalhei com o zíper.

— Os preservativos estão na gaveta. — eu falei ofegante.

Ele puxou a gaveta com tanta força, que ela voou, jogando o seu conteúdo sobre o chão de madeira. Mas ele era um homem com uma missão e ele encontrou o que queria entre os destroços. Suas mãos tremiam tanto que mal conseguia segurar o pacote.

Eu tinha conseguido empurrar meu jeans e a calcinha pelos meus joelhos, mas eles tinham ficado em torno de meus tênis. Jordan deu uma olhada na minha situação e me virou para eu ficar de bruços, em seguida, puxou meus quadris para cima, então eu estava de quatro.

Um segundo depois, ele estava dentro de mim e eu gritei.

Senti todo o seu corpo debruçado sobre mim, sua pele nua batendo ruidosamente contra a minha. Cada impulso ameaçando meus braços desmoronar e eu tive que lutar para manter o equilíbrio, empurrando para trás contra ele.

Foi duro e chocante, grosseiro e bruto. Totalmente não refinado e totalmente emocionante. Seu rugido quando ele gozou era alto e determinado.

Nós desabamos sobre a cama, o seu peso em cima de mim, sua respiração quente queimando meu pescoço.

Eu senti o pau dele se contrair dentro de mim e eu gemi.

Ele amaldiçoou baixinho e puxou para fora, rolando de costas.

Do momento do beijo na varanda, para este segundo deve ter sido menos de quatro minutos.

Por um tempo eu estava imóvel, me sentindo lenta e lutando contra o sono. Finalmente, me virei para que eu pudesse vê-lo. Seu peito ainda arfava e um braço foi jogado sobre seus olhos. Eu olhei para baixo para ver o meu jeans e calcinha emaranhada em volta dos meus pés e eu não conseguia sufocar uma pequena risada. Ele congelou ao som.

— Ei. — eu disse. — Você ainda está vivo aí embaixo?

Tentei mover seu braço, mas ele não olhava para mim.

— Jordan!

— Cristo, eu sinto muito. — ele murmurou, ainda recusando-se a olhar para mim.

— Hum, pelo quê?

— Eu me comportei como a porra de um animal.

— Bem, sim, você fez. Mas eu gostei.

Desta vez ele me deixou mover seu braço e virou a cabeça em minha direção, seus belos olhos expressivos cheios de dúvidas.

— Eu machuquei você? — disse ele, em voz baixa. — Você está bem?

— Puta que pariu, esse foi um grande começo para o meu dia! — eu ri. — Foi como uma injeção de adrenalina seguida de coma. Meu corpo não sabe o que diabos esta acontecendo, mas porra, foi bom!

— Bom? — ele parecia confuso.

— Jordan, seu bobo! Isso foi incrível! Eu não fui fodida assim desde... bem, sempre. Estou um pouco em estado de choque. Acho que estive perdendo todos esses anos.

Olhei para o meu relógio.

— Oh, merda! Vou chegar atrasada no meu primeiro dia! Ah, isso não vai ficar bem, transformando-me em parecer bem usada e com cheiro de sexo! — eu dei uma tapa em seu peito. — A culpa é sua! Olha, eu tenho que correr, mas fique à vontade para levar o seu tempo, tome um banho - o que for. Ah, e você tem que limpar totalmente a gaveta que você derrubou.

Sentei-me, agarrando minhas calças e me arrastei para o banheiro para me limpar o melhor que pude. Um pano úmido era bom para acalmar minha latejante metade inferior, eu joguei água fria no meu rosto corado. Felizmente, eu ficaria razoavelmente apresentável no momento em que chegasse ao café.

Jordan colocou sua bermuda de volta e estava de joelhos pelo chão, recolhendo meus pertences espalhados.

— Eu gosto de ver um homem de joelhos. — eu ri.

Jordan olhou para cima e sorriu, em seguida, me puxou para frente pelos meus quadris e levantou minha camisa para plantar um beijo suave na minha barriga.

— Querida, eu estou a seus pés desde o primeiro dia em que te conheci.

— Fico feliz em ouvir isso. — eu disse, bagunçando seu cabelo já bagunçado. — Mas eu tenho que correr ou estarei sem emprego antes de começar. Eu acho que é muito cedo na minha carreira de barista para usar a desculpa de que tinha um cara muito quente na minha cama em minha defesa. Há uma chave no vaso ao lado da porta da frente. Tranque quando sair.

Beijei o topo de sua cabeça e o deixei ajoelhado no chão do meu quarto, um enorme sorriso estampado em seu rosto.



Jordan

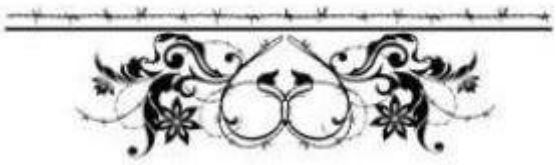
Levei quase 10 minutos para recolher tudo o que eu tinha deixado cair no chão, fixar as peças da gaveta de cabeceira usando minhas mãos como martelo para juntar as partes.

Eu não sabia o que diabos tinha acontecido. Quando ela me tocou, eu perdi completamente o controle sobre a minha mente. A maneira que eu tinha me comportado era imperdoável. Mas o que fodeu minha mente de verdade, foi que Torrey havia dito que tinha gostado. Eu tinha a tinha inclinado de quatro, a

fodido como a porra de um cão e ela *gostava* disso. Bom, bom - porque eu, porra, *amava* isso.

Eu não entendi, nem por um maldito segundo. Eu pensei que eu era apenas uma foda por pena. Pelo menos eu tinha falado a mim mesmo para acreditar nisso depois; não é o que eu senti naquele momento. Mas quando eu estou com ela, pela primeira vez em muito tempo, eu não me sinto julgado. Eu não conseguia entender por que, mas ela parecia me aceitar por quem eu era. Não que eu ainda soubesse o que isso significava, mas ela me fez sentir vivo.

Capítulo Oito - Recompensas



Jordan

Trabalhar no quintal da Reverenda o dia todo foi quase relaxante. Limpar o galpão testou meus músculos e paciência, mas isso me deu tempo para pensar em Torrey, também. E não apenas nela. Pela primeira vez, eu me permiti pensar sobre o que iria acontecer em quatro meses e duas semanas, quando a minha liberdade condicional terminasse. Eu precisava de um plano: um emprego, um lugar para viver... como *seria* minha vida.

Minha oficial de condicional havia me dito várias vezes que eu precisava trabalhar em ter algumas metas alcançáveis. Eu estava finalmente começando a entender o que ela quis dizer.

Fui para casa fedorento e sujo, direto para o chuveiro. Eu juro que tentei não pensar no pequeno corpo apertado de Torrey pulsando em torno de mim, mas no momento que tive esse pensamento, eu estava duro como a porra de uma pedra. Era como se a minha libido fosse me enlouquecer. Eu estava batendo punheta três a quatro vezes por dia, como se tivesse chegado à puberdade agora.

Na prisão, raramente havia qualquer privacidade - isso não impediu que todos se aliviassem vez ou outra. A maioria dos caras se escondia sob as cobertas durante a noite. Eu não diria que os guardas tolerassem, mas acho que eles entendiam. A única vez que os vi pegarem pesado com um cara foi quando ele

desrespeitou uma carcereira. Isso acontecia às vezes. Um dos caras ficava falando com a policial por algum tempo enquanto um cara sentado em sua cela através do corredor ou do outro lado ficava olhando para a bunda dela.

Isso me assustou, mas muito sobre a vida na prisão também o fez. E se não, você era um dos malucos.

Mas agora, a porra do meu pau não iria ficar para baixo. Nossa, eu esperava que não tivesse espantado Torrey com o jeito que tinha me comportado - todas as merdas que já a tinha feito passar.

De repente, após o estresse dos últimos dias, eu precisava vê-la. Precisava ter certeza de que eu não a tinha afastado completamente. Ela disse que estava tudo bem, mas eu *precisava* vê-la. Eu *precisava* saber.

Terminei meu banho e coloquei o jeans que minha mãe tinha pegado no Goodwill. Eles ficaram bons, o que foi uma boa mudança, e então entrei sorrateiramente no quarto de Mikey para pegar outra camiseta. Eu ainda me sentia culpado por estar lá usando as coisas dele, mas de alguma forma estava ficando mais fácil. Nós sempre pegávamos as coisas um do outro. Metade do tempo nunca soubemos de quem era o que de qualquer maneira, menos as calças. Eu era mais alto e ele era maior, mas todo o resto havíamos compartilhado. Vi a sua camiseta favorita na gaveta, a do Maroon 5.

— Obrigado, amigo. — eu sussurrei, enquanto a puxava.

Eu consegui sair justamente quando minha mãe voltava para casa. Seu rosto demonstrava desaprovação, como sempre, olhando para mim através do para-brisa. Eu me perguntei se teria que comparecer a uma inquisição, quando voltasse, ou se ela me odiava a ponto de não se importar.

O habitual sentimento de ansiedade me perseguiu por todo o caminho até o shopping. Empurrei-o de volta e me lembrei que não estava fazendo nada de errado por estar aqui. Eu não era um homem livre, mas eu queria aproveitar ao máximo a liberdade que eu tinha.

Estudei o café cuidadosamente através da janela de vidro. Havia talvez uma dúzia de pessoas espalhadas por todo o espaço interior e quatro ou cinco sentadas no pátio, embora eu tenha a sensação de que estava ficando mais movimentado com as pessoas que passavam do trabalho para casa.

Eu ainda não estava acostumado com a ideia de ter um shopping nesta cidadezinha de merda.

Eu não reconheci ninguém, o que foi um bom começo, mas foi só quando vi Torrey de pé atrás da enorme máquina de café de aço inoxidável que eu tive coragem para empurrar a porta e entrar.

Eu fiquei atrás de dois outros rapazes que estavam comprando café para viagem, esperando que Torrey olhasse para cima e me notasse. Ela parecia estar concentrada na gigantesca máquina, e eu não pude deixar de sorrir quando uma onda de vapor a fez saltar um pouco.

Comecei a dar o meu pedido a caixa quando Torrey ouviu a minha voz e olhou para cima e sorriu.

— Ei, babe! — disse ela, caminhando em minha direção. — O que está fazendo aqui? Me seguindo?

— Eu senti sua falta. — eu disse, sinceramente. — Então, eu pensei em vir ver onde você trabalha.

A caixa sorriu, seus olhos passando rapidamente entre nós. — Este é o seu namorado, Torrey?

Eu estava dolorosamente curioso para ver como ela iria responder a essa pergunta. Não era algo que nós tínhamos discutido. Eu acho que, tecnicamente, ainda estávamos esperando nosso primeiro encontro.

— Eu não sei, Bev. — ela sorriu. — Eu estou pensando em mantê-lo por perto por algum tempo, ver como funciona. Ele vai receber o seu relatório de aptidão depois do fim de semana. — e piscou para mim.

— Bem, deixe-me saber como isso vai. — disse a mulher chamada Bev. — Porque eu vou pegá-lo para mim, caso não o queira mais.

— Claro! — Torrey riu. — Dê-me o seu número e eu vou deixar você saber se ele estiver disponível.

— Ei! — eu bufei. — Não tenho uma palavra a dizer neste assunto?

— Não! — elas disseram em uníssono, e riram.

Eu levantei minhas mãos em sinal de rendição. — Tudo bem, eu vou fazer o que me disserem. Deixe-me saber o que fazer, querida.

— Bem. — disse Torrey. — Eu vou mantê-lo por perto por enquanto - ver como funcionamos juntos.

Bev riu. — Oh, eu diria que ele está em boa forma, querida. Em muita boa forma.

Seu olhar lascivo estava começando a me fazer suar, e eu olhei ao redor, à procura de um refúgio.

— Pegue a mesa no canto. — disse Torrey, sentindo meu desconforto súbito. — Vou levar o seu café.

Sorri agradecendo e ela se virou para ir embora, mas não antes de ouvir Bev perguntar. — Será que ele é tão quente na cama como parece?

Eu não ouvi a resposta de Torrey, e não tinha certeza se queria.

O local ficou muito agitado depois dos pedidos, principalmente para viagem, então Torrey ficou ocupada. Mas por volta das dez horas, ela veio até minha mesa e jogou o que parecia ser um sanduíche de queijo grelhado com tomate na minha frente, só que feito de um chique pão italiano.

— Eu pensei que se você vai ficar sentado aí a noite toda, é melhor eu alimentá-lo. — ela sorriu.

— Obrigado! Estou com muita fome.

O que era um eufemismo. Eu estava morrendo de fome àquela altura, mas eu não podia me dar ao luxo de comprar qualquer coisa no menu, além do café.

Ela me olhou comer por um momento com um pequeno sorriso em seu rosto.

— Tenho mais duas horas pela frente, cowboy, se vai esperar até que meu turno termine. Deus, os meus pés estão me matando. Eu tinha esquecido quão cansativo são esses turnos.

Eu fiz uma careta. — Hum, na verdade, eu vou ter que ir embora em poucos minutos.

Ela parecia desapontada. — Oh, tudo bem. Não se preocupe com isso.

— Torrey, não! Eu gostaria de poder ficar. Eu quero passar todo minuto do dia com você, mas eu... — minha voz caiu para um sussurro. — Eu tenho o toque de recolher.

Sua boca se abriu em um pequeno O, e um olhar de compreensão atravessou seu rosto.

— Merda! Desculpe, Jordan. Eu esqueci completamente.

— Tudo bem. Eu sei que é meio patético que um homem da minha idade tenha um toque de recolher de merda.

Arrastei minhas mãos pelo meu cabelo, frustrado pelas correntes invisíveis que me seguravam, me impedindo de se comportar como um cara normal.

— Ei. — ela disse suavemente, agarrando meus pulsos. — Está tudo bem. Nós estamos bem. Vá para casa, descanse um pouco. Vejo você no domingo.

Eu soltei um longo suspiro. — Domingo, sim. Devo buscá-la depois da igreja?

Suas sobrancelhas subiram.

— Hum, não! Eu não vou à igreja, então você pode me buscar a hora que quiser.

— Ah... eu pensei que com a sua mãe e tudo...

Ela sorriu um pouco. — Não, nós temos um acordo sobre isso. Eu não vou à igreja.

— Tudo bem, eu poderia buscá-la às nove?

— Vá dez. É o único dia que posso dormir até mais tarde e gostaria de aproveitar.

Deus, eu quero dormir com ela, mas acho que não posso dizer isso a ela. Ainda não.

— Tudo bem 10. Estarei lá.

Mudei-me para me levantar, mas ela segurou meu braço.

— O que eu devo vestir?

— O que? — eu disse, minha mente imediatamente indo para a sarjeta e a imaginando em uma variedade de lingeries indecentes.

— Para nosso encontro, o Sr. Smooth Talker[20] - e não ache que eu não sei o que você estava imaginando. O que eu deveria vestir?

Merda! Eu não tinha pensado nisso.

— Ah, te mando uma mensagem. — eu disse, com uma confiança que eu definitivamente não estava sentindo.

— Legal. — ela disse e deslizou para fora de seu assento.

[20] Encantador ou lisonjeiro, especialmente quando usado para persuadir alguém a fazer alguma coisa.

Ao passar pela minha cadeira, ela se inclinou e pressionou seus lábios macios contra os meus.

— Domingo. — disse ela.



Mas eu ainda tinha 24 horas para aguentar e o sábado se arrastou interminavelmente. Senti saudades de Torrey. Cristo, eu esperava que eu não estivesse fazendo dela minha nova muleta.

Pensei em dirigir até o shopping apenas para passar alguns minutos com ela, mas não queria me tornar um perseguidor louco obsessivo. Eu já tinha a irritado tantas vezes. Eu não queria correr o risco novamente.

Em vez disso, levantei alguns pesos na garagem e saí para uma corrida. Também tive que pensar sobre onde iria para levá-la em nosso encontro. Estava tão preso na maldita alegria de ter um encontro pela frente, que tinha me esquecido completamente de planejar para onde levá-la e o que iríamos fazer.

Eu estava tão nervoso por sair. Eu não tinha um encontro desde 2006. Assumi que as coisas continuavam sendo feitas do mesmo jeito, mas que inferno, que jeito? Além disso, havia dois grandes malditos obstáculos: eu não podia ir mais de dezesseis quilômetros da cidade e eu não tenho dinheiro.

Sentindo-me um pouco louco, dirigi para o único outro lugar onde as pessoas não tinham jogado pedras em mim.

O ferro-velho do Hulk tinha sido uma casa para Mikey e eu quando estávamos crescendo. O cara pode parecer o tipo de pessoa que comeria seus pulmões com uma colher, mas ele era realmente muito legal. Ele nos ensinou tudo sobre carros, embora Mikey nunca tivesse se interessado como eu. Ainda assim, Hulk tinha nos tolerado por lá e nós aprendemos a conhecê-lo bem.

Fiquei decepcionado ao ver que havia vários outros carros no estacionamento quando cheguei. Esperei alguns minutos até que o escritório tivesse esvaziado, em seguida, bati na porta e coloquei a minha cabeça para dentro.

— Ei, cara.

Hulk estava sentado atrás da mesa, uma pilha de papéis na sua frente, com um par de óculos que parecia ser pequeno demais na ponta de seu nariz.

Ele olhou para cima e sorriu, mostrando a única cadeira vazia na sala. Sentei-me, tossindo um pouco quando uma nuvem de poeira subiu ao meu redor.

— Ei, garoto. Como estão seus pneus?

— Eles estão ótimos. Eu parei para dizer obrigado. Eu sei que você não tinha que fazer isso.

Ele acenou descartando minha gratidão.

— Só um monte de borracha velha. Nada demais, garoto. Então, o que você precisa hoje?

— Huh, nada. Só pensei em vir, ver se está tudo bem.

Ele me deu um olhar avaliador. Ele parece ter o raciocínio lento, mas muitos caras tinham perdido seus dentes da frente por fazer essa suposição. — Seus pais não te deixam em paz?

Eu desviei o olhar. — Já estive pior.

— Uh huh. E aquele pequeno rojão que trouxe da última vez - ela já chutou sua bunda?

— Oh, cara! Ela chuta minha bunda toda vez que ela me vê.

— Heh heh! Essas valem a pena serem mantidas por perto. Então, onde ela está? — disse ele, olhando por cima do ombro como se Torrey pudesse aparecer de repente. *Desejo*.

— Trabalhando. Mas nós temos um encontro amanhã.

— Ela é uma mulher incrível que todo homem deseja, cheia de atrevimento *e* ainda tem um emprego? Cara, como você conseguiu tanta sorte?

Eu fiz uma careta. — Eu sei que não a merecia, Hulk...

— Pare de falar isso, garoto! — ele rosnou. — Eu já te disse várias e várias vezes para você e para os tolos dos seus pais - o que aconteceu foi um acidente. A sorte muda, acidentes de merda acontecem. Isso é tudo. Ficar remoendo isso não vai trazer Mikey de volta. Você sabe disso. Você tem que trabalhar mais para achar uma maneira de viver consigo mesmo.

Eu suspirei.

— Essa é a parte difícil, Hulk. Eu não sei como.

Ele se inclinou para trás, fazendo a sua desgastada cadeira ranger ameaçadoramente.

— Essa linda garota parece ser um bom começo. Você disse tudo a ela?

— Basicamente. Ela não fugiu gritando ainda.

— Sabia que ela não faria. Então, aonde vai levá-la nesse famoso encontro?

Gemi e deixei cair a minha cabeça em minhas mãos. — Eu não tenho nenhuma porra de ideia! Eu estou quebrado; não posso ir mais de dezesseis quilômetros da cidade; e eu tenho uma porra de um toque de recolher às 23h!

— Hmm. — disse Hulk. — Isso certamente é um complicador. — ele coçou suas bolas preguiçosamente depois sorriu por trás de sua barba. — Você ainda tem as varas de pesca de Mikey?

— Acho que sim. Tenho certeza que meu pai não se livrou delas. Acho que eu as vi na garagem.

— Bem, é isso. Encontre um bonito e *privado* buraco para pescar. — ele balançou as sobrancelhas sugestivamente para fazer seu ponto. — Pegue algumas trutas grandes e pronto.

Olhei para ele com ceticismo. — Você acha que eu deveria levar Torrey para pescar em nosso encontro?

— A menos que você tenha uma ideia melhor. — ele me desafiou.

Não. Eu estava sem ideias.

Hulk sorriu com orgulho. — Achei que não.

Só então uma sombra apareceu na porta.

— Que porra ele está fazendo aqui? — veio uma voz áspera.

Eu me virei na cadeira. Olhando para mim, eriçado de raiva e ódio, estava um cara com a idade do meu pai.

Levantei-me bem rápido. — Eu estava indo embora.

— Eu não penso assim, rapaz. — disse o homem. — Eu fiz uma pergunta: o que você está fazendo aqui?

— Eu não quero nenhum problema, senhor.

— Você deveria ter pensado nisso antes de você mostrar seu rosto em público, seu monte de merda!

Ele deu um passo em minha direção, e quando ele saiu da luz do sol e entrou na escuridão do escritório de Hulk, finalmente o reconheci: Dallas Dupont. Seu filho, Ryan, tinha sido do time de futebol com Mikey e foi um dos seus melhores amigos. Nós três tínhamos aprontado bastante.

Eu não conhecia o pai de Ryan muito bem, mas não havia dúvida do ódio em sua voz. Eu era um especialista em categorizar graus de aversão.

Eu tentei passar por ele, mas ele bloqueou a porta, empurrando meu ombro de modo que eu cambaleei para trás.

Raiva me inundou e sem pensar, levantei a guarda, pronto para lutar.

Hulk deu um murro na mesa.

— Este é o meu local de trabalho. — ele gritou. — E eu vou ser o único a dizer quem é e quem não é bem-vindo!

— Ele é um maldito assassino, Hulk! — Dallas gritou.

— Seu pedaço de merda ignorante. Caia fora daqui antes que eu esmague seu carro!

Dallas parecia atordoado.

— Você está ficando do lado dele?

— Não há um lado para ficar. — disse Hulk, em um tom mais uniforme. — Jordan cumpriu sua sentença.

— Você acha que oito anos é punição suficiente para o que ele fez? Ele levou uma vida! Ele matou seu próprio irmão!

Hulk encarou Dallas. — Eu acho que viver com o que ele fez é a pior punição que ele poderia ter. Agora acalme-se, Dallas.

— Não vou ficar aqui ouvindo merda, Hulk! Escolha as merdas das suas prioridades. E você... — ele apontou o dedo para mim. — Fique fora da cidade, se você sabe o que é bom para sua pele inútil.

Então ele saiu e sua caminhonete desapareceu em uma nuvem de poeira.

— Pode relaxar agora, garoto.

Levantei-me e soltei um suspiro. — Desculpe, Hulk.

— Isso acontece muito?

Eu ri sem alegria. — Todo o maldito tempo.

Ele assentiu lentamente. — Não deve ser fácil.

Eu não respondi, em vez disso, sacudi as mãos para aliviar a tensão.

— Você tem brigado?

— Não, não posso arriscar. Um soco e eles jogam minha bunda de volta na cadeia. — eu sabia que ele estava se referindo a minha reação a provocação de Dallas. — Mas só porque ele me odeia, não quer dizer vou deixá-lo quebrar minha cara.

Hulk não respondeu. Talvez eu o irritasse também. Se a notícia se espalha que eu estive aqui - e Dallas Dupont provavelmente iria se certificar de que se espalhasse - o negócio de Hulk poderia sofrer. Eu sou a porra de um Jonas[21].

— Preciso ir embora.

Hulk balançou a cabeça lentamente.

— Não deixe que bastardos ignorantes te persigam, garoto.

Forcei um sorriso.

— Não, tenho que ir. Tenho um encontro quente com uma mulher gostosa para planejar.

Hulk retumbou uma risada e levantou da cadeira.

— Você vai comigo, Hulk? Porque eu acabei de te dizer que eu tenho um encontro com Torrey. Você não é meu tipo.

— Eu ainda sou rápido o suficiente para acabar com sua bunda, Jordan Kane! — ele rosnou.

Paramos perto da minha caminhonete e ele olhou para a pintura fresca.

— Muito bom! Você fez isso sozinho?

[21] Referência bíblica, onde se acredita ser Jonas o responsável pela fúria da tormenta.

— Sim. Usei a tinta que você deu a Torrey.

Ele parecia impressionado. — Você quer fazer alguns trabalhos como esse?

Eu inclinei minha cabeça para um lado. — O que você está falando, Hulk?

— Garoto, essa merda é boa. Eu tenho dez caras que arrancariam o braço fora para que você pintasse seus carros.

— Sim, e todos os dez querem que *eu* pinte seus carros*?*

Ele coçou a barba, pensativo. — Sete ou oito não se importariam. Você quer o trabalho?

Eu não podia acreditar no que estava dizendo.

— Porra, sim!

— Tudo bem, você tem um negócio. Você pode usar o meu quintal - vou te cobrar uma taxa de corretagem de trinta dólares por trabalho e fornecer a tinta. Você fica com resto. Fechado?

— Fechado!

Apertamos as mãos e saí de lá sentindo... inferno, palavras não poderiam descrever como eu me sentia. Eu estava feliz? Eu senti algo assim com Torrey, mas eu achava que era por causa de como eu me sentia em minhas calças sempre que ela estava por perto. Desta vez foi diferente, mas parecido também. Talvez felicidade fosse isso.

Mas assim que eu tive esse pensamento, o meu humor despencou. Que tipo de filho da puta louco eu era por me sentir feliz quando meu irmão estava frio na sepultura por minha causa?

Torrey

Bev tinha me questionado impiedosamente após Jordan sair. Quanto tempo eu o conhecia? Era sério? Até onde suas tatuagens iam? Onde ele tinha estado toda a sua vida? Esse tipo de coisa. Ela praticamente me implorou de joelhos para lhe dizer como ele era na cama.

Pensei em como ele tinha me tomado forte e rápido antes de eu sair para o trabalho naquela manhã.

— Selvagem! — eu disse com uma piscadela, deixando o resto para sua imaginação.

Ela gemeu e começou a se abanar.

Eu estava esperando que Jordan aparecesse novamente no sábado, mas eu não o vi. Algumas horas antes de fechar e muito tempo depois que os meus pés começaram a me matar, ele enviou uma mensagem.

Roupa confortável. Te vejo em breve. J.

Curto e doce. Hmm, ele precisava melhorar suas habilidades com as mensagens de texto - talvez eu tivesse que ensinar-lhe *sexting*[22] também. Me perguntei onde ele me levaria. Eu sabia que suas opções eram limitadas, por isso fiquei intrigada para ver o que ele faria.

Sinceramente, não me importa o que nós faríamos. Eu iria gostar de passar algum tempo com ele, conhecê-lo. Claro, eu esperava que o sexo estivesse em seus planos... eu meio que presumi que estaria.

[22] Divulgação de conteúdos eróticos e sensuais através de celulares. Seja por sms, fotos, etc.

Ele disse para usar roupas confortáveis, então eu imaginei que deve ser algo ao ar livre. Eu não era fã de atividades ao ar livre, então eu esperava que nós não estivéssemos indo fazer caminhada ou andar a cavalo ou qualquer porcaria que *cowboys* fazem. Eu o tinha apelidado de "cowboy" apenas para provocá-lo sobre o seu forte sotaque do Texas, mas ele nunca mencionou nada sobre cavalos. Eu me lembrei que eu não o conhecia muito bem. Quem sabia o que ele iria aprontar?

Então, quando domingo de manhã chegou, vesti shorts e uma camiseta, enfiei uma camisa de manga longa e um par de jeans em uma mochila. Eu pensei em levar um pouco de comida e bebida, mas isso poderia ferir seus sentimentos, poderia parecer que não confiava em suas habilidades de planejamento.

Minha mãe estava indo para uma reunião para arrecadação de fundos depois da igreja hoje. Ela saiu cedo, como de costume, dizendo que ela estaria em casa em algum momento da noite. Eu não mencionei que eu tinha um encontro com o seu faz-tudo. Eu não poderia enfrentar outro drama no café da manhã relacionado à Jordan. Mas se isso se tornasse algo regular com ele, eu teria que dizer-lhe alguma coisa. Talvez ela ficasse bem com isso. Afinal de contas, ela o defendeu de seus pais.

Eu não apostaria nisso, no entanto.

Eu tinha acabado de terminar a minha segunda caneca de café quando ouvi o barulho de sua caminhonete. Me senti como uma garota boba de 13 anos em seu primeiro encontro, mas sem a sombra de olho com glitter.

Eu estava em sua caminhonete antes mesmo dele ter a chance de desligar o motor.

— Oi. — eu disse, inclinando-me para um beijo.

Um enorme sorriso apareceu em seu rosto.

— Oi. — ele disse, pegando em meu pescoço e me beijando de volta.

Seus lábios pressionaram contra os meus, suavemente a princípio, depois com mais firmeza.

Fiquei muito tentada a ficar lá o beijando o resto do dia, mas ele se afastou, seus olhos brilhando.

— Oi. — disse ele, novamente.

— Nós já fizemos essa parte. — eu ri.

— Acho que fizemos. Eu meio que perco a noção perto de você.

Ele entrelaçou seus dedos nos meus e colocou minha mão em seu joelho, antes de piscar para mim e colocar a caminhonete em movimento.

— Então, onde vamos nesse passeio mágico e misterioso?

— Silêncio agora. — disse ele. — Eu estou pensando.

— Sobre o que?

— Onde levá-la.

— Você não pensou em onde me levar, seu idiota! — eu bati nele tirando minha mão.

Ele sorriu, aparentemente satisfeito consigo mesmo.

— Relaxa, rojão, só estou brincando com você.

Ele pegou minha mão novamente, e bastante relutante eu o deixei levá-la.

— Eu *tenho* algo planejado, mas eu estou preocupado que você vai pensar que é ridículo.

— Isso é perfeitamente possível. — eu disse irritada.

Seu sorriso brilhante caiu um pouco, e eu me senti como uma completa vadia.

— Jordan, seja o que for, tenho certeza que está tudo bem.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Se eu pudesse, eu iria levá-la em algum lugar chique. Haveria uma toalha branca engomada sobre a mesa, guardanapos dobrados em formas extravagantes e velas ao nosso redor. Eu pediria champanhe e a melhor comida do menu. Nós iríamos comer, rir e conversar, e dançaria com você até o amanhecer. Então, te deitaria em lençóis macios e te amaria até que o sol estivesse alto.

Meu queixo caiu.

— Jordan... isso é... isso é...

— Mas eu não posso. — disse ele, sem rodeios. — Eu sou um ex-presidiário em liberdade condicional, que não tem duas moedas para esfregar juntas, um pote para mijar ou uma janela para jogá-lo fora. Eu não posso sequer levá-la em algum lugar para tomar uma cerveja, ou deixar a maldita cidade sem ser pego e que minha bunda seja jogada de volta na prisão.

Sua expressão era amarga.

— Jordan, não. — eu disse calmamente, mas insistentemente, chutando a mim mesma por ter provocado esta espiral descendente. — Eu não dou a mínima para onde vamos. Apenas sentar na varanda do quintal da casa minha mãe e tomar café com você tem sido o ponto alto de cada dia desde que cheguei nessa cidade.

Ele me lançou um olhar cético.

— É verdade. E, além disso, eu não sou o tipo de garota que precisa de restaurantes chiques e comidas caras. Eu gosto de *você*.

Ele balançou a cabeça. — Eu não sei por quê.

Revirei os olhos. — Porque você tem um corpo quente pra caralho e um pau que toca partes que nenhum pau jamais tocou. Dá um tempo na festa de piedade!

Um sorriso relutante atravessou seu rosto e ele riu baixinho.

— Você tem uma boca suja, Senhorita Delaney.

— Sim, tenho Sr. Kane. Você tem algum problema com isso?

Ele sorriu e apertou meus dedos. — Não, senhora. De modo nenhum.

Liguei o rádio e nós saímos ouvindo Linkin Park de 'Breaking the Habit' que parecia estranhamente apropriado.

— Mikey sempre gostou dessa música. — ele disse, sua voz dolorida, perdido no passado novamente.

— Diga-me algo mais sobre ele - algo que ninguém mais sabe.

Jordan parecia pensativo, e então de repente ele sorriu.

— Ele perdeu sua virgindade aos 13 anos - em um piquenique da igreja.

Eu ri alto. — Você está brincando comigo!

— Eu juro que é verdade! Senhorita Morgan, a professora da Escola Dominical, achou que ele tivesse bebido ponche batizado porque ele não parava de sorrir. Mas quando chegamos em casa, ele me disse o que tinha acontecido. A mãe de uma das crianças da outra igreja. Ela tinha o que, trinta!

— Tem certeza que ele não estava brincando com você?

— Não. Ele tinha batom em sua camiseta e chupões pelo corpo.

— Isso é incrível! Que grande história! E ninguém nunca descobriu?

Jordan balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— E houve uma vez que ele estava tão bêbado, que ele jurou que podia voar. Eu estava muito bêbado, também, então eu disse a ele para provar isso. Mikey, ele subiu ao topo deste velho carvalho do lado de fora do pátio da escola, caiu e quebrou o braço. Ele estava tão chapado, que nem sequer sentiu dor até o dia seguinte. Nós dissemos a todos que eu joguei um Frisbee lá em cima e ele foi tentar pegar.

Eu ri quando ele me contou história após história das armações que ele e Mikey tinham se metido. Mas depois de um tempo, comecei a sentir-me inquieta com o padrão que surgiu. Eu prestei muita atenção - isso não se parece com o Santo Mikey que minha mãe tinha me falado, ou o cara que todo mundo admirava.

— E a namorada dele?

Jordan riu. — Qual delas? Ele era um jogador enorme! Inferno, ele me ensinou todos os movimentos. Hum, tudo bem, isso soou estranho. Eu só quis dizer que ele não era o tipo de cara que queria se amarrar logo.

Isso foi realmente estranho. Eu *definitivamente* lembro de minha mãe me dizendo que Mikey tinha uma namorada firme que ele estava pensando em se casar. Alguém tinha enfiado merdas na cabeça da minha mãe.

Ouvindo as histórias de Jordan, ficou claro que era Mikey que os colocava em problemas, mas era Jordan que levava a culpa, enquanto o seu irmão mais velho saía ileso.

Eu ainda estava pensando no que ele disse quando Jordan anunciou que tínhamos chegado.

Nos últimos cinco minutos, estávamos sacudindo por uma estrada de terra, e agora nós tínhamos parado em numa linda parte da baía.

Talvez o seu plano fosse recriar o nosso piquenique. Eu não teria me importado, embora estivesse um pouco decepcionada que ele não tinha pensado em algo mais original.

Desci da caminhonete enquanto ele pegava alguma coisa na carroceria.

Ele parecia nervoso quando se aproximou de mim. Eu percebi que ele estava segurando um par de varas de pesca.

— Pescar? Nós vamos pescar?

Eu estava perplexa. Nunca tinha pescado na minha vida, e eu não tinha certeza se queria começar agora.

— Nós não precisamos. — ele disse, sua expressão desconfiada. — Eu só pensei que talvez pudéssemos pegar algumas trutas e assá-las numa fogueira. — ele parecia tão sério, que não tive coragem de dizer que a ideia de tripas de peixe me embrulhou o estômago. — E, hum, eu trouxe algumas batatas. Poderíamos enterrá-las para que assem enquanto pescamos.

— Parece divertido. — eu disse, reunindo todo o falso entusiasmo que podia ter.

— Nós podemos fazer outra coisa... — começou ele, a preocupação vincando sua testa.

— Claro que não! Pescar! Me ensina, mas já vou te dizendo que destrinchar esses pobres seres é *sua* tarefa, e se eu não pegar nada, vou ficar mal-humorada se não me alimentar.

— Eu me considero avisado. — disse ele, relaxando imediatamente e me lançando um enorme sorriso.

Sentei-me no mesmo cobertor, o que ele pegou emprestado no meu carro antes, observando enquanto ele cavava um pequeno buraco na areia e colocava as batatas embrulhadas em papel alumínio dentro. Então ele fez uma fogueira por cima com pedaços de galho e troncos.

— Duas horas, mais ou menos, e nós vamos ter algumas batatas cozidas. — disse ele, alegremente. — Mikey e eu costumávamos vir aqui e fazer isso, beber um pouco de cerveja, fumar maconha. Era uma espécie de nosso lugar. — ele ergueu as sobrancelhas para mim. — Garotas não permitidas.

— Então, agora você está quebrando algum tipo de código de homens.

Ele deu de ombros e olhou para baixo, mas não respondeu.

Parecia como se com cada frase estava entrando em assuntos delicados, mas era melhor que andar sobre ovos o tempo todo. Além disso, ele disse que gostava, pois eu era a única que fazia perguntas reais. Acho que deveria apenas continuar fazendo o que estava fazendo.

Peguei a garrafa térmica de café e duas canecas, enquanto Jordan levou o material de pesca. Ele me guiou até um velho tronco perto água salgada, e colocou na vara de pescar uma isca nojenta e uma pequena boia para sabermos quando o peixe mordesse a isca. Então, nós nos sentamos lado a lado, observando a água ir e vir em nossos pés sobre a areia.

Enchi as duas canecas com café e passei uma para Jordan.

— É calmo aqui. — eu disse.

— Sim.

Nós sentamos por mais alguns minutos em silêncio, bebendo o nosso café, antes de sentir seus olhos em mim.

— O quê?

— Eu estava apenas imaginando. — disse ele. — Você não deixou um cara em Boston? Quando você estava trabalhando lá?

— Sim, não. Quer dizer... não *era* um cara. — *uh-oh, hora de dizer a verdade. Espero que ele não vá pensar que eu era uma vagabunda gigante, ou uma idiota, sendo que ambos seriam uma espécie de verdade.* — Bem, eu tinha essa coisa com um cara no trabalho...

Ele me estudou cuidadosamente, mas não falou.

— Ele era meu chefe. E noivo - de outra pessoa. E, uh, quando ele terminou comigo... bem, não foi bonito. A verdade é que ele me tratou como lixo depois... então, deixei o meu emprego e vim para cá.

Ele limpou a garganta várias vezes, e eu esperei pela próxima pergunta. Eu não tinha certeza se queria ouvir, mas era justo: ele respondeu às minhas perguntas.

— Você, hum, você ainda se importa com ele? — ele perguntou em voz baixa, não encontrando meus olhos.

Eu ri amargamente.

— Claro que não! O cara era um idiota. Eu estou tão brava comigo mesma por não ter percebido antes. De qualquer forma, vamos apenas dizer que eu o tirei do meu sistema.

Jordan parecia aliviado na primeira parte da minha resposta, mas então seu olhar ansioso estava de volta.

— Quer dizer que você... namorou... muito?

Atirei-lhe um olhar para dizer que eu sabia *exatamente* onde esta conversa estava indo.

— Depende da sua definição de "namorar" e de "muito". Eu namorei um cara, quando eu era caloura na faculdade - Jem - por cerca de sete meses. Então, ele me largou. Bem, suponho que é o que ele quis dizer quando eu o encontrei na cama com a minha colega de quarto. Parece que vinha acontecendo há algum tempo e eu fui a última a saber.

Jordan fez uma careta.

— Quer que eu o encontre e o faça pedir desculpas? Ele e sua colega de quarto? — perguntou Jordan.

Parecia que ele estava falando sério.

— Ha, obrigada, mas não. Além disso, se houver qualquer tipo de violência a ser praticada, prefiro fazer isso sozinha.

— Ele te machucou muito, né?

Olhei para ele, vendo apenas simpatia e tristeza em seus olhos bonitos.

— Sim, pode-se dizer que sim. Acho que... achava... que é difícil confiar nas pessoas - homens. Mas não apenas homens. A traição maior foi da minha colega de quarto. Então... depois disso... eu decidi: nada sério. Só ia me divertir. E fiquei nessa pelo resto da faculdade e quando comecei a trabalhar, também. Mas então eu conheci Craig, e meio que o tiro saiu pela culatra.

— O idiota do seu chefe?

— Sim. Mas foi culpa minha. Quer dizer, eu sabia que ele estava noivo, mas eu não me importei. Eu apenas achava que ela que tinha que tomar conta de si mesma. Eu sei que soa muito ruim, mas era assim que me sentia. Era emocionante. Ele me levava para restaurantes caros e boates da moda...

Eu vi Jordan olhar para baixo.

— Mas não era para significar nada. E não significou - para nenhum de nós. Mas quando ele se cansou de mim, bem, ele foi um canalha completo. Ele se tornou intolerável no trabalho, dando-me os trabalhos mais insuportáveis, gritando comigo na frente dos outros estagiários. Bem, você pode imaginar. Eu não iria suportar aquela merda, e todo mundo sabia sobre nós, então se eu tivesse pensado em processá-lo por assédio, eu não teria tido a mínima chance de ganhar o caso. Pensei em contar a sua noiva, deixá-la saber que grande idiota ele era, mas no final, bem, eu só estava farta. Então eu fui embora.

— E veio para cá?

— Sim, bem, depois do desastre pensei em desistir de namorar por um tempo. Em vez disso, eu apenas procurei por alguns rolos, nada muito sério. E não, antes que você pergunte, eu não considero você um rolo.

Ele assentiu lentamente.

— O que, hum, o que você considera... a gente?

Ooh, estava esperançosa que ele não fizesse essa pergunta.

— Honestamente? — eu suspirei. — Eu não sei. Quer dizer, estritamente falando, este é o nosso primeiro encontro, e como eu disse, eu não vou a encontros em geral. Então, eu suponho que é um progresso. Isso responde a sua pergunta?

Ele não respondeu a isso, mas respondeu com outra pergunta.

— Na sexta-feira, no café, quando aquela mulher, Bev, perguntou se eu era seu namorado. Você disse que estava pensando sobre isso.

— É verdade.

— Bem, já pensou?

— Você tem que saber algo sobre mim Jordan. Eu não sou muito dessa coisa toda de “namorado”. Isso é provavelmente porque fui tratada como merda o tempo todo. Tudo o que posso dizer é que eu gosto de passar o tempo com você, mas eu não estou pensando em ficar na cidade para sempre. Quando juntar algum dinheiro, vou embora. E se você é tão inteligente como eu acho que é, você vai fazer o mesmo.

Ele suspirou e correu uma mão pelo cabelo, empurrando um cacho perdido fora de seus olhos.

— Eu nunca iria tratá-la como os outros caras, Torrey, eu prometo. Mas sim, tudo bem, eu entendo.

Eu sabia que ele estava desapontado com a minha resposta, mas eu estava tentando ser o mais honesta possível. A expressão em seu rosto me disse que não era o que ele queria ouvir.

Tentei pensar em algo para dizer para distraí-lo.

— Então, me fale sobre as tatuagens. — eu disse, correndo um dedo ao longo do arame farpado que se arrastava de debaixo da manga de sua camiseta, até o cotovelo. — Eles ensinam isso na cadeia, ou o quê?

Ele me deu um olhar que dizia que ele sabia o que eu estava fazendo, seguido de um sorriso irônico.

— Não exatamente. É ilegal, para começar. Se for pego, adicionam 180 dias para cada infração. Eu acho que não faria muita diferença diante de uma acusação de tentativa de homicídio, mas constava na minha ficha quando fui enviado do reformatório para a prisão. — ele balançou a cabeça. — Uma das coisas que eles mantiveram na minha ficha. — ele repetiu, em voz baixa.

Sua expressão escureceu, e eu podia sentir mais um mergulho em seu humor.

— Então, você foi um quebrador de regras, mesmo no reformatório? — eu perguntei, na esperança de aliviar a atmosfera de repente sombria.

Ele contraiu um ombro.

— Acho que sim. Eu fiz isso sozinho.

Ele estendeu o braço esquerdo e vi novamente a palavra "amor" tatuada nas costas de seu pulso. Lembrei-me de vê-la no primeiro dia que eu o conheci.

— Parece um pouco estranho tatuar essa palavra enquanto estava na prisão. — eu disse, cutucando seu ombro. — A menos que me diga que estava apaixonado por um motoqueiro de 130 quilos chamado Graham.

Ele tentou sorrir. — Não, motoqueiros não. Fiz isto para o meu irmão. Eu amei Mikey. Quer dizer, ele era o meu irmão mais velho, mas você não ama as pessoas só porque elas são a sua família.

Eu tinha certeza que ele estava pensando em seus pais naquele momento.

— Mikey era o mundo para mim - melhor cara que já encontrei. Todo mundo amava Mikey.

Ele suspirou, vi a escuridão chegar novamente.

— Ele era fácil de amar. Não era como eu. Assim, a tatuagem era para que me lembrasse de que não importa o quanto eu estava com raiva de mim mesmo, de todos, que Mikey era cheio de amor. Eu não sei - alguma coisa assim. Minha cabeça estava fodida na época. Ainda é. — ele sussurrou.

— A primeira vez que eu vi essa tatoo, pensei que você provavelmente teria "ódio" tatuado em seu outro pulso ou atrás de seu joelho ou algo assim. Sabe, como aquele padre assustador de *Night of the Hunter*[23].

Eu podia vê-lo fazendo o esforço para melhorar seu humor para combinar com o que estava tentando criar para nós.

[23] Filme de 1955. Conhecido no Brasil como O mensageiro do diabo.

— Ei! Eu lembro desse filme. — ele concordou. — Sim, foi assustador pra caralho quando eu era um garoto - Robert Mitchum me deu pesadelos. — ele me lançou um olhar provocante. — Ei, você acha que a sua mãe tem tatuagens em lugares interessantes?

Bati forte em seu braço.

— Você *não pode* estar pensando em minha mãe nua quando eu tive seu pau dentro de mim apenas algumas noites atrás! — eu meio que gritei.

Vi seu rosto empalidecer imediatamente.

— Porra, não. — ele bufou. — Eu nunca... quer dizer, não pensei... não!

Eu não pude deixar de rir ao ver a expressão de horror em seu rosto.

— Brincadeira! Cara, você é tão fácil de provocar!

Ele rosnou para mim e prendeu meus pulsos com uma das mãos, derrubando nossas canecas de café na areia.

— Você vai pagar por isso, mulher!

E então ele começou a me fazer cócegas até que as lágrimas jorravam dos meus olhos, e eu estava implorando para ele parar. Mas ele era implacável, e foi só com um chute de sorte em suas bolas que o fez recuar.

— Oh, Deus, você acabou comigo. — ele gemeu, segurando o saco com as duas mãos, pressionando as duas coxas juntas, defensivamente.

— Você mereceu! — tossi, enxugando as lágrimas dos meus olhos.

Ele poderia ter algumas lágrimas também naquela altura. Bem feito!

Eventualmente, nós nos acalmamos o suficiente para nos sentarmos em paz novamente.

Ele olhava desconsolado para sua caneca vazia, mas eu estava muito confortável para me mover. Ele teria que esperar por mais.

— Você estava me contando sobre as tatuagens?

— Eu não era bom em muita coisa na escola. — ele admitiu, por fim. — Mas eu era bom com desenhos e fotos. Havia um garoto no reformatório cujo irmão mais velho era um tatuador e ele sabia algumas coisas. Então eu fiz os esboços e ele me ensinou como tatuar. Era muito arriscado...

— Por quê?

— Bem, como eu disse, é ilegal, mas a outra coisa, é que você não podia encomendar o equipamento, por isso tivemos que fabricar um. Antes de tudo, Styx usava apenas agulha de costura e caneta marcadora. Não era exatamente estéril e tinha muita Hepatite C por lá. Então ele começou a usar cordas velhas de violão, grafite de lápis e às vezes cinzas de papel queimado.

— Você está brincando comigo! Você usou isso na sua *pele?*

— Bem, sim. Não tínhamos muito o que fazer lá. Tinha que achar alguma coisa para fazer. Quando cheguei à prisão, um dos guardas podia ser subornado e então ele trouxe tinta colorida. Mas parei depois de um tempo.

— Por quê?

— Eu não queria ficar para o resto da minha vida. Eu já tinha tido tempo adicionado à minha pena, e 180 dias pela primeira vez que eu fui pego tatuando outro prisioneiro. Mesmo assim, eu sabia que havia mais na vida - eu queria mais disso.

— Me conta o que elas significam. — eu pedi. — Quer dizer, o arame farpado é meio óbvio. O que é isso? — eu apontei para uma lágrima, saindo de um dos pontos de arame.

— Uma lágrima não preenchida é a morte de um amigo.

— Oh. E esta aqui?

— Essa é uma andorinha.

— É linda.

— Obrigado.

— O que significa?

Ele suspirou. — Andorinhas não voam mar adentro, de modo que quando os marinheiros as viam significava que a terra estava próxima. É um símbolo de esperança.

— Eu gosto disso. — eu murmurei. — E o golfinho?

— Dualidade: uma criatura que vive na água, mas precisa de ar para sobreviver. Eu não sei - só gostei.

— Eu acho que posso adivinhar essa, mas o que a teia de aranha quer dizer?

Ele sorriu com tristeza. — Ser pego, ir para a prisão.

Eu comecei a falar mais, mas depois eu senti um puxão na minha linha e a boia mergulhou na água.

— Ooh! Eu acho peguei um! O que eu faço?

— Enrole o molinete devagar, sem pressa.

Entrei em pânico e empurrei a vara para ele. — Você faz isso! Eu não quero perdê-lo.

Eu assisti, fascinada, como ele jogou com o peixe - dando linha e puxando e dando linha outra vez, os músculos de seus braços e ombros mostrando seu incrível físico. Quem imaginaria que a pesca seria tão quente.

Um minuto depois, ele conseguiu uma truta do comprimento do meu braço, cujos olhos me olharam lastimosamente, boquiaberta.

Eu estava fascinada e horrorizada, ao mesmo tempo, observando seus últimos minutos de vida.

Jordan viu a expressão de horror no meu rosto.

— Vá esperar na caminhonete, Torrey. — disse ele. — Estarei lá em um minuto.

Fiquei feliz em deixá-lo. Eu sabia que era hipócrita, mas eu preferia a minha comida um pouco menos *animada*.

Cambaleei de volta ao nosso cobertor e me joguei. Eu parecia estar estragando tudo hoje. Pelo menos, o fogo ainda estava aceso. Eu joguei um pouco mais da madeira seca que Jordan tinha encontrado e aumentei o fogo. Mesmo o dia estando quente, as chamas estavam reconfortantes.

Ele voltou alguns minutos mais tarde, com o pobre peixe empalado em uma vara. Fiquei aliviada que ele já tinha feito as coisas desagradáveis e em deferência à minha delicadeza, ele removeu a cabeça também. Graças a Deus! Eu não teria suportado ele me encarando enquanto cozinhava. Ficaria esperando ele piscar.

— Você está bem? — ele perguntou, preocupado.

— Eu estou bem. Desculpe ser tão covarde. Eu sempre fui uma garota da cidade. Meu pai nunca fez coisas como dormir em barracas ou caminhadas comigo. E eu odiava a ideia de um acampamento de verão tanto que eu o fiz prometer que nunca me mandaria para um. Mas enquanto tenho alguém para fazer o trabalho sujo com o peixe, estou bem.

Ele me deu um olhar como se não acreditasse em mim, mas preferiu não discutir. Eu observei, me sentindo a Jane na selva enquanto ele construía vigas com duas varas mais longas e arrumava o peixe sobre o fogo. Quando ele terminou, ele se estendeu no cobertor ao meu lado e fechou os olhos.

Eu levei um momento para apreciar a vista. Suas longas pernas estavam cobertas por uma calça jeans hoje, e não as bermudas largas como me acostumei. Sua camiseta cinza esticada sobre o peito musculoso, que naquele momento estava um pouco para cima, mostrando uma faixa do abdome firme com uma pitada de pelos castanho-claros que apontam para abaixo de sua cintura.

Seus braços foram jogados por cima da cabeça, e eu podia ver a beleza e a simplicidade das tatuagens ao redor de seus bíceps. Longos cílios se espalhavam ao longo do seu rosto, e seus lábios estavam ligeiramente abertos, me fazendo querer lambê-los. A pequena carranca entre as sobrancelhas estava menos pronunciada que o habitual. Inclinei-me para esfregar meu dedo suavemente sobre as linhas tênues, na esperança de apagá-las.

Ele pulou um pouco, e seus olhos se abriram.

— Desculpe, te assustei. Mais uma vez.

Ele sorriu e passou a mão quente no rosto. — Eu gosto quando você me toca.

— Sim. — eu respirei. — Eu gosto também.

Eu estava prestes a me inclinar mais para beijar seus lábios quando ele sentou-se de repente.

— Merda! O peixe!

Ele estava certo: a pobre criatura estava preta nas bordas. Ele o virou rapidamente, de modo que o outro lado poderia cozinhar, então me deu um sorriso sedutor.

— Você me distrai, Senhorita Delaney.

— Você está me culpando? Você era o único deitado no cobertor todo delicioso e pecador!

Ele riu alto. — Delicioso e *pecador?*

— E você sabe disso. — eu bufei. — Eu praticamente tive que impedir Bev de pular em você no café quando a conheceu.

Seu olhar se voltou com fome, seus olhos escuros semicerrados para mim.

— Há apenas uma mulher que me interessa, e ela estava sentada ao meu lado.

Eu dei um sorriso muito satisfeita mesmo quando o suor irrompeu por todo o meu corpo, minha pele aquecida pelo fogo em seus olhos.

— É bom ouvir isso. Bem, que tal você me alimentar, e talvez termos algum pecado para a sobremesa?

Ele fechou os olhos e gemeu. — As coisas que você diz, mulher!

Ele balançou a cabeça como se quisesse limpá-la, em seguida, levantou-se. — Eu já volto.

Ele correu para a caminhonete e voltou com um par de pratos, garfos, facas e uma caixa que tinha enfiado entre as pedras, provavelmente para mantê-la refrigerada. Eu não tinha certeza de como isso iria funcionar, pois a água estava sendo aquecida pelo sol de fim de verão.

Observei-o cuidadosamente cortar o peixe ao meio, em seguida, chutar areia no fogo para apagá-lo. Ele usou uma das longas varas para cavar nossas batatas, fazendo malabarismos com elas em suas mãos enquanto tirava o papel alumínio e colocou a comida em nossos pratos.

— O almoço está servido, minha senhora.

— Que cheiro maravilhoso! Você tem algumas habilidades culinárias, cowboy!

— Não se esqueça que eu sou pecador, também. — ele disse, passando os lábios em minha bochecha.

Um arrepio me percorreu, e definitivamente não era de frio.

Ele me entregou um dos pratos de papel e o cheiro da comida quente flutuava, absolutamente sedutor. Apesar dos meus receios, o peixe estava incrível e me distraiu completamente de pensar no pobre se debatendo na água apenas meia hora mais cedo. A batata cozida estava gostosa também, embora tenha sentido falta de besuntá-la na manteiga.

— Isto está realmente bom, Jordan. — eu murmurei com a boca cheia de comida.

Ele sorriu, feliz. — Bom!

Comemos em silêncio enquanto eu cuidadosamente evitava engolir quaisquer espinhas do peixe. Seria muito ruim se aquela truta risse por último, e eu sufocasse até a morte com uma das espinhas. Eu tinha certeza que Jordan faria boca-a-boca, mas eu tinha outras maneiras de testar essa teoria.

Finalmente, eu empurrei meu prato e esfreguei minha barriga cheia. — Fabuloso.

— Não acabou ainda, querida.

— Tem mais?

Ele piscou para mim e voltou à caminhonete, reaparecendo segundos depois com um pacote de biscoitos de chocolate. Perfeito. Então tirou a caixa do lago.

Eu ri alto. — Jordan Kane, você é muito bom para o seu próprio bem! Você me trouxe leite e biscoitos?

Ele deu de ombros, parecendo um pouco envergonhado. — Eu não sabia do que você gostava, mas imaginei que garotas gostam de chocolate, certo?

— Eu tenho certeza que existem algumas mulheres no mundo que não gostam de chocolate, mas nunca conheci nenhuma delas. Graças a Deus. Acho que isso o torna oficialmente perfeito. — eu disse, abrindo o pacote e colocando um pedaço doce, maravilhosamente açucarado em minha boca.

Eu gemia em torno das migalhas de chocolate enquanto meus olhos reviravam.

Jordan sentou-se ao meu lado, parecendo desconfortável.

— O quê? — eu disse, olhando-o com diversão.

— Não é nada.

— Fale, seja o que for.

Então eu notei que ele tinha uma ereção bastante proeminente sob seus jeans.

— Meu Deus! Me ver comer biscoitos está te excitando? Você é um pervertido!

— Não pude evitar. — ele reclamou. — Você está gemendo e mordendo os lábios. Isso mexe com um homem!

Joguei um biscoito nele. — Coma. Isso vai livrar sua mente desse monstro que está dentro de suas calças.

— Eu duvido. — disse ele sombriamente, mas comeu o biscoite mesmo assim.

Abri a caixa de leite e bebi um pouco, limpando a boca com o braço. Olhei para ele e lambi os lábios lentamente.

Ele rosnou e puxou a caixa das minhas mãos, derramando pelo menos um quarto dele na areia.

Ele me pressionado no cobertor e plantou quentes, beijos de boca aberta em meu peito e garganta.

— Porra, mulher! Eu não posso ter o suficiente de você.

Eu queria dizer a ele que eu sentia o mesmo, mas em vez disso, eu puxei sua camiseta para cima e arranhei sua pele com as unhas. Ele chiou e se contorceu em cima de mim, pressionando seu pau duro na minha barriga.

Ele pegou sua camiseta na parte de trás de seu pescoço e a tirou, dando-me uma área bastante grande para babar.

Meu short foi para um lado e sua calça para outro. Nenhum de nós tinha roupas íntimas e num segundo estávamos nus sob o céu.

Ele foi mais paciente desta vez, aprendendo como meu corpo respondia ao seu toque, e o olhar de triunfo em seu rosto quando gozei em seus dedos, teria me feito rir se eu não estivesse ofegante e sem fôlego.

— Camisinha! — ofeguei, dolorida para senti-lo dentro de mim. — No meu short!

— Merda. — ele xingou. — Onde diabos você o jogou?

Fui presenteada com a visão de sua bunda durinha enquanto ele corria pela areia para pegar meu short em um arbusto próximo. No caminho de volta, eu podia ver seu pau ereto subindo e descendo com expectativa.

— Porra! Lembre-me de não correr com pau duro novamente - dói pra caramba!

Eu não pude deixar de rir.

— Ei, você está quebrando o clima! — disse ele, rindo comigo.

— Vou te ajudar com isso. — eu sorri, serpenteando minha mão até sua coxa.

Sua respiração ficou presa na garganta quando ele se ajoelhou ao meu lado. Sentei-me e montei nele, então corri minha língua em seu pescoço e mordi seus lábios carnudos.

— Merda. — ele suspirou.

Me afastei um pouco o que nos deu um pequeno espaço de manobra, então eu tirei a camisinha de seus dedos inertes e rolei-a em seu pau.

Todo o seu corpo estremeceu e ele respirou fundo que fez suas narinas abrirem.

— Você não tem ideia de como me sinto tendo suas mãos em mim, querida. — ele sussurrou. — Cada toque seu é ouro puro.

Meu Deus! Como este homem que tinha sofrido oito longos anos de brutalidades mantém esse amor em seu coração? Ele surpreendeu a minha alma. Eu ataquei seus lábios e senti o crescente calor da paixão crua derramar dele.

Eu me puxei de volta para o seu colo e soltei um longo gemido de prazer quando eu me empalei nele.

Sua respiração era rápida e irregular quando ele me puxou para frente para que meu peito estivesse rente dele, então ele empurrou em mim repetidamente.

— Torrey! — ele ofegou. — Meu Deus, Torrey!

Eu podia senti-lo inchar dentro de mim, e ele gemeu mais alto.

De repente, ele me derrubou e minhas costas caíram sobre o cobertor. Então ele puxou meus tornozelos sobre seus ombros quase que me dobrando ao meio. Seus olhos estavam fechados e seus bíceps agrupados conforme ele estocava com força. Eu gritei e suas pálpebras se abriram, a intensidade de seu olhar me emocionou. Suas costas arquearam e ele estremeceu enquanto seu corpo pulsava dentro de mim, quase uma entidade própria; a força de uma vida passando entre nós.

Ele gritou e caiu em cima de mim, seu peso esmagador forçando a pequena quantidade de ar que eu tinha deixar meus pulmões.

Então ele rolou de costas, me puxando com ele para que eu ficasse esparramada sobre seu peito largo.

Levou vários minutos para que qualquer um de nós fosse capaz de falar.

Seu pau escorregou para fora de mim, mas eu ainda não podia me mover.

— Você está bem? — ele sussurrou, suas mãos acariciando para cima e para baixo da minha coluna.

— Mm-mm.

— Isso é um “mm-mm, sim” ou um “mm-mm, não”? — ele perguntou, com um sorriso em sua voz.

— Isso é um “mm-mm, cale a boca”. — eu bocejei.

Ele riu baixinho e sentou-se lentamente, deixando-me deslizar de seu peito para o cobertor.

Eu não conseguia abrir os olhos, mas ouvi quando ele tirou o preservativo usado, dando um nó no final.

Ele se deitou e enrolou seu corpo em torno meu, se aconchegando contra mim e salpicando pequenos beijos por cima do meu ombro.

Estiquei meus músculos bem exercitados, impressionada que a sua tomada de amor vigorosa não me tivesse partido em duas.

Ele passou o braço em volta da minha cintura e me puxou ainda mais apertado.

— Toda vez. — ele respirou no meu cabelo. — Toda vez penso que não poderia ser melhor do que a última vez, mas sempre é. Você. É. Tão. Especial.

Ele fez uma pausa, como se estivesse esperando que eu respondesse, mas eu estava muito confortável, tão saciada e totalmente exausta para falar.

Ele parecia hesitante quando falou de novo.

— Cristo, Torrey, eu odeio soar como a porra de um adolescente, mas você tem que me dizer, querida, como foi para você?

Eu quase dei uma resposta sarcástica, mas suas palavras expuseram sua vulnerabilidade. Eu não queria machucá-lo dessa forma, sabendo que uma palavra minha era tudo que precisava.

— Bem. — eu disse, esfregando o dedo em um pequeno círculo sobre o dorso de sua mão. — Toda vez que eu penso que não poderia ser melhor do que a última vez, sempre é. Toda vez que eu penso que eu tive o melhor que existe, você ensina o meu corpo algo novo. Eu não me canso de você, Jordan Kane.

Sua respiração ficou apressada e o senti estremecer. Ele me pressionou contra ele, enquanto seu corpo tremia atrás de mim.

Eu estava em seus braços, minhas costas contra seu peito, acariciando suas mãos e pulsos, entrelaçando as pernas com a dele, deixando-o perder suas lágrimas no meu cabelo.

Depois de alguns minutos, ele parou, e eu senti seu corpo enrijecer de vergonha por sua perda de controle.

Torci em seus braços, assim, eu estava de frente para ele e beijei as lágrimas de seus longos cílios.

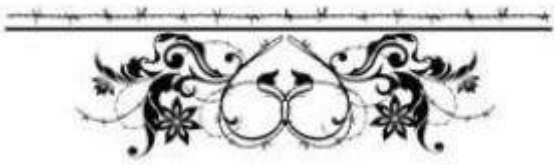
— Está tudo bem, Jordan. Você está seguro comigo.

Ele deu um suspiro trêmulo. — Eu te amo, Torrey Delaney. Você não tem que dizer isso de volta para mim, mas eu te amo. Eu não achava que a vida valia a pena viver, até que eu conheci você. Estou tão, tão feliz por estar errado.

Minha garganta secou, impedindo qualquer resposta. Seus braços se apertaram em mim e eu esperei pelo momento em que eu me apavorasse, com medo do que ele disse, com medo da intensidade de suas emoções.

Mas o pânico não veio. Em vez disso, inclinei-me em seu corpo forte, sólido e apenas o segurei firmemente.

Capítulo Nove - Luto



Jordan

Esta mulher.

O que ela fez para mim. Eu me senti como se eu tivesse estado em uma caverna escura durante anos e ela era o sol explodindo ao meu redor. Ela arrancou todas as minhas camadas de pele e derramou sua bondade e compaixão no meu corpo, me curando de dentro para fora.

Eu a vi deitada ao meu lado no buraco de pesca, o cabelo caindo em todo o cobertor, sua pele dourada brilhando na luz do sol, confiando em mim com seus pensamentos, memórias e sentimentos - e com seu corpo.

Me assustou pra caralho sentir tanto.

Eu passei oito anos mantendo cada emoção congelada e entorpecida, confiando em ninguém.

Na prisão, você está enjaulado ao lado de outras pessoas como você, perto, mas intocável, até que toda a raiva, fúria e frustração explodem em violência. Em cada segundo você tem que estar atento, e se você mostrar qualquer fraqueza, você está fodido. Às vezes, literalmente.

A condicional veio como um choque. Eu tinha sido rejeitado tantas vezes, ano após ano, que eu tinha praticamente desistido de qualquer esperança de ser solto. Sentei-me na cadeira em minha camisa pulôver branca, minhas mãos

algemadas, observando os rostos indiferentes do conselho de revisão na minha frente.

Minhas últimas contravenções foram listadas: combate, ferindo outro prisioneiro, tatuagem proibida, má atitude, desrespeito aos guardas. Mas então, aparentemente, eu tinha mostrado "progressão na minha reabilitação". Isso era novidade para mim, mas eu pegaria qualquer coisa que eu pudesse receber.

Fiquei surpreso - chocado e sem acreditar - quando eu soube que meus pais iam me levar de volta como parte do meu plano de liberdade condicional. Eu não esperava isso. Na verdade eu tinha certeza de que eu nunca iria ver ou ouvir sobre eles novamente.

O dia em que fui solto foi uma montanha-russa de emoções.

Eu estava animado, eu estava nervoso - completamente apavorado, se eu estou sendo honesto. Eu sabia como ser um bom preso, mas eu não sabia mais como viver *lá fora*. Eu tinha que encontrar uma nova maneira de me relacionar com as pessoas comuns, aprender a ler um conjunto diferente de sinais. Eu não conseguia tirar a mentalidade de prisão para o mundo real. Eu não tinha a mínima ideia de como me comportar.

Ver meus pais foi de foder a mente. Durante anos, eu acreditava que eles tinham lavado as mãos, desistido de mim. Não houve nenhuma carta ou cartões, sem telefonemas, sem qualquer tipo de comunicação. Eu poderia muito bem estar morto para eles.

Então, descobrir que eles estavam dispostos a me levar para casa: isso criou todo tipo de esperança dentro de mim. E eu tinha perguntas... um monte de perguntas. Todas elas começavam com "por quê"?

Eu acordei cedo no dia em que fui solto, principalmente porque eu não tinha dormido. Me deram algumas roupas de baixa qualidade para vestir e fui escoltado da minha cela. Eu tinha alguns livros de bolso em uma caixa e alguns dos desenhos que eu tinha feito para tatuagens, e foi isso. Essa foi toda a minha vida nos últimos oito anos.

O agente penitenciário me levou para uma sala onde um homem e uma mulher estavam sentados - meus pais. Foi um choque. Eles parecia mais velhos, é claro, mas eu não estava esperando isso. Na minha mente, eles estavam congelados no tempo, do jeito que eu os tinha visto pela última vez, no meu julgamento, em lágrimas.

Eu podia vê-los analisar meu rosto, em busca de algo que eles poderiam reconhecer do menino que tinham conhecido, no homem à sua frente. Os olhos do meu pai seguiram as linhas de tatuagens em meus braços, e ele franziu a testa. Eu podia vê-lo tentando entender isso - como eu as tinha conseguido, se estava na prisão?

Quando meus olhos encontraram os de minha mãe, ela desviou o olhar.

Eles não tentaram me tocar. Não houve abraços, sem apertos de mão, não houve palavras para seu filho.

Foi-me indicada uma cadeira pelo agente penitenciário, e sentamos olhando uns para os outros - estranhos jogados juntos pelo fodido destino.

O agente penitenciário me entregou uma cópia do meu formulário de liberação e explicou novamente as regras da minha liberdade condicional.

Ninguém mais tinha falado.

Eu fui processado e liberado.

Foi uma sensação estranha andar no estacionamento dos visitantes. Eu não sei o que eu esperava, mas tudo parecia tão irreal. Eu estava procurando a velha caminhonete do meu pai, mas ele apertou o controle do alarme e as luzes se acenderam em um Toyota.

— Você tem um carro novo, pai?

Ele pareceu chocado que eu tinha falado e balançou a cabeça em resposta.

— Há quatro anos. — disse ele.

Essas foram as primeiras palavras que ele tinha falado para mim desde que disse que eu não era mais seu filho, todos aqueles anos antes.

Minha mãe apenas olhou para mim.

Ninguém falou no caminho para casa. Sentei-me no banco de trás, olhando para fora da janela, enquanto estradas, casas e árvores passavam por mim. Quando o cenário tornou-se gradualmente mais familiar, o sentimento de pânico começou a diminuir, e eu estava animado para ver lugares conhecidos. Mas a cada minuto, a pedra na boca do meu estômago pesava mais, a medida que chegávamos ao lugar que eu chamava de lar.

Nós descemos pela estrada de terra familiar e os choupos se separaram. Eles eram mais altos do que eu me lembrava, mais exuberantes, mas a casa parecia menor e meio degradada. Meu pai sempre tinha sido insistente em limpar as calhas e manter a pintura fresca. Lembrei-me das vezes em que Mikey e eu reclamamos de ter que subir escadas para consertar as coisas. Parecia que nada havia sido consertado em um longo tempo. Oito anos, talvez.

No interior, a casa era a mesma, mas diferente. Um novo abajur aqui; uma nova mesa na cozinha lá. A sala da família parecia a menos alterada, o sofá e cortinas familiares. Somente a TV foi trocada.

— Eu fiz sua cama.

Minha cabeça levantou, surpreso que minha mãe tinha falado.

Olhei para o rosto dela por algo mais, mas ela não estava olhando para mim.

— Obrigado. — eu disse finalmente.

Eu fui no andar de cima, parando fora do quarto de Mikey. Eu respirei fundo, abri a porta - e olhei. Nada, *e eu quero dizer nada* tinha mudado. Suas roupas ainda estavam penduradas na cadeira, como se ele pudesse voltar a qualquer momento e jogá-las lá. Seus cartazes e imagens ainda estavam

pregados nas paredes, e seu anuário estava aberto na página com o time de futebol.

Fechei os olhos quando meu estômago enrolou e embrulhou. Saí e fui para o meu próprio quarto.

Isso tinha mudado definitivamente. Tudo tinha sido retirado, todos os cartazes, todos os meus livros e material escolar se foram, armário e gavetas vazias. Percebi então - que eles não tinham planejado me ter de volta. Eu me perguntava o que os tinha feito mudar de ideia. Por que eu estava aqui?

Sei agora que era uma forma de punir-me mais - como se eu não tivesse pensado em Mikey todas as horas de todos os dias, desde que tinha acontecido.

Ao meu lado, Torrey esticou e bocejou.

— Eu dormi?

— Só por alguns minutos - vinte talvez.

— Você dormiu?

— Muitos roncos e roncos. — sorri.

— Eu *não* ronco! — ela reclamou, empurrando meu ombro bruscamente.

— Se você diz, querida.

— Você não está sendo muito bom, Jordan Kane. Aposto que Mikey não teria dito a uma mulher que ela roncava!

Eu gostava de ouvi-la falar sobre Mikey como se ele fosse uma pessoa real, não alguém cujo nome tinha de ser sussurrado. Ela tinha um jeito de me ajudar a lembrar das coisas boas, e não apenas a maneira como ele morreu.

— Eu gostaria que você pudesse ter conhecido Mikey. Ele era um cara legal.

— Hmm, dois irmãos Kane. — disse ela, com um sorriso gentil. — Isso soa como problema em dobro para mim.

— Claro que sim! Entramos em um monte de merda, isso é certo.

— Parece que ele liderou o caminho na maioria das vezes.

Eu sorri para mim mesmo.

— Bem, sim. Ele era o mais velho por 18 meses. Eu queria ser como ele.

Ela ficou pensativa por um momento.

— Isso é algo que está me confundindo, Jordan. Quando você fala sobre ele, imagino este selvagem, bad boy - uma versão de você. Mas quando todo mundo fala dele, é como se ele estivesse a meio caminho entre um santo e um anjo.

Eu sabia o que ela queria dizer, mas isso é só porque as pessoas queriam lembrar as coisas boas.

— Ele era real, Torrey. Mas especial. Abençoado, sabe? Ele só tinha um jeito de levar as pessoas a ele. Como você.

Ela ficou em silêncio e eu não sabia o que ela estava pensando.

— Alguma vez você disse adeus a ele?

— O que você quer dizer?

— Bem, você foi direto do hospital para o reformatório. Você teve a chance de visitar o túmulo de Mikey desde que você saiu?

Suas palavras me atingiram com a força de um caminhão de dez toneladas.

— Não, eu... eu não sei nem onde... onde o puseram.

— Não é difícil descobrir - se você quiser ir.

Eu quero? As palavras "lugar de descanso final" parecem tão irreais.

Senti seus dedos se moverem pelo meu peito, e ela colocou a mão sobre o meu coração.

— Eu vou com você, se você quiser ir... se você quiser que eu vá.

— Eu não acho que posso. Eu não mereço...

Ela deu um forte tapa no meu peito e meus olhos encontraram os dela. Ela parecia genuinamente irritada, como um touro bravo, com um humor para dar chifradas.

— Pelo amor de Deus, Jordan! O amor não é uma sentença de vida! Mas é como você está o usando, como um castigo. Você amava seu irmão e parece que ele te amava. Você acha, por um segundo, que ele ia querer que você vivesse desperdiçando sua vida? Se culpando por ser o único que sobreviveu? Culpando a si mesmo por viver? Será que você iria querer isto para ele, se tivesse sido o contrário? Você não vê? Você tem que viver por vocês *dois!*

Ela ficou de pé e começou a vestir suas roupas. Meu coração batia forte e eu me senti enjoado.

— Você está indo embora?

— *Estamos* indo embora. Nós vamos encontrar o túmulo de Mikey. Agora! — sua expressão se suavizou. — Então convém você pôr as calças para isso.

Eu estava pronto para isso? Provavelmente não. Eu acho que eu nunca estaria. Mas ela estava certa... eu precisava fazer isso.

Vesti-me rapidamente, enquanto Torrey pegava nosso lixo e pratos de papel.

— Eu nem sei onde procurar... como... onde... onde é o lugar certo. — eu admiti, encolhendo-me com o pensamento.

Torrey olhou para mim. — Hum, eu meio que já sei.

Eu me virei para olhar para ela. Ela parecia um pouco nervosa, mas levantou o queixo desafiadoramente.

— Você sabe?

— Bem, sim. Você se importa?

Eu soltei um longo suspiro. — Não, eu não me importo. Eu só estou... — eu corri minhas mãos pelo meu cabelo. — É muito para processar.

Ela assentiu, olhando desconfiada, como se eu estivesse decidido a correr - ou ela estivesse.

O pensamento de correr definitivamente tinha passado pela minha cabeça. Estupidamente, eu tinha mesmo considerado desaparecer enquanto ainda estava em liberdade condicional. E a primeira semana com os meus pais tinha sido tão ruim, que eu considerei seriamente fazer algo para me mandar de volta para a prisão. Eu acho que devo ter conseguido algum sentido, porque eu tinha desistido.

Parte de mim queria visitar o túmulo de Mikey, para ver se eu poderia fazer isso, mas parte de mim ainda era aquele garoto de 16 anos de idade, perdido e ferido, o garoto que só queria seu irmão mais velho.

Nós arrumamos a caminhonete em silêncio. Não demorou muito e Torrey não reclamou por ir mais devagar do que eu precisava. Por fim, terminamos e eu fiquei sem desculpas.

— Então, hum, para onde estamos indo?

— South Trinity Street. — ela disse calmamente, medindo minhas reações.

Eu respirei fundo e liguei o motor da caminhonete. O som me tranquilizou, mas enquanto eu dirigia pela cidade e ao longo das ruas familiares, senti o suor brotar por todo o meu corpo. Minha frequência cardíaca subiu até que eu estava com medo de desmaiar.

Eu estava quase hiperventilando quando ela disse em voz baixa. — Nós chegamos.

Eu saí da caminhonete, uma sensação de dormência, minhas mãos tremendo, as palmas das mãos úmidas. Eu pensei que ia vomitar.

Eu caminhei até a entrada em transe e olhei para dentro, por todo o caminho limpo e estreito, bem conservado.

— Foda-se, eu preciso de uma bebida. — eu admiti.

Torrey apertou minha mão entre as suas. — Eu estou sem bebida alcoólica, mas eu tenho um doce que você pode ter. Isso é bom?

Eu dei uma risada trêmula. — Talvez mais tarde.

— É por aqui. — disse ela, puxando suavemente a minha mão.

Caminhamos através de linhas de lápides ornamentadas, algumas das quais tinham buquês murchos em vasos ao lado delas.

— Era para eu trazer flores? Eu sinto que eu deveria.

— Só você mesmo. — disse ela, suavemente.

Então eu vi seu nome e a fria realidade tomou conta de mim. Era real - isto era real. Meu irmão, que tinha sido tão cheio de vida, tão cheio de amor - este era o seu túmulo. Este foi o seu fim. Por minha causa. O futuro girou na minha frente e eu estava sozinho, meu irmão não mais ao meu lado.

Eu toquei a pedra fria com a minha mão, precisando senti-lo, para fazer essa ligação. Fechei os olhos, tentando sentir alguma coisa - sua presença - nada. Mas não havia nada, apenas o mármore polido sob meus dedos.

Então eu abri meus olhos e foi como se alguém tivesse me dado um soco no estômago, quando li a inscrição completa.

Michael Gabriel Kane

25 de novembro de 1987 - 10 de julho de 2006

Filho Amado

"Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma."

Ouvi um som estranho, estrangulado, mas foi só quando Torrey colocou os braços em volta da minha cintura que eu percebi que tinha vindo de mim.

— Filho Amado! Cristo, eles não poderiam sequer... eles não queriam... ele era meu irmão, Torrey! Meu irmão! É como se eu nunca tivesse existido. Deus, Mikey! Estou tão, tão triste! Deveria ter sido eu! Eu faria qualquer coisa para tê-lo de volta!

Eu caí de joelhos, com a cabeça girando, bile subindo na minha garganta.

— Deveria ter sido eu.

Torrey estava de joelhos ao meu lado, a força do seu pequeno corpo, a única coisa que me impediu de cair ainda mais.

— Não! — ela ofegou. — Não diga isso! Estou feliz que você está vivo. Estou contente por você ter sobrevivido. — eu senti seus dedos no meu cabelo e sua respiração era quente contra o meu pescoço. — Você tem que encontrar a força para ser feliz, também - pelo resto de sua vida.

Ela apertou sua mão e, lentamente, o chão parou de se mover abaixo de mim. Debrucei-me contra ela, respirando o cheiro de verão em seu cabelo.

Depois de alguns minutos, eu senti seu aperto relaxar.

— Meus joelhos estão me matando, Jordan. Podemos, por favor, sentar?

Um pouco da tensão deixou meu corpo quando nós dois desabamos sobre a grama. Torrey se aconchegou no meu lado. Ela inclinou a cabeça no meu peito e acariciou meus braços, como se acalmasse uma criança assustada.

Seu toque me acalmou, e eu senti uma estranha sensação de paz, sentado entre as lápides.

— Eu estava pensando... — disse ela, depois de alguns minutos.

— Pensando em que, querida?

— O que você diria a Mikey sobre mim?

Eu levantei minhas sobrancelhas e me movi para que eu pudesse olhar para ela, mas ela não me olhava nos olhos.

— Você sabe. — ela continuou. — Cara a cara, de irmão para irmão.

— Hmm, você quer que eu quebre o código dos caras? — eu brinquei com ela.

— Finja que eu não estou aqui.

Eu quase ri. — Isso seria uma impossibilidade de merda.

— Ah, vá em frente!

Eu respirei fundo e coloquei-a ao meu lado novamente, tendo a força de seus braços delgados em volta do meu pescoço.

— Ei, Mikey! Já faz um tempo. Eu acho que você sabe por que eu não estive por aqui. Então, você vê a minha garota, Torrey? Ela é uma coisa, não é? Deus, ela é tão boa. Ela tem o rosto mais doce e esta confusão de cabelos longos, encaracolados da cor do milho pouco antes da colheita, que quase me mata só por enrolá-los em torno de meus dedos, é tão macio. Ela é um verdadeiro rojão, também. E ela é uma daquelas pessoas que iluminam o lugar quando ela caminha para ele, sabe? Ela é tão cheia de vida, tão cheia de gargalhadas. E porra, ela é honesta. Eu não fico com merda quando estou com ela. No quarto? Puta merda! Ela é tão quente! Eu não consigo ter o suficiente dela. Eu sei, eu sei - totalmente maricas chicoteado. Mas eu tenho que te dizer, mano, ela vale a pena. Quando ela olha para mim, eu posso ver o meu futuro em seus olhos - nós, vivendo nossas vidas juntos, ficando velhos juntos, crianças - a coisa toda. Ela não sabe ainda, mas ela não está ficando longe de mim. Se eu a amo? É mais do que isso, mano. Ela é minha razão de viver.

Parei de falar e arrisquei um olhar de esguelha para Torrey. Ela parecia atordoada, boquiaberta. Esperei nervosamente por ela falar. Ela pediu-me para dizer o tipo de coisas que eu teria dito a Mikey, de modo que é o que eu tinha feito. Eu estava apavorado que ia se voltar contra mim.

Diga alguma coisa! Eu estava gritando dentro da minha cabeça.

Ela limpou a garganta nervosamente. — Huh, Jordan, isso é... quer dizer, uau! Eu não percebi... ufa!

— Muito? — eu perguntei, com medo de sua resposta.

— Hum, apenas um pouco esmagador.

Dei de ombros. — É assim que eu me sinto. Eu sei que você não está lá ainda...

Ela não respondeu, e uma pequena pontada de dor entrou no meu coração como uma farpa.

Levantei-me e puxei-a para seus pés.

— Vamos, vamos sair daqui. Nós temos um encontro para terminar.

Ela concordou em silêncio e prendeu o lábio inferior com os dentes. Quanto mais tempo ela passava sem dizer nada, mais nervoso eu ficava.

— Jordan, eu realmente gosto de você...

Eu esperei em silêncio, enquanto o gelo se formava em meu coração.

— Mas eu não... eu não sou...

— Está tudo bem, Torrey. — eu suspirei. — Eu sei que você não sente o mesmo. Eu não esperaria que você fizesse. Por que você faria? Você é linda, doce, gentil, tão fodidamente corajosa e boa. Você tem a vida inteira pela frente. Você não precisa de mim te arrastando para baixo. — basta dizer que isto soou apressado e desesperado.

Ela virou os olhos irritados para mim. — Pare de colocar palavras na minha boca, Jordan! Não foi isso que eu disse e não é o que eu ia dizer. É apenas muito para a minha cabeça. Quer dizer, tudo está na sua frente agora. Em poucos meses você terá todas as escolhas que você poderia querer. Aconteceu de

eu ser a primeira mulher que apareceu. Você é um cara legal, e você vai bater meninas com um pau, uma vez que você comece o seu caminho de novo e...

Isso é o que ela pensa? Sério?

— Não, você está tão errada, Torrey. É muito mais do que isso, e eu estou ficando chateado ouvindo você falar dessa maneira. Você acha que eu não conheço minha própria mente, o que eu quero? Inferno, eu tenho oito anos de desejar e sonhar, mas eu nunca pensei que eu pudesse conhecer alguém como você. Não é só por que você me aceita como eu sou. Você me faz querer ser mais do que eu pensei que eu poderia ser. E a maneira como nos conectamos - eu nunca senti nada assim. Olhe-me nos olhos e me diga que você não sente isso também. Diga-me!

Eu estava quase gritando com ela agora, e eu podia ver pelo ângulo teimoso de seu queixo que eu estava a deixando louca. Bem, que bom! Esta merda era importante! Eu *tinha* que fazê-la ver o que ela significava para mim.

Mas ela me surpreendeu mais uma vez quando a expressão de fúria se transformou em um enorme sorriso.

— Sabe, você é muito sexy quando você fica com raiva, Jordan. Você deve fazer isso mais vezes!

Não pude deixar de rir com alívio.

— Mulher, você me enlouquece! Você está tentando me seduzir em um cemitério?

— Hmm, o pensamento tinha ocorrido, mas estou bastante certa de que há leis contra isso.

— Sim, provavelmente. — eu concordei, ainda sorrindo. — Embora Mikey teria gostado da ideia.

Ela piscou para mim e balançou a língua contra os dentes; um movimento que ela sabia que me teria ajustando minhas calças.

— Vamos lá, então. Vamos sair daqui. Fazer o resto da coisa de encontro.

Virei-me para o túmulo de Mikey uma última vez, descansando a mão sobre a lápide.

— Tchau, Mikey. Te amo, cara, onde quer que esteja.

Torrey me abraçou gentilmente, e enquanto estávamos lá sob o sol da tarde, senti o peso que eu estava carregando por tanto tempo, deslizando dos meus ombros.

Voltamos para a caminhonete de mãos dadas e senti um novo senso de propósito e um novo sentido de paz.

Por mais doloroso que tivesse sido, eu estava feliz que ela me obrigou a vir aqui. Eu não tinha percebido que era algo que eu precisava fazer.

— Tudo bem, tempo de confissão. — eu disse, enquanto eu dirigia para longe do cemitério. — Eu não tenho nada mais planejado. Mas poderíamos talvez pegar um filme, se pudermos nos esgueirar pela porta de segurança. Mikey e eu costumávamos fazer isso o tempo todo. Eu a levaria para um café, mas o único lugar que não vai chutar a minha bunda para a rua é o lugar onde você trabalha, o que simplesmente não parece certo para um encontro. Desculpe, eu estou meio sem opções, a menos que você queira passar um tempo no ferro-velho com Hulk.

Jesus, me ajude! Será que eu realmente só perguntei a uma mulher quente como Torrey se ela queria ficar em um ferro-velho? Legal, Kane, bem legal.

— Tentador. — disse ela, batendo o dedo contra o lábio enquanto obviamente tentava não rir. — Mas eu prefiro a minha ideia.

Olhei para ela e captei o brilho perverso em seus olhos.

— Você vai compartilhar?

— Voltamos para a reitoria e fodemos em qualquer superfície plana que pudermos encontrar.

Eu quase saí da estrada.

— Porra, mulher! — eu disse, minha voz embargada da corrida de adrenalina, enquanto freei forte e a caminhonete parou estremecendo.

Olhei para as minhas mãos segurando o volante, como se a vida dependesse disso e estava ciente do quão perto nós estivemos de ter um acidente.

Nós estávamos meio fora da estrada, e minha mente estava piscando de volta para a noite em que Mikey tinha morrido, meu corpo em pânico.

— Merda. — eu sussurrei, incapaz de manter o tremor sob controle.

— Deus, eu sinto muito. — Torrey gaguejou. — Eu sou uma maldita idiota. Você está bem? Você quer que eu dirija?

— Huh, não, estou bem. Apenas... apenas me dê um minuto.

Fechei os olhos e forcei meu corpo a relaxar, inspirando e expirando lentamente, até que meu coração acelerado caiu de volta em seu ritmo normal. Senti a mão quente de Torrey na minha coxa.

— Está bem, agora? — ela perguntou, culpa em sua voz.

Eu sorri para ela - bem, fiz uma careta. — Sim, eu estou bem. E agora que eu consegui fazer um completo idiota de mim mesmo, eu realmente gostaria de aceitar sua oferta - se ela ainda estiver em aberto.

— Oh, eu ainda estou aberta. — ela riu com alívio.

Mesmo que eu estivesse louco para levá-la o mais rápido possível, eu dirigi ainda mais lentamente para a casa dela. Se tivéssemos ido mais devagar, a caminhonete teria estado indo de ré.

Parei fora da reitoria, muito aliviado que tínhamos chegado inteiros.

— Espero que sua mãe esteja fora. — eu admiti. — Eu não acho que eu seria capaz de, huh, *funcionar,* se ela estiver em casa. Simplesmente não parece certo.

Torrey sorriu para mim. — Você é um velho cavalheiro à moda antiga sob todos os músculos e tatuagens, não é?

Olhei para ela.

— Bem, agora, se sua mãe está fora, eu vou ser muito feliz para demonstrar o quanto eu *não* sou um cavalheiro.

— Negócio fechado! — ela riu, pulando para fora da caminhonete.

Segui-a bem rápido, quase tropeçando em meus pés na minha ânsia de chegar até ela.

Nós caímos pela porta da frente e ela quase me atacou, me empurrando contra a parede, com as mãos famintas vagando livremente para cima e para baixo do meu corpo.

— Você quer fazer isso aqui, querida?

Ela riu com voz rouca.

— Bem, *é* uma superfície plana.

Não posso discutir com isso.

— Hmm, vamos ver o que podemos fazer.

A levantei, então suas pernas estavam automaticamente em volta da minha cintura e a levei até a cozinha.

— O-O que estamos fazendo aqui? — ela engasgou.

— Primeira superfície horizontal. — eu respirei contra a pele salgada e úmida de seu pescoço.

Então eu a coloquei sobre o balcão da cozinha e abri o botão de seu short.

— Levante-se para mim, querida.

Deslizei o short por suas pernas enquanto ela estendia a mão para o meu zíper.

Eu consegui pegar meu jeans antes que caísse no chão e tirei uma camisinha.

— Vou ter que estocar isto, querida.

Ela deu uma risada sem fôlego. — Devemos comprar ações da empresa.

Eu me bombeei algumas vezes, em seguida rolei o preservativo, puxando-o para me certificar de que foi tão longe quanto ele poderia ir.

— Deus, eu adoro ver você fazer isso. — disse ela.

— O quê, colocar a camisinha?

— Quando você toca a si mesmo. — disse ela, com a voz baixa e cheia de necessidade. — Isso me excita.

— Será que isso te excita?

Segurei seus joelhos afastados e me empurrei dentro dela, centímetro por centímetro. Ela apoiou as mãos sobre os meus ombros, mas seus olhos estavam focados no meu pau, lentamente deslizando para dentro e para fora.

— Você gosta de assistir, Torrey. — eu murmurei, meus olhos treinados em seu rosto.

Ela assentiu em silêncio.

Peguei velocidade, aliviado que eu poderia finalmente mostrar alguma porra de controle, e que eu não estava gozando na segunda estocada dentro dela.

Eu sabia que isso era apenas uma foda para ela e não fazer amor, mas eu levaria tudo o que ela me desse. E agora eu queria senti-la gozar ao redor do meu pau.

Penetrei mais fundo, ela gemeu e tentou envolver as pernas ao redor da minha cintura.

— Não, querida. — e eu empurrei seus joelhos ainda mais distantes, dando-me espaço para tocá-la quando eu circulei meus quadris.

— Oh meu Deus, Jordan! — ela gritou.

Eu podia sentir os pequenos tremores começarem a construir por seu corpo, e eu comecei a me mover mais rápido, mas sem perder o ritmo. Eu estava determinado a fazer isto bom para ela.

Ela se inclinou em suas mãos; a cabeça caindo para trás e algumas vogais mutiladas caíram de seus lábios. Senti sua doce boceta me apertar. Eu consegui segurar por mais alguns segundos, antes da minha visão escurecer e eu estar pulsando dentro dela.

Minha cabeça estava enterrada em seu pescoço, e eu lhe permiti dobrar as pernas em volta de mim.

— Oh meu Deus, Jordan! — ela meio que riu, meio que gemeu. — Isso foi... eu não sei *o que* isso foi! Foi tão boooom!

— Parece que eu sou apenas um antiquado menino do interior. — eu disse, entre beijos duros. — Que tal levá-la para o seu quarto para uma mudança. Fazer um pouco de amor no conforto?

— Hmm, uma cama. — ela riu, cravando os calcanhares em minha bunda enquanto falava. — Soa diferente. Acho que podemos tentar.

O que nós fizemos. Várias vezes. Aquela mulher quase me esgotou.

Nós tivemos três rodadas, e eu me perguntava se eu tinha usado o estoque de energia que eu tinha acumulado ao longo dos últimos oito anos. Poderia acontecer? Eu não sabia. Eu *sabia* que, se ela me agarrasse duro novamente, meu pau, provavelmente, cairia ou simplesmente desistiria de mim.

Apoiei-me sobre um cotovelo para olhar para ela. Seu cabelo estava uma bagunça, macio, emaranhado como um halo em torno de sua cabeça, e seu corpo brilhava com o suor. Isso me fez querer lamber sua pele salgada. Meu pau

estremeceu uma vez em apreciação antes de admitir a derrota. Pobre rapaz precisava de algum tempo fora por bom comportamento.

— Oh meu Deus. — Torrey gemeu. — Eu acho que não posso me mover.

Eu acariciava sua barriga macia, apreciando a suavidade de sua pele.

— Você não precisa, querida. Você pode ficar aqui até o sol sair. Mas eu vou ter que ir em breve.

— Nãão. — ela lamentou.

— Desculpe, querida. Sua mãe pode voltar a qualquer momento e o meu toque de recolher será em uma hora.

Ela suspirou e abriu os olhos.

— Eu realmente gostei de hoje, Jordan. Tudo isso.

— Eu também, querida. Talvez possamos fazer isso de novo algum dia? — eu adicionei, esperançoso.

— Eu gostaria disso. Com certeza que sim.

Ela bocejou e se sentou. Eu continuei olhando para ela. Bem, olhando realmente, meus olhos determinados a saltar fora da minha cabeça. Ela era tão pacífica em sua própria pele - ela apenas se encaixa. Isso era raro.

Então ela franziu o nariz.

— Ugh! Meu quarto tem cheiro de sexo!

— Nós meio que fizemos um pouco disso, querida. — eu disse, passando a mão por suas costas, quase babando quando ela empurrou seus seios para mim. — Nós vamos ter que passar um dia inteiro na cama da próxima vez.

Ela arqueou sua coluna e esticou os braços acima da cabeça, garantindo que meus olhos permanecessem colados ao peito.

— Deus, sim. — ela riu. — Então, eu vou te ver amanhã de manhã? Talvez pudéssemos ter uma rapidinha antes de eu ter que ir para o trabalho.

— Mulher, você é insaciável! Eu só vou ter que me casar com você!

As palavras saíram da minha boca antes que eu percebesse o que eu disse.

Torrey congelou.

— O quê?

— Ah, droga. Sinto muito. Isso só meio que escapou.

— Então, você estava brincando?

Eu estava?

— Isso passou pela minha cabeça. — eu respondi, com sinceridade.

— Oh meu Deus! — ela resmungou, saltando para fora da cama como se tivesse sido picada. — Você tem alguma ideia de como louco é isso? Nós mal nos conhecemos! O casamento é uma grande coisa! Enorme! Até que a morte nos separe, tipo enorme! Quer dizer, uma merda! Nós dois estaremos partindo em breve e... é só fodidamente louco!

— Ei, ei! Devagar, Torrey! O casamento não é uma sentença de prisão!

— É a mesma coisa. — ela retrucou.

— Dificilmente. — eu disse, severamente. — E eu acho que eu sei o que estou falando aqui.

Ela parou por um instante antes de retomar sua tagarelice nervosa.

— Não, mas... qual é! É só que... quer dizer, o casamento é só... ele separa as pessoas.

— Eu não acho que é assim que deveria funcionar. — eu sorri, divertido por vê-la em pânico com algumas palavras.

— Estou falando sério, Jordan. — ela gritou, atirando um travesseiro em mim.

Eu o peguei antes que ela cortasse a minha cabeça fora.

— Eu posso ver que você está falando sério. Tudo o que eu estou dizendo é que você é a mulher dos meus sonhos. Por que eu *não gostaria* de me casar com você?

Ela olhou para mim, completamente inconsciente de que ela estava totalmente nua e totalmente magnífica. Ela parecia um animal selvagem que tinha sido encurralado, mas era indomável. Eu não estaria totalmente surpreso se ela se lançasse para mim, dentes e garras descontrolada. Bem, não seria a primeira vez.

— Você... mas... nós... não...

— Basta pensar nisso. Sr. e Sra. Ex-criminoso. Isso tem apelo, não acha?

— Você *está* me provocando. — disse ela, caindo de costas na cama de alívio.

— Não, rojão. Eu estou lhe dando uma saída com a qual você pode contar. Eu me casaria com você amanhã, se você quisesse.

— Eu tenho que trabalhar amanhã. — disse ela, baixinho.

— Por que você pensa tão mal sobre casamento, querida?

Ela me deu um olhar que dizia, *você está brincando comigo?*

— Foi tão ruim assim, quando você estava crescendo?

Ela suspirou e aconchegou-se a mim como um gatinho, suas garras retraídas... por agora.

— Não, não foi de todo ruim. Eles foram felizes um tempo, eu acho. É quase como se tivesse se desfeito de forma gradual, nenhum de nós percebeu até que já era muito ruim. No ano anterior minha mãe decidiu ir embora, o que foi

horrível. Eles não discutiram muito, havia apenas todos esses silêncios. Eu costumava ficar tão tensa que mal conseguia comer. Eu perdi tanto peso, que eles acabaram me levando a ver um médico, mas eu não podia dizer qual era o problema, não com a minha mãe sentada ali.

Eu a puxei para o meu corpo, acariciando suas costas, uma forte necessidade de protegê-la me inundando.

— Você é apenas uma coisinha pequena agora.

— Grande o suficiente para chutar o seu traseiro! — ela bufou, mordendo meu peito.

— Tudo bem, tudo bem, você venceu! Não me machuque! — eu ri.

Ela sorriu e fingiu me morder novamente, transformando em um beijo suave, em vez disso.

— Quando minha mãe finalmente foi embora, não pude deixar de me sentir como se ela tivesse escolhido Deus sobre mim. Eu não entendia por que ela teve que fazer uma escolha, ou por que Deus queria que ela fizesse esse tipo de escolha. Eu ainda não entendo. Mas eu vejo o quão duro ela trabalha e o quanto isso significa para ela. E eu acho que ela é mais feliz agora. Eu sei que a escolha não foi fácil. É apenas que ela fez, e todo mundo teve que enfrentar as consequências.

— Sim. — eu disse, calmamente. — Eu sei como é isso.

— E seus pais? — ela perguntou, traçando um dedo em meu peito, em seguida, seguindo as linhas da minha tatuagem no braço.

Significava luto e foi a primeira que eu projetei e a primeira que meu amigo Styx tinha feito.

— Eles eram em sua maioria felizes, eu acho. Quer dizer, eles tinham discussões como qualquer outra pessoa, principalmente sobre coisas que eu tinha sido pego fazendo. Eu lhe disse que Mikey era inteligente - ele nunca foi pego.

Isso era tão verdadeiro, eu não pude deixar de sorrir com a lembrança.

— Merda, minha mãe era chamada até a escola quase todas as semanas, porque eu estava brigando, fumando ou dando uns amassos com uma garota no armário do zelador.

Torrey torceu o nariz. — Ugh, é mesmo? Isso não é *tão* elegante!

Dei de ombros e pisquei para ela.

— Eu tinha 15 anos quando isso aconteceu. Mikey pensou que era muito engraçado. Especialmente quando fui pego, hum, você sabe, transando. O pai da menina ameaçou espancar minha bunda. Minha mãe estava tão envergonhada porque era alguém que ela e meu pai conheciam da igreja. Foi culpa do Mikey. Foi ele que me disse para usar aquela merda de armário, em primeiro lugar.

Torrey riu. — Eu vou ficar longe de armários quando você estiver por perto. — então, seu rosto ficou pensativo. — O que você diria a ele, quando adolescente? O que você diria a ele?

— Cristo, eu não sei. Não beba e dirija? Não beba.

— Você acha que ele teria ouvido?

— Não. Eu era arrogante pra cacete... pensava que eu sabia a resposta para cada pergunta, mesmo antes que alguém tivesse perguntado.

— Sério, Jordan. Se você encontrasse um garoto assim agora, como você tentaria chegar até ele?

Eu pensei sobre sua pergunta. Haveria alguma coisa que poderia ter parado o Eu com 16 anos de idade de dar o primeiro passo que levou à morte de Mikey?

— Eu acho que o levaria para o reformatório, mostrar-lhe o que é isso. Eles fizeram isso quando eu estava lá - escolas organizaram grupos de crianças que estavam se metendo em problemas e, em seguida, eles passaram

por nós. As crianças olhavam para nós como se fôssemos animais em um zoológico. Eu acho que eles tiveram uma noção. Talvez.

Ela assentiu lentamente. — Sim, eu lembro de ter visto um documentário sobre algo assim na escola. *Scared Straight* eu acho que era o nome.

Eu não respondi, mas olhei para fora da janela novamente, notando que a lua estava mais brilhante e viajando constantemente pelo céu.

Eu suspirei. — Eu tenho que ir agora, Torrey. E eu não vou vê-la amanhã de manhã.

— Por que não? — ela fez beicinho.

— Tenho que ir ver minha oficial de condicional. Normalmente ela só fala por um tempo, mas pode levar mais tempo se ela está se sentindo trabalhadora. Eu poderia ter de esperar. Isto vem primeiro, sou obrigado. Talvez eu pudesse passar pelo café depois do trabalho?

Ela se sentou, empurrando seu cabelo fora de seus olhos. — Bom, tudo bem, eu acho. Mas eu não posso garantir que Bev não tentará algo - ela acha que você é muito sexy.

— Você vai me proteger. — sorri. — Você é o meu anjo da guarda.

— Ah, saia daqui, seu idiota. — ela riu, jogando a minha camiseta no meu rosto.

Eu a puxei sobre a minha cabeça e encontrei minhas calças debaixo da cama, e então eu me inclinei para capturar seus lábios macios mais uma vez antes de sair.

— Até logo, querida.

— Tchau, Jordan. — ela disse, sua voz cheia de tristeza.

Meus pés arrastaram enquanto descia as escadas. Meu coração e minha alma queriam estar naquele pequeno quarto com a minha garota. Porque não

importa o quanto ela negasse, ela era minha e eu era dela. Ela só precisava de um pouco de persuasão para aceitar esse fato.

Eu estava tão perdido em meus pensamentos que não notei que a porta da frente estava abrindo.

— Jordan! — disse a Reverenda Williams, sua expressão escurecendo a cada segundo. — O que você está fazendo aqui?

Merda.



Torrey

Eu ainda estava me recuperando dos exercícios com Jordan, quando ouvi vozes no fim das escadas. E eu sabia que só havia uma pessoa com quem ele poderia estar falando. Puta merda. Minha mãe tinha voltado mais cedo.

Olhei para a hora no meu celular. Oh. Não cedo. Eu tinha perdido a noção do tempo enquanto nós estávamos loucos entre os lençóis.

Droga! Eu esperava adiar contar a ela sobre ele... eu... nós... por mais algum tempo.

Eu puxei meu robe fora do gancho e o envolvi em volta de mim. Eu não tinha tempo para me vestir, mas mesmo se eu tivesse, meu rosto corado e a grande presença de Jordan teriam pintado a merda de um quadro muito preciso.

— O que você está fazendo na minha casa? — questionou minha mãe, seu tom chateado.

Sua resposta foi um estrondo baixo, então eu não podia ouvir como ele respondeu a ela.

— Torrey! — ela chamou bruscamente.

— Estou indo. — eu resmunguei.

Estavam cerca um metro e meio de distância, minha mãe parecendo com raiva e chocada, Jordan parecendo tenso, as mãos enfiadas nos bolsos.

— Oh ei, mãe. — eu disse, tão casualmente quanto pude. — Como foram suas reuniões?

— Não importa agora. Eu gostaria de saber o que estava acontecendo na minha casa enquanto eu estive fora!

— Você tem certeza que quer que eu responda isso, mãe? — eu disse, mais hostil do que deveria.

Seu rosto ficou vermelho.

— Eu não vou aturar isso! — ela estalou. — Eu tenho uma reputação nesta comunidade! Eu tenho que dar orientação moral. E, no entanto, a minha filha é tão desrespeitosa que persegue esse... estilo de vida *imoral e hedonista* na minha própria casa!

Sim, eu não deveria ter rido.

— Mãe, realmente? Imoral *e* hedonista?

— Reverenda Williams...— Jordan começou.

— Eu estou falando com a minha filha agora, Jordan. — minha mãe o cortou. — Mas devo dizer que estou muito decepcionada com você. Eu dei todas as chances a você, te estendi a mão e você simplesmente me desrespeita. Eu vou ter que reconsiderar a minha oferta de emprego - de acordo com as circunstâncias.

Jordan empalideceu. Todos nós sabíamos que encontrar um emprego é um pré-requisito de sua liberdade condicional.

— Isso é baixo, mãe! — eu gritei. — Ele não fez nada de errado!

— Jordan, eu gostaria que você saísse agora. — minha mãe disse, lutando para controlar sua voz. — Eu preciso falar com a minha filha, e seu toque de recolher está muito próximo.

Seu rosto se contorceu com a ansiedade, e eu pensei que ele poderia argumentar, o que teria tornado as coisas piores.

— Está tudo bem. — eu disse, rapidamente tocando em seu braço. — Eu te ligo mais tarde.

— Promete?

— Prometo.

Ele me beijou rapidamente no rosto. — Eu te amo. — disse ele, baixinho.

Os olhos de minha mãe se arregalaram, e eu tinha certeza de que um aneurisma seria seu próximo truque.

Jordan fechou a porta silenciosamente atrás de si.

— Muito bem, mãe. — eu disse, com frieza. — Eu não posso acreditar que você iria ameaçá-lo assim. Ele está tentando *tão* duro.

— Então ele deveria ter pensado nisso antes de dormir com a minha filha!

— Sério? Você quer jogar a carta dos pais? Tenho mais de 21 anos, mãe. Na verdade eu fiz 24 anos, alguns meses atrás, se você se lembra. Sim, eu bebo álcool. Sim, eu tenho jogado em antros de iniquidade. E sim, eu fiz sexo com um cara muito legal, que só precisa de um descanso.

— Sua garota tola! — ela gritou. — Você é a primeira mulher que está lhe mostrando qualquer interesse - a primeira que ele viu em oito anos e você está usando-o para sua própria satisfação. Eu tenho vergonha de você! Eu não posso

acreditar que você seria tão imprudente e egoísta. Agora ele acha que está apaixonado por você!

Meu rosto ficou vermelho de raiva e culpa. De uma maneira que ela estava certa: isso tinha começado como puro prazer, mas tornou-se muito mais do que isso.

— Você está tão errada! — eu retruquei. — Nós... nós temos algo especial. Eu não sei o que é, mas eu estou disposta a descobrir.

Ela caiu de costas contra a parede. — Oh, não! Você... você está apaixonada por ele também!

— Deus, mãe! Não! Sim! Talvez, eu não sei. Mas e se eu estivesse? Será que realmente importa tanto assim? Ele era um garoto! Ele cometeu um erro. Sim, foi um terrível, terrível erro, mas ele pagou por isso. Ele está tentando seguir em frente com sua vida. Ele merece um novo começo. Certamente, você de todas as pessoas pode entender isso?

Eu a vi tocar o crucifixo que ela usava em volta do pescoço e respirar fundo.

— Será que ele te disse... sobre si mesmo? Tudo?

— É claro. — eu bati.

— E isso não te incomoda?

— Incomoda, mãe. Mas o que eu quero saber é por que isso te incomoda tanto? O perdão não está na sua descrição de trabalho?

— Pelo amor de Deus, Torrey! — disse ela, começando com mais calma, mas seu volume aumentou rapidamente. — Ele é um criminoso. Não só ele matou seu próprio irmão, mas ele quase matou outro prisioneiro em uma briga de faca. Ele é violento! Você não pode confiar nele. Você nunca sabe quando ele pode se voltar contra você. Você não pode ficar com um homem assim! Não!

Eu balancei a cabeça para ela, incrédula.

— Você não me ensina que a caridade começa em casa? Talvez isso seja um pouco demasiado perto de casa, mãe. Ou devo chamá-la de “Reverenda”?

Ela puxou uma respiração profunda.

— Vá para o seu quarto!

Eu ri alto. — Com prazer. Boa noite, Reverenda.

Caminhei até a escada, raiva e desprezo arrastando pelo meu corpo. Então, ela tinha vergonha de mim. Bem, eu estava com muita vergonha dela. Hipócrita do caralho!

Eu suspirei. Tudo estava indo tão bem.

Antes de Jordan sair, eu planejava tomar um banho. Nós tínhamos ficado muito suados ao longo da tarde. Mas agora, eu me alegrava com o fato de que seu cheiro estava sobre toda minha pele, nos lençóis da minha cama, enchendo meu travesseiro com o cheiro de seu sabonete, suor e sexo.

Eu peguei meu telefone e liguei para ele. Ele respondeu imediatamente.

— Torrey! Você está bem?

Eu ri levemente. — Sim, eu estou bem.

— O que ela disse? Será que ela vai... ela... — ele respirou fundo. — Será que ela vai proibir você de me ver?

— Claro que não! Jordan, sou uma adulta. Ela não pode ter esse tipo de decisão. Quer dizer, eu entendo se você quiser acabar por causa de seu trabalho...

— De jeito nenhum, caralho! — disse ele, sua voz alta e clara. — Eu vou achar outra coisa. Eu não estou desistindo de você. Sem chance.

— Então, nós estamos bem. — eu disse, conforme a tensão escoava do meu corpo.

Ele suspirou baixinho. — Sim, estamos bem. Deus, eu já sinto saudades. Eu só quero dormir com você em meus braços e ver o seu lindo sorriso quando eu acordar.

Eu sorri e me abracei, as suas palavras fazendo meu corpo formigar.

— Oh, você não está perdendo muito. Eu realmente não sou uma pessoa da manhã. Eu geralmente sou mal-humorada quando acordo.

Ele tentou rir, mas foi forçado e desconfortável.

— Eu realmente sinto muito sobre o que aconteceu esta noite, querida. Eu não queria que você e sua mãe discutissem, especialmente não por minha causa.

— Oh, não se preocupe. Teria acontecido mais cedo ou mais tarde.

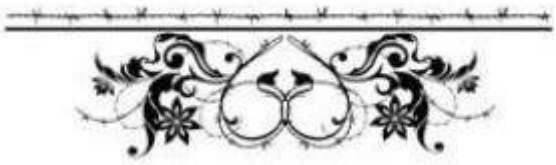
Ele suspirou. — Eu acho que sim. Posso vê-la amanhã? Eu poderia passar pelo o café mais tarde como discutimos?

— Sim, isso seria bom. Durma bem, Jordan.

— Boa noite, querida. Bons sonhos.

O telefone parecia sem vida em minhas mãos. Eu o joguei na mesa de cabeceira e adormeci com a memória de Jordan em volta de mim.

Capítulo Dez - Instintos



Jordan

Eu não quero preocupar Torrey, mas a ameaça de sua mãe estava me assustando. Eu *tinha* que ter um trabalho como uma condição da minha liberdade condicional. Sem trabalho, eu estaria no trem rápido de volta para a prisão.

Hulk tinha dito que ele poderia passar alguns negócios de pintura para mim, mas algumas semanas de trabalho, no máximo. Eu precisava mostrar que eu tinha uma renda constante. Eu estava perto de perder tudo.

Estive andando de um lado para o outro, à espera de Torrey ligar, desesperado para ouvir a voz dela depois que eu saí no início da noite. Eu estava rezando para que sua mãe não fosse capaz de convencê-la a não me ver. Senti-me esfolado pela possibilidade disso acontecer.

O alívio foi grande quando ouvi a sua voz - eu senti como se pudesse respirar novamente. Sua mãe não tinha a persuadido contra mim, e nós tínhamos combinado de nos encontrarmos amanhã. Só de ouvi-la dizer as palavras era imenso.

Tinha sido um dia e tanto. Minhas emoções ainda estavam saltando por todo lado de tudo o que tinha acontecido.

Visitar o túmulo de Mikey tinha sido um grande passo para mim. O peso que eu tinha carregado por anos parecia ter finalmente ido embora. Eu poderia até acreditar que Torrey estava certa, e que eu não tenho que viver sob uma rocha pelo resto da minha vida. Eu não achava que estava livre, nem fosse inocente também, mas se eu tivesse que passar o resto da minha vida reparando meus pecados, então eu tinha certeza pra caralho que iria fazê-lo, sem perguntas. Mas eu sabia que Mikey me amava. Essa foi uma constante que não havia mudado. Como o rio da minha vida fluiu em torno de mim, o amor do meu irmão era a única coisa em que eu podia confiar. Eu ainda podia lembrar o que senti - meu irmão cuidava de mim, não importa o quê. Éramos uma equipe. E companheiros de equipe não deixariam o outro sofrer se eles pudessem ajudá-lo, certo? Eu *devia* isso a ele, fazendo algo da minha vida. Agitando-me forte o suficiente, é o que Torrey fez me ver.

Eu estava na frente do espelho do banheiro, tendo um olhar longo e duro para mim mesmo, pela primeira vez em anos. Eu realmente poderia ser o homem que ela viu? Eu poderia ter o futuro que era tão tentadoramente familiar? Eu poderia viver por mim *e* Mikey? Talvez Torrey estivesse certa. Talvez eu devesse isso a ele, tentar... viver uma vida boa, uma vida ótima.

Sim, eu poderia tentar. Mas eu precisava mudar. Eu precisava aceitar o que eu tinha feito e encontrar uma maneira de viver com isso. Algo que eu não tinha conseguido em oito anos. Mas agora... de alguma forma, eu precisava começar de novo. Eu esperava que fosse com Torrey, mas se não... eu queria viver.

Foi uma maldita revelação.

Cavei através do armário do banheiro até que eu encontrei a máquina de corte de Mikey. A carga tinha acabado, mas eu liguei na tomada até que a pequena luz vermelha me disse que era utilizável. Então eu defini o comprimento de um centímetro e vi meu cabelo raspado cair na pia. Parecia muito mais loiro do que eu havia imaginado. Huh, estranho.

Fiquei impressionado quando vi o resultado final. Eu parecia com ele. Como Mikey.

Houve um suspiro chocado atrás de mim, e eu me virei para ver minha mãe me olhando com horror, seu rosto branco de raiva.

— Não se atreva! — ela sussurrou. — Não se atreva a se parecer com ele!

Meu coração estremeceu em meu peito.

— Mamãe, eu... eu não sabia. Eu nunca percebi...

— Você tinha que encontrar uma maneira de fazer doer um pouco mais, não é? — ela gritou, sacudindo um dedo acusador para mim. — Por que você tem que voltar aqui? Por que não poderia nos deixar todos em paz?

Ouvi os passos do meu pai batendo subindo as escadas, e ele a abraçou quando ela desabou a chorar.

— Você não fez o suficiente? — ele gritou. — Por que você continua a machucando?

Minha voz era calma e tranquila quando eu respondi.

— Eu a machuco por estar vivo, pai.

Ele olhou para cima e encontrou meus olhos. Acho que pela primeira vez eu vi algum tipo de reconhecimento neles. Eu não sabia o que, mas isso significava alguma coisa.

— Limpe o banheiro. — foi tudo o que ele disse, quando ele a levou embora.

Eu não acho que nenhum de nós dormiu naquela noite. Deitei-me na cama, ouvindo o murmúrio suave de vozes da TV no andar de baixo. Ocasionalmente, eu ouvia uma cadeira raspar pelo chão ou passos na escada. Ao longo do corredor, em seu quarto, minha mãe chorou por horas. Você acharia que as lágrimas teriam acabado anos atrás. Talvez ela tivesse um suprimento vitalício.

Meus olhos estavam secos, queimando com o cansaço, mas o sono estava muito longe. Antes do amanhecer, eu puxei um par de velhos shorts de corrida

de Mikey que não eram muito grandes e saí. Isso ajudava algumas vezes. Um pouco. Os choupos que surgiam da escuridão e da estrada eram uma parte mais pálida do chão à frente, levando-me para frente. Memórias piscaram atrás das minhas pálpebras: Mikey e eu, Mikey e minha mãe, Torrey, escola, casa, pai, o ferro-velho, prisão, Torrey, o julgamento, a sepultura, Torrey, girando para fora da estrada, o carro de cabeça para baixo, o corpo de Mikey, sangue, o hospital, Torrey, Mikey jogando futebol, Mikey caindo da árvore, enchendo a cara, ficando chapado, fazendo amor, Torrey, Torrey, Torrey.

A luz do dia se infiltrava através das árvores na hora que eu manquei de volta para casa - a casa dos meus pais. Meu corpo estava queimando, mas a minha mente estava mais clara.

Tomei um banho e me vesti mais arrumado do que o habitual. Eu enrolei as bermudas cortadas e as coloquei debaixo do braço. Esperava que eu fosse precisar delas mais tarde, supondo que eu ainda tinha um emprego.

Em vez de evitar meus pais, eu fui para a cozinha para tomar café da manha. Assim que minha mãe me viu, ela saiu da cozinha. Meu pai olhou para mim, quase se desculpando.

— Dê-lhe algum tempo. — disse ele.

Foi a coisa mais pessoal que ele disse para mim desde que eu voltei. Eu balancei a cabeça para ele, e nós comemos em silêncio. Não era completamente desconfortável.

Depois que eu lavei meu prato de cereais, lembrei ao meu pai que eu ia visitar a minha oficial de condicional na cidade. Era irritante, mas melhor do que uma das buscas domiciliar aleatórias. Às vezes, eles poderiam ficar ao redor por algumas horas passando por todas as gavetas, armário, armário de remédios e espaço de armazenamento.

— Você quer que eu vá com você? — ele perguntou, de repente.

Olhei para ele, surpreso. — Hum, está tudo bem pai. Ela só vai querer falar sobre como estou indo. O de sempre.

— E como está indo?

Encostei-me a pia e olhei para ele.

— Você realmente quer saber?

— Sim. — disse ele, por fim. — Você vai me dizer?

Ele apontou para uma das cadeiras da cozinha e sentei-me, curioso para saber o que tinha trazido seu súbito interesse, ainda que isso me deixasse um pouco nervoso.

Eu esperei que ele falasse.

— Você está correndo de novo. — ele começou. — Você costumava fazer isso... antes.

— Sim. Isso ajuda a limpar a minha cabeça. Isso ajuda a estar fora - longe de... você sabe...

— Bom... isso é bom.

Olhamos um para o outro na mesa.

— E trabalhar para a Reverenda? Como é isso?

— Bem, foi tudo bem...

— Mas não é agora?

Eu suspirei. — Eu não sei o que te dizer pai. Eu nem tenho certeza que tenho mais um emprego.

Seu maxilar cerrou perceptivelmente. — O que você fez?

Um pulso de raiva sacudiu através de mim.

— Sim, é isso mesmo, pai. O que eu fiz. É sempre o que eu fiz, não é?

— Você deve ter feito alguma coisa para ela te demitir. — ele retrucou.

Raiva queimou minha garganta, mas eu me forcei a controlá-la.

— Ela não gosta de me ver com sua filha.

Ele piscou algumas vezes. — É isso?

— Porra, pai! O quê? O que você achou? Não é tão chocante como você pensava, não é? Estou namorando a filha dela. Grande fodida noticia! Mas não, a Reverenda Williams não está feliz com sua única filha saindo com um ex-presidiário. Então, ontem à noite, ela questionou se ela ainda queria que eu trabalhasse para ela. Eu não sei. Talvez eu esteja ferrado. Talvez eu esteja no meu caminho de volta para a prisão. *Eu não sei, porra!*

Levantei-me abruptamente, derrubando minha cadeira precisando sair de casa. Abri a porta da frente e me dirigi para a minha caminhonete. Eu estava me preparando para dar o fora e ir ver Torrey, quando me lembrei de que tinha uma reunião com a Oficial Carson.

Não pude deixar de bater no volante em frustração.

Eu liguei o motor e me forcei a andar devagar. Provocar um acidente não ia melhorar a merda desse dia.

Eu ainda estava tenso quando cheguei ao escritório regional de liberdade condicional na periferia da cidade. Eu tinha acabado de entrar quando Carson saiu para me encontrar.

Ela deu uma olhada em minha expressão tensa, e o sorriso amigável caiu de seu rosto.

— Acalme-se, Jordan. — ela disse, empregando sua voz com autoridade.

— Merda, desculpe! Eu só... — eu tomei algumas respirações profundas. — Eu só estava... falando com o meu pai, e...

Ela assentiu com a cabeça. — Vamos ao meu escritório, por favor.

Suspirando, eu a segui pelo corredor. Ela abriu a porta e apontou para uma cadeira do outro lado de sua grande mesa.

Seu escritório era meio apertado, cheio de armários de metal, mas duas grandes janelas faziam parecer menos que uma gaiola. Havia alguns tipos de certificados emoldurados nas paredes, e uma pequena fotografia de três crianças em sua mesa. Eu assumi que era a sua família.

— Sente-se, por favor, Jordan.

Relutantemente, eu sentei na beira da cadeira de plástico, meus joelhos saltando com a tensão.

Oficial Carson franziu o cenho quando ela puxou meu arquivo da gaveta.

— Você parece um pouco ansioso, Jordan.

— Sim.

— Você tomou alguma coisa?

Meus olhos dispararam para encontrar os dela.

— O quê? Porra nenhuma! Não, nada. Eu só estou... tenso agora.

Eu não poderia dizer se ela acreditou em mim ou não.

— Bem, depois que esta visita for concluída, eu quero que você vá para a delegacia de polícia e faça o teste. Está bem?

— Ah, inferno! Eu fiz isso há três dias!

— Eu estou pedindo que você vá novamente. Preciso deixar isso mais oficial?

— Não, senhora. — eu disse, resignado.

Ela assentiu com a cabeça e fez uma nota no meu arquivo. Só então meu celular tocou, e ela olhou para mim rapidamente.

— Você tem um telefone?

— Sim, eu acabei de ganhá-lo.

— Vou ter que verificar isso.

— O quê? *Por quê?*

— Eu preciso ver quem está falando; que tipo de mensagens você está enviando e recebendo.

Eu não queria que ela visse as coisas que Torrey e eu tínhamos dito um ao outro, mas eu não tinha escolha. Eu não tinha permissão para ter a privacidade oferecida aos cidadãos honestos. Eu era um criminoso e eu não tinha permissão para esquecer. Eu não tinha o direito à Quarta Emenda[24].

Relutantemente, eu peguei meu celular do meu bolso e o entreguei.

— Quem é Torrey. — perguntou Oficial Carson, rolando através dele.

— Minha namorada.

— Ela é o único nome em sua lista de contatos?

— Sim, senhora.

Ela entregou o telefone de volta com um pequeno sorriso.

Enquanto ela fez outra anotação em sua ficha, eu olhei para a mensagem de Torrey, a que Oficial Carson já havia lido.

Que tal uma rapidinha antes de ver a sua OC?

Olhei para cima, meu rosto quente, e Oficial Carson sorriu para mim.

Enquanto ela estava verificando através de suas notas, enviei a Torrey um texto rápido para dizer a ela que já estava na cidade.

[24] A Quarta Emenda à Constituição dos Estados Unidos é a parte da Declaração de Direitos, que proíbe buscas e apreensões irracionais e requer qualquer mandado a ser judicialmente sancionado e apoiado por uma causa provável.

— Então. — disse Carson, olhando para mim. — Vamos trabalhar com as perguntas habituais, Jordan. Você teve algum contato com a polícia desde nosso último encontro?

— Sim, senhora. Eu fui parado quando eu estava dirigindo de volta da casa da minha namorada, algumas noites atrás.

— Por que você foi parado?

— Eu não tenho certeza, não foi dito.

— Hmm... e o que aconteceu?

— Ele só queria saber onde eu tinha estado e o que eu estava fazendo. Lembrou-me que o meu toque de recolher estava se aproximando. Ele me fez o teste do bafômetro, mas deu negativo.

Ela olhou para cima rapidamente, a caneta pronta. — Por que ele testou você?

Dei de ombros. — Porque ele podia?

— Você já consumiu álcool, desde a última vez que te vi?

— Não senhora.

— Você quis?

— Claro que sim! Praticamente todos os malditos dias. — eu ri, sem humor.

— Você está indo muito bem, Jordan. — disse ela, com força. — Não deixe que nada te leve para longe disso.

— Não, senhora.

— Você usou algum tipo de droga ou sentiu o desejo de usar drogas?

— Não, senhora.

— Bom. E como você está se dando com seus pais?

Sério? Ela não tinha acabado de ver o estado em que estava quando eu cheguei?

— Tudo bem, eu acho. Bem, meu pai é... ok. Minha mãe, ela não fala comigo. Então... está tudo bem.

— Eu entendo. — ela anotou algo mais. — E você ainda está no trabalho?

— Sim, senhora. — *por enquanto*.

— Bem, isso é tudo de bom. E você pensou mais sobre alguns cursos universitários, outros objetivos?

Minha voz era amarga. — Além de sair dessa merda? Não, não realmente.

Ela me olhou com simpatia.

— Jordan, os primeiros seis meses, quando você sai da prisão são difíceis. Sei por experiência própria que ter um sistema de apoio em torno de você dobra suas chances de ficar fora da prisão. Você *precisa* de estabilidade.

— Eu não preciso *deles*. — eu rosnei, apontando para a porta, pensando em meus pais.

— Eles podem ajudá-lo. — ela insistiu.

Tossi uma risada. — Você acha? Minha mãe não pode sequer olhar para mim sem querer vomitar ou estourar em lágrimas. Meu pai... não é tão ruim. Mas eu nunca vou ter a possibilidade de começar de novo, se eu ficar aqui.

Ela me olhou sério. — Jordan, você entende que a liberdade condicional significa que você ainda está servindo parte de sua sentença, sob supervisão da comunidade - *na comunidade*. Mas meu trabalho é também ajudar a facilitar a transição da prisão para essa comunidade. Eu vou te ajudar com qualquer coisa que eu puder: emprego, residência, finanças ou quaisquer outros problemas pessoais que você queira falar comigo. Meu objetivo é garantir que você complete a sua liberdade condicional sem problemas e que você *fique fora da prisão*. Se há algo acontecendo que vai colocá-lo em risco, eu preciso saber. Trabalhe *comigo,* Jordan.

— Hum... eu posso ter perdido o meu emprego.

Seus olhos eram afiados e inteligentes, e eles pareciam penetrar através de mim.

— Você quer dizer o seu trabalho para a Reverenda Williams, na Reitoria?

— É...

— O que aconteceu?

Fechei os olhos, odiando admitir que a Reverenda não achasse que eu era bom o suficiente para sua filha. Inferno, eu já sabia disso.

— Torrey é sua filha. A Reverenda... ela não está feliz que estamos vendo um ao outro.

— Ah. — disse Oficial Carson. — Oh, querido. Bem, como você sabe, todas as outras ofertas de emprego terão de ser aprovadas. Você tem alguma coisa em mente?

— Talvez alguns trabalhos de reparação de caminhão. — *achei que Hulk não se importaria de chamar assim*. — Mas é apenas em tempo parcial.

— Hmm, não é o ideal. Algo mais?

— Não, senhora. Não há muito trabalho por aqui. Especialmente para alguém como eu.

— Bem, isso é uma vergonha, Jordan. Você tem feito muito bem até agora. Talvez eu pudesse ter uma palavra com a Reverenda Williams?

Dei de ombros. — Divirta-se, mas eu tenho certeza que ela me odeia.

— E ela está definitivamente demitindo você?

— Eu estava apenas indo para lá. Vou descobrir logo que eu sair daqui.

Oficial Carson suspirou. — Deixe-me saber quando você tiver uma resposta. Nós vamos ter que fazer acordos de outra forma.

— Sim, senhora.

Ela se levantou e me acompanhou até a entrada.

Fiquei aliviado que a visita não tinha sido um desastre completo, e estava contente que eu estava no meu caminho, quando nós dois ouvimos o carro de Torrey rugir pela rua. Ela derrapou até parar, de olhos arregalados, na frente da Oficial Carson.

— Oh, uh, oi! — disse ela, conforme saía do Firebird, com os olhos piscando nervosamente entre a minha oficial de condicional e eu.

— Você deve ser Torrey. — disse a Oficial Carson, estendendo a mão. — Jordan me falou sobre você. Eu sou Sandy Carson, sua oficial de liberdade condicional.

— Ah... certo. Torrey Delaney. Prazer em conhecê-la.

— Você também.

Elas apertaram as mãos, e a Oficial Carson sorriu para ela, antes de se virar para mim.

— Não se esqueça da delegacia de polícia, Jordan. E me ligue mais tarde, se você ouvir qualquer coisa.

Eu balancei a cabeça, e ela voltou para dentro.

— Muito estranho? — riu Torrey, jogando-se em meus braços.

Eu acariciei seu pescoço, deleitando-me com a sensação de seu corpo contra o meu.

— Não tão estranho como ela lendo a mensagem de texto. — eu ri.

— *O quê?* Você está brincando comigo.

— Não. Ela ouviu a sua mensagem chegar e insistiu em checar meu celular. Eu não tenho nenhuma privacidade, querida. Eu não podia dizer não.

Torrey riu. — Oh, bem! Que bom que você me disse, porque eu ia escrever sobre algumas das coisas que eu planejava fazer com o seu pau. Ainda bem que eu não tive tempo para escrever uma longa mensagem hoje de manhã.

Eu gemi. — Você está me matando, mulher!

Ela riu. — E o que diabos aconteceu com o seu cabelo? Parece que você se juntou aos Marines, ou algo assim!

— Nah. Mas esta mulher quente que estou vendo me disse que eu precisava de um novo começo, então... o que você acha?

— Sim. — disse ela, acariciando as costas da minha cabeça acima do meu pescoço. — É tão macio. Não é o cabelo, é pele! Eu acho que eu gosto.

Eu beijei seu pescoço, chupando seu ponto de pulso, sentindo a pele macia sob meus dentes.

— Estou feliz com isso.

— Então. — disse ela, passando os dedos debaixo da minha camiseta. — Sobre isso, meu ficante...

— Eu adoraria levá-la querida, mas eu tenho que ir ver sua mãe. Não creio que ela tenha lhe dado alguma ideia do que ela estava pensando?

Seu comportamento mudou, e ela fez uma careta. — Eu não tenho certeza. Nós certamente *discutimos* ontem à noite. — seus olhos se voltaram para mim. — Sinto muito, Jordan, você vai ter que perguntar a ela mesma. Até ontem, ela não parecia estar bem com isso, mas talvez ela tenha ouvido seu lado cristão e tenha outras intenções.

— Tudo bem, querida. Vou visitá-la depois de eu ir para a delegacia de polícia.

Os olhos dela se concentraram em mim.

— Minha OC quer que eu consiga outro teste de drogas. — eu expliquei. — Aparentemente eu parecia um pouco ansioso quando cheguei.

— Por quê?

— O de sempre: conversando com meu velho.

— Oh. — Torrey fez beicinho. — Isso é péssimo. Eu vou com você. Eu tenho algumas horas para matar. Vou te seguir no meu carro.

— Hum, você realmente quer vir para a delegacia comigo? — eu perguntei, balançando a cabeça em confusão.

— Claro, por que não? Eu não tenho nada melhor para fazer.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Você realmente sabe como se divertir!

Ela riu. — Bem, meus planos para um "ficante" parecem estar em espera. Mas, se a polícia não tomar muito tempo, você tem uma bela grande caminhonete... quem sabe?

— Senhorita Delaney, você tem uma faixa de uma milha de largura má. Deus, eu amo v... Eu amo isso em você.

— Apresse-se, então. — ela bufou, estalando os dedos para mim.

— Sim, senhora!

A delegacia estava no centro da cidade, a duas quadras do Escritório de Liberdade Condicional. Eu odiava vir aqui; trouxe as más recordações de volta.

Principalmente, eles não eram idiotas, mas eu não confiava neles também. Muitos anos sendo controlado por pessoas em uniformes tinha deixado uma marca. E eles tinham o poder de me colocar de volta atrás das grades. Quem não estaria tendo um colapso nervoso com isso?

Torrey foi tranquila ao meu lado.

— Então, hum, o que eles estão testando?

— Coisas de sempre: metanfetamina, cocaína, erva, opiláceos, PCP[25]. Nenhum teste cobre tudo, então eles pegam as drogas mais comuns, ou os testes mais baratos para o laboratório para fazer, eu não sei.

— É um exame de sangue?

— Não, só tenho que mijar em um copinho.

— E eles podem ver se você tiver bebido uma cerveja ou algo assim, também?

— Há um teste diferente para o EtG[26]. Eles estão olhando para o metabolismo o que seu corpo produz quando você tem álcool. Que permanece na urina até 80 horas. É uma merda, hein.

Ela olhou pensativo.

— Torrey, isso é como vai ser nos próximos quatro meses, se... se você namorar comigo. Esta é a minha realidade.

Ela me cutucou nas costelas.

— Realmente, Jordan? É isso que você pensa de mim? Só porque você tem que ir fazer xixi em um copo uma vez por semana, você acha que vai me colocar fora?

Puxei-a em meus braços e a beijei com firmeza.

— Você é a melhor coisa que já aconteceu comigo, senhorita Delaney, e eu *não* vou deixar você ir.

— Só me prometa uma coisa. — disse ela.

— Nomeie-o!

— Deixe-me ir quando você for fazer xixi no copo.

---

[25] Uma droga também conhecida como pó de anjo ou poeira da lua.

[26] Álcool.

Eu não pude deixar de rir. — Confio em você para dizer quando eu estiver ficando todo romântico, mulher!

— Mantém-no real. — ela sorriu.

Nosso humor alegre desapareceu assim que entramos na delegacia.

Os caras de plantão me reconheceram, mas eu podia vê-los jogando olhares em Torrey. Eu não gosto disso.

Mostrei minha identidade, mesmo que eles soubessem quem eu era, e expliquei por que eu estava aqui. Um deles ligou para o supervisor de coletas, enquanto Torrey e eu tentamos ficar confortáveis nas cadeiras de plástico feias na sala de espera. Ficamos ali durante o que pareceu uma eternidade. Torrey tentou conversar, mas o atraso estava me afetando. Eu tremia como um viciado em heroína à espera de sua próxima dose.

— Ei, acalme-se. — ela sussurrou, descansando a mão na minha coxa. — Vamos sair daqui em breve.

Fomos interrompidos por um oficial com uma pilha de papéis e uma garrafa de plástico de aspecto familiar com uma tampa de rosca.

— Sr. Kane? Por aqui.

Torrey apertou minha mão, e depois eu segui o cara para os banheiros masculinos. Ele apontou para um cubículo e deixou a porta aberta. Então ele tirou um par de luvas de borracha e me entregou a pequena garrafa de plástico. Pelo menos, ele virou-se enquanto eu mijava, puto, no potinho.

Coisas assim não me incomodam. Oito anos de ter que usar um banheiro sem porta - bem, isso tira quaisquer ideias de modéstia ou privacidade. Não estou dizendo que eu gostei, o inferno que não, mas eu não deixei que isso me assustasse tanto.

Quando terminei, entreguei-lhe a garrafa e lavei as minhas mãos. Então eu assinei meu nome, peguei uma cópia do formulário e eu estava pronto.

Eu pisei fora desse inferno o mais rápido que pude.

— Tudo bem? — perguntou Torrey ansiosamente, quando estávamos de volta para fora na praça da cidade.

Eu respirei fundo e tentei me livrar da tensão que ainda me enchia.

— Sim, tudo bem. Até a próxima vez.

De repente, eu estava ciente de que não estávamos sozinhos. Três caras de bonés de beisebol tinham me visto. Eles eram caras barra pesada, mas talvez não tanto quanto foram antes. Se eu pudesse agir direito, sairia dessa numa boa. Se não...

— Torrey, pegue o seu carro e dê o fora daqui.

— O que está acontecendo?

— Apenas faça isso, por favor, querida!

Ela olhou para trás e ficou rígida.

— De jeito nenhum! Eu não vou te deixar aqui com esses bandidos.

Os homens estavam muito perto agora, e a oportunidade para levá-la em algum lugar tinha passado.

Eu fiquei um pouco na frente dela e mantive minha postura casual, embora na minha mente eu estivesse em alerta máximo. Eu só esperava que não fosse começar algo, uma vez que ainda estávamos em frente ao posto policial.

— Você não é Jordan Kane?

Foda-se.

— Sim, senhor. Esse sou eu.

— Quem diabos você pensa que é para mostrar a sua cara por aqui, rapaz?

— Eu não quero nenhum problema.

— Bem, o problema o encontrou.

Um deles olhou para Torrey, seu olhar correndo para cima e para baixo de seu corpo. Eu fiquei tenso imediatamente. Esses filhos da puta *não* estavam colocando suas mãos gordurosas sobre ela, mesmo que isso significasse que eu estaria de volta à penitenciaria.

— O que você está fazendo com um pedaço de merda de ex-presidiário como ele, docinho? Porque não vem passar algum tempo com um homem de verdade. Claro que posso ser bem amigável.

Torrey tentou passar por mim, mas eu mantive meu braço para fora, segurando-a de volta.

— Eu não mijaria em seu ouvido mesmo se o seu cérebro estivesse em chamas. — ela gritou.

— Ha ha ha! Ela fez, Eddy! — riu o cara de bigode.

Eddy não parecia muito feliz com isso e eu pensei que as coisas iam ficar ruins. Mas, pelo menos uma vez, obrigado Senhor, a sorte estava do meu lado.

Dois policiais saíram da delegacia e imediatamente se concentraram no que estava acontecendo. Apesar de não serem meus fãs, era muito óbvio que eu não era o instigador ali.

— Vocês têm um problema aqui? — disse o policial mais velho.

— Nós só estamos tendo um pouco de diversão, oficial. – disse o de bigode, dando, um sorriso de dentes assustador.

— Mmm-hmm. Bem, tenha sua diversão em outro lugar. Saiam fora.

Murmurando para si mesmos, os homens saíram. Imediatamente, os policiais se viraram para mim.

— Seria melhor para todos, se você não mostrasse sua cara na cidade, Kane. As pessoas daqui são poderosas e exigentes sobre a sociedade que se mantêm.

— Oh, pelo amor de Deus! — gritou Torrey. — Esses caipiras estavam apenas se coçando para começar uma briga. Jordan não fez nada! Inferno, ele apenas relatou que estava na maldita delegacia de polícia!

— Está tudo bem, querida. — eu disse, em voz baixa.

— Deixe-me dar-lhe um conselho, Srta. Delaney. — disse o policial mais velho. — Vá para casa, para a sua mãe e tenha cuidado com quem você passa o seu tempo. Algumas pessoas podem ajudar a atrair problemas.

Torrey parecia surpresa que eles sabiam quem ela era. Em seguida, ela revirou os olhos. – Talvez você devesse pesquisar todo o conceito de inocente até que se prove a culpa. — ela retrucou.

— Não diga. — disse o policial mais velho. — Kane *foi* declarado culpado.

— E quanto tempo ele tem de continuar a pagar? — ela sussurrou.

— Torrey! — eu implorei, puxando seu braço. — Agora não é a hora, meu amor!

Ela virou-se e olhou para mim.

— Quando é o momento, Jordan? Quando três caipiras tiver chutado a merda fora de você para se divertir?

— Cuidado com a boca, mocinha. — disse o policial. — Você pode ser a filha da Reverenda, mas isso não lhe dá nenhum privilégio especial.

Eu tive que praticamente arrastá-la de lá, ainda atirando faíscas e cuspindo fogo.

Quando eu finalmente consegui levá-la de volta ao Firebird ela não tinha se acalmado muito.

— Você não pode deixá-los tratá-lo assim, Jordan! — ela gritou.

— Querida, não importa.

— O inferno que não! Como você pode ficar ali e não dizer nada? Temos uma Constituição! Eles não podem simplesmente ir pisando em todos os seus direitos!

— E você acha que se aplicam a mim tanto como eles se aplicam a você? — eu atirei de volta, perdendo rapidamente a paciência. — Você não entende? Eles *querem* que eu me ferre. Eles querem um motivo para me colocar de volta lá. Eles adorariam apenas jogar fora a chave!

— Então, lute! Não deixe! Não desista!

Eu cerrei meus dentes com frustração.

— Eu não posso atender aos seus malditos princípios! — eu gritei.

Seu rosto ficou pálido com raiva e seus olhos azuis eram tão duros como safiras.

— Foda-se. — ela gritou, e partiu em uma nuvem de poeira e fumaça.

Ótimo.



Torrey

Eu estava tão brava com Jordan. Eu queria que ele se defendesse por si mesmo. Eu odiava isso, o lado intimidado subserviente dele. Eu entendi, mais ou menos, mas eu estava com medo que ele afundasse na escuridão e na depressão que ele estava preso quando eu o conheci. Eu estava certa de que era melhor para ele quando ele reagia.

Este dia estava realmente indo para o inferno em uma cesta de basquete.

Eu dirigi para trabalhar com raiva e miserável. Olhei para o meu telefone, esperando que Jordan pudesse ter me enviado uma mensagem, mas o único contato lá era do meu banco me lembrando de que eu tinha ultrapassado o meu cheque especial. Sim, obrigada. E eu ainda não tinha ouvido nada do meu pai. Fiquei magoada que ele tinha me apagado da sua vida tão facilmente para perseguir Ginger.

Bev notou meu humor imediatamente.

— Alguém está tendo um dia ruim!

— Deus, Bev, você não tem ideia.

— Lutando com aquele seu pedaço de homem?

Eu bufei uma risada cansada.

— Sim, você poderia dizer isso.

— Será que ele vale a pena lutar, querida? — ela perguntou séria.

— Sim. — eu suspirei. — Ele vale.

— Que tal eu fazer um Frappuccino de Caramelo? — ela disse me lançando uma piscadela. — A cafeína e o açúcar, tudo em uma deliciosa bebida gelada.

Sua expressão sonhadora me fez rir. — É melhor ser uma luz, Bev. Eu acho que eu poderia precisar de vários.

— É isso aí, querida.

Foi bom ter algum tempo de menina e ficar longe de toda a intensidade que parecia rodear Jordan Kane. Pensei de novo sobre o que ele disse na delegacia de polícia: testes de drogas e álcool obrigatórios; visitas e pesquisas de sua oficial de condicional; toque de recolher; limites de viagem; mesmo suas mensagens de textos malditas estavam sujeitas a exame. Essa era a sua realidade. Será que eu realmente quero ficar em tudo isso? Inferno, nenhuma pessoa sã iria *querer* isso.

Mas havia muito mais para ele do que seu passado ou até mesmo sua realidade presente. Ele era doce e engraçado e gentil. Ele era atencioso e carinhoso, e mesmo quando nós estávamos conversando, eu gostava de sua companhia. E eu já mencionei que o sexo era tão quente que eu praticamente derretia só de olhar para ele?

Fazia alguns anos que eu não deixava um cara chegar até mim assim. Por que diabos isso tinha que ser com a porra de um criminoso quente em liberdade condicional? A vida com certeza tinha um senso de humor doentio. Ou talvez eu devesse pensar como minha mãe: Deus tem um plano para todos nós. Agora *isso* seria irônico.

Eu realmente esperava que ele passasse aqui mais tarde.



Jordan

Eu queria rasgar a minha própria língua por ter gritado com Torrey assim. Porra, essa mulher era frustrante. E irritante. Mesmo quando ela estava sendo um pé no saco, ela ainda estava do meu lado.

Tinha sido tão fodidamente humilhante ver aqueles caipiras falar merda para ela, e eu apenas ter que ficar lá e levá-la. Eu não ligo para o que eles disseram sobre mim. Eu ouvi tudo isso e pior. Mas foi tê-la arrastada para sarjeta comigo, que definitivamente empurrou meus botões.

Pensei em mandar uma mensagem de texto para ela, mas eu realmente não sabia o que dizer. Eu tinha certeza que ela não gostaria de ouvir a minha voz agora, então eu decidi deixá-la esfriar a cabeça.

Além disso, eu tinha que ir falar com a mãe dela. E depois de ontem à noite, eu estava começando a ver onde Torrey conseguiu o seu espírito de rojão.

Eu respirei fundo e me dirigi a Reitoria.

O carro da Reverenda estava lá na frente, o que era um começo. Talvez.

Eu acho que ela ouviu a minha caminhonete, porque eu estava apenas me preparando para bater na porta quando ela se abriu na minha frente.

— Uh, bom dia, senhora. Eu estava imaginando se eu poderia falar com você?

A expressão dela não revelava nada.

— Muito bem, Jordan. Por favor, entre.

Ela recuou e permitiu-me passar por ela. Eu hesitei, perguntando se ela quer que eu vá para a sala ou a cozinha.

Em vez disso, ela fez um gesto em direção a uma pequena sala que eu não tinha estado antes. Ela acabou por ser o seu escritório, onde escrevia seus sermões, eu imaginei. Uma longa estante corria ao longo de uma parede, e, pelo que pude ver, foi abastecido com várias Bíblias e companhia, mas o que realmente me chamou a atenção foram fotos de Torrey enquanto ainda era uma criança: Torrey em um triciclo, Torrey sentada em um pônei, Torrey em um traje de balé. Tão bonitinho! As fotos pareceram parar quando ela tinha cerca de 12 ou 13 anos, e eu imaginei que fosse quando o casamento dos pais dela tinha terminado.

— Por favor, sente-se, Jordan. — a Reverenda disse, formalmente.

Desci para a borda de uma poltrona, ansiedade atirando através de mim.

— Uh, eu queria pedir desculpas por ontem, senhora. Eu não tinha qualquer intenção de desrespeitá-la. Torrey e eu... nós começamos... juntos. Ela significa muita coisa para mim, senhora, e eu sinto muito se parecia que eu estava tirando vantagem da senhora. Ou dela. Eu não quis dizer isso dessa maneira.

— Obrigada por dizer, Jordan. Você pretende continuar vendo a minha filha?

— Enquanto ela me aceitar, sim senhora. — eu respondi, honestamente.

— Entendo. E você diz que tem seus melhores interesses, no coração?

— Eu quero apenas coisas boas para ela. Torrey é... ela é a melhor coisa que já me aconteceu.

— Eu posso ver que você acredita nisso. Mas Jordan, você é a melhor coisa que já aconteceu a ela?

Uau, foi como um soco no estômago.

— Hum, não, senhora. Eu acho que eu não sou. Mas eu realmente me importo com ela.

— Eu também, Jordan. É por isso que eu espero que você entenda quando eu disser que não posso tolerar o seu relacionamento com ela. E eu seria negligente em meu dever como mãe e como um guia moral para as pessoas da minha paróquia se eu incentivasse e continuasse a permitir você na minha casa. Estou, no entanto, disposta a permitir que você trabalhe aqui, mas não se você continuar a ver a minha filha. A decisão é sua.

Então, foi isso.

Levantei-me para sair.

— Obrigado pelo seu tempo, senhora. Agradeço por me deixar dizer meus sentimentos.

— E sua decisão é?

Olhei-a nos olhos, sabendo exatamente o que eu queria dizer. — Você conhece o “Cântico dos Cânticos” Reverenda?

— Claro!

— Então esta é a minha resposta: *Eu sou da minha amada e a minha amada é minha.*

E eu saí.

Princípios são grandes quando você pode comprá-los, mas a forma como este dia estava indo, eu estaria perdendo a namorada e o emprego.

Próxima parada, Hulk. Talvez *ele* pudesse salvar a minha bunda.



O pátio estava bastante movimentado para uma manhã de segunda-feira. Eu acho que em uma recessão as pessoas vão sempre onde podem obter algo bom e barato para economizar dinheiro. Hulk estava fazendo um bom negócio com peças de carro e caminhão - bom o suficiente para precisar de alguma ajuda, eu esperava.

Eu esperei até que ele acabasse de receber o pagamento de um coletor, silenciador e catalisador de um Ford Bronco antes de eu me aproximar dele.

— Pensei que você ia me ligar, garoto? Você sente falta de mim tanto assim que você tem que passar por aqui?

— Sim, só queria ver a sua cara sorridente, Hulk.

— Heh heh! Eu prefiro olhar para essa sua menina doce! Onde ela está? Chutando sua bunda ainda?

Eu estremeci. — Uh, isso é, talvez sim, talvez não.

— Huh, as mulheres, não é? Lamento ouvir isso. Vocês dois pareciam bem juntos. E o que aconteceu com o cabelo? Alguém tentou castigá-lo?

— Engraçado! Bem, eu tenho certeza que alguém amaria tentar isso. Hulk, eu estava pensando se você precisaria de mais ajuda por aqui em tempo integral. Preciso de um trabalho, e apenas algumas pinturas não irão me ajudar.

Ele coçou a barba, pensativo. — Pelo que sei você estava fazendo trabalhado pesado para a Reverenda.

— Bem, eu estava.

— Eu acho que ela não gostou de você farejando em torno de sua filha.

— Não foi assim. — disse, irritado. — Torrey, ela é... especial.

— Heh heh! — ele tossiu outra risada. — Você entendeu mal, não foi garoto?

— Ah, dá um tempo, Hulk! Vai precisar de outro par de mãos aqui ou não?

— Pare de reclamar. Eu posso lhe dar algumas horas, vamos dizer dois ou três dias por semana, mas isso é tudo. Isso interessa a você?

— Claro que sim!

Alguns dias eram melhores do que nada, e, se eu pudesse fazer alguns trabalhos de pintura nos os outros dias, seria apenas sobre ser aprovado. — Isso seria ótimo, Hulk. Mas, uh, você sabe que vai ter que ser aprovado pelo Serviço de Liberdade Condicional. Eles virão fazer um monte de perguntas. Desculpe-me, eu sei que você não vai gostar deles rastejando na sua bunda...

Ele acenou com o braço no ar, e eu quase desviei para fora por hábito.

O bastardo riu de mim. — Eu vou sobreviver. Dê-lhes o meu número. Agora vá consertar as coisas com a sua menina. Uma mulher assim é muito boa para deixar ir. Vá em frente, idiota!

— Sim, senhor! Obrigado, Hulk! Hum...

— E agora, garoto?

— Eu acho que seria melhor para o Serviço de Liberdade Condicional, se eu não tivesse que dizer a eles que eu quero trabalhar para um cara chamado Hulk.

— Você está patinando no gelo fino, garoto. Você não vai dizer para ninguém o meu negócio e nem ansiar por gritar isso a plenos pulmões.

— Eu não tenho ninguém para contar.

Ele me deu um olhar duro e eu me cocei para não recuar um passo ou dois, mas eu me segurei na minha posição.

— Walter Winkler. — ele murmurou, por fim.

Uau. Não é à toa que ele preferia Hulk.

— Hum, tudo bem. Eu vou dizer a eles.

Sentei-me na minha caminhonete e chamei a Oficial Carson. O telefone dela foi para o correio de voz, então eu deixei uma mensagem, dando detalhes de meu acordo com Hulk. Eu realmente precisava disso para trabalhar.

A próxima coisa que eu tinha que resolver era como eu havia deixado Torrey. Ou melhor, como ela tinha me deixado, sendo que a última coisa que ela me disse foi foda-se.

Eu dirigi para o shopping e estacionei em frente ao café. Debati comigo mesmo se sim ou não para uma mensagem de texto primeiro. Afinal, ela tinha me dado o celular, em primeiro lugar, para que eu pudesse me desculpar. Ou ela tinha uma bola de cristal ou ela apenas pressentiu que eu seria um idiota eventualmente.

No final, eu decidi contra o envio de um texto, na esperança de que me ver em pessoa ganharia mais pontos do que tentar fazer alguma coisa por telefone. O pior que poderia acontecer seria ela gritar comigo, talvez me lançar alguma coisa. Isso não seria nada de novo.

Mas Bev foi a primeira pessoa que eu vi.

— Uau, você é corajoso! — disse ela, o que não me encheu de esperança. — O que você fez com ela? Ela está agindo como se tivesse uma farpa sob a sela o dia todo!

— Apenas um pequeno mal entendido. — eu disse, tentando sorrir. — Ela está por aí, Bev?

Ela piscou para mim. — Eu vou buscá-la. Suponho que você tenha um colete à prova de balas, em seu corpo?

— Oh, Deus! Tão ruim assim?

Ela riu. — Nem de perto! Boa sorte, lindo! Vou limpar as partes do seu corpo mais tarde. A propósito, o cabelo parece ótimo.

Ela desapareceu na parte de trás e um minuto depois, Torrey veio pisando para fora, olhando com raiva suficiente para que eu me borrasse.

— Bem? — ela retrucou.

— Me desculpe por ter gritado com você, querida. — eu fui logo me desculpando antes que ela tivesse tempo para começar a dar socos. — Isso tudo é meio que novo para mim.

Ela respirou fundo, e eu me preparei mentalmente para a queda.

— Sim, está bem. Sinto muito, também. Eu *não* sei como é para você, e eu sei que você não pode permitir o idealismo. Só me deixa louca pensar que eles podem tratá-lo assim.

Tenho certeza de que todo o meu corpo relaxou quando ela começou a falar comigo.

— Eu sei, e eu realmente aprecio isso, mas você não pode lutar contra o sistema. Se eu estiver mesmo a um sussurro de problemas, eles vão me jogar de volta para dentro tão rápido quanto a minha cabeça possa girar. Se eu entrar em algo assim, não importará quem começou ou por quê. Acredite em mim, não há

nada que eu adoraria mais do que entregar aqueles brutamontes e suas bundas em um maldito prato, mas eu não posso.

— Sim, sim, eu entendo. Nenhum babaca. Nenhuma bandeja. Apenas me beije agora!

Ela não conseguiria um argumento de mim sobre isso.

As mãos dela apertaram minhas costas sob a minha camiseta e seus lábios macios atacaram minha boca, sua língua forçando seu caminho para dentro.

Ela tinha gosto de café doce e canela, e, sim, eu estava instantaneamente duro. Eu me afastei dela, vagamente consciente de que alguns dos outros clientes estavam nos observando com curiosidade.

Inclinei minha testa contra a dela e respirei o perfume de seus cabelos e pele sempre tão bons.

— Deus, eu precisava disso. — eu disse, em voz baixa.

— Eu também. Estou feliz que você veio Jordan.

— Sério?

— Oh, sim. Eu não recebi meu tele sexo mais cedo. Eu estava sentindo sua falta.

— Você pode fazer uma pausa agora, querida? Minha caminhonete está estacionada do lado de fora...

Ela fez uma careta. — Eu gostaria. Mas tirei meu intervalo há uma hora. O gerente montará minha bunda, se eu não voltar ao trabalho em breve.

— Ok, bem, quando você vai tirar um dia de folga? Talvez possamos fazer alguma coisa, então?

— Eu poderia passar por sua casa amanhã de manhã, fazer valer esse tele sexo. — ela riu.

— Desculpe, não vai dar. Estarei no trabalho.

Ela ergueu as sobrancelhas. — Com a minha mãe?

— Uh, não. Bem, ela chutou minha bunda. Mas Hulk me deixou ajudá-lo dois ou três dias por semana. E talvez mais um ou dois dias na pintura.

— Oh, nossa! Isso é ótimo. Você realmente deve fazer mais algumas obras de arte. O que você fez com a sua caminhonete foi incrível.

Eu não estava acostumado a ser elogiado. Eu me senti estranho e inseguro. — Uh, obrigado.

— Bem, eu poderia passar na sua casa depois do meu turno. — ela ofereceu. — Posso passar a noite lá?

Eita, isso seria como cada fantasia adolescente que nunca tive - uma menina quente no meu quarto.

— Deus, sim! Embora, você tem que ficar quieta. Papai e mamãe estarão dormindo. Eu sei, eu sei. Eu estou muito próximo de fazer 24 e ainda tenho que esconder meninas no meu quarto. É malditamente triste!

— Quantas garotas você teve que esconder? — ela brincou, tentando copiar o meu sotaque novamente.

— Nenhuma até agora, mas eu estou esperando mudar isso mais tarde.

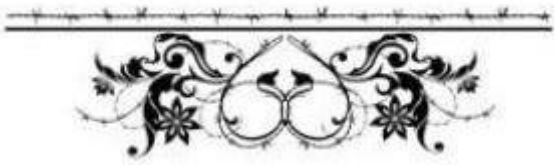
— Está se sentindo com sorte?

Eu poderia responder a isso com sinceridade.

— Sim, eu estou me sentindo com sorte.

— Vejo você mais tarde, cowboy. — disse ela.

Capítulo Onze - Aventurando



Torrey

Eu estava feliz que o café estava cheio, de outra forma eu estaria enlouquecendo. Meus pensamentos estavam sobrecarregados com Jordan e com tudo o que ele tinha me falado. Talvez até mesmo com o que ele *não* tinha dito.

— Você está feliz agora que viu aquele cara gostoso? — perguntou Bev, entre os clientes.

Eu pisquei para ela. — Tenho alguns momentos felizes planejados para mais tarde, pode apostar!

— Eu te odeio! — ela gemeu. — Apenas prometa que você vai me contar tudo. Eu tenho que me divertir para valer de alguma forma.

— Você esta dizendo que quer me beijar? — eu ri.

— *Agora* você está entendendo!

— Talvez eu te conte os melhores momentos, eu vou pensar. De qualquer maneira, eu pensei que você estava saindo com aquele cara de Corpus?

— Sim! Nós teremos o nosso *terceiro* encontro amanhã à noite. Ei, talvez pudéssemos fazer algo juntos no fim de semana, quando nós duas estamos de folga? Tomarmos umas bebidas, irmos dançar? Você está entendendo, você, eu,

Jordan e Pete, como um encontro de casais como quando estávamos na escola. — ela riu. — Isso seria incrível!

— Ou nós poderíamos nos encontrar para tomar um café...

— Café! — ela gritou. — Você está louca? Nós já não passamos muito tempo cheirando Java Beans? Não, querida, eu estou falando sobre aproveitar um pouco a vida: ficarmos lindas e perfumadas, beber uns cocktails, você sabe, aproveitar um pouco. Por que de repente isso parece te incomodar?

Eu não conhecia Bev tão bem, então eu não tinha certeza de como ela reagiria, mas decidi arriscar dizendo-lhe a verdade.

Olhei para ela desafiadoramente. — Não, eu não tenho um problema, mas Jordan tem.

Seu sorriso morreu. — Querida ele tem um problema com a bebida?

— Sim e não. — eu cruzei os braços e encontrei seu olhar preocupado. — Ele está em liberdade condicional. Ele saiu da prisão há cinco semanas. Ele não pode beber ou ir a qualquer lugar onde venda álcool e ele não está autorizado a se distanciar mais de dezesseis quilômetros da cidade.

Eu vi como seus olhos ficaram grandes e sua voz caiu para um sussurro.

— Ele está *em liberdade condicional?*

Eu balancei a cabeça, meus olhos ainda fixos em seu rosto.

— Uau. Isso é... o que ele fez? — ela fez uma pausa. — Você não tem que me dizer.

— Não, está tudo bem. Não é um segredo. — eu acalmei meus nervos. Esta era a primeira vez que eu contaria para alguém que não conhecesse a história de Jordan. — Ele matou seu irmão em um acidente dirigindo bêbado, quando ele tinha 16 anos.

A boca de Bev fez uns movimentos, mas ela não dizia nada, não saia som algum.

— Oh meu Deus! — ela resmungou. — Isso é... isso é...

— Eu sei. Não é nada fácil entender. — eu suspirei. — Ele está passando por uma situação muito difícil.

— Como você o conheceu? Foi como uma daquelas histórias de amor onde vocês se corresponderam por cartas, enquanto ele estava na prisão e, quando finalmente se conheceram, foi amor à primeira vista com faíscas em volta e os anjos cantando?

— Sim. — eu brinquei. — Nada disso.

— Oh. — ela disse, desapontada.

Decidi acabar com sua agonia e contar tudo.

— Minha mãe é Reverenda de uma igreja no litoral. Ele trabalhava para ela, tipo um faz tudo, arrumando o jardim. Foi assim que eu o conheci.

Ela sorriu. — Eu prefiro a minha versão - amantes lutando contra todos os obstáculos que surgiam no caminho. Famílias em guerra.

Eu bufei demonstrando certo humor ácido. — Oh, Bev, é mais perto da verdade do que você pensa. Minha mãe está enlouquecida, pois estamos nos encontrando e ele mal pode sair pela cidade sem que alguém fale besteiras para ele ou querendo começar uma briga; algumas crianças cortaram todos os pneus da sua caminhonete.

Eu olhei para baixo, a realidade dos acontecimentos me pressionando, me deixando com falta de ar.

— Oh, querida, eu sinto muito. — disse Bev, com sua natureza amorosa evidente. — Eu não tive a intenção de fazer uma piada sobre isso. Não deve ser fácil para qualquer um de vocês. — ela deu um tapinha no meu braço. — Você parece realmente gostar dele.

— Sim, esse é o problema.

— Por quê?

Eu olhei para ela como se ela não tivesse ouvido uma palavra do que eu disse.

— Porque isso vai segui-lo para o resto de sua vida. E se eu estou com ele, isso significa que seu passado vai me seguir. Eu pensei que eu poderia lidar com isso, mas agora eu não tenho tanta certeza.

— Será que algo mais aconteceu?

— Bem, é que...

— Você quer falar sobre isso?

De repente, eu queria colocar tudo para fora. Eu realmente queria falar com alguém, alguém que não me julgasse e dissesse que eu estava cometendo um erro terrível. Eu queria o apoio de uma amiga.

— Ele tem que ficar longe de drogas e álcool e é obrigado a fazer testes todas as semanas na delegacia... — eu olhei para ela de lado, avaliando a reação dela.

— E então?

— Fomos até a delegacia essa manhã e tinha uns imbecis esperando do lado de fora. Todos na cidade o conhecem e todos eles acham que seu irmão era uma espécie de santo. Essas pessoas estão sempre maltratando e humilhando Jordan, culpando-o pelo que aconteceu. Como se ele precisasse de um lembrete. Ele se sente culpado o tempo todo, ele não precisa da ajuda de ninguém para isso.

— Então o que aconteceu com os imbecis?

— Eles tentaram provocá-lo para que ele entrasse numa briga com eles.

— Então, ele entrou em uma briga?

— Não, ele não faria isso. Ele tem medo de ter sua liberdade condicional revogada, se ele se meter em confusão. Foi horrível ficar ali e só poder observar

as provocações. Mas então alguns policiais apareceram e dispersaram as pessoas.

Bev olhou para mim, perplexa.

— Então você ficou louca com ele, porque ele *não* revidou?

— Sim, não... colocando dessa forma... é que... eu só fiquei com *ódio* porque ele não se defendeu!

Ela me olhou pensativa.

— Eu não sei querida, parece-me que ele estava fazendo a coisa certa. Não se esqueça de que eu o conheci. Só de olhar posso afirmar que ele é um cara que sabe como se defender; isso é fato. Se não soubesse, não teria sobrevivido à prisão.

— Eu estou sendo irracional, não é?

Ela sorriu para mim e deu um tapinha no meu braço novamente. — O amor deixa a gente louca, pode ter certeza.

— Claro que sim! Era *exatamente* o que eu estava tentando evitar. Estou perdendo a cabeça!

— Então você o ama?

Suas palavras me fizeram pensar. Será que eu amo? Eu amo Jordan? Será que eu *poderia* amá-lo?

— Eu não sei. — eu disse, por entre os dentes.

Ela me deu um olhar cético.

— Eu não sou boa em relacionamentos, Bev. Normalmente eu estrago tudo. E esta manhã... fiquei muito assustada. E se a polícia não estivesse lá? E se ele estivesse sozinho? E se...?

— Ei! — disse ela, em voz baixa. — E se um monte de coisas acontecesse? Nenhum de nós pode saber como cada dia vai acabar. Tudo o que

sei é que o homem está de quatro por você. E vendo o jeito que você está em pânico agora, eu diria que você não está muito atrás. Não vejo melhor forma de começar.

Eu ia responder, mas tivemos que atender aos pedidos de duas famílias e de um bando de adolescentes.

Quando o movimento do café ficou tranquilo, Bev veio para o meu lado.

— Como estão seus pensamentos? — ela perguntou.

— Eu só quero vê-lo. — eu admiti.

Ela sorriu para mim. — Parece que você tem a resposta para todas as suas dúvidas.



Já passava da 01h da manhã, quando eu passei pelo bosque de choupos e pela estrada de terra que levavam à casa de Jordan, na esperança de não estragar meu carro ao passar pela estrada esburacada.

Eu deveria estar cansada após mais um turno de 10 horas de trabalho, mas eu estava bem acordada e não tinha nada a ver com os quatro cafés expressos que eu tinha bebido na última hora. Bem, quase nada.

A luz da varanda estava acesa e eu peguei meu telefone para mandar uma mensagem de texto para ele, avisando que eu tinha chegado, quando a porta se abriu e ele estava em pé na minha frente, com um enorme sorriso iluminando seu rosto.

Ele estava descalço e sem camisa, vestindo apenas um par de jeans baixo pendurado. Minha frequência cardíaca disparou.

— Ei, querida. — disse ele, enquanto corria levemente vindo da varanda e se inclinava para abrir a minha porta.

Antes que eu saísse do carro, ele se abaixou para envolver seus braços em volta de mim, e minhas mãos procuraram automaticamente sua pele quente e suave.

— Deus, eu senti saudades de você. — ele sussurrou, contra o meu pescoço.

— Oi! — eu disse, alegremente. — Você quer que eu estacione o meu carro atrás da casa? Quer dizer, será que os seus pais vão pirar ao vê-lo na parte da manhã?

Ele deu de ombros. — Provavelmente. Mas eu não me importo - a menos que... você se importa?

— Não, Jordan. Eu não me importo. — eu disse, claramente.

Ele sorriu, então se endireitou, deixando o topo da minha cabeça ao nível do seu queixo.

— Você está com fome, querida? Conseguiu comer alguma coisa?

Eu sorri para ele. — Eu só quero você. Leve-me para a cama, Jordan.

Ele me pegou nos braços me levando pela soleira da porta, e eu dei um grito de surpresa.

Ele pressionou os lábios macios à minha boca e murmurou contra eles.

— Vai ter que ficar quieta, meu amor.

— Desculpe! — eu sussurrei, tentando não rir.

Seus lábios encontraram os meus novamente e o beijo virou urgente, seus dedos segurando meus braços e pernas com força.

Estávamos quase passando pela porta da frente quando a luz do corredor acendeu e mãe de Jordan apareceu na nossa frente, com uma expressão de ódio e nojo estampada seu rosto.

— Vocês parecem dois cachorros no cio. — ela zombou. — É nojento. Como você *ousa* trazer essa menina na minha casa! Como se atreve a se comportar como se nada tivesse acontecido! Você é o mal! Apenas o mal!

Dizer que eu estava atordoada seria um grande eufemismo, mas Jordan olhou para ela friamente me colocando no chão.

— Eu a amo. Não há nada de nojento nisso. Eu acho que você está precisando de ajuda, mamãe.

Ela avançou nele, arranhando seu rosto, a raiva inflamando todo seu corpo enquanto ela se debatia contra ele.

— Você matou o meu filho! — ela gritou. — Você o matou!

Jordan conseguiu agarrar seus pulsos, segurando-a para longe dele enquanto ela o atacava. Ouvimos passos descendo as escadas e o pai de Jordan agarrou sua mulher pelos ombros, afastando-a do filho.

— Gloria! Pare! Pare com isso! Jordan também é nosso filho! Ele também é nosso filho!

— Ele é um assassino! — ela gritou. — Eu nem sequer consigo olhar para ele! Como você pode suportá-lo?

— Gloria, perdoá-lo é a coisa certa a fazer! — ele gritou. — Não podemos culpá-lo para sempre. Ele é tudo o que nos restou.

— Aaaagh! Você é tão fraco! Você é igual a ele! Você é patético!

Ficamos paralisados.

— Gloria?

Seus ombros caíram e suas mãos caíram ao lado do seu corpo, toda sua raiva tinha sido colocada para fora.

— Eu não aguento mais. — ela soluçou. — Eu não posso ficar nessa casa com *ele!*

— Mamãe...

— Não me chame assim! — ela sussurrou olhando novamente para Jordan. — Você só trouxe problemas e vergonha para a nossa casa. Você arruinou tudo. Você sempre arruinou tudo! Tudo o que aconteceu com Michael foi por sua causa! Ele era bom e decente e tinha um futuro. Você o odiava por ele ter tudo e por isso arrancou tudo dele! Saia daqui! Saia daqui!

O rosto de Jordan demonstrava indecisão. Eu podia ver que ele queria desesperadamente fugir, mas ele estava proibido pelo seu toque de recolher.

— Você sabe que ele não pode ir, Gloria. — disse o pai de Jordan, sua voz tremendo. — Ele é nossa responsabilidade.

— Então *eu vou!* — ela gritou.

Ela subiu as escadas correndo e entrando no quarto.

Jordan parecia despedaçado. Seu pai agarrou seu ombro por um segundo, em seguida, ele subiu as escadas para acompanhar sua esposa.

Fiquei ali, sem saber o que fazer. O olhar de Jordan estava fixo no chão.

— Você quer que eu vá? — eu disse, em voz baixa.

Isso pareceu penetrar seu desespero, e ele olhou para mim, seus belos olhos castanhos voltando a foco.

— Não vou culpar você, se quiser ir. — disse ele, por fim.

Toquei seu braço. — Não, Jordan. Eu estou perguntando se *você* precisa que eu vá. Se você quiser que eu vá, eu vou; se você quiser que eu fique, eu fico.

Seus olhos eram enormes e escuros, enquanto olhava para mim. — Você pode ficar, por favor?

Eu balancei a cabeça e segurei sua mão na minha.

Naquele momento, sua mãe surgiu descendo as escadas, arrastando uma mala. O arrastar da mala fazia tanto barulho que parecia um sino badalando.

Quando ela chegou embaixo, ela olhou para Jordan.

— Você arruinou a minha vida. — disse ela, friamente. — Eu te odeio.

Ele olhou para ela, com o rosto estranhamente inexpressivo. — Eu sei, mãe. Eu te perdoo.

Ela ofegou, quase como se ele tivesse batido nela. Em seguida, os lábios recuaram em um grunhido feroz e ela cuspiu nele.

Eu assisti, horrorizada, como a saliva escorria pelo seu peito nu.

— Assassino! — ela sussurrou.

A porta da frente bateu atrás dela e um momento depois, ouvimos o barulho do seu carro ficando distante.

Tirei um lenço para limpá-lo. Ele não se moveu.

— Vamos. — eu disse, em voz baixa. — Vamos para a cama.

Ele acenou com a cabeça, sem falar, e enfiou os dedos nos meus novamente.

Quando entramos no quarto, eu deixei cair a minha bolsa no chão e o envolvi em um abraço apertado.

— Eu acho que você está certo sobre ela. — eu disse, acariciando seu rosto com as pontas dos meus dedos. — Eu não acho que ela está bem. Ela precisa de ajuda. Onde você acha que ela foi?

— Ela tem um velho amigo de escola que vive em Fort Worth, ela pode ter ido lá. Eu realmente não sei. Talvez ela tenha contado ao meu pai.

Ele sentou na cama, parecendo exausto.

— Eu tenho que sair daqui, Torrey. Estou destruindo o casamento dos meus pais, bem como... eu vou conversar com Carson; talvez ela possa me colocar em uma dessas casas de correção...

Sentei-me ao lado dele e encostei minha cabeça em seu ombro.

— Jordan, eu acho que eles estão estragando tudo por eles próprios. Mas eu concordo com uma coisa, não é bom para você viver aqui nesta... atmosfera. Deve ser tão estressante. Quando a sua mãe voltar... bem, eu acho que você deve procurar outro lugar para viver.

Ele acenou com a cabeça.

— Eu fico tão tenso, às vezes, eu...

Ele não conseguia olhar para mim, e meus olhos foram para suas mãos. Seus dedos longos estavam esfregando o interior do seu pulso. Meus olhos se arregalaram quando eu percebi as finas cicatrizes pela primeira vez.

Agarrei suas mãos, mas ele tentou soltá-las.

— Jordan! O que você fez?

— Cicatrizes velhas. Nada para se preocupar.

— Nada para me preocupar? Jordan, isso são... isso... você tentou se matar?

Ele desviou o olhar.

— Sim.

— Na prisão?

— É... na segunda vez.

— Meu Deus! O que... quando foi a primeira vez?

Ele tomou uma respiração profunda.

— Eu pensava nisso praticamente o tempo todo. A primeira vez... foi enquanto eu estava no hospital naquela noite e quando eu entendi, realmente entendi que Mikey tinha... partido... então, eu pensei em fazer isso.

Eu apertei os dedos novamente. — Está tudo bem. — eu sussurrei. — Estou aqui.

Parecia que ele estava com dor, enquanto ele continuava a falar.

— Deve ter sido óbvio para o pessoal do hospital e da polícia que eu estava bêbado, e eu admiti imediatamente que eu estava no banco do motorista. Mas eles tiveram que esperar o exame de sangue voltar. Eu tinha um teor de álcool no sangue de 0,24, três vezes o limite legal no Texas, e eu era menor de 21 anos. Eles me prenderam no local e, assim que o hospital me liberou, fui levado.

— Embora o caso tenha começado no sistema juvenil, porque eu era menor de idade, o Ministério Público pediu para eu ser julgado como um adulto. Eu nem lembro se foi aceito, talvez o pedido tenha sido negado, o julgamento é como um borrão na minha cabeça. Nesse ponto eu realmente não estava me importando mais para o que acontecesse. Eu só pensava que... que eu tinha matado Mikey e eu queria morrer também. Eu já pensava em suicídio nas primeiras semanas. Uma vez eu quase consegui. — ele respirou profundamente. — E depois, na prisão, eu tentei novamente.

Eu estava lutando para conseguir falar, finalmente eu consegui perguntar. — Como? Como você... tentou...

Ele deu de ombros.

— Você tem que ser criativo. A primeira vez, eu amarrei alguns lençóis juntos e tentei me enforcar. Encontraram-me antes...

— E... e pela segunda vez.

— Eu planejei melhor. Eu esperei até que eu estivesse sozinho na cela. Eu tinha afiado o cabo da minha escova de dente. O plástico é duro, então você pode deixar bem afiado. Alguns caras usam como armas. Eu só queria me machucar. Eu cortei algumas veias.

— Mas... alguém te encontrou.

— Depois de algumas horas. Acho que perdi muito sangue, ou coisa parecida. Então, eu nem sequer consegui fazer isso direito. Eles me fizeram consultar um psiquiatra depois disso. Eu não acho que isso fez muita diferença. Ele não se importava comigo. Nem eu.

Segurei um pequeno soluço, pois ele estava disposto a me contar suas memórias rápido demais para parar.

— Você tem que aprender bem rápido, aprender a sentir as pessoas de fora para dentro. Os primeiros caras que vêm até você são os perigosos, os predadores, mas também os perdedores e os delatores. Eu aprendi que era mais seguro ficar na minha. Teve um cara grande, punk, que tentou na minha primeira semana...

— O que você quer dizer? — eu perguntei com medo de sua resposta.

— Ele queria fazer sexo comigo. Fiquei chocado e apenas dei uma surra nele. Descobri que foi a melhor coisa que eu poderia ter feito, porque depois disso os outros me deixaram sozinho.

— Acontecem várias coisas estranhas e você tem que se acostumar. Os banheiros não têm portas - e as chances de você ser espancado ou acontecer coisa pior e muito grande. Para começar, são tiradas de você suas próprias roupas - bem, eu não tinha muito e o que eu tinha estava coberto de sangue, então... você é revistado e suas impressões digitais são tiradas. São pequenas coisas, como só ter três minutos no chuveiro e todas as luzes são apagadas às 21h30; cheguei no verão, por isso, ainda havia luz do lado de fora, o que era estranho. Não que eu conseguisse dormir. Havia algumas crianças que gritavam toda a noite, alguns deles eram muito jovens. Um garoto parecia ter uns 13 anos ou algo assim. Havia muito medo, principalmente porque você não sabia o que

ia acontecer no dia seguinte. Mas como eu não me importava, isso me fez... eu não sei... como se eu fosse intocável ou algo assim. Alguns dos garotos mais velhos tentaram mexer comigo, mas eu era muito alto para a minha idade, então eu arrumei muitas brigas. Isso não ajudou muito na redução da minha pena, eu acho.

— Seus pais iam sempre te visitar?

— Uma vez, quando eu ainda estava no reformatório; mais uma vez, quando eu fui condenado - na minha primeira condenação.

— Como foi?

Ele fez uma careta.

— Mamãe chorou. Papai me disse... meu pai me disse que eu era um assassino e que eu deveria mudar meu sobrenome, porque ele não queria ter-me como filho.

— Uau, isso é... cruel.

Senti-o dar de ombros.

— Ele me odeia. Ambos me odeiam. Mas eu não os culpo, eu me odeio. Se eu tivesse feito uma coisinha diferente naquela noite, Mikey ainda poderia estar vivo.

— Ele era o irmão mais velho, ele poderia ter decidido, em qualquer momento, não entrar no carro com você.

— Ele estava me protegendo, como sempre. Ele disse que não ia me deixar dirigir até em casa, bêbado feito um gambá. Foi praticamente a última coisa que ele me disse.

— Ele amava você.

Jordan não respondeu. Olhei para cima para que eu pudesse ver seu rosto. Seus olhos brilhavam, e eu o vi limpar uma lágrima com as pontas dos dedos.

— A última vez que os vi foi depois do funeral. Eu queria ter ido com eles, mas não me deixaram. Eu ainda não sei se isso era uma regra do reformatório ou se meus pais não me queriam lá. No dia em que fui condenado: Mamãe não podia sequer olhar para mim, e eu também não tinha nada a dizer para eles. Papai só ficava dizendo que eu deveria rezar para Mikey. Eu fui mandado para um centro de detenção no norte do Texas, e, de lá, para a prisão. Depois disso eu não os vi mais. Não até - há oito semanas. — eu soltei um longo suspiro. — Eu acho que você sabe o resto.

— Você... você já pensou nisso, hum, tentar se matar novamente, desde que... desde que você saiu da prisão?

Ele acenou com a cabeça novamente.

— Eu pensei, mas eu não... eu não podia...

— Jordan, prometa-me, *prometa-me* que, se você pensar em fazer isso... que você vai... prometa-me que virá falar comigo primeiro. *Prometa-me!*

Eu pensei que ele ia recusar, mas, eventualmente, ele balançou a cabeça lentamente.

— Eu prometo.

Eu esfreguei os olhos, cansada.

— Ok, então. Vamos falar disso manhã. Podemos pensar em encontrar outro lugar para você morar. Nós não vamos resolver nada hoje, já esta muito tarde.

— Eu não sei por que você ainda está aqui. — disse ele, sua voz triste. — Mas eu estou fodidamente feliz que você esteja.

Fiquei chocada de pensar que Jordan tinha tentado se matar. Por duas vezes, talvez mais. Quebrou meu coração pensar na versão de Jordan com 16 anos passando por tudo sozinho. Mas eu tinha ficado ainda mais atordoada quando eu percebi que ele tinha pensado nisso desde que tinha saído da prisão.

Era muito para minha cabeça e já era tão tarde e eu estava extremamente cansada. Meu cérebro estava girando em tantas direções diferentes, que eu me senti tonta. Eu necessitava de algumas horas de sono.

— Eu também estou feliz de estar aqui. — eu suspirei. — E eu realmente sinto muito ter que falar isso, mas eu estou morrendo de vontade de fazer xixi!

Ele deu um pequeno sorriso e eu vi um lampejo de luz por trás de seus olhos.

— Duas portas para baixo, à esquerda, querida. Vou ficar te esperando.

Peguei minha bolsa, feliz que eu sempre carregava uma escova de dente comigo, e fui para o banheiro. Água e sabão seriam bons para limpar minha maquiagem, mas eu *tive* que escovar meus dentes, e desisti de lavar o rosto.

Poucos minutos depois, eu entrei no quarto e fechei a porta.

Ele estava sentado na cama, calça jeans dobrada e colocada sobre a cadeira, com o rosto pensativo. Seu quarto era muito organizado e arrumado, não parecia um quarto normal, então eu joguei minhas botas para os lados, joguei minhas meias sobre a minha cabeça e tirei minhas calças e deixei no chão.

Ele me olhou e eu estava feliz de ver em seu rosto uma expressão divertida.

— Não sabia que você era stripper profissional, querida.

— Vai se ferrar. — eu resmunguei.

— Não estou reclamando. — ele sorriu.

Eu tirei meu sutiã e passei pelas mangas da minha camiseta.

— Eu não vou ver a melhor parte? — ele perguntou.

— Não... você pagou pela promoção, que só dá direito a isso.

Eu subi em cima dele, dando um beijo em seus lábios de surpresa enquanto eu passava, então deitei sob o lençol. Ele me puxou para o seu peito e colocou a minha cabeça contra o seu coração, fiquei ouvindo a batida lenta e constante.

Seus músculos flexionaram quando ele se inclinou para beijar o meu cabelo.

— Durma agora, querida. — disse ele.



Ainda estava escuro quando eu acordei. Espreguicei-me sonolenta, mas dei um pulo quando senti uma mão quente na minha barriga.

— Desculpe querida. Só para lembrá-la que eu estou aqui. Você quase me deu um soco na cabeça.

— Oh, Deus! Eu esqueci onde eu estava!

Eu ainda estava grogue, minha garganta rouca de sono.

— Gostou de onde acordou? — ele disse, e eu podia ouvir a ansiedade em sua voz.

— Com certeza.

— Estou feliz com isso. — ele suspirou, passando a mão para cima para que roçasse a parte inferior dos meus seios.

Eu arqueei minhas costas e cantarolei de prazer.

— Eu finalmente vou ter a minha rapidinha? — eu perguntei.

— Você pode ter o que quiser, meu amor.

Ele levantou o meu corpo da cama com uma mão e tirou minha camiseta com a outra. Então ele me deitou com cuidado, com reverência e pairou sobre mim, envolveu sua boca quente em volta do meu mamilo, sugando com firmeza, a outra mão massageando e provocando até deixar meu mamilo duro como pedra.

— Tenho muito que fazer aqui. — ele murmurou. — Acho que não posso ser tão rápido.

Eu ri baixinho. — Nós já fomos rápidos antes.

— Rápido, lento, forte, suave - eu quero tudo com você, Torrey. Eu não me imagino não querendo você. Nunca mais.

Passei minhas mãos por suas costas, deixando minhas unhas rasparem ao longo de sua coluna vertebral. Ele estremeceu e gemeu; seu som vibrando através de minha pele.

Seu corpo estava com todos os seus músculos rígidos, suas belas maçãs do rosto, queixo acentuado, sua bunda firme, as duas cavidades maravilhosas onde seus músculos da coxa encontravam o osso ilíaco. Seus bíceps estavam rígidos por ele estar em cima de mim e seus braços fortes estavam flexionados ao lado do meu corpo me apertando.

Meus dedos redescobriram sua cicatriz na base das suas costelas e minhas pernas engancharam sobre suas panturrilhas, com os meus pés passando por todos os seus músculos.

Eu ouvi sua respiração acelerar quando eu passei uma mão em torno de sua ereção, acariciando sua glande sedosa.

— Deus, é tão bom. — ele suspirou. — Você não faz ideia.

Mas eu sabia, porque eu sentia, também, dentro do meu coração.

— Um minuto. — eu disse, o desejo súbito era evidente na minha voz. — Eu tenho que pegar um preservativo para nós.

Primeiro ele abaixou para me beijar rapidamente, depois rolou de costas e jogou seus braços acima de sua cabeça, sua respiração estava mais rápida agora.

A desvantagem de seu quarto ser muito arrumado era que eu não conseguia encontrar o meu jeans no escuro do quarto.

— Porra! Onde é que eu joguei minhas calças?

— Querida você não imagina como suas palavras são excitantes. — ele riu.

— Não é engraçado! Eu já perdi o meu sutiã esportivo favorito por sua causa.

— Certo. — ele falou culpado. — Como eu não posso me dar ao luxo de comprar um novo, eu vou ter que correr atrás de você segurando seus belos peitos.

— Sim, isso iria funcionar. — bufei. — Por cerca de dois minutos antes de nós dois sermos presos por violar as leis da decência.

— Ah, você encontrou a falha no meu grande plano. — disse ele, fingindo tristeza.

— O que eu posso dizer, eu sou inteligente. Porra! Onde estão as minhas calças?

Eu fiquei cega quando ele acendeu o abajur de cabeceira.

— Esta melhor, querida?

— Não, não esta melhor! — eu disse, irritada. — Eu não posso ver nada.

Ele riu. — Eu posso, e com certeza minha vista é ótima. Essa vista me faz pensar coisas.

Eu joguei uma meia nele, mas só o fez rir mais. Eu *realmente* gostei desse som.

Ele virou na cama me oferecendo uma vista do seu bumbum como veio ao mundo e pegou as minhas calças e jogou-as para mim. — Touchdown!

— Uh-uh! — eu balancei minha cabeça. — Você me distraiu!

— Querida você esta dizendo que eu trapaceei? Espero que você não seja uma má perdedora.

— Jordan, se você quiser transar, você vai parar de falar agora.

Ele não respondeu, então eu olhei para cima. Ele imitou trancar os lábios e jogar fora a chave.

— Oh, muito bom. Vamos ver quanto tempo você consegue ficar assim!

Ele balançou a cabeça e sorriu.

Segurei seu pau e puxei-o para mim. Ele fez uma careta e me olhou, mas não falou.

— Oops! Eu acho que foi um pouco mais forte do que eu queria.

Ele concordou com a cabeça, seus olhos arregalados.

— Você não gosta de forte, cowboy?

Sua boca abriu-se, mas, em seguida, ele deu de ombros e um sorriso lento apareceu nos cantos dos seus lábios grossos.

— Não mexa as mãos. Coloque-as acima de sua cabeça.

Ele me olhou, um canto de sua boca levantou entendendo minhas intenções.

Bati minhas mãos em seu peito e corri as unhas por cima dos peitorais e para baixo através de seu abdômen, até chegar aos seus cabelos castanhos claros que cobriam sua virilha.

— Então, nunca uma menina veio ao seu quarto?

Ele balançou a cabeça.

— No seu carro?

Ele assentiu com a cabeça.

— Na sua caminhonete?

Ele assentiu com a cabeça.

— Porque você sabe, Jordan? Seria muito grave se você e Mikey usaram a caminhonete com alguma garota. Quer dizer, eu espero que você, pelo menos, tenha limpado os bancos.

Ele sorriu e balançou a cabeça. Eu fiz uma nota mental para perguntar-lhe de novo o que ele quis dizer com isso.

— Hmm... na escola?

Ele sorriu e assentiu com a cabeça novamente.

— No campo de futebol da sua escola?

Mais acenos, mais sorrisos.

— Depois do baile?

O sorriso dele sumiu e ele balançou a cabeça.

— Merda, desculpa! Eu sei que você não conseguiu ir. Desculpe, eu me perdi na brincadeira.

Ele deu de ombros e olhou para longe.

Gentilmente, eu puxei seus lábios de volta para o meu e beijei-o lentamente, mostrando-lhe que o meu pedido de desculpas era real.

— Agora, onde estávamos? — eu disse, passando uma perna através de seus quadris e recostando-me sobre as coxas.

— Esta brincadeira se chama posições favoritas. Você quer jogar?

Seus olhos brilharam, e ele acenou com a cabeça bruscamente várias vezes.

— Bom. Alguma vez você já... esteve por cima?

Ele levantou uma sobrancelha e assentiu.

— Não se preocupe, estou apenas me aquecendo. Alguma vez você já teve... uma mulher por cima?

Ele rolou os olhos e acenou com a cabeça.

— Você já fez o estilo cachorrinho por trás, que não tenha sido comigo?

Ele acenou com a cabeça rapidamente.

— Ah, agora estamos chegando a algum lugar. Você gosta dessa posição?

Acenou com a cabeça vigorosa.

— Você já recebeu um boquete?

Um sorriso malicioso atravessou seu rosto e ele me mandou um beijo, acenando lentamente.

— Você já fez um em alguém?

O sorriso diminuiu um pouco, mas ele acenou a cabeça novamente.

Eu levantei uma sobrancelha. — Você está mentindo para mim, cowboy. Você definitivamente me deve um!

Ele piscou e me deu um sorriso abrasador.

— Já fez ao mesmo tempo?

Ele parecia confuso.

— Eu estou falando de fazer um sessenta e nove.

Ele balançou a cabeça.

— Hmm, não, bem está tudo bem. Eu também não sou uma grande fã dessa posição. Quer dizer, a menos que você seja o tipo de pessoa que gosta de ter o traseiro de alguém preso em seu rosto.

Ele torceu o nariz e balançou a cabeça.

— Eu não estou dizendo que sou avessa a algumas brincadeiras no bumbum...

Seus olhos ficaram muito grandes e ele lambeu os lábios.

— Não vá tendo ideias. Eu não vou deixar você meter na minha bunda. Só estou dizendo, que gosto de brincar um pouco. Está bom para você?

Ele sorriu e acenou com a cabeça.

— Bom. Você quer que eu brinque com você também?

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Nunca tentou, né?

Ele balançou a cabeça novamente.

— Ok, bem, talvez seja necessário experimentar isso um pouco. Vou colocá-lo na lista.

Ele sorriu, levantou uma sobrancelha, em seguida, fez um gesto como se estivesse escrevendo. — Oh sim, eu tenho uma lista. Algum dia eu pretendo te mostrar.

Ele sorriu.

— Ok, então, onde estávamos... hum... o que me diz de ter feito em uma banheira de água quente?

Ele acenou com a cabeça e levantou um dedo.

— Oh, apenas uma vez? Ou apenas uma garota?

Ele deu de ombros e concordou.

— Você quer fazer isso de novo?

Ele balançou a cabeça concordando - balançando muitas vezes.

— Em uma piscina?

Um enorme sorriso cruzou seu rosto.

— Oh, está lembrando-se de coisas boas, né?

Ele sorriu para mim.

— Bem, nós podemos reviver os bons momentos. Hum... sexo em um lugar público. Sem contar a piscina ou banheira de hidromassagem na casa de alguém, tipo totalmente público; um parque ou algo assim?

Ele sorriu. Ele acenou com a cabeça.

— Uau, Jordan! Você só tinha 16 anos! Quando você começou?

Ele ergueu as mãos, em seguida, quatro dedos da mão esquerda.

— Quatorze?

Ele acenou com a cabeça e, em seguida, apontou para mim.

— Ah, eu fui uma boa menina. Aguentei até os meus 18 anos.

Ele pareceu surpreso.

— O que eu posso dizer? Eu pensei que estivesse apaixonada, que estava me guardando para o cara certo e que iria durar para sempre. Eu poderia ter sido mais ingênua? Bem, você já sabe como essa história terminou.

Sua expressão ficou triste e ele estendeu a mão, acariciando minha bochecha.

— Não se preocupe, eu já superei isso.

.Ele sorriu e me mostrou o polegar para cima.

— Então, hum, você gostaria de começar tendo suas bolas chupadas?

Ele sinalizou “mais ou menos” com as mãos.

— Obviamente você gosta de um boquete.

Desta vez ele colocou os dois polegares para cima.

— Você já foi algemado?

Um olhar escuro passou por seu rosto.

Oh merda.

— Eu quis dizer... você sabe... no sexo? Desculpe, pergunta idiota. Eu acho que você não gosta disso.

Ele balançou a cabeça, seus olhos escuros guardavam segredos feios.

— Então, hum, você não gostaria de me amarrar?

Parecia que ele estava com dor e ele balançou a cabeça novamente.

— Tudo bem. Eu entendi. Eu só estava... você sabe... verificando.

Ele inclinou a cabeça para um lado, me fazendo a mesma pergunta.

— Posso ter feito algumas vezes, não muitas. Eu tenho que realmente confiar no cara. Mas tudo bem, há um monte de outras coisas que podemos fazer. Oh, já sei, já usou brinquedos?

Ele balançou a cabeça.

— Nunca usou um vibrador? Existem alguns realmente legais agora. Existe um que chamam de coelho e...

Ele balançou a cabeça e deu um tapinha no peito. Fiquei intrigada por um momento, então ele apontou para o pau dele, que ainda estava ereto e se contorceu enquanto eu olhava para baixo.

— Oh, certo! Você acha que uma mulher não precisa de um vibrador, se ela tem você!

Ele acenou com a cabeça novamente, seu sorriso de orelha a orelha.

— Hmm, bom ponto. Mas talvez eu lhe mostre como usar e você pode mudar de ideia.

Ele apontou para mim e ergueu as sobrancelhas.

— Ah, claro! Eu não tenho transado há um bom tempo e ter um vibrador salva minha mão de ter cãibra.

Ele fez uma careta e cruzou as mãos sobre o peito.

— Oh, relaxe! Eu não transei com ninguém desde que te conheci.

Ele sorriu, parecendo aliviado.

— E quanto a você? As mulheres têm te dado uma folga?

Ele piscou para mim, e eu me senti pronta para atacar as vagabundas!

— Quem? Quando? Onde?

Ele sorriu e fingiu beber café. Alívio passou por mim.

— Você quer dizer Bev?

Ele acenou com a cabeça.

— Oh, está tudo bem, então.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Isso não significa que eu vou dividir você! Ela sabe que você tem dona. Mas isso levanta outra questão. Já teve um ménage à trois?

Ele acenou com a cabeça.

— Dois caras, uma garota?

Ele balançou a cabeça, curvando o lábio ligeiramente.

— Ah, certo. Duas meninas dando prazer a você?

Ele sorriu.

Eu não tinha certeza se eu queria fazer a pergunta seguinte, mas respirei fundo e perguntei.

— Você quer tentar de novo algum dia?

— Não. — ele disse, quebrando o longo silêncio. — Eu só quero você.

Ele me puxou para o seu peito e me beijou profundamente, e eu o saboreei, ele era tão bom, completamente natural, doce e delicioso.

Então, ele pegou a camisinha da mesa de cabeceira e me entregou.

— Eu quero fazer amor com você, Torrey. Quero tanto, querida.

Saí de cima de suas coxas e rolei o preservativo por todo seu comprimento. Sua barriga tanquinho contraiu quando ele prendeu a respiração.

Quando terminei de colocar o preservativo, ele balançou e observou seu pau.

— Você é um menino seguro!

Ele olhou para mim. — Eu sou o quê?

— Estou dizendo que você gosta de uma foda segura.

Ele sorriu para mim.

— Bem, você sabe o que eles dizem nas aulas de educação sexual, “sem camisinha, sem amor”.

— É isso o que dizem para vocês?

— Sim, mas eu sempre preferi a versão que Mikey inventou.

— Como era?

— Envolva-o em papel alumínio, antes de trocar o óleo.

— Meu Deus! Ele falava isso?

— Bem, eu não sei se ele realmente disse isso para alguma garota...

Eu bufei. — Como eram as outras que ele inventou?

— Cubra a madeira antes de bombear nela...

— Ugh!

— E o meu favorito, 'Envolva sua isca antes de acasalar'.

— Que seja! Contanto que vocês trabalhem direito.

— Querida, estou mais limpo do que um cubo de gelo no Alasca, mas eu não gostaria de fazer sem nada a menos que você queira.

Engasguei, tossindo enquanto meus olhos lacrimejaram.

Ele esfregou suavemente minhas costas.

— Se você quiser ter filhos, eu ficaria honrado em ser o pai do bebê. — ele disse, dando um beijo suave no meu cabelo.

— Não é uma boa conversa para termos agora. — eu insisti.

Ele deu um pequeno sorriso e deitou-se sobre os travesseiros.

— Eu sou todo seu, querida. Faça o seu pior.

— Isso é um desafio?

— Não é realmente. Eu confio em você.

Pela segunda vez em menos de um minuto, as palavras dele me chocaram. *Ele confiava em mim*. Depois de tudo o que ele tinha passado, de todos os desafios que tinha enfrentado, ele confiava em *mim*.

— Eu não vou te machucar. — eu disse, em voz baixa.

Ele sorriu para mim. — Eu sei.

Inclinei-me e ele levantou o rosto para capturar meus lábios com os dele. Então, ele lambeu minha garganta até o meu maxilar e mordiscou minha orelha, me fazendo sofrer.

Ele passou novamente a língua circulando meu mamilo, eu empurrei o meu seio para o seu rosto, pedindo-lhe para chupar mais forte. Ele passou as mãos calejadas sobre os meus seios, a pele áspera deliciosa em minha carne superaquecida.

Entre as minhas coxas, seu pau estremeceu novamente e eu me esfreguei nele, provocando um grunhido áspero de desejo.

Eu esfreguei o meu clitóris sobre a ponta do seu pau e um arrepio passou por mim.

— Querida. — ele sussurrou. — Posso fazer algumas das outras coisas que estão na sua lista? Porque eu fiquei muito excitado ouvindo você falar sobre essa lista.

— Quais partes?

— Hmm, eu gostaria de provar essa sua boceta doce, de preferência antes do lubrificante do preservativo tornar seu sabor uma merda. Uh, desculpe, saiu errado. Ah, porra! Você sabe o que eu quero dizer!

— Felizmente para você eu sei! — eu disse, entre uma risada e um gemido de desejo como uma estrela pornô.

Ele me virou e depois se ajoelhou no chão, arrastando-me para a beira da cama. Em seguida, ele pegou meus pés e colocou sobre os ombros.

— Abra. — ele sorriu diabolicamente, mergulhando a cabeça em mim.

Deus! Sua barba por fazer sobre o meu clitóris desencadeou uma onda de luxúria. Faíscas de eletricidade começaram a passar pelas minhas pernas, me fazendo enrolar os dedos.

— Ah, Caralho! — eu gritei, esquecendo que seu pai estava dormindo ao lado.

Ele passou a língua em movimentos lentos e sensuais enrolando-a em torno da protuberância. Em seguida, ele colocou aqueles dedos de mecânico habilidoso dentro de mim, massageando internamente. Depois de 36 horas sem tê-lo dentro de mim e depois de toda a conversa sacana que tivemos, eu não aguentei e gozei tão forte, me sentindo como se um trem de carga tivesse me atropelado.

Pobre homem! Ele tinha que colocar a palma da mão sobre a minha boca para tentar abafar os meus gritos alucinantes. Um travesseiro teria funcionado melhor.

Minhas pernas tremiam e uma escorregou de seu ombro. Ele pegou-a antes que eu acertasse suas bolas.

— Bom até agora? — ele riu.

Eu grunhi algo monossilábico e não me opus quando ele me puxou de volta para cama e me virou.

— Pronta para mais? — ele perguntou, sua voz parecia tensa de repente.

— Uh huh. — eu disse, de forma eloquente.

Um dedo na minha bunda me trouxe de volta rapidamente e eu ofeguei.

— Só o meu dedo, querida, eu juro. Eu nunca iria te machucar.

Em seguida, ele colocou os meus quadris para trás, eu fiquei de quatro e ele empurrou seu pau suavemente, enchendo-me, me esticando. Realmente, de jeito nenhum aquele pau conseguiria se encaixar na minha bunda. *Nunca*.

Ele puxou de forma lenta e deliciosa e empurrou de volta colocando tudo, me deixando enlouquecida.

— Ah, porra, isso vai ser muito rápido. — ele grunhiu.

— Então, mete mais forte! — eu engasguei.

Ele obedeceu imediatamente, estocando em mim, o dedo na minha bunda entrando e saindo com um ritmo diferente.

Ele estremeceu de repente, ouvi um grito estrangulado e a respiração quente nas minhas costas. Ele beliscou meu clitóris, silenciosamente, me implorando para gozar rápido. Oprimida pelas sensações, eu apertava em torno dele com ondas frenéticas assumindo o controle do meu corpo.

Nós desabamos juntos, ofegantes, os dois respirando pesadamente, emaranhados nos lençóis.

Duas portas para baixo, ouvi a descarga do banheiro.

— Acho que seu pai acordou. — eu murmurei.

— É o que parece. — ele disse, sua risada silenciosa sacudindo a cama.

Adormeci instantaneamente. Quando eu acordei novamente, a cama ao meu lado estava fria e vazia.

No lugar de Jordan, tinha uma pequena flor arrancada do quintal, sobre uma nota.

Eu desdobrei o papel e vi um desenho meu dormindo feito a lápis incrivelmente detalhado. Jordan deve ter sentado na parte inferior da cama e me desenhado enquanto eu dormia.

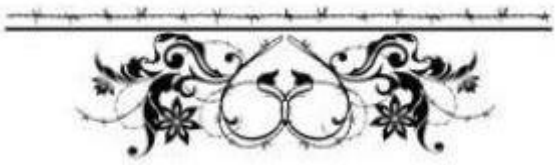
E, então, eu li as palavras que ele havia escrito.

'A vida sem amor é como um jardim sem sol, quando as flores estão mortas'.

Eu te amo.

Jordan x

Capítulo Doze - Persistência



Jordan

A vida começou a ficar boa uma vez que mamãe nos deixou. Todos nós sabíamos que era verdade e isso era uma droga. Ela ainda era minha mãe, mesmo que ela não quisesse ser. Mas a tensão na casa saiu com ela e tudo estava mais calmo.

Hulk me deixava trabalhar com ele por três dias, na maioria das semanas, e eu tinha quatro clientes que me pediram projetos pessoais para serem pintados em seus carros e caminhões. Mais dois foram agendados. Eu tinha uma maldita 'lista de espera'! Torrey disse que eu deveria montar um portfólio. Eu não sei nada sobre isso, mas era uma sensação boa. Risque isso... era uma *grande* sensação, ter as pessoas dizendo que eu era bom em alguma coisa, para variar.

Papai e mamãe estavam se falando, eu acho, mas ela ainda se recusava a voltar para casa enquanto eu estivesse lá. Doía, mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Meu pai estava aprendendo a me aceitar de novo e nas raras noites quando Torrey não estava por perto, tivemos algumas conversas reais. Tivemos que conhecer um ao outro novamente com oito anos para recuperar o atraso. Eu era apenas um menino quando eu fui embora; eu tinha crescido rápido e ele não sabia bem o que fazer com o homem que tinha voltado para casa.

Quando eu lhe disse sobre os primeiros meses no reformatório e como eu tentei me matar, ele caiu em lágrimas. Eu acho que ele sentiu o quão realmente perto ele esteve de perder seus dois filhos. Eu não poderia obrigar-me a dizer-lhe que a primeira vez que tentei acabar com a minha própria vida não foi à última. Algumas coisas eram melhor manter guardadas, mesmo agora.

Pelo que ele me disse sobre esse tempo, ele e mamãe tinham apenas se desligado. Ele também admitiu que foi sua decisão me impedir de vir ao funeral do Mikey. Isso doeu muito.

A maioria das pessoas no colégio tinham ido, inclusive os professores. Mesmo alguns dos jogadores de futebol de outras escolas do ensino médio tinham aparecido em suas cores do time como um sinal de respeito. O melhor amigo de Mikey, Ryan Dupont fez um discurso, e o ginásio foi usado para o velório depois do funeral. Meu nome não foi mencionado.

Aos poucos, comecei a realmente falar com meu pai. Eu tinha um monte de problemas de confiança e não tinha esquecido que ele e mamãe tinham basicamente me jogado aos lobos, há oito anos, mas Torrey tinha me ensinado que manter tudo dentro era um veneno para nós. Mamãe era a prova viva disso.

Então eu disse a ele sobre algumas das loucuras que Mikey e eu tínhamos feito, e eu acho que isso abriu seus olhos para algumas coisas. Eu me senti bem em contar-lhe os segredos de Mikey depois de todos estes anos. Isso meio que colocou as coisas em perspectiva para nós dois. Eu não era nenhum santo, mas eu também não era o pecador em tudo. Tinha sido um choque para ele descobrir quão pesadamente viciado em maconha Mikey estava. Eu sempre fui de beber mais. Ele queria que eu prometesse que uma vez que a minha liberdade condicional acabasse, eu não voltaria a beber. Eu não podia fazer isso, eu ficava ansioso por uma cerveja de vez em quando. Eu provavelmente ficaria longe de bebidas destiladas, mas eu não ia fazer promessas que não podia cumprir.

Nosso relacionamento era um trabalho em progresso, mas estávamos chegando lá.

Quanto a minha mãe... isso não estava nada bem.

As coisas entre Torrey e eu estavam fantásticas. Eu não mudei minha mente sobre ela ser a melhor coisa que já tinha acontecido comigo. Tínhamos saído por quase três meses e ela nunca deixou de me surpreender com sua força, beleza e amor à vida. E, lentamente, começamos a fazer planos para o futuro, nosso futuro. Deus, eu adorava dizer isso! *Nosso futuro*.

Após essa primeira noite, quando minha mãe foi embora, Torrey nunca voltou para casa, na Reitoria. A Reverenda queria que ela ficasse lá, mas se recusou a permitir que Torrey me levasse em sua casa. Isso foi um disjuntor do negócio, tanto quanto lhe dizia respeito. A visão de Torrey era que, se a Reitoria fosse verdadeiramente a sua casa, sua mãe teria que me permitir ir até lá. A visão da Rev era que ela não iria nos perdoar por ter um relacionamento físico fora do casamento. Pois bem, como se a metade dos seus paroquianos não estivessem juntos amigados. Ela não dizia isso, mas a verdadeira razão para me ter longe era o meu emblema de ex-presidiário. Torrey disse que ela era uma maldita hipócrita, e que não queria nada com ela.

Eu não estava feliz por elas estarem brigadas por minha causa, mas Torrey insistiu que ela não iria se comprometer com isso. A mulher era teimosa.

Apesar de Torrey colocar seu dinheiro onde sua boca estava, por assim dizer, ela também admitiu que ela tinha medo pra caralho de compromisso. Nós conversamos muito sobre isso. De maneiras diferentes, era importante para nós dois. Para ela, crescer assistindo o casamento dos pais desintegrar. Isso deixou marcas nela, e eu não acho que ajudou saber que papai e mamãe tiveram problemas graves, também. Mas nós estávamos trabalhando as coisas, à medida que avançávamos.

As coisas na cidade estavam praticamente o mesmo, talvez até um pouco melhor. Na maioria das vezes que visitei, Torrey estava comigo, e as pessoas eram menos propensas a iniciar algo quando ela estava por perto. Eu me sentia mal por ela ser o meu escudo humano, e, francamente, fui sugado por ser um maldito bichano que tinha que esconder atrás de sua mulher.

Mas o dia em que os babacas haviam tentado me fazer lutar, realmente, tinha feito Torrey entender por que eu reagi da maneira que eu fiz; isso a fez

perceber que, mesmo ao menor sopro de problema, a minha liberdade condicional seria revogada. De jeito nenhum que eu ia voltar para a prisão. *Nunca*. De jeito nenhum. Eu preferia morrer.

A Oficial Carson tornou-se bastante agradável. Eu a via a cada duas semanas ou mais.

As buscas domiciliares continuaram a cada cinco ou seis semanas, mas nós trabalhamos em torno deles. Às vezes era um cara chamado Martins. Nós todos o odiávamos. Ele jogou seu peso ao redor e deixou muito claro que ele achava que eu não era melhor que uma mancha de merda em sua bermuda, e ele esperava que eu me ferrasse a qualquer momento.

Torrey o odiava demais. Suas coisas estavam por toda a casa. Eu juro, ela era a pessoa mais desorganizada que eu já conheci. Ela só tinha que estar em casa alguns minutos e seus sapatos estavam em um cômodo, sua bolsa em outro e o suéter dela em outro. Ela perdia o celular dez vezes por dia. Fiquei tentado a colocar as chaves do carro em uma coleira e amarrá-las com ela. O banheiro estava cheio de batom e resto de coisas e sabe Deus o que mais. Fingia que isso me deixava louco, mas na verdade eu adorava. Acho que ela sabia disso.

Acordar com ela em meus braços todas as manhãs era oficialmente a melhor parte do meu dia. Isso e adormecer com ela depois que fazíamos amor. Mesmo que eu não achasse que fosse possível, eu me apaixonei por ela um pouco mais profundamente a cada dia. Eu adorava tudo sobre ela: o modo que ela torcia o nariz antes de espirrar; o jeito que ela não podia sentar-se no sofá sem se esticar toda sobre ele, e então eu era empurrado para me encolher no canto; o jeito que ela dançava escutando rádio enquanto ela estava cozinhando.

Ela era uma péssima cozinheira também, mas por algum motivo ela parecia pensar que ela era como uma maldita chef ou algo assim. Eu deveria ter adivinhado desde a primeira refeição que ela me fez, quando eu praticamente derreti minha língua com a quantidade de pimenta malagueta ou algo parecido. Nos dias em que não estava trabalhando, ela insistia em cozinhar - para os homens da família - como ela mesma disse. Eu sei que meu pai sentia o

mesmo medo de ela estar na cozinha que eu, porque ele tentava insistir em trazer pizza para casa em alguns momentos para que ela pudesse ter uma noite de folga. Às vezes ele conseguia.

Eu descobri que eu gostava de brincar de cozinhar. Depois de anos de comer gororoba demais, provar coisas novas e experimentar receitas foi uma fatia de liberdade. Eu não era ruim nisso, certamente melhor do que Torrey, embora ela não fosse admitir isso. Papai brincou dizendo que eu provavelmente poderia conseguir um emprego como cozinheiro. Eu sabia que ele não falava realmente sério, mas saber que eu tinha outras opções para ganhar dinheiro foi uma grande coisa para mim.

Quando você está na prisão, eles dizem quando você deve acordar, quando dormir, quando comer, quando tomar banho e quando ir ao banheiro. Cada segundo de cada dia é elaborado para você. A única decisão que você tem que tomar é se vai comer com uma colher ou com os dedos. Sério.

A Oficial Carson disse que um monte de caras não ficam fora porque a liberdade realmente os assusta; grandes escolhas a fazer todos os dias; muitas chances de acabar com tudo por escolher o caminho errado. Sim, eu sabia o que eles sentiam. Eu estava com medo pra caralho quando eu fui liberado. Tudo parecia como um enorme e impossível desafio. Mesmo agora, encontrar um estranho pela primeira vez pode ter os meus níveis de ansiedade disparando do gráfico, mas está ficando cada vez melhor. Às vezes, eu até me sentia normal.

Papai e Torrey se davam muito bem, e eu estava grato por isso. Levou algum tempo e alguns ajustes para tê-la convivendo conosco, mas foi bom. Ela o chamava de Paul, e ele a chamava de 'Miss D[27]' ou 'Miss Take'[28] o que a fazia rir. Eu acho que ele ficaria muito feliz se nós assumíssemos algo oficial e ele a tivesse como nora. Eu estava trabalhando nisso, mas de jeito nenhum eu pediria para ela se casar comigo enquanto eu ainda estivesse em liberdade condicional. Essa merda é simplesmente errada.

[27] Missy D, senhorita D, aquela garota extremamente linda e descolada.

[28] O pai de Jordan, nesse caso, faz um jogo de palavras com Torrey, chamando-a de Miss Take em referência a mistake (erro em inglês).

Eu conversava com Mikey sobre nisso. Várias vezes por mês eu parava no cemitério no meu caminho do trabalho para casa. Eu dizia a ele sobre o meu dia, ou sobre alguma coisa louca que Torrey tinha feito, ou sobre quão bem ela me fazia sentir. Eu não sei por que, mas eu sentia que ele estava lá e que ele podia me ouvir.

Incomodava-me que Torrey e sua mãe mal se falavam, e que eu era a razão. Ela disse que não tinha nada a ver comigo, mas eu chamava isso de besteira. Eu tentei falar com ela sobre isso, mas ela disse que falaria com sua mãe quando ela estivesse pronta para me aceitar como parte da sua vida. Eu realmente não podia discutir isso, então eu tinha que confiar que as coisas iriam dar certo entre elas de alguma forma.

Foi bem devagar, mas aos poucos comecei a me sentir mais confortável em sair e conhecer pessoas. Nem todo mundo nesta insignificante cidade sabia quem eu era ou se importava com o que eu tinha feito.

Torrey foi me empurrando para sair mais. As escolhas eram bastante limitadas, afinal, eu ainda me sentia desconfortável indo para a cidade, e tinha uma área de captação finita e um toque de recolher, mas isso não a impediu de me estimular a experimentar coisas. Seu mais recente plano era um encontro duplo com Bev e seu novo cara Pete: um piquenique na praia. Eu não tinha certeza sobre isso. Com Bev tudo ok; eu realmente gostava dela. E Torrey disse que Bev falou ao cara tudo sobre mim e disse que ele estava bem com nisso. Ele trabalhava em um cargo importante de um banco em Corpus. Exatamente o que eu precisava para me fazer sentir como um perdedor total.

— É apenas um piquenique, querido! — disse Torrey. — Duas meninas quentes em biquínis e comida, o que há para não gostar? Olha, apenas tente. Se você se sentir desconfortável, podemos sair a qualquer momento. Mas eu prometo, Pete é um cara muito legal.

Estávamos na cama no momento. E isso funcionou, já que eu não conseguia recusar qualquer coisa quando ela estava nua. Ela agia sorrateiramente. Eu não acho que ela soubesse que eu estava esperto no seu

jogo. O que não mudava uma maldita coisa, porém, já que ela me tinha pelas bolas e nós dois sabíamos disso.

— Tudo bem! Nós vamos para a praia. Mas em carros separados, apenas no caso. Feito?

Ela sorriu e beijou meu queixo, feliz que tinha conseguido o que queria.

Eu estava me sentindo ansioso na manhã de domingo, mas tentando não demonstrar. Torrey me conhecia muito bem e mandou-me para a garagem para levantar alguns pesos e relaxar.

Eu estava muito bem com Bev, mas esse cara sabia sobre mim e nós íamos passar várias horas juntos. Isso me trouxe de volta o sentimento que eu tive quando eu fui libertado. Eu não confio nas pessoas facilmente e mesmo que Torrey dissesse que ele era legal, eu sabia que ela sempre dava às pessoas o benefício da dúvida, assim como ela tinha feito comigo.

Meu pai tinha ido à igreja como de costume. Eu não sei se ele falou com a mãe de Torrey quando ele estava lá. Ele não disse e nenhum de nós perguntou. Eu tinha a sensação de que talvez ele tenha, porque às vezes, quando ele volta, ele me olha como se quisesse dizer alguma coisa. Ele não falou nada até agora; talvez ele estivesse tentando achar uma forma de falar.

Depois de uma hora, Torrey veio e me encontrou na garagem fazendo abdominais.

— Mmm! Todo quente e suado. Eu gosto!

Sentei-me e passei a mão na parte interna de sua coxa. — Você quer ficar toda quente e suada comigo querida?

Ela riu e tentou golpear a minha mão. — Sua voz sexy não vai funcionar, Jordan Kane. Você não vai se safar deste encontro na praia.

Movi a minha mão mais acima, até que ela estava sob seu short do pijama e indo em direção ao nirvana. Eu não era o único com um ponto fraco.

Ela gemeu e mordeu o lábio. E sim, ela estava molhada e eu estava duro.

— Jordan! — ela lamentou. — Temos que ir!

— Tem certeza? — eu disse, deslizando um dedo dentro dela.

— Oh, Deus! Foda-se! No andar de cima agora!

Gostaria de tê-la fodido ali mesmo, mas, em consideração ao meu pai, evitávamos as fodas ao redor da casa.

Ela saiu da garagem e eu corri atrás dela.

Dois talvez três minutos depois, estávamos suados e eu tinha um sorriso no meu rosto do tamanho do Texas.

— Você é tão ruim. — ela suspirou, beijando meu peito. — Meu delicioso bad boy. Agora vá jogar seu bonito rabo no chuveiro, e eu vou pensar sobre como seduzir você atrás das dunas mais tarde.

Nós estávamos atrasados. Eu que não ia me preocupar com isso.



Nós nos encontramos com Bev e Pete bem próximo ao meu limite de dezesseis quilômetros, nos arredores da Baía Matagorda. Bev conhecia algum lugar secreto, e, segundo ela, mais ninguém ia lá. Eu esperava que ela estivesse certa. Mikey e eu tínhamos caminhado por aqui quando éramos crianças, então eu não tinha tanta certeza que esta área fosse “secreta”. A última coisa que eu precisava era correr de encontro a alguém que eu conhecesse.

— Ei, querida! — Bev chamou Torrey, a medida que saímos da minha caminhonete. — Ei, Jordan!

Eu acenei, e Torrey correu para abraçá-la. Ela estava encostada em uma Mercedes nova, e um cara com óculos tinha os braços em volta dela.

Eu fiquei tenso quando ele abraçou Torrey e ela o beijou na bochecha como se fossem melhores amigos. Não ajudava em nada ser um merda possessivo, mesmo sabendo que isso significava que eu estava agindo como um idiota.

Eu não sei o que ele viu no meu rosto, mas o cara parecia nervoso e empurrou os óculos para cima do nariz, deixando cair os braços ao redor de Torrey como se tivesse queimado ele.

Torrey não pareceu notar ou, se ela notou, ela o ignorou.

— Jordan, venha dizer oi. Este é Pete, namorado de Bev.

Apertamos as mãos, com certa relutância da minha parte.

— Ei, cara. — disse Pete, com um sorriso aberto. — Prazer em conhecê-lo.

Eu balancei a cabeça, mas não falei nada e me encolhi internamente, quando eu vi o brilho de raiva nos olhos de Torrey. Ela *definitivamente tinha* notado meu comportamento idiota de agora a pouco. Eu era um idiota, agindo como se eu apenas tivesse caído em um caminhão do nabo. Oficialmente. Talvez eles cedessem certificados.

Enfiei as mãos nos bolsos e olhei para o chão.

— Então. — disse Bev, depois de um silêncio desconfortável. — Nós vamos ficar aqui envelhecendo ou o quê? Jordan, vamos precisar ir na sua caminhonete.

Eu disparei um olhar para Torrey, e ela encolheu os ombros pouco convincente. Eu disse que eu só viria se nós dirigíssemos separadamente, no caso de eu sentir a necessidade de sair. Sim, certo.

— Há algumas trilhas pelas dunas. — Bev continuou, ignorando o olhar para baixo que Torrey e eu estávamos tendo atualmente. — E eu não acho que a Mercedes tenha condição para isso.

Pete revirou os olhos e sorriu para ela. — É uma peça de engenharia de precisão, não um maldito buggy!

Ele estava certo sobre isso: era um maldito belo conjunto de rodas. Eu não podia deixar de babar sobre o metal elegante e design aerodinâmico. Eu nunca tinha sequer visto um destes carros de perto, muito menos dirigido um. O cara deve ser cheio da grana. O injusto era que ele era apenas alguns anos mais velho do que eu.

Talvez se eu tivesse me formado ao invés do tempo que passei na penitenciária do Estado, eu estaria dirigindo um carro de luxo como esse e não a caminhonete do meu irmão morto.

Posso não ter visto um destes carros antes, mas eu tinha certeza que já tinha lido sobre eles.

— Você notou uma diferença com ele sendo uns 90 kg mais leve do que a versão de aço?

As mulheres olharam, mas Pete parecia satisfeito.

— Pode apostar! — disse ele, com entusiasmo. — Esta é a versão de seis litros com uma transmissão automática de sete velocidades. Voa como uma águia.

Eu balancei a cabeça. — Isso parece correto. Você tem o amortecimento semiativo ajustável ou você optou pelo sistema de suspensão ABC?

Pete começou a responder, mas Torrey interrompeu.

— Meu Deus! Eles estão falando em outra língua. Bev, você vai na parte de trás comigo, querida.

Pete balançou a cabeça tristemente e sorriu. — Bev não aprecia a beleza quando a vê.

— Eu aprecio muito, querido. — ela disparou de volta.

Pete piscou para ela, mas não discordou.

Torrey estava certa, ele era um cara legal. Eu puxei minha cabeça para fora da minha bunda e tentei agir normal, seja lá o que essa merda fosse.

Transferimos todas as suas coisas de seu porta-malas para a minha caminhonete, então ele subiu na frente comigo e eu comecei a relaxar, enquanto falávamos de carros e motores. Ele quase me fez esquecer quem eu era.

Quando chegamos ao local secreto de Bev, eu o reconheci imediatamente. Eu tinha estado lá um monte de vezes com Mikey e alguns dos outros caras que costumávamos sair. Eu lembro que era um dos lugares favoritos para ir falar merda, fumar maconha, o que fosse. Talvez seja por isso que as lembranças fossem tão nebulosas. Qualquer que seja, era muito longe de qualquer lugar, então eu tinha esperança de nos deixarem sozinhos.

Começamos a descarregar os alimentos. Cada uma das meninas tinha trazido o suficiente para alimentar um pelotão. Eu não acho que nós estaríamos ficando sem suprimentos tão cedo.

— Puxa! — disse Bev com um grunhido, enquanto tentava levantar uma das caixas de isopor. — O que você colocou aqui, querido?

— Apenas um par de caixas de cerveja — Pete riu.

Eu congelei, e Torrey me jogou um olhar de desculpas.

Bev olhou horrorizada. — Pete! Você é um idiota! — ela sussurrou. — Você não podia trazer *álcool!*

Eu pude ver pela sua expressão que ele estava arrependido.

— Ah merda, cara! Eu esqueci completamente. Foi mal. Vou deixá-las aqui.

Bev deu um tapa em seu braço. — E o que ele diria, se alguém o pegasse com cerveja em sua caminhonete? Eu não posso acreditar que você foi tão idiota, Pete!

Eu me senti muito mal pelo cara, mas foi fodidamente humilhante vê-los falando de mim assim.

— Eu não pensei. — Pete começou a balbuciar, lançando seu olhar entre mim e Bev, que parecia louca o suficiente para destruí-lo. — Merda, cara, eu sinto muito...

Dispensei seu pedido de desculpas. — Vocês deveriam beber. Não há nenhuma lei que diz que vocês não podem. Acho que vamos ficar bem de qualquer forma aqui fora.

Bev estava atirando punhais em Pete, e eu pude ver que ele estava devastado. Torrey esfregou suavemente minhas costas.

— Você está bem?

— Sim. — eu disse, olhando para qualquer lugar, menos para ela.

Ela parecia cética, mas não me pressionou mais. O que havia para dizer?

Levamos o resto da comida para a praia em silêncio. Eu odiava que a minha bagagem estava arruinando o dia de todo mundo. Ainda assim, eu tinha uma vida inteira para me acostumar com isso. Que pensamento maldito.

Torrey espalhou um cobertor e sentou-se, batendo no espaço ao lado dela.

Ela sorriu para mim. — E esta camiseta está saindo. Eu preciso de algo melhor do que olhar para o oceano.

— Claro que sim! — riu Bev. — Eu concordo!

— Ei! — Pete gritou. — Você deveria estar querendo olhar para *o meu* corpo quente!

Bev riu. — Eu te amo muito Pete, mas você senta em um escritório o dia todo. Jordan é *maravilhoso!*

— Okay, estou me sentindo meio autoconsciente agora. — eu ri nervosamente, sentando ao lado de Torrey no cobertor.

Torrey resolveu o problema arrancando minha camisa sobre a minha cabeça.

O rosto de Pete caiu. — Eu acho que vou deixar a minha camisa depois de tudo.

— Não seja um bebê. — riu Bev. — Eu preciso de uma visão em estéreo!

— Ei, Jordan. — gemeu Pete, fingindo estar ferido. — Quando as mulheres ficaram tão pervertidas? Eu me sinto como um pedaço de carne, completamente coisificado.

— Sei lá, cara. Eu só faço o que Torrey me diz.

Todos riram e Bev olhou triunfante. — Veja! Seria muito mais fácil se você fizesse o que eu digo sem discutir o tempo todo.

— Você está criando um precedente perigoso. — Pete murmurou para mim com o canto da boca.

— Wooh, Pete, há duas teorias para argumentar com uma mulher. Nenhuma das duas funciona.

Ele riu, enquanto eu apenas dei de ombros e sorri. Fui abatido e não me importava quem soubesse.

Torrey começou a se despir para ficar apenas com seu biquíni, o que certamente chamou a atenção. Eu mantive um olho discreto em Pete, mas ele nem sequer olhou em sua direção. Fiquei satisfeito com isso. Ele parecia um cara legal e eu não queria ter um problema com ele por elogiar a minha mulher.

Quando Bev finalmente convenceu Pete a tirar a camisa, ele não era totalmente magricela. Mas, como ela disse, ele trabalha em um escritório o dia todo ganhando uma porrada de dinheiro. Eu faço trabalhos manuais e esmago carros. Eu poderia continuar até os meus 60 anos e ver até onde o meu corpo aguenta. Ele estaria sentado em uma casa de cinco quartos, com piscina, e uma previdência privada para pagar aulas para melhorar seu balanço do golfe.

Eu conhecia um monte de mulheres que teria escolhido Pete. Elas podem querer dormir comigo, mas ele seria o único com quem se casariam. O pensamento foi deprimente.

— A propósito. — disse Pete, depois que estava sentado conversando, enquanto as meninas bebericavam refrigerantes. — o que é essa tatuagem em seu ombro, cara? Parece o mesmo desenho em sua caminhonete. O que isso significa?

Torrey suspirou, lançando um olhar desesperado em Bev.

— Eu acho que você poderia dizer que é um memorial para o meu irmão. — eu disse em voz baixa.

Pete parecia doente. — Santo inferno, me desculpe, Jordan. Eu não consigo parar de transformar a mim mesmo em um asno.

Bev bufou e cruzou os braços sobre o peito.

— Está tudo bem. — eu disse, suspirando. — Eu sei que isso é estranho para você, para todos. Eu realmente aprecio o que vocês estão fazendo. Só para você saber.

Torrey segurou minha mão, e Bev parecia que ia chorar.

Este dia estava se tornando muito estranho.

— Vamos dar um mergulho. — disse Torrey.

Eu acenei com a cabeça e deixei que ela me puxasse para cima.

— Ele não quis dizer nada com isso. — disse ela, quando entrei para a água aquecida pelo sol.

— Eu sei, querida. Eu não estou o culpando ou qualquer outra pessoa. Eu tenho que me acostumar com isso, certo?

Ela inclinou a cabeça no meu ombro e deslizou um braço em volta da minha cintura.

— Eu só queria que este fosse um dia agradável, normal, sabe? É difícil não ser capaz de fazer coisas como os casais normais fazem.

Eu fiquei tenso imediatamente. — Muito difícil?

Ela apertou a minha cintura. — Não, isso não é muito difícil, eu não quis dizer isso. Mas eu só queria que fosse mais fácil.

— Não desista de mim, Torrey. — eu disse não muito orgulhoso por implorar. — Eu tenho apenas mais seis semanas e meia. — Deus, não me deixe, querida. Não agora.

Ela se contorceu em meus braços até que ela estava de frente para mim. — Eu não vou deixar você. — disse ela.

Seus belos olhos azuis encontraram os meus e eu podia ver a verdade em suas profundezas.

Eu acreditei nela.

Ela me beijou suavemente e depois descansou a cabeça acima do meu coração, e ficamos ali por alguns minutos.

— Vamos lá. — disse ela, brincando. — Vamos nadar.

Ficamos na água por meia hora ou mais, brincando, nos enroscando, “dando uns amassos” e nadando um pouco. Vê-la naquele biquíni bonito fez coisas comigo.

— É um pequeno pedaço de pano isso que você chama de biquíni. — eu disse.

Ela sorriu e me deu uma piscadela.

— Eu não costumo usar um maiô.

— O quê?

— Eu normalmente gosto de nadar nua, mas desde que Bev e Pete estão aqui...

Eu gemi. — Estaremos definitivamente voltando aqui. Você, eu, um cobertor e nada mais.

— Nada mais?

— Não.

— Nem mesmo os preservativos?

Ela riu da minha expressão e me deixou em pé na água enquanto ela nadou de volta para a praia. Eu precisava de um minuto.

No momento em que nos juntamos aos outros, Bev parecia ter perdoado Pete.

— Vamos comer! — disse Bev, quando nos sentamos ao lado deles. — Estou morrendo de fome!

As meninas começaram a colocar para fora a comida, eu cheguei ao refrigerador e passei uma cerveja para Pete. — Tome uma por mim, cara.

Ele sorriu. — É isso aí!

Eu estava com fome, então eu estava bastante quieto, enquanto comíamos. As meninas falaram sobre o trabalho, trocando histórias de clientes desajeitados e seu mal-humorado gerente, Gus.

Pete me perguntou se eu gostava de futebol. Acabou por Pete ser um fã do Dallas Cowboys, mas eu era sólido com o Houston Texans. Discutimos sobre isso por um tempo, mas logo estávamos conversando profundamente sobre quem poderia assinar com o que, quem tinha assinado, e quem nós pensávamos que deveriam ter assinado - coisas que as meninas não entendiam. Torrey tinha deixado muito claro para mim e meu pai que ela não estava interessada em futebol. Ela ainda insistiu que a TV ficasse de fora durante as refeições, não importando se houvesse um grande jogo ou não. Papai ficou um pouco surpreso com isso, mas também não teve coragem de discutir. Sim, isso foi muito engraçado, considerando que era a sua casa e tudo.

Porra, ela era mandona. Eu não tinha certeza porque eu gostava disso. Se uma mulher tivesse tentado me dizer o que fazer quando eu tinha 16, eu estaria fora de lá mais rápido do que um relâmpago. As coisas mudam, eu acho.

Foi bom falar com um cara diferente do meu pai. Hulk era legal, mas ele não falava muito e eu passava a maior parte do dia trabalhando sozinho.

Nenhum dos meus amigos do colégio tinha se aproximado ou demonstrado qualquer interesse em se readaptar, e eu realmente não fiz amigos na prisão, por isso foi bom conversar com alguém como um amigo.

— Nós deveríamos assistir a um jogo qualquer dia. — disse Pete.

— Claro. — eu disse. — Desde que não seja nas próximas seis semanas.

— Por que isso?

— Oh meu Deus. — resmungou Bev. — Você não aprende.

— Bem, tenho um toque de recolher às 23h e um limite de viagem de dezesseis quilômetros até o final da minha liberdade condicional. — eu o lembrei.

— Oh, certo. — disse Pete calmamente. — Depois disso, então.

— Sim, talvez. Embora Torrey e eu possamos não estar mais nas redondezas.

Bev olhou para cima e franziu a testa. — Por quê? Aonde vocês vão?

Torrey encolheu os ombros. — Nós não fizemos nenhum plano definitivo, mas eu não acho que nós ficaremos aqui. As pessoas da cidade são uma merda com Jordan.

— Você não tem que ir embora. — argumentou Pete. — Há muito trabalho em Corpus, ou Galveston, ou mesmo Freeport.

— Sim, talvez. — eu disse, não me comprometendo. — Eu não quero fazer planos, até eu estar realmente livre... até que seja real.

Pete balançou a cabeça lentamente. — Eu entendo isso. Quer dizer, faz sentido. Um dos meus amigos se juntou ao exército direto da escola secundária. Seus pais não tinham muito dinheiro e ele não queria acabar com uma grande dívida estudantil, por isso ele foi servir nas forças armadas e obter uma faculdade paga quando ele voltasse. Mas ele não queria planejar nada, até que estivesse feito também. Ele disse que não sabia o que o futuro traria, não quando ele tinha um tour no Afeganistão chegando. Ele partiu na Primavera deste ano. Mas você sabe, homem, você deve pensar em tomar algumas aulas da faculdade. Bev disse que você é bom com carros. Você poderia obter um certificado como um mecânico de automóveis em uma escola comercial.

Dei uma olhada em Bev, e ela sorriu de forma encorajadora. Acho que eu deveria ter me acostumado com as pessoas falando de mim pelas minhas costas. E não era como se isso fosse a merda habitual ou qualquer coisa.

— Sim, eu estive pensando sobre isso. Já fiz alguns do certificado ASE, mas eu não terminei...

— ASE? O que é isso? — interrompeu Torrey.

— Automotive Service Excelente. — respondeu Pete. — Ele certifica profissionais de reparação e serviço. É um negócio muito grande.

— Você não me contou sobre isso! — disse Torrey, com um belo sorriso fazendo seus olhos brilharem. — Isso é ótimo! Por que você não terminou?

— Bem, querida, enquanto o workshop da prisão foi muito bom, eles não estavam realmente muito preocupados em nos 'preparar para o trabalho'.

Eu levantei minhas sobrancelhas para ela, e ela começou a rir.

— Oh meu Deus, Jordan! Você fez uma piada sobre estar na prisão! Isso é importante!

Eu sorri de volta para ela. Ela tinha razão, era uma reviravolta desde quando ela me conheceu. Eu poderia dizer que Pete sentia-se muito mais incomodado em falar sobre isso. Bev parecia curiosa.

— Você queria ter ido para a faculdade? — ela perguntou. — Antes... antes de tudo, quero dizer.

— Claro. Eu realmente não tinha decidido sobre o que eu queria fazer. Mikey queria ser estudante de med... — eu suspirei. — Mas eu não era inteligente o suficiente para fazer algo assim. — eu olhei para baixo. — Eu gostava de arte. Eu não sei.

— Você deve definitivamente tentar! — Bev insistiu.

— Eu meio que acho que o navio já partiu. — eu disse, com minha voz irônica.

Bev balançou a cabeça. — Não, é sério. As pessoas fazem faculdade em todas as idades.

— Eu não acho que isso seja para mim, Bev. Eu passei muito da minha vida esperando e eu não quero ir e passar o tempo com um bando de crianças, onde não tenho nada em comum com eles.

Pete discordou. — Há alguns bons cursos de contabilidade na faculdade da comunidade. Eles seriam úteis, se você quer começar seu próprio negócio um dia. As pessoas sempre precisam de bons mecânicos de automóveis.

Eu estava começando a me sentir desconfortável com o seu questionamento, e meio que educacionalmente inferior, uma vez que eu era o único deles sem um diploma universitário.

Porém, foi muito legal eles estarem tão interessados, e eu apreciei isso. A coisa da contabilidade parecia que poderia ser útil, mas não me atrevi a deixar-me pensar num futuro distante. Eu ainda tinha seis semanas de liberdade condicional para passar. E muita coisa pode acontecer em seis semanas. Muita coisa pode acontecer em seis segundos.

Toda a sua vida pode mudar em menos de um piscar de olhos.

— Eles deveriam oferecer mais cursos universitários na prisão! — afirmou Bev.

Não pude deixar de sorrir para ela. Ela parecia tão indignada, e eu sabia que era em meu nome.

— Sim, bem que eles poderiam. Você pode obter formação on-line nas faculdades credenciadas. Mas não há muito mais, são apenas para alfabetização e habilidades matemáticas básicas. A maioria dos caras de lá não tomariam o caminho da escola formal. — eu dei de ombros. — Eu li um monte de livros - o que eles tinham na biblioteca, realmente não eram muitos.

— Como foi? — perguntou Bev. — Na prisão?

Pete lançou lhe um olhar de advertência.

— Está tudo bem. Não me importo de falar nisso. Fica mais fácil. — olhei para Torrey e ela sorriu me encorajando. — Eu realmente não sei como lhe dizer o que era. É um tédio, principalmente. Degradante, também. — eu ri, embora sem som. — Só mostra a merda que você tem que se acostumar.

Torrey segurou a minha mão e eu olhei para os nossos dedos ligados entre si. — Eu sei de uma coisa: eu nunca vou voltar lá.

Eu estava deitado na areia, os olhos fechados, a minha mente à deriva para os horrores do passado.

— A prisão te muda. No momento em que eu cheguei lá, eu já era um conjunto muito diferente do garoto que chegou ao reformatório, assustado e em estado de choque. Eu não tinha sido muito sensato. Eu era uma criança típica de cidade pequena, pensando que eu era o maior, o bad boy da escola, mas, em seguida, estava trancado com algumas pessoas realmente doentes. E, bem, há um monte de tempo para pensar, talvez por isso, você mude a si mesmo, pensando sobre as escolhas que você fez e não deveria ter feito.

A mão de Torrey apertou a minha e eu envolvi meu braço ao redor dela.

— O dia começa bem cedo, às 3h30. Eu não sei por que, talvez apenas para deixar-nos saber que não somos como as pessoas comuns. Vamos tomar café da manhã às 4h30, composto por uma tigela de cereal ou um sanduíche de merda. Os dias bons são quando há manteiga de amendoim. Mas nunca é o

suficiente para se fartar. Então eu voltava para minha cela. Eu a compartilhava, principalmente, com um único cara, dependendo de quantos detentos chegavam na época. O trabalho começava às 6h, a menos que fosse um domingo, então o bloqueio era até às 10h. A maioria dos caras só voltava a dormir. Eu lia, fazia flexões, algo assim. Isso ajudava a obter os níveis de estresse baixo. Quer dizer, considerando que era tedioso pra caralho, todo mundo estava agitado o tempo todo. Isso é o que acontece quando se prende as pessoas. Uma coisinha de nada e BOOM. Pequenas coisas tornam-se importantes - como conseguir os bons trabalhos, como a manutenção, ou trabalhar no jardim da prisão, ou trabalhar na cozinha para que você possa obter comida extra. Os piores empregos eram os de limpeza, lavanderia e os com enxadas, trabalhando nos campos. Era tão malditamente tedioso, que a maioria de nós preferia trabalhar. Também significava que você poderia economizar alguns centavos para pagar o papel higiênico macio ou pasta de dentes que não tivesse gosto de merda. A maioria dos caras gastavam tudo o que ganhavam em coisas para tornar a vida suportável. Muitos deles queriam privilégios como telefone. Mas isso era muito caro, como um par de dólares por um telefonema de 15 minutos. Eu não tinha ninguém para ligar, de modo que ajudou em termos de dinheiro. Alguns dos caras realmente sentiam saudades de seus familiares, principalmente os que tinham filhos.

— As 10h30 tinha o almoço e, em seguida, você tinha duas horas para ficar no pátio, que era um grupo de cinco ou seis blocos, para conversar um pouco, jogar cartas. Em seguida, voltava para as celas novamente para a contagem. Depois disso, você tinha talvez uma meia hora na sala de recreação. Às vezes, uma hora. Havia quatro aros de basquete, mas os jogos podiam ficar muito difíceis. Era queimar algumas calorias ou ter a sua cabeça batida. Tanto faz. O jantar era servido às 16h, em seguida, voltávamos para a cela. Às vezes tínhamos o privilégio de assistir TV por volta das 19h, mas éramos trancafiados na cela às 23h. Era bastante regrado, mas a rotina se torna parte de você. Você sabe até os segundos, e se estiver mais que um minuto atrasado, merda começa a dar errado. Todas as pequenas coisas tornam-se malditamente importantes quando é tudo que você tem.

— Você tinha que olhar a sua volta o tempo todo, você não podia confiar em ninguém. As gangues eram ruins no reformatório e foi assim que eu adquiri essa. – e apontei para a minha cicatriz. — Mas não era tudo tão ruim na prisão. Algumas pessoas queriam fazer alianças, se percebessem que você fosse forte, mas havia sempre um preço a pagar por isso. Eu me restringia a mim mesmo.

— Há muita merda estúpida que eu poderia contar a todos vocês, como não há nenhum ponto de ter qualquer coisa boa, porque elas são roubadas. Mesmo como um par de reposição de sapatos, emitidos pelo Estado, de baixa qualidade.

— A mesquinhez você perde depois de um tempo. Você não deveria falar à noite, portanto, se alguém fizesse um barulho, os privilégios de telefone eram retirados, às vezes por dias. Como eu disse, isso não era um problema para mim, mas alguns caras ficavam furiosos. Ou eles tiravam a TV, e, às vezes, a água quente, por isso, era apenas ducha fria por dias. Acredite em mim, essa merda importava. Não demoraria muito para causar um motim. Estava tudo lá, a raiva sob a superfície. E se você está no lugar errado, na hora errada... — eu soltei um suspiro — Sua sentença é de repente dobrada e o tempo de folga podia ser zerado.

Estremeci e senti as mãos quentes de Torrey no meu peito, me acalmando, me acariciando.

Abri um olho para ver sua expressão de preocupação.

— Uau. — eu disse me sentando bem rápido, envergonhado que eu estava sendo um maldito miserável em um dia tão bonito. — Eu deveria estar na *Oprah*. Ainda mostra isso certo?

— Nah, cara! — Pete riu, parecendo aliviado que a festa do choro estava oficialmente terminada. — Ela parou há dois anos.

Olhei para eles, incrédulo. — Eles cancelaram *Oprah?* Uau. Eu realmente fiquei de fora.

Torrey me deu um empurrão brincalhão.

— De todas as coisas que você poderia sentir falta, você sente falta da *Oprah?*

— Não, querida. Mas a única coisa que eu sentiria falta, se eu voltasse agora, seria você.

Ela jogou os braços em volta de mim e me beijou forte. Não parou até que eu ouvi Bev suspirar lembrando-me que não estávamos sozinhos.

— Ah, vocês são tão doce. — disse ela.

Torrey desprendeu-se de mim e sorriu para ela. — Eu sei. Repugnante, não é?

— Só um pouco. — disse Bev. — Mas eu tenho o meu próprio doce por aqui. — e ela piscou para Pete, que estava assistindo com diversão.

De repente, a nossa paz foi interrompida pelo som de um motor de carro, e um jipe militar velho apareceu nas dunas e derrapou até parar ao lado da minha caminhonete.

Eu vi que havia cinco deles. Dois homens saltaram primeiro, e eu podia vê-los olhando para a obra de arte ao lado da minha caminhonete e trocando olhares.

— Oh merda! — Torrey xingou, em voz baixa. — O que vamos fazer?

— Você não faz nada, querida. — eu disse. — Deixe-me ir falar com eles.

Ela segurou minha mão.

— Jordan, não! Há muitos deles!

— Talvez eu devesse ir? — Pete ofereceu, olhando preocupado.

Eu balancei minha cabeça.

— As chances são de que eles não querem nenhum problema. — eu menti, soltando a mão de Torrey.

Os dois rapazes olharam para mim enquanto eu caminhava em direção a eles.

— O que vocês estão procurando? — eu disse, calmamente.

Eu não os reconheci, mas isso não quer dizer que eles não me conheciam.

— Jordan. — assentiu o mais alto.

Estudei-o com cuidado, mas ele não parecia familiar.

Três meninas seguiram os caras para fora do jipe, e eu relaxei um pouco. Havia menos chance de algo dar errado se suas namoradas estavam com eles. Eu esperava.

— Eu te conheço? — eu perguntei, mantendo minha expressão cuidadosamente neutra.

O cara alto encolheu os ombros. — Johnny Sanger. Eu costumava sentar ao seu lado na aula de Química.

Fazia um longo tempo desde que eu tinha pensado sobre a porra da *aula Química*. Eu não conseguia me lembrar dele.

— Eu estive na prisão desde a aula de Química.

A menina loura riu alto.

— O que você fez? — ela riu. — Explodiu o laboratório de ciências?

Olhei para ela, sem piscar.

— P-prisão? Ele está brincando, certo? Você estava brincando... — ela percebeu que ninguém estava rindo, e suas bochechas ficaram vermelhas. — Você... você estava falando sério? — ela engasgou.

Houve um silêncio embaraçoso.

— O que ele fez? — ela sussurrou para Johnny.

— Eu vou te dizer mais tarde. — ele sussurrou de volta.

Então, a garota de cabelos castanhos falou.

— Ei, Jordan. Eu sou Rachel Wheeler. Estudamos Matemática juntos. Sentei-me duas fileiras atrás de você.

Isso estava ficando estranho.

— E você se lembra do meu primo em segundo grau, Buddy? — ela continuou. — Ele estava na sala de aula do Mikey...

Minha garganta se fechou quando ela disse o nome dele.

Senti uma mão quente na minha, e soube imediatamente que Torrey estava comigo.

— Oi. — ela disse. — Sou Torrey Delaney. Minha mãe é a Reverenda na Igreja de Cristo, na cidade. E estes são os nossos amigos Bev e Pete.

— Eu sou Susan. — disse a garota negra. — Esta é Jennifer. — apontando para a loira. — E você já conhece Rachel. Conheci estes brutamontes na faculdade, Buddy é meu noivo.

Ela estendeu a mão para Torrey e depois para mim.

Apertamos as mãos sem jeito, enquanto Bev e Pete deram-lhe um rápido sorriso.

Jennifer começou a descarregar o jipe, mas Johnny a parou.

— Uh, não vamos ficar aqui docinho. — disse ele, em voz baixa. — Vamos deixá-los com seu piquenique.

— Mas é tão lindo aqui! — ela franziu a testa. — Você disse que não havia um lugar melhor por quilômetros. Certamente podemos compartilhar? Vocês não se importam, não é? — perguntou ela, virando-se para mim.

— Você provavelmente deve ouvi-lo, Jennifer. — eu disse sério. — Ele não vai querer sua namorada passando um tempo com um ex-presidiário que acabou de sair da prisão.

Ela congelou e seu cooler[29] escorregou de seus dedos pousando na areia macia.

— Oh. — ela suspirou.

— Bem, prazer em conhecer todos vocês. — disse Torrey, deliberadamente. — Vocês façam o que quiserem, estamos indo nadar. — e ela pegou a minha mão e me guiou para longe.

— Você está bem? — ela perguntou, quando estávamos fora do alcance dos outros.

— Sim, eu acho. Foi só... eu não sei o que foi. Quer dizer, tirando Allison, a primeira pessoa dos velhos tempos que eu encontro... e é porra do *Johnny da aula de Química?*

Torrey bufou uma risada.

— Sim, quais são as chances? Eu não posso imaginar você na classe de Química. *Será que* você não explodiu nada?

— Não em sala de aula. Lembro-me de um quatro de julho, Mikey e eu esvaziamos um monte de pólvora dos fogos de artifício para fazer um foguete.

Não pude deixar de sorrir com a lembrança.

— E então? — pediu Torrey.

— Assustamos a todos. Eu fiquei de castigo por um mês.

— Só você?

— Claro. Mikey estava no time de futebol até então. Eles não podiam castigá-lo.

[29] Reservatório térmico usado, geralmente, para guardar bebidas.

Torrey riu tristemente. — Isso parece justo. Você quer ir nadar ou devemos ficar aqui por um tempo?

— Aqui está bom.

Eu me afundei na areia e ela se sentou ao meu lado, passando os braços sobre meu ombro.

— Vai ficar mais fácil, Jordan. — disse ela, em voz baixa. — Todas essas primeiras vezes; elas serão estranhas, mas as pessoas vão se acostumar a vê-lo de novo. Então eles vão falar sobre o próximo assunto interessante.

Eu balancei minha cabeça lentamente. — Você não conhece as cidades pequenas, querida. As pessoas ainda fofocam sobre coisas que aconteceram duas a três gerações atrás, pelo menos. Eles conhecem a vida dos outros melhor que as suas próprias.

Torrey suspirou. — Bem, eu vou acreditar na sua palavra. Talvez devêssemos voltar agora? Parece meio rude deixar Bev e Pete por si só, embora eu espere que eles pensem em algo para fazer.

Estremeci com a imagem mental. Eu realmente não tinha interesse em ver a bunda magra de Pete ou qualquer outra coisa.

Mas, quando olhamos para trás, ficou claro que Bev e Pete não estavam sozinhos: os meus ex-colegas ainda estavam lá.

— Eu acho que eles querem ser amigáveis. — disse Torrey, levemente animada.

Ótimo.

O silêncio era um pouco desconfortável quando me sentei, mas Bev e a menina chamada Susan pareciam estar fazendo o seu melhor para manter uma conversa.

A menina loura olhou para mim como se eu estivesse prestes a atacar alguém ou compartilhar histórias de *Prison Break*. Johnny olhava entediado, e

Buddy estava sorrindo para sua garota como se ela fosse à coisa mais fascinante que ele já tinha visto.

Eu provavelmente parecia assim quando eu estava com Torrey.

Rachel se concentrou em mim assim que me sentei.

— Você se lembra de quando você saiu com minha irmã mais velha, Yvonne, por uma semana, quando éramos estudantes do segundo ano e ela estava no último ano?

Eu fiz uma careta, tentando me lembrar de alguém chamado Yvonne. Não parecia familiar, embora...

Johnny riu.

— Jordan namorou um monte de meninas naquela época! — disse ele, balançando as sobrancelhas. — Se metade da conversa nos vestiários era verdade, você pegou a maioria das garotas da torcida.

Eu estremeci e evitei olhar para Torrey.

— Hã, você era um ímã para problemas, com certeza. — ele riu. — Mas mesmo assim, todas as meninas o queriam, e todos os caras queriam *ser* ele.

Não mais.

Rachel deu uma risadinha. E então me lembrei dela, também.

Ela perseguiu Mikey por um ano inteiro antes que ela finalmente desistisse e se concentrasse em mim. Ela era uma garota agradável de olhar com alguns bons atributos, mas aquela risada. Soava como pregos sendo arrastado ao longo de um quadro-negro. Sim, eu definitivamente me lembrei dela.

Ela tinha sido muito irritante na época. Agora, ela era outra coisa. Por um lado, eu não acho que o biquíni que ela usava poderia a rigor ser chamado de um maiô. Era mais como um pedaço de corda com algum material anexado. No minuto em que se sentou novamente, ela começou a esfregar protetor solar nas

pernas e no peito. Era como assistir o prelúdio de um filme pornô ruim. Eu vi um dos caras se encolher e Susan apenas revirou os olhos.

— Oh, eu não posso alcançar as minhas costas. — ela riu. — Jordan, você está mais próximo, você pode me ajudar, docinho?

Quando eu tinha 16 anos, eu teria apenas feito isso para ela. Agora, eu precisava da cavalaria.

— Oh, caramba. — sorriu Torrey, pegando meu olhar suplicante. — Deixe-me ajudá-la com isso, Rachel.

E ela esguichou um pouco da loção sobre a mão e deu uma tapa, mais ou menos nas costas da Rachel.

Eu acho que Rachel não era de todo burra, porque ela entendeu a mensagem de Torrey, alto e claro depois disso. Eu ainda não estava relaxado como quando éramos apenas Bev e Pete, mas não foi tão ruim.

— Então. — disse Johnny, depois de alguns minutos. — Quando você saiu?

Todas as conversas morreram e todos os olhos se voltaram para mim.

Deus, eu odiava isso.

— O quê? — ele disse. — Eu estou apenas perguntando o que todo mundo quer saber!

— Há quatro meses. — eu respondi, de maneira uniforme. — E você? Fez alguma coisa interessante desde 2006?

Ele tossiu uma risada.

— Engraçado cara! Bem, você sabe: escola, faculdade, trabalho em Corpus. Estou saindo com Jennifer há um ano e meio. Estamos pensando em dar o próximo passo.

— Vocês vão se casar? — sugeri.

— Inferno, não! – ele riu, percebendo que a sua namorada estava com raiva e fazendo beicinho. – Avaliar alguns lugares fora da cidade. Entrar no mercado imobiliário, você sabe como é.

O cara era um idiota.

— Não realmente. Até recentemente, o meu imóvel foi de dois por três metros.

Torrey bufou e Bev encobriu uma risada. Até mesmo o cara abriu um sorriso.

— Você está trabalhando, Jordan? — ele questionou.

— Tenho um trabalho no ferro-velho local, desmontando carros.

— E ele está fazendo obras de arte por encomenda em carros e caminhões. — acrescentou Torrey. — Ele fez a cruz celta e o coração sangrando na lateral da sua caminhonete que você estava olhando mais cedo.

— Esse é um trabalho bem legal. — disse Susan. — Você pode fazer um monte de dinheiro fazendo isso, Jordan.

Eu dei uma risada curta.

— Não é por aí.

— Por que não?

— Porque a maioria das pessoas não quer que um ex-presidiário trabalhe em seus veículos.

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Eu entendo isso. Eu sei como é o preconceito.

— É diferente para você. — eu disse, em voz baixa.

Ela imediatamente se irritou. — Como assim?

— Você sabe que não fez nada para merecer isso.

Houve outro silêncio desconfortável. Eles pareciam acontecer bastante agora.

— Lembra quando você pintou aquele mural ao longo do corredor na escola? — disse Rachel, de repente. — Era do nascer do sol sobre o oceano. Era tão lindo, sempre me fez sentir uma espécie de paz.

— Oh, Sim! Eu me lembro disso. — disse Johnny. — Foi muito legal.

Torrey virou para mim. — Você fez isso?

Eu balancei a cabeça.

— Eu adoraria vê-lo.

Pela milionésima vez, houve uma pausa estranha.

— Hum, eles pintaram sobre ela depois... — disse Rachel, olhando para a areia. — Eu, hum, posso ter uma fotografia dela... em algum lugar.

Eu não aguentava mais. Eu me levantei e fui embora.

— Qual é o problema dele? — eu ouvi Johnny perguntar.

— Talvez nem todas as suas memórias de ensino médio sejam boas. — respondeu Susan.

Eu me dei um tempo, indo para um longo mergulho. Desta vez Torrey não se juntou a mim. Ela sabia quando eu estava sobrecarregado e precisava de algum espaço.

Nadei até que meus braços parecessem de chumbo, mas a minha mente estava mais calma.

Alguém tinha reunido troncos para fazer uma fogueira, e Bev e Susan assavam marshmallows.

Eu sentei sobre o cobertor ao lado de Torrey.

— Tudo bem? — ela murmurou.

Eu balancei a cabeça e dei-lhe um pequeno sorriso.

Ela me passou um marshmallow em uma vara. Eu não comia um desses desde que eu era um garotinho. Às vezes era um soco no estômago, pensar o quanto eu tinha perdido. Eu fiquei preso um terço da minha vida. Eu nunca conseguiria esses anos de volta.

— Então. — ela disse. — Seus amigos estão me atualizando. Eu tenho escutado sobre algumas das coisas que os irmãos Kane aprontaram no colégio. Eu *não posso acreditar que* vocês transaram com uma tal de Cindy O'Hara na parte traseira de sua caminhonete.

— Não ao mesmo tempo! — me defendi.

Ela riu. — Não?

— Claro que não!

— E as irmãs Miller? — acrescentou Rachel.

— O quê?

— Isso é o que eu ouvi. — ela encolheu os ombros.

— De jeito nenhum! — eu engasguei. — Hum, eu *posso* ter tido uma coisa com Kelsey, mas eu nunca... não com Audrey. — *embora eu estivesse muito perdido no tempo...*

— Isso não é o que Aud disse. — Rachel insistiu, com um brilho determinado em seus olhos enquanto ela arrastava suas palavras. — E ela foi muito específica sobre alguns detalhes...

Minha cabeça estava totalmente girando por estas conversas, ouvindo nomes do passado. Parecia que eles estavam falando sobre uma pessoa completamente diferente. Inferno, eu *sabia que* eu não era mais aquela criança.

Torrey teve pena de mim e levou a conversa em outra direção.

Comecei a relaxar uma vez que o foco estava fora de mim. Mas não durou muito.

— Você ainda joga futebol? — perguntou Johnny, obviamente entediado com a conversa que as meninas estavam tendo, comparando filmes.

— Hum, não!

Nossa esse cara era mais burro do que eu suspeitava.

— Eu só queria saber. Porque depois que você... saiu, Benson Smith tomou seu lugar na equipe.

Jesus... deram o meu lugar para um perdedor?

Johnny riu da expressão no meu rosto.

— Sim! Foi um desastre! Sem chance de ir para o Estadual naquele ano. Inferno, eles chegavam a ter cerca de 3.000 pessoas nos jogos em casa. Mikey era uma lenda maldita. Isso nunca mais aconteceu. Agora eles têm sorte se conseguir 500 ou 600 presenças.

— Você não me disse que estava no time de futebol, também. — disse Torrey, interrogativamente.

— Isso é porque eu não estava. Era para eu começar como um receptor Junior em meu primeiro ano, mas...

Dei de ombros. Eu não precisava terminar a frase.

Jennifer jogou seu longo cabelo sobre o ombro. — Você não se parece com um criminoso perigoso. — ela anunciou. — Você é muito bonito. Parece mais um modelo, um modelo de cueca.

Bev se engasgou com a cerveja, e Susan balançou a cabeça em descrença.

Torrey murmurou sua resposta apenas alta o suficiente para eu ouvir. — Sim! E quem teria pensado que ela é tão idiota quanto parece.

Eu sorri para ela, e ela encostou os lábios em mim.

Inclinei-me, descansando a mão sobre sua coxa, e sussurrei em seu ouvido. — Você com certeza ganhou este beijo, querida.

Eu tomei meu tempo, embora fosse provável que todos estivessem nos observando. Fodam-se todos. Eu estava beijando minha namorada.

Só parei quando percebi que eu estava ficando duro.

Torrey sabia exatamente porque eu parei, porque ela murmurou. — Segure esse pensamento, cowboy.

Ninguém me incomodou com mais perguntas depois disso, e eu não sabia se isso era porque tinham perdido o interesse em mim ou porque Torrey tinha dito alguma coisa para eles, enquanto eu estava nadando. O que quer que fosse, eu relaxei, curtindo a sensação estranha e pacífica, com um grupo de pessoas.

Quando a última luz desapareceu do céu, a conversa acalmou e o grupo foi se dividido em pares.

Logo, a velha turma do ensino médio foi se despedindo. Johnny nos convidou para encontrá-los para umas bebidas em um bar mais tarde. Torrey recusou em meu nome, omitindo minhas restrições de liberdade condicional e, em vez disso, afirmando que ela estava muito cansada. Johnny certamente era um idiota, mas ele não parecia importar-se de sair comigo. Eu não poderia imaginar nós dois sermos amigos jamais, mas eu tinha sido aceito por ele e seus amigos.

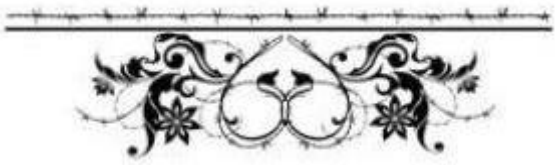
Eu sentia ainda mais a falta de Mikey agora que eu estava fora da prisão. Eu ficava pensando em todas as coisas que deveríamos estar fazendo juntos, fogueiras na praia como esta, brincando, saindo. No espaço onde ele deveria estar, havia uma dor surda constante. E na casa dos meus pais, com as coisas dele ainda estabelecidas em seu quarto, parecia que ele podia estar de volta a qualquer segundo. Às vezes sentia que se eu o chamasse, ele gritaria do quintal ou da garagem. Mas pensei que talvez ele não quisesse que eu apenas morresse também.

Senti a mão quente de Torrey na minha, seus olhos plissados suavemente enquanto ela sorria para mim.

— Você se divertiu?

Eu não estava lá ainda, mas, sim, a vida estava ficando boa.

Capítulo Treze - Necessidade



Jordan

Era uma sexta-feira, e Torrey tinha feito o primeiro turno de trabalho durante toda a semana. Ela realmente odiava aqueles dias. Obter a bunda dessa mulher fora da cama às cinco da manhã para estar no trabalho as sete não foi fácil. Mesmo que eu me levantasse com ela para fazer café da manhã, ela era tão ranzinza como uma mula com uma dor de dente.

Pelo lado positivo, isso significava que teríamos toda a noite para passar juntos. À noite nos encontramos com Bev e Pete para comer cachorros-quentes e ver um filme no shopping que as meninas vinham falando a respeito. Eu não me importava com o que víamos. A última vez que tinha estado em uma sala de cinema, *Casino Royale* estava passando, e as meninas no colégio estavam discutindo se James Bond poderia ser loiro. Quer dizer, realmente?

Pela primeira vez desde a minha libertação, eu tinha dinheiro no bolso para levar minha mulher para sair. Pode não parecer muito, mas quando isso faz você se sentir como um homem, como um cara normal, isso era realmente muito importante.

Eu tinha acabado de chegar em casa do ferro-velho e tomado um banho rápido quando Torrey desabou para dentro da casa. Ela era como uma força da natureza, e não havia qualquer dúvida de que cômodo na casa ela estava: portas

batendo, a TV e o rádio tocando estridentes, muitas vezes ao mesmo tempo. O ruído feliz apenas seguiu por toda parte e eu adorei.

A menina é uma gritadora, também. Eu tentei de todas as maneiras conseguir que ela fizesse silêncio, apenas por um senso de decência, porque não seria legal o pai ouvi-la todas as noites. Mas, fora empurrar o meu pau na sua boca, - e eu tenho que ser honesto, eu realmente gostava disso - nada funcionava.

Meu pai ainda fez uma piada sobre isso uma vez, dizendo que esperava que nunca vivesse em um apartamento com paredes finas, caso contrário, a polícia apareceria todas as noites.

É. Isso não é uma conversa que você quer ter com seu pai, como *sempre*.

— Ei, bonitão! — ela gritou, enquanto entrava em casa. — Tire suas calças e traga o seu rabo bonito aqui em baixo! Temos algumas celebrações a fazer, e não apenas quando você me tem nua em sua cama! — então, ela ficou em silêncio por um momento. — Oh, oi Paul. — eu a ouvi dizer ao pai, parecendo apenas um pouco envergonhada. — Eu não sabia que você estava em casa. Você teve um bom dia?

Tomei as escadas de dois em dois e peguei-a em meus braços, beijando-a profundamente. Papai apenas levantou as sobrancelhas e se dirigiu para a cozinha, onde eu podia ouvi-lo ligar a máquina de café.

Eu não me importava de mostrar o quanto eu estava apaixonado; eu não me importava de mostrar isso na frente de ninguém. Tudo o que me importava era que o mundo inteiro soubesse que Torrey é minha garota. Ela era um pouco mais hesitante sobre isso, mas aqui ela se sentia em casa. Eu estava feliz com isso.

— O que é esta boa notícia que você está gritando, querida?

Ela acenou com um envelope na minha cara e deu um pulo, envolvendo suas pernas em volta da minha cintura.

— Finalmente! Eu tenho o depósito de volta do meu apartamento em Boston, *e* meu pai me enviou um cheque de US $ 1.000 pelo tempo que me deixou à deriva!

— Sim? Isso é ótimo. Ele escreveu-lhe, também?

— Hã, bem! Eu não chamaria isso de uma carta, mas é uma comunicação com a escrita. Ele disse que ele e *Ginger* tiveram uma grande lua de mel e que eu deveria parar e vê-los algum dia. Como se eu fosse!

— Talvez você devesse ir. — eu disse sério. — Confie em mim quando eu digo que a vida é curta e você nunca sabe se a próxima vez que você disser adeus será a última vez. Você não quer viver com arrependimentos, querida.

Seu rosto se contorceu e ela puxou os braços apertados em torno de mim.

— Oh, Deus. Você está certo. Eu sei que você está certo. Mas se eu tiver que passar o tempo com *Ginger* e seus seios aumentados cirurgicamente, *você* está vindo comigo.

Papai sorriu enquanto caminhava da cozinha para o seu quarto levando seu café. Ele fechou a porta firmemente atrás dele, obviamente, decidiu que qualquer conversa que incluía a discussão sobre os peitos de outra mulher ele gostaria de estar de fora. Não poderia dizer que eu o culpava. Nenhum cara sairia disso ileso.

— Você quer que eu me encontre com o seu pai? — eu questionei. — Ele é um advogado. Ele não vai me prender, não é?

Eu estava brincando. Mais ou menos.

Ela revirou os olhos. — Claro que não! Ele estará tão agradecido que você está disposto a "levar-me de suas mãos". — ela usou aspas no ar para enfatizar o sarcasmo. — Ele provavelmente vai colocar o braço em torno de você e mostrar-lhe seus troféus de golfe. — ela girou um pouco de cabelo em torno de seu dedo. — Ele faz isso. É uma coisa de cara.

— Eu vou a qualquer lugar com você, meu amor, você sabe disso. Eu ainda não posso imaginar que ele vá ficar emocionado ao vê-la com um ex-presidiário que mal terminou o ensino médio. Mas se você quiser ir ver o seu velho homem, eu adoraria estar com você.

Ela sorriu feliz, e passou as mãos debaixo da minha camiseta, em seguida, arrastou as unhas por minhas costas. Foda-se, ela sabia me fazer ficar duro.

— De qualquer forma. — disse ela, afastando-se e deixando-me querendo mais. — Eu preciso ir depositar este cheque no banco antes que ele feche, às 17h, por isso, temos de nos apressar. Você está pronto?

— Eu nasci pronto, querida.

— Ugh! Isso é tão coisa de homem para dizer.

— É verdade, no entanto.

Ela bateu no meu ombro e gritou para o meu pai. — Vejo você mais tarde, Paul!

— Tchau, querida. Tenha um bom tempo agora! Tchau, filho.

— Até mais tarde, pai.

Pegamos o carro de Torrey, porque a caçamba da minha caminhonete ainda estava cheia de tintas metálicas coloridas que Hulk tinha me deixado tirar do ferro-velho.

Fomos para o banco, com apenas alguns minutos de sobra.

— Yay! — ela gritou alegremente, depois de depositar o cheque em sua conta. — Nós podemos nos divertir gastando isso.

Eu balancei minha cabeça. — Não, querida. Isso é do seu pai para você. Eu não me sentiria bem gastando isso.

Ela inclinou a cabeça para um lado e me deu seu sorriso mais bonito.

— Ah, querido, você é tão malditamente sensato. Nós merecemos ter um pouco de diversão, também! — e a megera se pressionou contra mim, discretamente passando a mão sobre o meu zíper.

— Cristo, querida! — eu murmurei em seu pescoço. — Você não joga limpo!

Ela deu uma risada gutural e me acariciou novamente.

Ela disse alguma coisa, mas de repente eu estava em estado de alerta, a minha atenção rasgada longe dela.

Eu não sei se era algum sexto sentido, ou apenas as lições aprendidas a partir de meus anos de prisão, mas eu sabia que estava sendo observado.



Torrey

Uau! Meu depósito devolvido *e* US$ 1.000 do meu pai. Quando eu fui para a casa da mamãe checar meu e-mail, eu não esperava nada tão bom. É verdade, eu esperava por US$ 2.000 do meu pai, mas talvez ele estivesse guardando para a sua futura pensão alimentícia. Ainda assim, melhor do que um soco no olho.

Eu, definitivamente, tinha planos de como Jordan e eu poderíamos gastar um pouco do dinheiro. Eu tinha em mente uma grande festa quando sua liberdade condicional acabasse em quatro semanas: jantar em um restaurante chique, dançar, um clube, todas as coisas que ele me disse que gostaria de fazer, mas ele estava sendo teimoso. Você sabe, fazendo aquela coisa de macho, onde ele estava se recusando a tocar em todo o dinheiro que me pertencia. Era bonito,

especialmente levando em conta alguns dos perdedores que eu tinha saído, que nem sequer me compravam uma cerveja. Bonito, mas irritante pra caralho, porque eu queria comemorar o fim de sua liberdade condicional. Era um grande negócio, mas Jordan parecia querer esquecê-lo; eu pensei que nós precisávamos marcá-lo como seu novo começo.

Eu decidi que ele precisava de alguma persuasão, e não tinha levado muito tempo para perceber que a melhor maneira de convencê-lo era através de seu pau. Ele era a pessoa mais doce, mas ele era um *cara!*

— Ah, querido, nós merecemos ter um pouco de diversão, também! — eu disse, me apertando contra ele e esfregando a frente de seu jeans. — Mas você sabe o quê, nós poderíamos usar o resto para fazer um depósito e obter o nosso próprio lugar, só você e eu. O que você acha?

Eu sabia por experiência que agora ele estaria louco para ir a algum lugar onde pudéssemos ter privacidade e deixar sua cobra se perder no meu jardim.

Mas, então, eu o senti tenso, e não de uma boa maneira, e ele não respondeu ao meu chamado. Eu percebi rapidamente que eu não tinha a sua atenção, porque ele empurrou minhas mãos e ficou na minha frente protetoramente.

— Jordan fodido Kane. — disse uma voz arrastada.

Quatro homens em seus vinte e tantos anos estavam em um semicírculo ao redor de nós. Meu coração começou a correr freneticamente e eu agarrei o braço de Jordan e espreitava em torno de seu ombro.

— Olá, Ryan. — disse Jordan, em voz baixa.

Eu engoli um suspiro. Eu conhecia esse nome. Jordan tinha mencionado isso com bastante frequência durante o último par de meses. Ryan Dupont tinha sido o melhor amigo de Mikey. Os três tinham saído juntos, e foi na festa de Ryan onde Jordan tinha ficado bêbado naquela noite, a noite em que sua antiga vida acabou, a noite em que ele matou seu irmão.

Eu não sabia quem eram os outros caras e eu não tenho certeza se Jordan sabia, mas a tensão irradiava dele e seu corpo estava rígido.

Olhei em volta desesperadamente, mas ninguém estava vindo em nosso auxílio. Não desta vez.

Minha boca estava seca e eu tentei engolir, mas eu não conseguia nem trabalhar saliva o suficiente para cuspir.

— Por que diabos você teve que voltar? — rosnou Ryan. — Não é o suficiente que você tenha matado o meu melhor amigo, maldito? Você tem que voltar aqui e esfregar o nariz em todos?

Jordan falou com calma e razoavelmente, mas seus músculos estavam agrupados sob sua camiseta, e sua voz era firme.

— Estou em liberdade condicional, Ryan. Eu tenho que ficar na área.

— Você mija no seu túmulo toda vez que você fodidamente respira! Você não merece viver!

Engoli em seco e meu aperto no braço de Jordan ficou mais forte, mas ele não se mexeu.

— Eu sei. — disse Jordan, com um tremor em sua voz que rasgou o meu coração. — Eu não merecia viver. Mas eu *estou* vivendo. Por alguma razão eu ainda estou aqui, e tudo o que posso fazer é tentar para merecer esse presente e...

— Puta Merda! — Ryan gritou. — Ele era o melhor, seu pedaço de merda! Você é fodido e um assassino! E aqui está você, desfilando em torno de nossas ruas com a sua prostituta!

— Você não comece a falar mal da minha namorada. — disse Jordan, sua voz perigosamente calma. — Diga o que quiser sobre mim, mas deixe-a de fora.

— Vamos lá, Ry. — disse um dos outros homens que parecia um pouco mais sóbrio. — Nós não desrespeitamos as mulheres. Vamos apenas limpar o lixo.

— Cale a boca! — gritou Ryan, com os olhos esbugalhados de raiva. — Você não me diga o que fazer! Ninguém me diz o que fazer!

Eu tinha um mau pressentimento sobre isso, um sentimento muito ruim. Esse cara estava totalmente agitado e não soava como algo ou alguém estava indo se acalmar.

Ele olhou diretamente para Jordan. — Você tem uma dívida a pagar, seu fodido!

Jordan não piscou. — Eu não vou brigar com você, Ryan.

— Você é um maldito maricas! Eu não estou lhe dando uma escolha! Você tem se escondido durante todo o verão e você vai pagar pelo que fez!

— Eu não estou me escondendo de ninguém. — disse Jordan, grosseiramente. — Eu estou bem aqui. Pelo amor de Deus, homem! Você e eu éramos *amigos!* Você acha que eu não sinto falta dele? Cristo! Ele era meu *irmão!*

Ryan balançou a cabeça. — Você está andando pelas ruas como se nada tivesse acontecido. Você ainda nem *começou* a pagar.

Eu não poderia estar perto e ouvir essa merda.

— Ele paga! Deus, ele paga! Todos os dias! — eu gritei. — Você *não* tem *ideia do* que ele passou. Ele até tentou se matar.

— Torrey, é o suficiente! — Jordan exclamou.

No segundo em que Jordan se distraiu, Ryan avançou. Ele era um cara grande, musculoso como um jogador e seu soco era sólido. No momento em que ele levantou a mão, eu vi a luz do sol brilhando em seu anel, um anel grande de classe. Eu gritei quando o seu punho acertou o lado do rosto de Jordan, derrubando-o em seus pés.

— Pare com isso! — eu gritei, mas as minhas palavras não tiveram efeito.

Ryan lançou um pontapé nas costelas de Jordan, enquanto ele estava deitado no chão, mas ele conseguiu rolar. Em seguida, o segundo cara, o que usava botas de cowboy, começou a chutar e todos outros também e Jordan só podia se enrolar em uma bola e tentar proteger sua cabeça. Eu o ouvi grunhir com os chutes e socos que choviam sobre suas costas, mas ele nunca falou.

Atirei-me no cara com as botas e passei o braço em volta de seu pescoço, marcando minhas unhas através de sua bochecha.

Ele gritou como um porco e amaldiçoou, caindo para trás contra a parede do banco, me enrolando, então eu estava ofegante e fui forçada a deixá-lo ir.

Eu estava gritando e chorando, e eu podia ver as pessoas começarem a se aproximar de nós, mas elas estavam muito lentas, muito cautelosas e muito longe.

Jordan estava de pé, e eu pude ver a angústia em seu rosto quando ele tentou chegar até mim. O sangue foi escorrendo de um corte no rosto causado pelo anel, e ao lado de seu rosto estava mascarado de escarlate. Ele segurou um braço sobre suas costelas, e parecia que ele estava tendo dificuldade para respirar.

Ele ainda estava olhando para mim quando Ryan o acertou novamente. Ele não tinha sequer tentado se defender. Eu gritei quando Jordan tropeçou no meio-fio e agitou os braços para obter o equilíbrio. Botas e boné de beisebol o socavam no chão. Tentei alcançá-lo, mas o quarto cara, aquele com a jaqueta de couro, agarrou-me pela minha cintura e me puxou para longe.

Jordan tinha conseguido ficar de pé, e eu podia ouvi-lo chamando meu nome, a preocupação cobrindo sua voz.

Acho que gritou de novo e lutou para se libertar, mas o cara de jaqueta de couro prendeu meus braços e torceu as pernas para o lado, então eu não podia chutá-lo.

A multidão estava ficando mais perto, mas ainda ninguém tentou parar o ataque assassino.

Ryan bateu novamente em Jordan e ele caiu.

Eu estava implorando-lhes para parar, mas eles não pararam. Eu nem sei se eles me ouviram, eles estavam tão enlouquecidos com sede de sangue, raiva e a bebida.

Os caras levantaram Jordan pelos braços, enquanto Ryan o acertava uma e outra vez: costelas, estômago, rosto, costelas, estômago, rosto, em uma tatuagem nauseante de nódulos na pele.

— Pare! Por favor, pare! — eu implorei, lágrimas, catarro e saliva cobrindo meu rosto.

Mais pessoas foram saindo das lojas e do café para assistir; alguns foram parando em seus carros, mas não apareceu ninguém para nos ajudar. Ninguém veio para ajudá-lo.

Um golpe na cabeça de Jordan o surpreendeu, e ele caiu de joelhos. Os dois rapazes segurando seus braços o deixaram cair, e Jordan tombou para o lado.

Tudo o que eu podia ouvir era o som da respiração ofegante de Ryan.

Tentei chegar ao Jordan novamente, mas o cara de jaqueta de couro não me deixou ir.

O rosto de Jordan estava irreconhecível. Um olho estava inchado fechado, os lábios estavam rasgados, e mais sangue derramava de seu rosto e nariz. Sua camisa estava rasgada e aberta, e seu peito e costelas estavam cobertos de erupções irritadas. O anel de Ryan tinha feito o seu trabalho.

Ainda sobre suas mãos e joelhos, a cabeça de Jordan pendia como um cão espancado. Eu assisti os músculos em seus braços despencarem enquanto ele cambaleou.

Ryan o acertou novamente antes de ele mesmo estar totalmente de pé, e Jordan caiu no chão.

Eu segurei minha respiração, minha voz rouca de tanto gritar. Meus pulmões queimavam quando eu caí nos braços do homem que me segurava.

Abaixem-se! Implorei silenciosamente. *Abaixem-se!*

Um estrondo começou no meio da multidão e lentamente e dolorosamente Jordan ficou de pé novamente, balançando, com os braços ao lado do corpo.

— Olhem lá! — sussurrou um homem excitado, apontando para nós.

— Eu não vou brigar com você, Ry. — Jordan tossiu, sua respiração ofegante dolorosamente em seu peito.

Ryan olhou para ele, ofegante e furioso. Ele balançou novamente. Jordan caiu para trás.

— Luta de volta seu covarde bastardo! — ele se enfureceu. — Luta de volta!

Eu pensei que desta vez Jordan não se levantaria, mas ele rolou lentamente para o lado, seus dedos arranhando a sujeira no chão, com as mãos inchadas de onde tinha sido espancado. Mais uma vez, ele se forçou em seus joelhos. Mais uma vez, ele cambaleou sobre seus pés.

— Oh, Deus, não! — eu gemia.

Segundos depois, ele foi para baixo de novo, mal se movendo.

Ryan virou-se para mim, o rosto furioso e frustrado.

— Por que ele não está lutando de volta? — ele rugiu.

— Porque ele não vai! — eu gritei. — Ele não vai lutar de volta porque ele acha que você está certo! Ele não vai lutar com você, porque ele não pode! — eu tomei uma respiração estremecendo, minhas palavras saindo fracamente. — Porque ele acredita que ele *merece* isso.

— Bastardo! — gritou Ryan, sem paciência.

Jordan estava em suas mãos e joelhos quando Ryan lhe deu um soco na cabeça.

Eu vi como o meu amor estava estatelado no chão imóvel, seu sangue agrupado sombriamente.

Eu tentei dizer seu nome, mas minha voz se foi.

Eu não sei quem falou, mas havia uma voz na multidão sussurrando e começaram a falar entre eles.

— Alguém chame uma ambulância!

O homem que segurava meus braços deixou-me ir e eu rastejei pela calçada em direção a Jordan. Eu queria abraçá-lo, mas alguém me parou.

— Melhor você não movê-lo, senhorita. — disse uma voz de homem, uma voz gentil. — A ambulância estará aqui em breve.

Estendi a minha mão para a mão de Jordan e segurei-a delicadamente na minha.

— Jordan. — eu ofeguei. — Jordan, eu te amo. Eu te amo tanto.

Ouvi sirenes ao longe, chegando mais perto a cada segundo, e um momento depois a multidão se afastou. Alguém tentou me afastar dele, mas eu não iria deixá-lo ir.

— Deixe-os ajudá-lo. — disse a voz gentil de novo. — Você tem que deixá-lo ir agora.

A mulher que eu não conhecia me puxou para seus braços e acariciou meu cabelo como uma criança. Minhas mãos e joelhos, minha camisa e minha calça jeans, até as pontas do meu cabelo comprido foram pintadas com o sangue de Jordan.

Eu vi como eles fixaram uma cinta em volta do pescoço e o levantaram com cuidado em uma maca. Seus olhos estavam fechados, seus membros pesados e sem resposta.

Eu tentei ir com ele, mas as portas da ambulância se fecharam, e ele foi levado para longe de mim.

— Eu acho que ela está em estado de choque. — disse uma voz ao meu lado.

— Senhorita, você está ferida? Você bateu sua cabeça?

Uma voz autoritária estava falando comigo.

Eu tinha presença de espírito suficiente para perceber que, se eu dissesse que sim, eles me levariam para o hospital, também.

— Sim, isso dói. — eu sussurrei.

E então eles me colocaram em uma segunda ambulância e eu fui levada.

Eu não podia acreditar no que tinha acontecido. Duraram minutos ou apenas alguns segundos? Ele parecia ter ido a diante e adiante, como uma vida inteira assistindo Jordan sendo batido no chão. *Por que ele não reagiu?* Eu sabia o porquê.

No hospital eles me limparam e me verificaram. Eu tinha alguns arranhões em minhas mãos e nos joelhos, mas nada mais sério. Mesmo assim, eu não conseguia parar de tremer. Minha pele estava fria e úmida, e eu me sentia doente. Alguém me deu um cobertor. Mas sempre que eu perguntava sobre Jordan, era como se eu estivesse falando grego antigo. Ninguém me ouviu. *Ninguém me respondeu*. Eu me senti pronta para gritar. Eu queria gritar.

Eu gritei.

Várias pessoas pularam, e um porteiro empurrando uma cadeira de rodas vazia tropeçou.

— ONDE ESTÁ JORDAN? O QUE ESTÁ ACONTECENDO? ALGUÉM ME DIGA ALGO!

Uma enfermeira veio correndo em minha direção, jorrando as futilidades habituais, as palavras banais que são supostamente para acalmar, mas apenas

me irritava: eles *estão fazendo tudo o que podem; você pode ajudá-lo mais ficando calma; o médico está com ele agora.*

Eu tive sua atenção, mas eu ainda não recebi nenhuma resposta. Talvez não houvesse nenhuma para dar. O pensamento era horrível.

Hospitais mentiam. Eles nos davam certas esperanças; as construções sólidas e largas, corredores calmos nos fazem querer acreditar que vai ficar tudo bem. Não estava bem. Pessoas morrem nos hospitais o tempo todo. Nossos corpos são apenas sacos frágeis de sangue, pus e ossos.

Uma enfermeira se aproximou de mim com uma prancheta.

— Eu não tenho tempo para isso! — eu gritei para ela. — Você não entende! Eu *preciso* ver o Jordan. Eles o machucaram tanto!

— Dra. Manoz está com ele agora. — disse ela, com a voz muito calma e serena. — Deixe-a fazer seu trabalho. Você pode ajudar o seu amigo, ajudando-nos a preencher este formulário.

Peguei a prancheta dela e ela me deu um sorriso profissional. *Veja, eu fiz a mulher louca parar de gritar. Eu sou uma grande enfermeira.*

Ela me passou a caneta, esperou um segundo para ter certeza que eu estava de acordo, então saiu para longe. Havia coisas mais importantes para fazer do que conversar com uma mulher que estava morrendo por dentro.

Olhei para o formulário e, em seguida, comecei a arranhar as minhas respostas. Minha letra era quase ilegível, minhas mãos tremiam tanto.

Nome do paciente: JORDAN JOSEPH KANE

Idade: 24

Data de nascimento:

Merda! Merda! Quando foi o seu aniversário? 7 de dezembro. Não, 8. Ou foi 9? Merda, 8, definitivamente 8. Era final de agosto agora. Isso significava que ela ainda estava com 23. Eu acho.

Endereço: Buttwipe, Nowheresville, Tx.

Relação com paciente: Tudo. Não, eles não gostariam dessa resposta, por isso, eu menti. Eu escrevi: noiva.

Número do Seguro Social: Quem se importa? Além dos abutres que ganham dinheiro de pessoas que precisam de ajuda.

O paciente está tomando algum medicamento? Não

O paciente tem alguma alergia?

Eu não conseguia pensar em nenhuma. Jordan nunca tinha mencionado nada. Eu poderia correr o risco de responder isso? E se ele fosse alérgico à penicilina? Eu não sabia.

Então, meu celular vibrou no meu bolso, e eu puxei-o para fora, meus dedos tremendo sobre a tela.

Se você está atrasada porque você está se enroscando nesse seu pedaço de homem,

Eu vou ficar puta! Bev x

Sua mensagem me manteve no chão, e eu sabia que tinha que começar a juntar meus pedaços.

Ignorando as placas hospitalares que diziam que os telefones celulares deviam ser desligados, liguei para o pai de Jordan.

— Paul, é Torrey. Jordan foi ferido. Ele foi atacado e espancado. Você tem que vir para o hospital *agora*.

Ele tentou me pedir para explicar o que tinha acontecido, mas eu não tinha condições de fazer isso por telefone. Sua voz tremia, mas ele disse que estava vindo.

Então liguei para Bev.

— Onde diabos vocês estão? — ela gritou, ao primeiro toque.

A única resposta que obteve foi o som do meu soluçar.

— Torrey? Você está aí? Você está bem? O que está acontecendo?

— Eles o pegaram! — eu soluçava. — Eles finalmente conseguiram!

Ouvi seu suspiro. Eu tinha confidenciado a ela que o meu maior medo era que alguém deliberadamente ferisse Jordan. Assim, ela imediatamente entendeu o que eu disse.

— Onde você está? Nós estamos indo te encontrar!

Eu me inclinei na minha cadeira, a prancheta caindo dos meus dedos dormentes. Eu estava atordoada demais para chorar.

Minutos mais tarde, Paul foi me pegando em seus braços.

— O que aconteceu querida? Onde está o Jordan?

— Eles o espancaram Paul. Muito. Quatro deles. Eles não vão me dizer nada! Eles dizem que estão trabalhando nele, mas *eu não sei de nada!*

Minhas palavras terminaram em um gemido dolorido.

O rosto de Paul estava pálido.

Ele se levantou com raiva, e eu agarrei o braço dele.

— Eu... eu disse a eles... eu disse que era sua noiva. Eu pensei... apenas para descobrir... quer dizer, eu não sou... nós não somos...

Ele beijou meu cabelo rapidamente e marchou até a mesa da enfermeira.

— Meu filho, Jordan Kane. Onde ele está?

— Se você tomar um assento, senhor. — disse a enfermeira, suavemente.

— Não até que eu consiga alguma informação. A noiva do meu filho me disse que você se recusa a falar com ela. Quero algumas respostas *agora* ou a administração do hospital vai falar com o meu advogado.

Eu estava tão feliz que ele estava aqui. Eu estava tão feliz em ouvir sua merda de bom coração. Eu não era a noiva de seu filho e ele não tinha um advogado. Deus, eu amava aquele homem. Eu só o conhecia há alguns meses, mas ele se tornou um segundo pai para mim. Um pai melhor do que o meu próprio talvez.

Nós fomos tranquilizados. *Todo esforço... o médico está trabalhando nele agora... se você só esperar... se você pudesse simplesmente terminar de preencher o formulário.*

Nós sentamos.

Esperamos.

Paul pegou o formulário.

O paciente tem alguma alergia? Não, ele escreveu.

Jordan não tem nenhuma alergia. Eu deveria saber disso. Por que eu não sei disso?

O paciente foi internado no hospital antes? Sim.

Data de Internação: Agosto de 2006, atentado suicida por enforcamento, danos à traqueia. Novembro de 2008, pulmão perfurado.

— Eu preciso da caneta. — eu disse.

— Para que?

Peguei-a da mão de Paul, sem responder, e acrescentei uma linha.

Data de Internação: Janeiro de 2009, tentativa de suicídio, artérias radiais decepadas.

Paul estava atordoado e seus olhos se encheram de lágrimas. Entreguei-lhe a caneta de volta e, com a mão trêmula, ele preencheu a última linha, assinando e datando.

Parente mais próximo: Torrey Delaney (noiva); Paul Kane (pai).

Eu olhei nos olhos bondosos de Paul, de modo muito parecido com Jordan, e eu agradeci a ele, sem palavras.

Nós nos abraçamos com força.

— Eu já telefonei para sua mãe. — disse Paul, com delicadeza. — Ela queria saber.

— Você tem certeza disso? — eu disse, abruptamente me afastando dele.

— Sim, eu tenho certeza. — ele respondeu, sua voz firme com convicção.

Olhamos um para o outro, cada um com segredos nos nossos olhos. Eu queria discutir, mas eu não tinha energia. Sentei-me em silêncio com raiva por alguns minutos.

A cabeça de Paul caiu em suas mãos.

— Eu não queria ver este hospital nunca mais. — disse ele, com a voz quebrada e rouca.

Oh Deus. Este hospital. O lugar que ele perdeu os dois filhos, em um sentido muito real.

— Eu sinto muito, Paul. — eu sussurrei.

Ele segurou minha mão entre as suas.

— Eu sei. — ele respondeu.

Houve uma enxurrada de ruído quando Bev e Pete voaram pelo corredor. Ela tropeçou parando quando nos viu.

— Oh, não! Ele está...?

Pete a agarrou quando ela começou a se balançar.

— Ele está lutando para sobreviver. — disse Paul.

Eu não sabia por que ele foi capaz de dizer com tanta certeza, mas eu encontrei-me acreditando nele. Jordan era forte. Ele poderia levar uma surra.

Fechei os olhos, ouvi novamente o som de sua cabeça batendo na calçada de concreto; a bile queimou em minha garganta.

Bev sentou-se ao meu lado e pegou minha outra mão.

— Existe alguma coisa que podemos fazer? — ela sussurrou.

Eu balancei minha cabeça.

— Eles nos disseram que temos que ser pacientes.

Eu ri um riso vazio. Não foi engraçado. Foi doloroso. Era ridículo. Quem pode ser paciente quando você está esperando para ouvir como o seu mundo mudou, talvez para sempre?

Esperamos. E esperamos. Os segundos lentos indo em direção a minutos, e os minutos letargicamente esticado em direção a horas.

Nós tínhamos estado lá o tempo suficiente para Bev ter bebido três cafés horríveis, e dois de cada para o resto de nós, quando uma mulher mexicana cansada de verde caminhou em nossa direção.

— Sr. Kane? — ela perguntou, olhando para Paul para confirmação.

— Sim. Ele está...?

Ela deu um sorriso tenso. — Eu sou a Dra. Manoz. Eu estava tratando o seu filho. Ele está muito ferido, mas ele vai ficar bem.

Meu coração saltou e estremeceu, e eu aprendi a respirar novamente.

— Nós estávamos preocupados com um ferimento na cabeça, mas ele começou a reagir em torno de alguns minutos atrás. A lesão de maior preocupação agora é um descolamento de retina. Precisamos levá-lo para a cirurgia imediatamente. Há uma boa chance de que ele não terá qualquer perda permanente da visão nesse olho. Ele está lúcido agora, se você quiser vê-lo. Mas só por um minuto.

Se? Se gostaríamos de vê-lo? Por que estaríamos com nossos corações à vista se não o quiséssemos? Por que estaríamos cinza de medo? Eu controlava a minha raiva irracional, sabendo que a médica não pesava ou calculava o impacto de cada palavra que disse. Ela devia. Ela devia ter percebido. Eles deviam ensinar os médicos a fazer isso, porque isso é importante. Cada sílaba que saíam de seus lábios poderia ferir ou curar, elas tinham esse poder.

— Só vocês dois. — disse ela. — Ele está cansado, um pouco confuso, e com muita dor.

Paul acenou com a cabeça; eu só olhava para ela.

Bev deu em minha mão um aperto rápido e nos garantiu que iria esperar.

A médica nos levou por um corredor barulhento com os visitantes, para uma sala que continha uma dúzia de leitos hospitalares. A maioria estava vazia, mas a área na parte inferior tinha uma cortina puxada transversalmente.

Ela fez um gesto em direção à cama com cortinas.

— Ele tem uma série de lesões, além do descolamento de retina e uma laceração na cabeça. — disse ela. — Ele tem um osso do maxilar fraturado, cinco costelas quebradas, o dedo indicador da mão direita foi esmagado, e um pulso torcido, bem como uma série de cortes e contusões.

Ela puxou a cortina com um puxão rápido, e eu engoli em seco. O rosto de Jordan foi parcialmente coberto de gaze, e uma grande almofada cobria seu olho esquerdo. Seus lábios estavam inchados e seu peito e braços estavam corados com roxos vivos, azuis e vermelhos.

Sentei-me ao lado da cama e peguei sua mão boa na minha.

— Ei, cowboy. — eu botei para fora.

Seu olho direito se abriu, e eu acho que ele tentou sorrir.

— Eu estou tão brava com você. — eu disse, enquanto as lágrimas começaram a cair. — E você parece uma merda.

— Não chore, querida. — ele murmurou por entre os lábios machucados. — Só pagando uma dívida.

Paul ficou sem palavras ao meu lado, com a mão apoiada no meu ombro. O olhar de Jordan piscou para cima.

— Ei, pai.

— Sua garota está certa. — disse ele, rindo para se impedir de chorar. — Você parece uma merda, meu filho.

— Sinto-me como isso. — ele murmurou, sua pálpebra fechando novamente.

Dra. Manoz voltou para o quarto apressada.

— Nós temos que levá-lo agora. — disse ela. — É um procedimento padrão e é normalmente realizado com anestesia local. Por causa de suas outras lesões, o cirurgião, Dr. Linden, decidiu usar anestesia geral. O procedimento geralmente leva cerca de uma hora, mas Jordan vai se sentir sonolento durante seis a 12 horas depois. Se você tiver alguma dúvida, Dr. Linden ficará feliz em respondê-la.

— Eu tenho que ir agora. — eu disse para Jordan, em voz baixa. — Lugares para se estar, coisas para fazer.

Eu acho que ele tentou sorrir, mas eu não podia ter certeza. Inclinei-me, na esperança de encontrar um lugar sem danos para colocar um beijo suave. Ele tinha sangue até em seu cabelo.

O médico nos colocou para fora da sala imediatamente, e nos abandonou no corredor. Bev me puxou para um abraço apertado.

— Ele está indo para ficar bem. — disse Paul.

Ele passou a listar os ferimentos de Jordan, enquanto Bev e Pete olhavam chocados.

— Vocês deveriam ir para casa agora. — eu disse, em voz baixa. — Ele não vai acordar até amanhã de manha. Você deve dormir um pouco.

— Venha com a gente. — Bev implorou. — Você precisa descansar. Vamos trazê-la de volta na parte da manhã.

Eu balancei minha cabeça.

— Não, eu vou ficar.

Ela suspirou e me fez prometer mandar mensagem de texto para ela no momento em que eu soubesse de alguma novidade.

O eco de seus passos seguiu pelo corredor.

Uma enfermeira veio para nos mover da emergência para uma área de espera cirúrgica. Talvez ela só quisesse nos tirar do caminho. Talvez outra família estivesse chegando, desesperada para saber se seu alguém especial estaria bem. A máquina do hospital teve que continuar a oprimir a distância.

Poucos minutos depois, um homem alegre de cerca de 50 anos, vestindo as roupas verdes agora familiares de um médico, entrou na sala.

Dr. Linden tinha um calor profissional, calmo e uma expressão amável. Ele era o tipo de cara que você confia instantaneamente, mesmo se você não quisesse.

— Nós pegamos o dano cedo. — disse ele. — Ainda há uma chance de 10 a 15% de que Jordan vá precisar de uma nova operação, mas eu estou esperançoso de que não será o seu caso. Vai ser muito desconfortável para ele por alguns dias, principalmente porque a área ao redor do olho já está muito inchada.

A cura leva de duas a seis semanas, mas por causa da inserção de gás no olho durante o procedimento, Jordan acabará por desenvolver uma catarata no olho esquerdo. Isso é facilmente tratado quando a catarata desenvolve em dois ou três anos. Com sorte, não haverá nenhuma perda permanente de visão.

Ele acenou com a cabeça. Nós assentimos.

Paul assinou os papéis de consentimento e ficamos sozinhos.

Eu não tinha vontade de falar, mas Paul me pediu para explicar o que tinha acontecido. Ele estava arrasado e com dor na hora que eu terminei.

— Ryan Dupont. — disse ele, repetidamente. — Eu não posso acreditar. Eles eram amigos. — ele balançou a cabeça.

Eu não tive qualquer conforto para lhe oferecer.

Apenas para fazer algo, Paul foi encontrar comida e bebida. Eu não aguentava tomar mais café, então ele prometeu procurar uma máquina de refrigerante.

Eu fiz uma promessa, também. Prometi a mim mesma que assim que Jordan estivesse bem o suficiente para viajar, assim que sua liberdade condicional tivesse terminado, iríamos conseguir o inferno fora desta cidade venenosa. Nós seguiríamos em frente e nunca olharíamos para trás. Nós encontraríamos um lugar que ambos pudéssemos recomeçar. Eu gostaria de encontrar um trabalho legal, e que Jordan pudesse terminar seu treinamento ASE. Teríamos nosso próprio lugar e começaríamos a construir um futuro juntos. Talvez Paul pudesse nos visitar. Talvez nós...

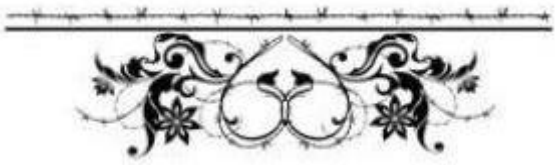
— O que você está fazendo aqui?

Olhei para cima e vi a mãe de Jordan olhando para mim, desgosto distorcendo seu rosto.

— Não comece comigo, minha senhora!

Ela só desafiou a porra da mulher errada.

Capítulo Quatorze - Exorcismo



Torrey

— Não

comece comigo, minha senhora! — eu rosnei. Eu olhei para a mãe de Jordan, minha raiva transbordando, tornando-se vulcânica. — Eu o amo. Qual é a sua desculpa?

Ela puxou uma respiração afiada, pronta para responder, mas a porta se abriu e Paul voltou com os refrigerantes e sanduíches. Seus olhos passeando entre nós, minha postura rígida, os punhos cerrados, o brilho raivoso de acusação.

Sem abrir a boca, ele me entregou o sanduiche enrolado em plástico e uma das latas, então olhou para sua esposa.

— Ele vai ficar bem, Gloria.

Juro, se ela olhar desapontada por um segundo eu não serei responsável por minhas ações.

Ela assentiu com a cabeça bruscamente, reconhecendo as palavras de Paul.

— Ele está em cirurgia agora...

— Eu pensei que você tinha dito que ele ficaria bem. — ela interrompeu, e por um momento, pensei ter visto um lampejo de algo mais do que o ódio, mas ele foi rápido demais para eu ter certeza.

— Ele vai. — respondeu Paul, em voz baixa. — Mas eles têm que reparar um descolamento de retina. Ele também tem algumas costelas quebradas, um osso do maxilar fraturado, cortes e contusões.

Ela bufou e sentou-se numa cadeira, olhando irritada.

— Você me chamou aqui para isso? Eu pensei... não importa.

Eu estava de pé de novo, olhando para ela.

— O quê? O quê! Isso não foi o suficiente para você? Que diabos está acontecendo? Ele foi espancado até ficar inconsciente por quatro bandidos. Ele poderia ter morrido!

Ela parecia atordoada com o meu ataque, mas não com as palavras que eu tinha dito.

— Você vai deixá-la falar comigo desse jeito? — ela ofegou, olhando para o marido com indignação.

— Se ela não tivesse dito isso, eu diria. — ele retrucou, com a voz cada vez mais nítida.

— Eu dirigi até aqui... — ela começou.

— E por que isso? — eu rosnei. — Por que você está aqui? Por que se você nem mesmo se importa?

Seus olhos se estreitaram e ela olhou para mim como se eu fosse uma merda em seu sapato.

— Eu não respondo a você!

— Eu não acho que você sabe por que está aqui. — eu disse, venenosamente. — Provavelmente tentando parecer que você está fazendo a coisa certa de novo.

— Ele é meu filho. — ela atirou de volta, furiosamente. — Estou aqui para cuidar dele.

Sério? Eu ri alto, um som duro, amargo.

— Como você "cuidou" dele durante os últimos oito anos?

Suas mãos tremeram e um músculo ao lado de seu olho saltou.

Estávamos praticamente nariz com nariz, prontas para nos atracamos, quando fomos interrompidas por uma batida na porta. Sem esperar por qualquer um de nós para responder, uma enfermeira marchou para dentro da sala, acompanhando dois homens de terno.

Eles pegaram o olhar furioso de Gloria e minha postura de raiva sem comentários. A enfermeira apenas levantou as sobrancelhas. Brigas de família; nada que nunca tivesse visto. Hospitais trazem emoções cruas, é inevitável, como a morte e os impostos.

— Sinto muito me intrometer neste momento difícil. — disse o homem mais alto, sem soar nem um pouco sarcástico. Eu me perguntei se ele tinha praticado esse tom. — Sou o Detetive Lopez e este é meu colega detetive Sanders. Gostaria de saber se você poderia responder algumas perguntas.

Paul meneou a cabeça e acenou-lhes um par de cadeiras de plástico.

Eu respirei fundo e virei de costas para Gloria. Se eu não olhasse para ela, poderia ser capaz de me acalmar um pouco. Eu caí em uma cadeira, abri meu refrigerante e tomei um longo gole.

Os policiais anotaram os nossos nomes e observaram atentamente nossas relações com Jordan. Eu pude ver o tremor de sua mãe em seu assento quando Paul me apontou como noiva do Jordan.

— E essa não é a primeira vez que ele foi alvejado. — eu bati, me intrometendo na lenta progressão da entrevista. — Ele já foi ameaçado antes e eu tenho uma foto do que eles fizeram com sua caminhonete um par de meses atrás.

Eu rolei através das muitas fotos com Jordan no meu telefone para encontrar a imagem de sua caminhonete detonada.

— E antes que você pergunte, não, ele não denunciou isso. Ele era muito... ele prefere ficar longe de vocês, por razões óbvias.

Eles olharam para a foto, fizeram notas e me pediram para enviá-la a eles, mas não fizeram nenhum outro comentário. Então eu tive que descrever novamente o que tinha acontecido na praça da cidade, fora do banco.

Minha voz quebrou várias vezes enquanto eu estava recontando a história mais uma vez, e Paul segurou a minha mão. Os olhos de Gloria quase pularam para fora das órbitas.

Quando eu terminei, os detetives olharam incrédulos.

— Você está dizendo que ele nunca deu um único soco? Mesmo que quatro homens estivessem batendo nele e sua namorada?

Eu levantei meu queixo com a insinuação de que eu estava mentindo.

— Nenhum deles me bateu. Um me segurou. — tirei meu casaco e mostrei-lhes as contusões nos topos dos meus braços onde a jaqueta de couro tinha machucado. — Eu não podia chegar até ele... eu não podia... enquanto os outros... enquanto os outros brutalizavam Jordan. — eu engoli o medo conforme a memória me inundava. — E se você olhar para as mãos de Jordan, você verá que as únicas contusões são o lugar onde o cara com as botas de cowboy o marcou.

Lopez ergueu as sobrancelhas e trocou um olhar com o seu colega.

A mãe de Jordan bufou em desgosto e eu me virei para ela, pronta para bater naquela puta hipócrita, com polícia ou sem polícia.

— Meu filho é um covarde, Detetive. — disse ela, com a voz soando com nojo. — Essa é a simples verdade.

— Gloria! — gritou Paul.

Eu estava de pé, tremendo de raiva.

— Toda vez que o derrubaram, ele levantava e os enfrentava... toda vez... até que ele não pode levantar-se mais. Isso é a coisa mais corajosa que eu já vi, para quem não enfrenta seu ódio a cada dia.

O silêncio se estabeleceu em torno de nós, até que Lopez pigarreou e anunciou que ele manteria contato.

Os policiais se levantaram para sair.

— Espere. — eu bati. — E sobre os homens que atacaram Jordan? Vocês já os encontraram? Jordan conhecia um deles, Ryan Dupont. Você vai atrás deles, também? O que acontece com eles?

— Temos um homem sob custódia. — confirmou Lopez.

— Apenas um? Haviam quatro deles!

Sanders deu-me um mesmo olhar. — Ryan Dupont entregou-se, mas ele se recusa a nomear os outros envolvidos. Precisamos falar com seu noivo para ver se ele quer apresentar queixa.

Meus lábios se apertaram até que eu tinha certeza de que eles estavam brancos, meu rosto lívido. Eu sabia que isso nunca iria acontecer. Jordan nunca iria apresentar queixa. Ele disse que estava... pagando uma dívida mais cedo. Deus, eu esperava que a dívida tivesse sido finalmente paga na íntegra, porque eu não sei se poderia aguentar isso.

Ultraje ainda estava pulsando através de mim, e Gloria estava sentada lá, o cheiro de enxofre no ar.

Lopez concordou novamente, me entregou seu cartão no caso de eu 'lembrar' de qualquer outra coisa. Como se eu pudesse esquecer: cada golpe,

cada chute estava impregnado em meu cérebro, queimando por trás de minhas pálpebras.

Assim que estávamos somente nós três novamente, me virei para Gloria.

— Diga-me novamente porque você está aqui? — eu rosnei para ela.

— Não fale comigo! Eu não respondo a você. — ela zombou.

— Gloria, basta! — latiu Paul. — Ou você está aqui para o nosso filho ou você não está. Sei que Torrey está.

Gloria rangeu os dentes.

— Você está tomando o lado dela agora? A filha desprezível da Reverenda, não era assim que você a chamava?

Meus olhos foram para Paul, e sua pele corou denunciando a verdade de suas palavras de ódio.

— Eu estava errado. — disse. — Eu sinto muito, Torrey. Desculpe por um monte de coisas. Olha, nós estamos todos cansados. Tem sido um mau, mau dia. Acho que devemos ir para casa. Então, de manhã, podemos estar de volta aqui para Jordan. Ele é o único que importa agora.

Eu pensei que Gloria iria discutir, mas em vez disso ela pegou sua bolsa e saiu abruptamente da sala.

Paul me ofereceu um sorriso tímido. Eu não tinha vontade de devolvê-lo.

— Você vai. — eu disse. — Eu vou ficar.

Ele balançou a cabeça lentamente, mas afundou em seu assento para esperar comigo.

Em silêncio, vimos os ponteiros do relógio se moverem vagarosamente. Uma mulher que chorava em silêncio com os olhos inchados de lágrimas juntou-se a nós. Olhei para ela, cansada, mas não tinha nada a dizer que poderia melhorar o seu sofrimento. Ninguém podia. Nós só podíamos esperar.

Finalmente, com a noite virando dia novamente, Dr. Linden reapareceu.

— Correu tudo bem na medida do possível, visto o nível de inchaço ao redor dos olhos. Mas há uma boa chance de que seu filho não precisará de uma nova operação.

— Podemos vê-lo? — eu perguntei.

— Ele está em recuperação, então eu só posso deixar você olhar pela janela, mas eu realmente sugiro que você vá para casa e descanse. Volte amanhã.

Eu me perguntava por que ele se deu ao trabalho de dizer isso.

Apertamos as mãos, e ele nos desejou boa noite. Ele foi, provavelmente, para casa para jantar com sua família. Não, era muito tarde para isso. Ele provavelmente iria comer alguma coisa que sua esposa havia deixado para ele na geladeira, tomar um banho, e deslizar entre lençóis limpos, com a consciência limpa e sem sonhos ruins para incomodá-lo. Talvez. Nós nunca realmente sabemos os problemas que assombram a vida dos outros.

Uma enfermeira mostrou-nos a sala de recuperação, e eu fiquei na ponta dos pés para olhar pela janela.

O rosto de Jordan estava longe, então não podia ver muito. Ele estava ligado a um monte de máquinas, mas estava respirando por conta própria.

Minha garganta apertou, e eu lutei contra as lágrimas de alívio que ameaçavam cair.

Paul tocou meu braço.

— Nós deveríamos ir para casa, dormir um pouco, como o médico disse. Então, podemos voltar mais tarde.

Eu balancei a cabeça, e deixei que me levasse do hospital.

No estacionamento, eu finalmente falei.

— Você poderia me levar para o banco na cidade?

Paul pareceu surpreso.

— No banco? Essa hora?

— Quero pegar meu carro. Vou voltar para o hospital o mais rápido que puder na parte da manhã.

Ele limpou a garganta.

— Bem, eu posso fazer isso, querida, mas eu ficaria feliz em lhe dar uma carona para o hospital de manhã.

— Não, obrigada.

Ele balançou a cabeça tristemente, mas não respondeu, e voltamos para casa em silêncio. Ignorei os olhares que me dava a cada dois minutos. Eu sabia que ele tinha tomado um tempo para gostar de mim, mas ouvir o que ele disse, do que me acusou, doeu.

Assim que chegamos ao banco, eu saí do carro.

— Obrigada. — disse, sem olhar em sua direção.

Ouvi-o suspirar, e então o carro se afastou.

Quando cheguei em casa, luzes brilhavam em todas as janelas como faróis ou luzes de advertência. Gloria não tinha fechado as cortinas e eu podia vê-la indo de sala em sala, observando as mudanças feitas em sua casa. Parecia uma violação da minha família improvisada, e eu tinha que me lembrar que ainda era sua casa e não a minha, apesar de tudo que tinha acontecido no último par de meses. Eu não tinha certeza se seria capaz de ficar com ela na casa, seu rancor e ódio contaminavam o ar.

Saí do carro, cansada, sentindo a dor em meus braços e costelas onde a jaqueta de couro tinha me machucado.

Eu entrei para encontrar Paul esperando no corredor.

Em seguida, Gloria apareceu subitamente na minha frente.

— Então agora você mora aqui? — disse ela.

Com a voz suave, o que parecia estranho depois do jeito que ela falou comigo no hospital.

Eu acenei com a cabeça, desviei dela para subir as escadas para o quarto de Jordan, para *o nosso* quarto.

— Por quê? — ela me chamou.

— O quê?

— Por que você mora aqui?

Eu não sabia como responder essa pergunta.

— Porque Jordan mora aqui. — eu disse, cansada e irritada com esse jogo bizarro de perguntas e respostas.

— Parece que você tem *todas as* suas coisas aqui.

Fechei meus olhos nos dela. — Você já esteve em nosso quarto.

Ela parecia quase nervosa. — Eu não sabia que você tinha se mudado, Paul não me disse...

Eu balancei a cabeça lentamente. — Bem, agora você sabe. Fique fora do nosso quarto.

Virei-me para continuar a subir as escadas.

— Por que não está na Reitoria? — ela perguntou, seu tom insistente.

Olhei para ela, cansada. — Porque minha mãe me fez escolher e eu escolhi Jordan. Não se preocupe, Gloria, tão logo a liberdade condicional acabe, vamos embora. Longe, nada além de uma nuvem de poeira atrás de nós.

Ela não respondeu e nem Paul. Eu não tinha falado com ele desde o hospital. Talvez Gloria tivesse conseguido o resultado que queria, quando soltou a língua venenosa.

Eu estava prestes a deixá-los na parte inferior da escada, quando me virei para encará-la mais uma vez.

— Você sabe qual é seu problema? Você transformou a morte de Mikey em uma sentença de prisão perpétua para todos vocês; para o Paul e para Jordan. Você os condenou à prisão perpétua. Isso é o que você está fazendo aqui, e é isso que você quer para Jordan. Mas eu não vou deixar isso acontecer. Eu não vou deixá-lo sofrer mais. O que você faz com sua vida é com você, mas Jordan merece algo melhor do que isso. E eu vou passar o resto da minha vida com ele, certificando-me que ele sabe que é amado e está perdoado.

Eu não esperei para ouvir a resposta. Eu marchei até as escadas e para nosso quarto. Eu virei o interruptor de luz e olhei ao redor. Jordan tinha feito a cama. Isso não me surpreendeu, ele era tão organizado. Parecia que estava quebrando alguma lei se deixasse uma ruga nos lençóis.

Sua toalha ainda estava úmida do banho que tomou antes de sairmos, estava pendurada ordenadamente sobre o encosto da cadeira. Peguei-a e a segurei perto do meu rosto, inalando profundamente. Eu consegui chegar ao banheiro antes que viessem às lágrimas. Tirei minhas roupas e me arrastei até o chuveiro, meu estômago protestando conforme lavava o sangue de Jordan de meus cabelos.

Estava cansada demais para secá-lo, então eu me enrolei na toalha de Jordan e cai sobre a cama, o meu cabelo molhado caindo ao meu redor como lágrimas.

Os lençóis cheiravam a Jordan também. Ele não usava perfume, mas eu podia sentir o cheiro do sabonete que ele usava e seu doce picante perfume natural.

Parecia errado dormir em nossa cama sem ele. Eu odiava. Não houve uma noite desde que estávamos juntos que não tínhamos feito amor. Mesmo

quando eu chegava em casa do trabalho, depois da uma da manhã, seu corpo quente acordava e me puxava conforme eu me encaixava nele. E mesmo que nós dois estivéssemos cansados, precisávamos dessa conexão no fim de nossos dias.

Eu aprendi muito sobre Jordan nos últimos meses. Aprendi como seu corpo responde ao meu toque. Aprendi sinais de quando ele estava desesperado para gozar, mas queria que eu chegasse lá primeiro. Ele morde o lábio e olha para o canto do quarto. Eu brinquei com ele sobre isso e perguntei o que ele estava pensando. Ele nunca me disse. Pelo que eu sabia, ele estava pensando sobre estatísticas de beisebol. Mas você sabe, isso não era realmente algo que eu estava desesperada para ouvir. Eu só apreciava que ele se preocupava com a minha satisfação.

Ele fica louco quando eu arrasto minhas unhas em suas costas, mesmo quando não estamos na cama. Ele realmente não tem uma posição favorita, mas eu aprendi que ele amava rápido, seguido por sexo violento e fazer amor sensualmente lento. Por completo, Jordan era uma intrigante mistura de contradições: seu corpo duro, os lábios macios; sua seriedade, a natureza sensível; seu lado selvagem e apaixonado; o assustador, o comportamento prisional e como ele podia desligar isso; sua alma gentil.

Eu não acho que Jordan percebesse metade dessas coisas. Parecia que ele estava redescobrindo a si mesmo, a pessoa que ele iria se tornar desde que saiu da prisão. Ele não tinha ideia de que todas as outras mulheres no Starbucks babavam em cima dele, e como muitas meninas que trabalhavam no shopping, de repente, vinham para tomar um café quando viam a caminhonete no estacionamento. Ou talvez ele notasse, mas simplesmente não estava interessado. De qualquer forma, foi uma das coisas que eu tinha aprendido a amar sobre ele.

E ele, definitivamente, não tinha ideia de como ele poderia ser intimidante. Ele assustou pra caralho meu gerente um dia. Gus estava gritando comigo e com o resto do pessoal sobre algum suposto delito, quando Jordan estava fazendo uma de suas visitas depois do trabalho para um café. Gus viu o cara alto, tatuado com ondulantes músculos e olhar frio e desistiu de nos dar a bronca. Eu sabia que Jordan tinha mudado para seu modo defensivo, o modo

prisão, porque ele tinha encontrado um cara que não conhecia. Mas Gus, o pequeno idiota, tinha merda em seus shorts quando eu os apresentei e ele percebeu que Jordan era meu namorado. As coisas no trabalho aliviaram muito depois disso.

E então havia todas as pequenas coisas que Jordan fazia que me mostravam que ele me amava.

Ele achava que eu não notava, mas eu sabia. Fazia café da manhã às 5h da madrugada, mesmo quando não precisava acordar cedo para trabalhar; ligava o chuveiro antes de eu entrar para que a água estivesse quente; ligava motor da Princesa para que ela funcionasse de primeira para mim; guardava meus sapatos e pendurava o meu casaco para que ele não amassasse; se certificava de gravar meus programas de TV favoritos quando eu estava trabalhando.

Pequenas coisas, com certeza, mas os gestos me diziam mais do que palavras o quanto ele me amava.

Eu puxei os lençóis frios ao meu redor. Eu sabia que não tinha mais escolha. Eu estava com Jordan Kane e sempre estaria. Ele era minha vida, o meu para sempre, até que a morte nos separe. E talvez, além disso.



Acordei de repente. Não houve confusão com sono, não havia sentido de deslizar silenciosamente entre o mundo dos sonhos e o mundo de desperto. Eu soube imediatamente onde estava e o que tinha acontecido. Eu sabia que tinha que estar no hospital.

Não sou normalmente uma pessoa da manhã, mas hoje eu me arrumei de forma rápida e com um propósito.

Hoje eu marchei para o chuveiro, sem me importar com quem eu encontrasse ou o que eles poderiam dizer para mim. Eu me sentia como um gladiador prestes a ir para a batalha.

Tomei banho rapidamente e prendi meu cabelo úmido na parte de trás da minha cabeça.

Gostaria de saber se valeria a pena telefonar para o hospital, mas então eu percebi que seria mais fácil simplesmente chegar lá. Considerei ir direto para o meu carro, mas meu estômago roncou e eu decidi que Gloria não me expulsaria do lugar que se tornou a minha casa com Jordan. Se ela quisesse me evitar, *que saísse*.

Paul e Gloria estavam sentados com pratos de ovos mexidos e torradas na frente deles. Paul estava distraído empurrando os ovos em seu prato e nem parecia estar comendo. Ele olhou para cima quando me viu.

— Como você está, Torrey?

— Cansada, dolorida, chateada. Você?

Ele estremeceu com o meu tom brusco. Gloria não disse nada.

Eu coloquei um pouco de pão na torradeira e peguei café.

— Tem ovos, se quiser.

Eu quase derrubei minha caneca e espirrei café quente sobre o meu jeans.

— O quê?

Eu me virei e olhei para Gloria.

— Eu fiz bastante. — disse ela. — Eu pensei que você poderia estar com fome.

— Por que você está falando comigo? — eu perguntei, suspeita fazendo minhas palavras saírem quebradas e surpresas.

Paul tossiu, obviamente pouco à vontade com o duelo à frente dele.

— Eu liguei para o hospital. — disse ele, evitando minha briga com Gloria. — Eles disseram que Jordan teve uma boa noite.

Eu dei um aceno confuso. Eu sabia que era irracional, mas eu senti ciúmes que Paul tinha feito algo que eu queria fazer, que eu deveria ter feito.

— A enfermeira disse que ele estava perguntando por você. — acrescentou Paul.

Eu não poderia evitar o sorriso que puxou os cantos da minha boca. — Ele perguntou?

Paul acenou com a cabeça. — Claro. Ele ama você.

Meus olhos brilharam para Gloria, imaginando qual expressão veria: a de ódio ou a de desgosto. Mas em vez disso, ela estava olhando para sua comida intocada.

Um pequeno broto de esperança nasceu em meu estômago. Tentei ignorá-lo, mas definitivamente estava lá.

O estouro da torradeira tomou minha atenção e eu as cobri com duas grossas fatias de manteiga. Pensando bem, coloquei três colheres de ovos no prato, também.

— Você quer ir para o hospital com a gente? — perguntou Paul, incerto.

— Não, obrigada. Eu vou fazer do meu jeito.

— Ok. — ele disse, em voz baixa. — Nos vemos lá.

Eu balancei a cabeça e comecei a comer.

Terminei antes deles e limpei meu prato na pia. Paul me chamou quando saí da sala.

— Torrey, espere.

— O que é isso, Paul? Eu tenho que ir.

Ele franziu os lábios. — Eu sinto muito sobre o que eu disse de você. Eu não quis dizer isso. Eu nunca fiz.

Eu suspirei. — Tudo bem. Tanto faz. Desculpas aceitas. Eu tenho que ir.

— Querida, por favor?

— Eu não posso lidar com isso agora, Paul. Sim, o que você disse machucou, mas eu não posso, eu simplesmente não posso!

— Você não é a única que se preocupa com ele, Torrey.

Eu o encarei.

— Eu sei.

Eu quebrei alguns limites de velocidade para chegar até o hospital. Jordan ficaria chateado. Ele sempre foi um motorista cuidadoso, que dada à razão, não era surpreendente.

Levou vários minutos frustrantes antes que eu pudesse localizá-lo. Eles o tinham levado da sala de recuperação do pós-operatório para uma unidade do outro lado do hospital. Eu fiz meu caminho ao longo dos corredores excessivamente polidos, ficando irritada quando os pacientes lentos bloqueavam meu caminho. Por que diabos não ficavam do lado direito? Eu tive que morder a língua para me impedir de gritar com uma mulher passeando com o soro pelos corredores. *Saia da minha frente! Eu estou com pressa aqui!*

Ela sorriu para mim e eu fiz uma careta agradável em troca.

Quando eu encontrei Jordan, ele estava sozinho em um pequeno quarto. Seu olho esquerdo estava enfaixado, e, embora isso parecesse impossível, ele estava ainda pior que o dia anterior. Todo o seu rosto estava inchado, quase irreconhecível e seu peito e braços estavam manchados de verde, roxo e preto.

Eu pensei que ele estava dormindo e eu tentei segurar um soluço, mas o olho bom se abriu.

— Ei, querida. — ele murmurou, sua voz cheia de cansaço e dor. — Eu estava esperando por você.

— Sim, bem, eu estava indo para a manicure esta manhã, mas o hospital ficava no caminho, então... aqui estou.

Ele conseguiu dar um sorriso fraco, embora o esforço parecesse cansá-lo, e virou a palma da mão em cima da cama, em silêncio, pedindo-me para segurá-la.

Ele estava certo: sentia-me melhor sendo capaz de tocá-lo e sentir sua pele quente, calejada. Inclinei-me e dei um beijo suave na testa. Era a única parte dele que não foi danificada.

— Então, como estão te tratando aqui?

— Melhor que na prisão. — ele riu, com voz rouca.

— Nah, você só tem baixos padrões. — eu brinquei.

Ele começou a balançar a cabeça, em seguida, fez uma careta.

— Não mais, querida. Eu tenho você. Ouro puro.

Eu tentei rir, apesar de suas palavras fazerem meu coração tremer.

— Você parece ter sido atropelado por um caminhão, Jordan Kane, mas você é um galanteador!

Ele puxou levemente a minha mão. — Não sou. — ele murmurou. — Eu te amo.

— Eu sei. — eu disse, em voz baixa. — Eu também te amo.

Seu olho bom se abriu novamente. — Você... você me ama?

— Eu te disse ontem à noite, mas você estava muito ocupado estando inconsciente.

Sua pálpebra se fechou e seu rosto se contorceu com o esforço de segurar as emoções que se agitaram dentro dele. Vi uma única lágrima correr pelo seu rosto.

— Jordan. — eu disse, lentamente. — Temos que falar sobre isso. Sobre o que você deixou que esses homens fizessem com você. Isso tem que parar. Você sabe disso, né? Basta. Eu não vou ficar parada e ver isso de novo. Eu não posso.

Ele olhou para cima, me avaliando, medindo minha expressão. — Minha condicional está quase acabando. — ele murmurou.

— Não me diga que era a única razão que o impediu de lutar? Você me disse ontem à noite que estava pagando uma dívida!

Sua testa enrugou em confusão. — Eu disse isso?

— Sim. Porque era Ryan Dupont?

— Oh, sim. Eu me lembro. — disse ele, densamente.

— A polícia esteve aqui ontem à noite. — eu acrescentei, enquanto seus dedos apertaram ao redor da minha mão. — Eles vão querer falar com você. Eles nos disseram que Ryan se entregou. Ele se recusa a dizer o nome dos outros caras, no entanto. Os policiais estão esperando para falar com você para ver se quer apresentar queixa.

Ele balançou a cabeça minuciosamente. — Nenhuma acusação.

Eu tinha imaginado que era isso que ele diria.

Minha voz assumiu um tom frustrado. — Se você se recusa a prestar queixa, então você tem que me *prometer* que isso termina aqui. Porque eu estou te dizendo, Jordan, eu não quero nunca mais te ver assim de novo. Nunca. Eu não vou ficar parada e deixar que você se autodestrua devido a um estranho senso de... justiça... ou satisfação. Se você não pode seguir em frente, não vejo como nós podemos ter um futuro.

Deus, eu não quis dizer aquelas palavras, mas eu precisava chocá-lo para fazê-lo ver o sentido.

Seus dedos apertaram os meus com força.

— Eu nunca vou esquecer o que eu fiz, Torrey.

— E eu não espero que você faça. Mas você tem que *viver* e não existir em algum meio-mundo crepuscular. Quero compartilhar um futuro com você, Jordan, mas não desse jeito. — minha voz tremeu. — Eu não posso.

Ele tentou respirar fundo, mas as dores de suas costelas quebradas drenaram o sangue de seu rosto.

— Não mais. — ele sussurrou. — Juntos. Nós ficaremos juntos.

— A dívida está paga?

Ele hesitou.

— Eu vou pagar até o dia da minha morte, querida, mas vou viver, não mais desperdiçando minha vida.

— Você promete?

— Prometo.

Ele estava deitado em silêncio enquanto eu desenhei círculos lentos sobre seu pulso, esfregando o dedo sobre sua tatuagem. Alívio aquecendo todo o meu corpo, e eu senti um brilho de amor para o homem deitado ao meu lado.

Jordan ainda estava dormindo, auxiliado por remédios, quando seu médico chegou para as rondas matinais.

Ele me ignorou completamente, folheando o prontuário que estava no pé da cama de Jordan, em seguida, latindo algumas instruções para os que o estavam seguindo.

Quando ele se virou para sair, ainda sem falar comigo, eu estava soltando fumaça. Minhas ultimas 24 horas foram terríveis e atingi o meu limite.

— Ei! — eu esbravejei. — Estou sentada aqui! Eu existo!

— Desculpe-me. — ele disse, com altivez.

— Doutor...?

— Dr. Markov.

— Bem, Dr. Markov, como escapou de sua atenção, eu gostaria de salientar que o seu paciente tem uma relação com a pessoa sentada ao lado da cama, esperando um pouco ansiosa para ouvir um relatório de como ele está progredindo depois do procedimento cirúrgico e uma surra severa. — eu estava pegando o jeito. — Posso lembrá-lo de seu dever *primum non nocere*[30], e agora isso incluiu não elevar minha pressão arterial acima de seu confortável nível de 120/80. Então, por favor, tenha a bondade de me dizer como diabos o meu noivo está!

Ele piscou várias vezes conforme meu tom de voz ia subindo, e vários dos estudantes que o acompanhavam pareciam nervosos. Sim, bem, eles poderiam aprender uma lição de boas maneiras, junto com o Dr. Imbecil.

— Hã. A pressão arterial do Sr. Kane está estável; sua circulação parece boa. Eu acredito que a cirurgia de retina foi bem sucedida e que o Dr. Linden está satisfeito com ela. Não há sangue em sua urina, o que é um bom sinal, especialmente depois de receber golpes nos rins. Em suma, ele está indo bem.

— Muito obrigada. — eu bati de volta. — Da próxima vez eu gostaria de obter informações sem eu ter que extraí-las cirurgicamente de seu ânus!

Sua boca caiu aberta, depois fechou num *click*. Ele saiu do quarto, mas não antes que eu vislumbrasse sorrisos nos rostos de alguns dos alunos.

Jordan abriu o olho bom. — Acho que o assustou, rojão.

— Ah, você está acordado!

— Não tenho muita escolha com essa gritaria.

---

[30] Princípio hipocrático, que significa mais ou menos: "Antes de tudo, não cause dano, não prejudique o paciente".

— Sinto muito. É que ele me irritou tanto!

Jordan deu uma risada suave. — Sim, eu notei. Você parecia um verdadeiro advogado até a parte em que lhe disse que ele tinha a cabeça enfiada em sua bunda. Mas, até mesmo isso soou elegante.

Eu sorri e acariciei-lhe o braço, feliz que ele sentia-se bem em fazer piadas.

— Bem, eu fui assistente jurídica por três anos; peguei alguns truques.

Ele me olhou pensativo.

— Você quer voltar a fazer isso, querida?

Eu balancei a cabeça enfaticamente.

— Sim, eu quero. Mais do que nunca.

Ele franziu o cenho para mim. — Por que isso?

— Bem, os advogados veem os estagiários como baixo escalão, 'secretário glorificado', como eu era chamada, quando o advogado era um idiota, mas nós somos os únicos que podem falar com os clientes claramente. Eu não posso aconselhar ninguém, mas posso explicar o conselho que lhes foi dado em palavras que eles entendem. As pessoas acham advogados intimidantes. Eu não sou assim.

Jordan riu baixinho e pegou a minha mão na dele.

— Querida, você acabou de intimidar o médico. Você me intimidou a primeira vez que te conheci, e praticamente todos os dias desde então.

Fiquei surpresa. — Eu não! Eu fiz?

— De um jeito bom. — disse ele, suavemente. — Você é tão destemida, tão direta. Você não toma merda de ninguém e você diz as coisas como elas são. Eu amo isso em você. Eu acho que você seria uma grande auxiliar jurídica. Inferno, você seria uma grande advogada, se você quiser ser.

Eu enruguei meu nariz. — Nah, eu tentei a faculdade de direito. Não aguentei. Eu gosto do meu trabalho, ou eu vou quando eu começar outro. Eu estava pensando que talvez eu possa fazer um Doutorado. Talvez.

Ele ficou em silêncio por um momento. — Você sabe que eu vou apoiar o que você quiser fazer, certo? Se você quiser voltar para a escola. O que você quiser, nós vamos fazer isso acontecer.

— Isso vale para você também, Jordan.

Ele fechou o olho bom, uma expressão pacífica em seu rosto machucado.

— Isso meio que soa como se estivéssemos planejando o futuro, querida.

Eu sorri para mim mesma. — Parece. — eu concordei.

Eu olhei para cima, quando a porta do quarto de Jordan abriu silenciosamente e seus pais entraram.

— Seu pai está aqui. — eu sussurrei, correndo um dedo pelo seu pescoço. — E a sua mãe.

Jordan olhou para cima, Paul entrou em seu campo de visão.

— Como você está filho?

Eu acho que Jordan tinha a intenção de dar de ombros, mas fez uma careta em seu lugar.

— Já estive melhor. Ok, eu acho.

— Mamãe está aqui.

Jordan não respondeu, então Gloria se adiantou.

— Ouvi dizer que você ficou noivo. — disse ela.

Jordan piscou algumas vezes e jogou o seu olhar para mim, em seguida, começou a sorrir.

— É isso que você ouviu?

Eu apertei sua mão. — Claro, teremos um longo caminho de recuperação.

Ele pareceu confuso por um momento e um pouco de seu sorriso brilhante desapareceu. Ele olhou friamente para a mãe.

— Por que você está aqui, mamãe?

Gloria engoliu algumas vezes. — Bem, seu pai telefonou para me contar o que aconteceu. Apesar... de todas as coisas... eu queria ter certeza de que estava... tudo bem.

Jordan deu uma risada curta, cínica, que terminou com um suspiro de dor.

— Sim, eu estou bem, mamãe. Nada para se preocupar.

Houve um silêncio constrangedor e Jordan virou a cabeça.

— Certo. — eu disse. — Acho que devemos deixá-lo descansar agora.

— É claro. — Paul concordou rapidamente.

Gloria apenas balançou a cabeça e saiu do quarto.

— Fique comigo, querida. — Jordan murmurou com a voz sonolenta.

— Sempre. — eu sussurrei.



Jordan estava dormindo por mais de uma hora. Todo esse tempo, ele não soltou a minha mão. Sentei-me ao lado dele, observando seu peito subir e descer de forma constante.

Quando a porta se abriu, fiquei surpresa ao ver que tínhamos um novo visitante.

— Olá, Torrey.

Eu congelei e olhei-a com cautela enquanto ela pairava perto da porta.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu vim ver Jordan. E você.

— Realmente, mãe? — eu disse, sarcasticamente.

— Sim, realmente, Torrey. Para ser honesta, eu venho tentando pensar no que dizer a você por um tempo. Quando isso aconteceu com Jordan, eu percebi que eu tenho sido tão...

— Hipócrita? Arbitrária? Santa?

Ela deu um pequeno sorriso.

— Sim, tudo isso. Posso entrar?

— Ele está dormindo.

— Eu gostaria de falar com você, se me permite?

Eu balancei a cabeça cansada, e ela empurrou a porta totalmente aberta e entrou.

Assim que ela viu o corpo maltratado de Jordan, ela ofegou.

— Oh não!

Olhei para ela.

— Ah, sim, mãe. Isso é o que eles fizeram com ele. Espancaram-no, chutaram-no, enquanto ele aguentava, então bateram nele um pouco mais. Quando ele estava inconsciente, eles pararam. Ele não revidou. Ele nem sequer tentou se defender.

— Mas por quê?

— Sério? Como você pode fazer essa pergunta com uma cara séria?

Sua expressão era confusa e cheia de dor.

— Desde que ele saiu da prisão e voltou para cá, todos estão tratando-o como se ele fosse lixo, como se ele merecesse que isso acontecesse. Então, adivinha? Ele acreditou. Ele acreditou em pessoas como você que acha que ele merece ser punido. Parabéns, mamãe. Jordan concorda com você. Ele acha que é um pedaço de merda.

— Não! Eu nunca... Torrey, não! Eu nunca disse isso!

— Ah, vamos lá, mãe! Seu grande discurso com ele sobre suas 'obrigações morais'? Ele escolheu o amor, assim como eu. E essas pessoas... — eu acenei para o rosto machucado de Jordan. — Elas escolheram o ódio.

Ela engoliu em seco, várias vezes.

— Você o ama?

— Sim, mamãe, eu amo. Eu não escolhi um ex-presidiário só para te chatear, não importa o que você pensa. Jordan é uma boa pessoa, uma pessoa amável e ele me faz feliz, quando ele não está apanhando devido ao senso de honra estranho. E, acredite, já conversamos sobre isso. Antes dele, era apenas uma série de caras sem rosto. Ele me fez acreditar em mim mesma, mãe. Porque ele me ama.

— Oh, Torrey! Eu sinto muito. Eu gosto de Jordan, eu gosto. Mas eu *amo* você. Tudo o que importava era o seu bem-estar.

Olhei para ela com frieza.

— Bem, isso não é apenas verdade, mamãe, não é? Você se preocupa mais com a sua reputação como guardiã da moral da comunidade. Não poderia suportar saber que sua filha transava com o leproso da cidade.

Seu rosto ficou vermelho, e ela olhou para baixo.

— Eu tentei fazer a coisa certa por você, assim como pela minha consciência. Mas eu não sou perfeita, e eu nem sempre acerto. Eu realmente sinto muito sobre o que eu disse, Torrey. Sobre você, sobre Jordan. Você está

certa, foi um caso grave de padrões dúbios. Mas eu espero que você acredite em mim quando eu digo que eu estava preocupada com a minha filha. Eu estava me comportando como uma mãe, não como uma religiosa. Eu tive tempo para examinar minha consciência. Tenho orado muito.

Revirei os olhos. — Ótimo. Será que você tem um bom conselho desta vez?

— Eu estou aqui, não estou? — ela atirou de volta.

Eu tinha que sorrir para isso. — Sim, eu acho.

— Então. — disse ela, lentamente. — Como estão as coisas com você e Jordan?

— Estava ficando muito bom. Nós estávamos fazendo planos para o futuro.

— E agora?

— Honestamente, Mãe, eu quero dizer que nós vamos ficar bem...

— Mas?

— Mas eu preciso que ele pare de se culpar pela morte de Mikey. Quer dizer, ele simplesmente deixou esses caras baterem pra caralho nele. Ele apenas ficou lá. E você sabe o que ele me disse? Que ele foi 'pagar uma dívida'. Quando ele vai acabar de pagar? Quando ele vai começar a viver a sua vida? Por nós?

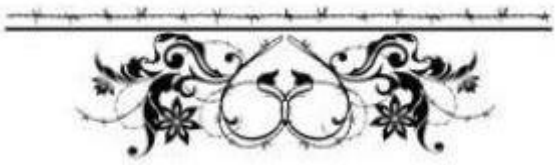
Mamãe suspirou e balançou a cabeça.

— A culpa é um fardo terrível. — disse ela em voz baixa, olhando para mim. — Acredite em mim, eu sei.

Eu entendi o que ela estava dizendo. Gostei disso, mas isso realmente não ajudou.

Ela não ficou muito tempo depois disso. Mas pouco antes de sair, ela se abaixou e sussurrou algo para Jordan. Eu não consegui ouvir o que ela disse, mas parecia que ela tinha feito as pazes com ele. Conosco.

Capítulo Quinze - Almas



Torrey

— Um mês inteiro sem sexo? Porra, você está brincando comigo? — Jordan falou gritando, seu rosto incrédulo, com os olhos feridos.

Eu cruzei os braços.

— Não. Nada de sexo. Ordens dos médicos.

Peguei o folheto que tinha sido dado quando ele recebeu alta depois de quatro dias no hospital, e acenei-o em seu rosto: *O que esperar após a cirurgia de retina*. Quando ele me ignorou, eu puxei o folheto, abri e li a seção relevante em voz alta.

— A *primeira semana após a cirurgia deve ser reservada para o descanso com apenas movimentos lentos e cuidadosos*. — eu anunciava com cuidado. — *'Atividade pode ser retomada depois de um mês, mas o trabalho pesado, por exemplo, com objetos com mais de 20 quilos, bem como atividades extenuantes devem ser evitados enquanto o olho continua a se curar.'* Então, basicamente, Jordan, se o seu olho não se curar corretamente, você não vai ficar com alguém, mesmo *depois de* um mês inteiro. Nós *não* estamos arriscando a sua visão. Você ficou sem sexo por oito anos, você pode gerenciar alguns meses.

Ele chegou em casa do hospital há menos de meia hora e já tinha me implorado para ficar nua com ele.

— Quer dizer, caramba! Olhe para você! — eu assobiei, não querendo que seus pais ouvissem a nossa discussão íntima. — Você está todo machucado e as costelas quebradas são uma merda! Além de chupá-lo, não há muito mais que possamos fazer de qualquer maneira.

Seus olhos se arregalaram e ele lambeu os lábios. — Uh, isso soa muito bem, querida.

— De jeito nenhum. — eu disse, balançando a cabeça, irritada comigo mesma por lhe dar falsas esperanças. — Deus sabe o dano que você faria! Ter um orgasmo é como espirrar. Suas costelas iriam quase matá-lo, e muito menos o que ele poderia fazer a seu olho. Pergunte-me novamente em um mês.

Seu rosto caiu e foi bem trabalhoso não rir.

Ele mordeu o lábio, pensando muito.

— Bem, que tal se eu fizer em você? — ele perguntou, esperançoso.

Eu não tinha pensado nisso. Huh, eu tinha que admitir que gostava da forma como sua mente trabalhava.

— Isso é, definitivamente, um talvez, mas agora você precisa descansar.

Apesar de suas objeções, ele estava obviamente exausto. Eu o ajudei a tirar suas calças e camisa, tentando não estremecer quando vi novamente as manchas de hematomas amarelos que cobriam o peito, quadris e costas. Pelo menos, o inchaço em seu rosto tinha diminuído, mas ele tinha que usar uma capa de proteção sobre o olho durante o dia, e, pelas próximas duas semanas, durante a noite para evitar que ele passasse a mão ou danificasse o olho em seu sono.

Eu tinha acabado de puxar o lençol ao seu redor, quando houve uma batida na porta.

— Tudo bem?

A voz de Gloria estava hesitante do outro lado, mas Jordan franziu o cenho.

— O que ela quer? — ele retrucou, sem se preocupar em manter a voz baixa.

Dei de ombros.

Gloria tinha começado a tentar fazer um pouco mais de esforço em relação a Jordan desde sua visita no hospital, mas eu tinha medo que fosse muito pouco, muito tarde. Eu esperava que estivesse errada. Inferno, Jordan era a pessoa mais tolerante que eu já conheci, mas sua paciência estava desgastada agora, especialmente com os pais. Ironicamente, foi por causa da atitude anterior de Gloria comigo, e não o que ela o fez passar ao longo dos últimos oito anos.

Sua relação com Paul era mais tênue, também. Ele parecia pensar que o pai dele tinha escolhido um lado por tê-la deixado voltar para casa. De uma forma ou de outra, Paul estava entre uma rocha e um lugar duro. Eu senti pena dele, mas a minha prioridade era Jordan.

Eu abri a porta e encontrei Gloria esperando do lado de fora com duas canecas de chá de ervas.

— Eu pensei que você poderia estar com sede. — disse ela. — É chá de ervas... você mencionou que ele não deveria ter cafeína, então...

— Ah, certo. Obrigada. — eu disse, aceitando as bebidas. — Jordan vai tirar um cochilo agora.

Seu rosto enrugou.

— Mas eu tenho certeza que ele vai querer beber isto antes. Obrigada, Gloria. Isso foi muito gentil de sua parte.

Atrás da porta, Jordan estava fazendo careta e balançando a cabeça.

Fechei a porta de novo e tentei dar-lhe a caneca com o chá. Ele torceu o nariz.

— Eu odeio essa merda.

— Cale a boca e beba. Você não está bebendo café. Não enquanto você está tentando descansar.

Ele cruzou os braços sobre o peito e olhou revoltado.

— Ela está tentando, Jordan. — eu disse, em voz baixa.

Ele me lançou um olhar amargo. — Quando você se juntou a equipe alegria?

— Não seja um idiota. Ela sabe que nós sairemos daqui logo que a sua liberdade condicional terminar. Ela quer fazer as pazes com você. Finalmente.

Ele suspirou profundamente. — Eu sei. Eu apenas não me importo, e eu não tenho certeza se quero mais isso.

— Talvez não seja sobre o que você quer. — sugeri. — Talvez seja sobre *ajudá-la* a superar a morte de Mikey e tudo o que aconteceu. Ela sabe que ela foi uma mãe de merda nos últimos oito anos, mas você disse que ela não foi sempre assim. Se tudo o que ela pode fazer para você é um chá de ervas péssimo, então, tudo bem, é melhor do que nada. — eu olhei para ele diretamente. — É melhor do que ela te odiar.

— Sim, sim. Ok, eu entendo. Ainda odeio isso. Porra tem gosto de mijo. — ele gemeu, levando a caneca.

Eu sorri, porque eu sabia que isso significava que ele iria deixá-la entrar, eventualmente.



No dia seguinte, as minhas palavras voltaram a me morder na bunda. Claro.

Eu tive tempo suficiente para obter um pouco de suco para Jordan e um prato de ovos mexidos, cortesia da Gloria. Então, eu empurrei mais alguns analgésicos para ele e ajudei a cuidar de seu olho. Apenas fazer isso o desgastou, então eu o deixei voltar a dormir, enquanto eu tomava banho e me vestia.

Paul dirigiu-se para o trabalho e Gloria deixou um bilhete dizendo que ela tinha ido à loja. Eu fui deixada vagando pela casa sozinha.

Acabei no quarto de Mikey. Era menor do que o mausoléu que tinha sido, mas ainda parecia como se estivessem esperando por ele para voltar para casa. Fiquei triste.

Peguei seu anuário e comecei a olhá-lo. Eu folheava as fotografias, via fotos de Mikey em todas as outras páginas: o time de futebol, o baile de formatura, prêmios para o melhor sorriso, o melhor corpo e o cara com mais chances de sucesso. Ele também ganhou o de mais agitada e maior festa animal. Eu gostaria de colocar adesivos nessas páginas e fazer Gloria olhar para elas. Mas qual seria o ponto.

Então eu vi uma fotografia que me fez parar: Mikey, Ryan e Jordan. Mikey estava no meio e eles estavam todos de pé com os braços ao redor dos ombros uns dos outros, sorrindo para a câmera. Você podia ver que Mikey e Jordan eram irmãos. Jordan era o mais alto, mas mais leve do que ele era agora. Ele parecia muito mais um garoto. Essa foto deve ter sido tirada apenas alguns meses antes do acidente. A legenda dizia: *Melhores Amigos, 2006.*

Meus pensamentos foram interrompidos por uma batida na porta da frente. Deus, eu esperava que não fosse uma inspeção surpresa da liberdade condicional. Essa seria a última coisa que Jordan precisava. Ou eu.

Mas, quando eu a abri, não havia ninguém da equipe de liberdade condicional.

— Olá, Torrey. Posso entrar?

— O que você está fazendo aqui, mãe?

— Bem, depois da nossa conversa, eu senti que gostaria de falar com Jordan, também, se estiver tudo bem. Eu queria pedir desculpas a ele pessoalmente.

Eu abri mais a porta. — Ele está dormindo no momento. Ele estava muito cansado.

— Talvez eu pudesse esperar?

Suspirei e acenei para que ela entrasse.

— Sim, tudo bem. Ele provavelmente estará acordado em breve. Você quer um café ou algo assim? Eu não posso beber na frente de Jordan, pois ele deve estar fora de cafeína por agora.

Ela sorriu.

— Isso soa maravilhoso. Você sempre fez o melhor café.

— Sim, quase uma profissional. — eu disse, insolentemente.

Ela me seguiu até a cozinha enquanto eu passava um café fresco.

— Eu aposto que você está feliz em tê-lo... em casa.

Eu joguei um olhar por cima do meu ombro.

— Eu não acho que isso seja um lar para ele, mãe. Para qualquer um de nós.

Ela hesitou por um momento.

— Você sempre pode voltar para mim, para a Reitoria.

— Eu não vou deixá-lo aqui! — eu bati.

— Eu não quis dizer isso, eu quis dizer que ambos poderiam voltar se quisessem.

Eu pisquei para ela com surpresa.

— Sério?

— Sim, é claro. Você é minha filha... e pelo que eu ouvi Jordan vai ser o meu genro, embora eu não veja um anel em seu dedo. — ela fez uma pausa quando eu não disse nada. — É verdade?

— Talvez, sim. Eu só disse isso para o pessoal do hospital, porque eles não estavam me dizendo nada, mas sim, ele mencionou isso para mim.

— E então?

— E eu não tenho a melhor opinião sobre casamento.

— Oh, entendo.

Dei de ombros.

— Eu não sei, mãe. Acho que Jordan planeja me desgastar, até que eu me canse e diga sim.

Ela sorriu e seus olhos brilhavam com diversão.

— Eu acho que ele será um bom marido para você, Torrey. Você precisa de alguém para ficar perto.

Seu otimismo estava me deixando desconfortável.

Terminei meu café e me levantei. — Vamos lá, então. Apenas... não perturbe-o, mãe. Ele já passou o suficiente.

Ela balançou a cabeça. — Eu só quero falar com ele, isso é tudo.

— Sim, bem, as palavras podem machucar tanto quanto os punhos. — eu apontei.

Ela assentiu em acordo, e fizemos o nosso caminho até as escadas.

— Só me dê um segundo enquanto eu o acordo. Se você andar perto dele agora, ele pode pensar que está recebendo a extrema unção.

Mamãe revirou os olhos. — Muito engraçado, Torrey.

Sim, só que eu não estava brincando.

Abri a porta e entrei, mesmo estando acostuma a ver os hematomas, ainda feria olhar para ele.

Ele abriu o olho bom quando eu me sentei na cama ao lado dele e sorriu.

— Eu certamente gostei desse sonho. — disse ele. — Quem é você, linda?

— Ha-ha. Se isso fosse um sonho, você não estaria todo machucado.

— E você estaria nua. — acrescentou ele, piscando para mim.

— Segura a onda, cowboy. Minha mãe está lá fora e quer falar com você.

Ele pareceu confuso por um segundo, então o seu olhar ansioso estava de volta.

— Ela quer me ver?

— Especificamente, ela quer pedir desculpas a você.

— Para que?

A cabeça de mamãe espiou pela porta. — Algumas coisas, Jordan. Apenas algumas coisas.

Ela estremeceu quando entrou no quarto, chocada novamente quando viu seu corpo machucado e surrado e o tapa olho em seu rosto.

Ele resmungou algo em voz baixa e se esforçou para sentar-se.

— Como você está, Jordan? — disse.

— Tudo bem. — respondeu ele, automaticamente.

Mamãe fez uma pausa. — Bem, eu estou feliz por você estar fora do hospital. Eu fiquei... preocupada quando soube o que tinha acontecido.

Engoli a observação que estava na ponta da minha língua para cuspir nela. Ela disse que tinha vindo para se desculpar. Eu sabia que deveria deixá-la fazer isso.

Jordan simplesmente olhou para ela, seu rosto deslizando em uma máscara ilegível e fria.

Mamãe sentou-se na cadeira de madeira ao lado da cama.

— Eu lhe devo um pedido de desculpas, Jordan. Como a minha filha tem apontado, com razão, em várias ocasiões, eu fui culpada de padrões duplos. Eu pregava a tolerância e o perdão, mas não os praticava. Por isso, eu sinto muito. O que aconteceu com você, e eu não me refiro apenas a isso. — ela acenou em direção ao seu corpo danificado — A vida tem sido muito dura. Espero que você possa me perdoar por acrescentar mais dor ao seu fardo.

Jordan parecia desconfortável e olhou para mim. Dei de ombros. Perdoá-la era sua decisão. Eu já tinha. Mais ou menos.

— Sim, claro. — disse ele, por fim.

— Obrigada. — disse ela, em voz baixa. — Você se importaria se eu orasse por você? Por vocês dois? — ela olhou para mim e sorriu. — Eu farei isso rápido.

— Vá em frente, mãe.

Ela pegou a mão de Jordan na dela, e ele me deu um olhar de pânico. Eu balancei a cabeça ligeiramente, sorrindo para sua expressão.

— Senhor, você é amoroso, bondoso e misericordioso. Cria em nós, hoje, novos corações limpos que possam perdoar aqueles que transgridam contra nós e contra você. Restaura todos nós para a alegria da tua salvação, o dia de hoje e sempre. Amém.

Ela olhou para cima. — Curto, doce, diz tudo, você não acha?

— Hum, sim? — Jordan concordou, hesitante.

Eu dei-lhe um pequeno sorriso. — Boa, Rev.

Ela ficou mais alguns minutos, perguntando sobre nossos planos para o futuro. Ela parecia triste quando eu disse que estaríamos indo para longe, logo que a liberdade condicional de Jordan terminasse e ele fosse liberado para viajar.

— Você vai manter contato, Torrey? — ela perguntou, com uma expressão resignada.

— Claro, mãe. — eu respondi, rapidamente.

Ela assentiu com a cabeça, mas não aceitando muito.

Depois que ela saiu, eu voltei para ver Jordan.

— Não foi tão ruim, não é? — ele sorriu para mim. — Estou feliz por você e sua mãe estarem se falando novamente. Não ficou muito claro se vocês estavam brigadas.

Mordi o lábio por um tempo, mas assenti.

— Sim, a vida é muito curta para ficar irritada com as pessoas, não é?

Ficamos em silêncio, cada um perdido em seus pensamentos separados.



No dia seguinte, a Oficial Carson veio fazer uma visita.

Jordan tinha acabado de acordar, então eu a fiz esperar na sala enquanto eu o ajudava a se vestir. Era muito doloroso para ele tentar colocar uma camiseta sobre a cabeça, de modo que ele estava usando uma camisa de botão velha de Mikey. Gloria não se opôs quando eu invadi o armário no quarto de Mikey; ela até me ajudou a lavar as roupas que eu tinha pegado tirando, assim, os oito anos de coleta de poeira.

Deixei Jordan vestir suas próprias calças, apesar de sua insistência de que eu ajudar com isso era a melhor parte de se vestir.

Voltei para baixo para ter uma conversa de mulher para mulher com a Oficial Carson.

— Eu espero que você não o faça realizar um teste de drogas. — eu disse, rapidamente. — Porque metade do tempo ele está alto como uma pipa maldita com todos os analgésicos, e eu tenho usado álcool para limpar em torno de seus olhos, então ele falhará no teste EtG, também.

— Não, está tudo bem. — ela sorriu. — Não se preocupe Torrey. Na verdade, não vamos nos preocupar mais com isso tudo.

Eu não sabia o que ela queria dizer, mas deixei-a ir, quando ela olhou para cima, vendo que Jordan caminhava lentamente para a sala, segurando suas costelas.

— Olá, Jordan. — disse ela, levantando-se para apertar sua mão. — Como você está?

— Tudo bem. — disse ele, automaticamente.

Nós duas olhamos para ele, com contusões multicoloridas, o tapa-olho, sua postura dolorosa, então, ao mesmo tempo, ambas caímos na gargalhada, Jordan juntando-se a nós com relutância.

— Oh, merda! — ele engasgou, sua risada terminando abruptamente. — Isso dói!

— É claro, seu idiota! — eu ri. — Sente-se, antes que caia e eu tenha que arrastá-lo para fora do tapete.

— Bem. — disse a Oficial Carson quando estávamos todos sentados. — Eu tenho uma boa notícia. Eu vim aqui para dizer, Jordan, que você foi isento de novos testes de drogas e álcool. Parecia apropriado dado às circunstâncias.

— Isso é ótimo! — eu disse, alegremente. — Obrigada! Nós não queremos ter que caminhar até a cidade.

Jordan ficou em silêncio, de modo que lhe dei uma cotovelada nas costelas. Ele gritou e me lançou um olhar ferido.

— Oops, desculpe! Foi mais forte do que pretendia, mas você deveria agradecer a Sandy!

Oficial Carson sorriu. — Não se preocupe, Torrey, isso é bom. Eu tenho certeza que é uma responsabilidade muito grande, mas, eu tenho mais algumas boas notícias: em primeiro lugar, você não tem que escrever o seu relatório deste mês, Jordan, e... — ela fez uma pausa de efeito — a sua liberdade condicional oficialmente termina à meia-noite. Diminuí alguns meses.

Nós dois estávamos em silêncio.

— Então é isso. — disse ela gentilmente, interpretando corretamente o nosso silêncio como um choque espantado. — Você é um homem livre, Jordan. A sociedade acredita que tenha cumprido a sua dívida integralmente. Cabe a você agora.

— Oh meu Deus! — eu disse, jogando meus braços ao redor do pescoço de Sandy com lágrimas em meus olhos. — Muito, muito, obrigada!

Jordan parecia atordoado.

— É isso? Eu estou... eu estou livre?

Oficial Carson sorriu e tossiu um pouco, parecendo engasgada. Eu juro que ela estava limpando uma lágrima de seus olhos, também.

— Sim, Jordan. Você é um homem livre. Parabéns.

Ele levantou-se e ofereceu-lhe a mão.

Meu coração gritava e minhas pernas estavam trêmulas. Em seguida, eles apertaram as mãos por alguns instantes.

— Meu trabalho aqui está feito. — disse ela, em voz baixa. — Boa sorte para vocês dois.

Ela sorriu de novo, então eu a levei até à porta e acenei quando ela foi embora.

Jordan estava sentado no sofá quando voltei com a expressão ainda atordoada.

— Uau! — eu disse.

Ele parecia congelado no local.

— Jordan, isto é imenso! Você está livre!

Sentei-me ao lado dele e passei meus braços ao redor de seu pescoço com cuidado, delicadamente me dobrando em torno de seu corpo trêmulo.

Ele enterrou o rosto no meu cabelo enquanto soluços sacudiam seu corpo.

— Livre! — ele disse.



Jordan

Era impossível absorver tudo.

Eu sabia que deveria comemorar, mas eu me senti vazio. Por muito tempo eu tinha sido identificado como alguém fora da sociedade: primeiro como um condenado, então, como ex-presidiário em liberdade condicional. Mas agora...

— Está tudo bem. — disse Torrey me tranquilizado, no final da tarde.

Estávamos deitados no sofá juntos, Torrey enrolada cuidadosamente ao meu lado. Normalmente, quando estávamos assim, ela estaria deitada sobre mim. Eu sentia falta de ter a cabeça dela no meu peito, e o seu cabelo macio, caindo sobre meu corpo. Mas era fodidamente doloroso ter seu peso sobre mim. Não só isso, mas apenas respirar doía, eu tinha uma dor de cabeça enorme, e meu olho esquerdo estava pulsando como um bastardo. Eu estava tentando ignorar tudo isso e me concentrar na TV. Torrey ama programas de ficção científica e estávamos atualmente assistindo a reprises de *Star Trek: Next Generation*. Bem, ela estava. Minha mente estava a milhões de quilômetros de distância. Sim, muito irônico.

Ela olhou para mim. — Eu só posso imaginar o quão surreal isto é para você.

Eu balancei a cabeça, mas não respondi. Honestamente, eu não saberia o que dizer.

— Vai ficar tudo bem. — disse ela, de novo. — Assim que você estiver bem, podemos fazer qualquer coisa que quiser; irmos a qualquer lugar que quisermos.

— Sim, eu sei.

Eu não sabia.

— Não se preocupe, nós vamos trabalhar com isso. — ela hesitou. — Quando é que você vai dizer a seus pais?

Meu pai tinha saído para trabalhar e mamãe tinha saído, sabe lá onde ela estava. Ela ficava fora do nosso caminho.

A Oficial Carson havia nos deixado há três horas. Eu poderia ter ligado para o meu pai em seu escritório, mas fiquei na defensiva.

— Eu não tenho certeza se eu vou dizer-lhes ainda. — eu disse, por fim.

Torrey estava intrigada. — Por que não?

Eu me mexi desconfortavelmente, tentando encontrar um pedaço de sofá que não doesse como uma cadela.

— Eu só não quero sentir... eu não sei. É como se eles esperassem algo mais de mim. Eu não quero essa pressão agora. Podemos deixá-los sem saber por um tempo?

Ela levantou as mãos. — Ei, você é quem manda! Estou feliz e orgulhosa de você. Eu quero gritar para que todos saibam. Mas se você não está pronto para isso, por mim tudo bem. Mas, hum, eu enviei um texto para Bev.

— Sim? O que ela disse?

Torrey riu. — Bem, seu primeiro texto era apenas uma palavra, pelo menos eu acho que era uma palavra. A mensagem dizia “Surpreendente”!

— Hum, ok?

— E a sua segunda mensagem dizia que queria vir com uma garrafa de champanhe. Não se preocupe. Eu disse que não. Ou melhor, eu disse a ela ainda não.

— Eu nunca bebi champanhe.

Ela olhou para mim.

— Só cerveja e, hum, vodka, uísque. Ryan tinha... havia vinho tinto em sua festa. Eu me lembro disso. Mas eu não acho que eu tinha essa bebida. Então, não, nada de champanhe.

— Estamos totalmente fazendo isso! — Torrey riu. — Você vai adorar. E vai muito bem com o sexo. Eu acho que são as bolhas.

Eu comecei a rir, em seguida, minhas costelas me lembraram de que não era uma boa ideia.

— Desculpe querido. — ela riu. — Oh, por falar nisso. Falei com o Hulk. Ele já tinha ouvido falar, é claro. Ele diz que o trabalho estará lá quando

você quiser e que eu deveria chutar o seu traseiro. Não sei por que ele disse isso, mas eu acho que foi um termo de carinho.

Eu resmunguei, não querendo pensar sobre Hulk e “carinho” na mesma frase. Era muito estranho.

— E sobre o seu trabalho, querida? — eu perguntei, temendo a resposta. — Você não pode ficar em casa bancando a enfermeira comigo para sempre.

Ela suspirou. — Não, isso é verdade. Mas Gus me deu o resto da semana de folga.

— Isso com certeza foi generoso de sua parte.

— Sim, bem, poderia ter algo a ver com o fato de que ele morre de medo do meu namorado!

Eu fiz uma careta. — Eu não teria pensado que ele teria medo de alguém que não luta de volta.

Meu tom era amargo, e Torrey me lançou um olhar que mostrou que ela ainda tinha uma espécie de raiva de mim.

— Sim, mas esses dias acabaram, não é?

Eu achava que sim.

— Sim. — eu disse, acenando com a cabeça lentamente. — Não mais passes livres para qualquer um. Da próxima vez, eu estarei chegando junto.

Torrey sorriu, satisfeita com a minha resposta.

E eu não estava mentindo para ela. Eu não estava em liberdade condicional mais: eu tinha os mesmos direitos que qualquer outra pessoa. Bem, quase. Eu não era burro o suficiente para pensar que, o meu passado não se voltaria contra mim, mas não significaria automaticamente voltar para a prisão também. E quanto a Ryan e qualquer outra pessoa que quisesse um pedaço de mim, da próxima vez, *eles seriam os únicos que apanhariam*. Eu finalmente

acreditei no que Torrey vinha me dizendo e que minhas dívidas foram pagas. Havia apenas uma dívida, e essa era com Mikey, aquela em que eu prometi a ele que viveria a minha vida da melhor maneira possível. Seria preciso uma vida inteira para pagar, mas eu estava bem com esse pensamento.



No dia seguinte, fomos visitados pelo detetive do hospital. Torrey disse que era o mesmo cara, Detetive Lopez, mas eu não me lembro. Eu estava provavelmente fora no momento.

Torrey ofereceu-lhe café. Ela estava sendo atenciosa, mas a ideia de agir como se eu estivesse fodidamente socializando com um policial estava me dando tremores e eu estava quase pronto para saltar para fora da minha pele. Eu provavelmente teria, se a respiração não doesse pra caramba.

— Olá, Sr. Kane. Meu nome é Detetive Lopez. Já tive o prazer de conhecer sua noiva.

Eu tive problemas para responder qualquer coisa sensata. Um detetive de polícia estava me chamando de *senhor,* que era simplesmente assustador. Além disso, Torrey e eu não tínhamos exatamente discutido a coisa toda do "noivado". Sinceramente, eu era uma espécie de "noivo" apenas para que ela pudesse usar esse status para obter informações no hospital. Talvez isso não signifique muito para ela, tendo em conta o seu ponto de vista sobre o casamento. Ouvir a palavra deveria ter me feito feliz, mas ao invés disso eu senti um choque de dor.

O detetive ainda estava olhando para mim, mas a minha boca se recusou a trabalhar; felizmente, Torrey assumiu.

— Obrigada por ter vindo, detetive. Eu estou supondo que você tenha alguma notícia para nós?

Ele se sentou em uma das poltronas e recostou-se. — Bem, sim e não. Ryan Dupont admitiu o ataque, como vocês sabem, mas se recusa a nomear seus cúmplices. Quero saber se você prestará queixa.

Olhei para Torrey. Eu tinha visto os hematomas em seus braços, e isso me deixou mais louco do que o inferno e eu me sentia culpado por ela ter se machucado por causa de mim. Ela cruzou os braços e olhou para trás. Ela sabia como eu me sentia sobre isso e nós tínhamos discutido o que eu ia fazer. Ou melhor, não.

— Não. — eu disse, em voz baixa. — Eu não vou prestar queixa.

— Senhorita Delaney?

— Não, nada de acusações.

Houve um curto silêncio.

— Eu vejo. — disse o detetive Lopez. — Posso perguntar por quê?

Deixei escapar um suspiro longo e doloroso.

— Ele era o melhor amigo do meu irmão.

No fim das contas, de todas as coisas que eu poderia ter dito, de todas as explicações que eu poderia ter dado, essa era a resposta mais simples para um estranho compreender.

Lopez concordou.

— Nesse caso, eu não vou ocupar mais do seu tempo. Sr. Kane, Senhorita Delaney.

Ele se levantou e estendeu a mão. Olhei para ele, perplexo, até que Torrey pigarreou. Levantei-me, também, e, timidamente, apertei a mão do rapaz.

Torrey foi à porta e, quando ela voltou, deu um beijo suave nos meus lábios.

— Por que isso?

— Preciso de um motivo?

— Não, querida, nunca.

Ela sorriu. — Eu acho que é porque isso significa que acabou, então selei com um beijo.

— Eu te amo, Torrey Delaney.

— Eu sei. — ela disse, e me deu uma piscadela.



As próximas três semanas foram chatas pra caramba, se descontado o fato de que estava muito tenso na casa tendo minha mãe e Torrey no mesmo edifício, mesmo quando não estavam na mesma sala. Elas eram civilizadas uma com a outra, mas não havia calor ali. Torrey estava distante com o meu pai, também, o que foi uma pena, porque eles estavam se dando tão bem antes. Eu pensei que fosse provavelmente porque eu estava bravo com ele por deixar mamãe voltar para casa, mas se havia outra razão, eu queria saber o porquê.

Depois de ter sido atipicamente evasiva, Torrey finalmente me disse que eu estava certo, mas era também porque ela descobriu que ele a tinha chamado de “lixo”. Ela estava realmente ferida por isso, e eu estava furioso que minha mãe teve o prazer em dizer isso a ela. Eu já sabia o que ele tinha dito, é claro, mas de todas as coisas que mamãe tinha feito para me machucar, a pior foi dizer a Torrey, o que seria uma das coisas mais difíceis de perdoar. Se ela tivesse apenas apontado o seu despeito a mim, eu poderia relevar, mas não quando ela feriu a mulher que eu amo.

Eu sabia que o meu pai tinha vergonha do que ela disse, e mamãe estava tentando fazer as pazes conosco, mas de alguma forma isso tinha cortado os finos cabos que nos uniam. Eu tinha uma nova família agora com Torrey.

Ela tinha que voltar ao trabalho ao final de contas. Um de nós precisava ganhar uma renda, e eu era tão útil quanto um bronzeado na Sibéria. Eu sentia falta dela como um louco e enviava um milhão de textos para ela todos os dias. Passei o resto do meu tempo lendo, apesar disso ser cansativo, com apenas um olho bom. Eu ouvia o rádio, ocasionalmente, assistia um pouco de TV. Fora isso, eu dormia muito.

Minha mãe não tentou forçar sua companhia a mim, embora ela comprasse comida e fizesse com que eu tivesse as refeições em intervalos regulares, apenas uma espécie de manter a coisa mais lenta. Mas eu perdi o apetite, desde que estive no hospital, e mastigar com o maxilar fraturado não era a coisa mais divertida. Eu tinha um monte de sopa e macarrão com queijo.

Mamãe me levava aos locais aquelas semanas. Era estranho. Nós não falávamos muito. Eu não acho que nenhum de nós sabia como. Eu acho que nós tentávamos.

Uma tarde, ela estava me levando para a consulta com o meu cirurgião ocular em seu escritório, mas paramos no ferro-velho primeiro.

— Como está se sentindo? — ela perguntou, hesitante.

— Tudo bem.

Houve uma longa pausa.

— Bom. — disse ela, por fim. — Torrey parece...

Quando ela não terminou a frase, olhei-a com expectativa.

— Ela parece boa para você.

Eu não sei se isso soava como se estivesse engasgada com as palavras, mas não parecia.

— Ela é. — eu respondi, brevemente.

Fim de conversa.

Ela passou a entrada do ferro-velho e estacionou perto do escritório.

Eu precisava ver Hulk e dizer a ele que eu não voltaria a trabalhar para ele. Eu poderia ter telefonado, mas o cara tinha feito muito por mim e eu lhe devia isso.

Minha mãe esperou no carro enquanto eu fui falar com ele. Ele estava sentado atrás de sua mesa tamanho infantil, superando-a como de costume.

Ele se levantou quando me viu, empurrando sua cadeira contra a parede. Em seguida, sem falar, ele passou os enormes braços em volta de mim e apertou com força.

— Não quebre minhas malditas costelas novamente! — eu gritei.

Hulk me soltou com um suspiro de diversão. Eu não achei que foi tão engraçado. Eu estava me curando bem, mas ainda era um processo em andamento.

— É bom ver você, garoto! — disse. — Ouvi dizer que você ainda fuma. Acho que é verdade.

— Sim. Não posso matar ervas inúteis, homem.

Ele olhou para mim avaliando.

— Eu imaginei que estariam juntos. Eu estou achando que você veio dizer adeus.

— Sim. Torrey e eu estaremos partindo em alguns dias. Novo começo, você sabe.

Ele balançou a cabeça, olhando para mim por trás das sobrancelhas espessas.

— Eu só queria agradecer a você, cara. — eu disse, me sentindo um pouco estranho em fazer a coisa emocionante com Hulk. — Se você não tivesse me dado um trabalho, inferno, eu provavelmente estaria com meus calcanhares de volta na prisão agora mesmo.

— Você está ficando mole comigo, garoto? — ele perguntou, roncando uma risada.

— Talvez.

Ele riu para si mesmo.

— Esse é o efeito das mulheres nos homens. Tenho que dizer, que sua menina manda muito bem. Ela pode montar um cavalo em minha corda a qualquer momento. Cuide daquele pequeno rojão - você obteve uma boa, garoto.

— Eu sei. Obrigado, Hulk. Eu não vou te esquecer.

Ele limpou sua garganta algumas vezes, e então ele me entregou um envelope.

— Um pouco de dinheiro para a viagem, garoto. E uma carta de referência, apenas no caso de você conseguir outro emprego tão bom como este.

Apertamos as mãos, e ele me deu um tapinha nas costas de novo.

— Vaya con Dios[31], garoto.

Ele não veio para o carro, mas eu podia ver sua silhueta maciça enquadrada na porta. Enquanto o carro da minha mãe ia embora, ele levantou a mão em uma saudação.

Eu olhei no envelope para ler a sua referência, mas fiquei surpreso quando contei US $ 1.000 em notas de cem dólares. Eu não esperava isso, mas eu sabia exatamente como eu queria gastar. Não seria para o dinheiro da gasolina, mas eu pensei que Hulk aprovaria a forma que eu estava pensando em gastá-lo.

À sua maneira, Hulk fez mais por mim do que meus próprios pais.

[31] Vá com Deus.

Eu ainda estava pensando em alguns dos bons momentos que eu tive no ferro-velho, quando chegamos ao consultório do médico para o último dos meus exames semanais.

De repente, eu estava ciente de que eu não tinha falado uma palavra para minha mãe desde que saímos do Hulk. Talvez ela pensasse que eu a estava castigando, mas eu não estava.

Apreciei ela estar fazendo coisas para mim, mas eu percebi que havia ainda muita água debaixo da ponte para podermos ter uma relação de verdade novamente. Eu estava bem com isso, e acho que ela também estava. Ela não agia como se me odiasse mais, e eu não queria agir como se eu precisasse dela. Estávamos bem, mais ou menos.

Duas semanas depois que Carson tinha vindo para me ver, eu finalmente admiti para os meus pais que eu já não estava em liberdade condicional. Agiram tranquilamente, sem dizer muito. Meu pai disse 'parabéns' e apertou minha mão. Mamãe parecia que ia chorar, mas eu não perguntei o motivo.

Saí do carro e virei-me para olhar para ela. Estava olhando para frente e não parecia inclinada a se mover.

— Eu acho que a consulta dura cerca de 30 minutos ou mais, mamãe.

Ela deu um aceno pacato, e eu deixei-a sentada ali, ainda segurando o volante.

Eu não tive que esperar muito tempo para ver o médico.

Era um mês após a operação do olho agora, e ele fez todas as verificações habituais e parecia satisfeito com a forma como tudo estava acontecendo. Melhor ainda, ele me deu o sinal verde para dirigir, mas apenas para curtas distâncias. Eu ainda não tinha permissão para voar por causa da altitude, mas, mesmo que provavelmente ficasse bem em alguns meses, não era como se eu estivesse pensando em férias no Havaí de qualquer maneira.

Me sentia um pouco mais sensível à luz naquele olho, que estava tampado, vivendo em uma parte ensolarada real do país. Talvez eu tivesse que ir

morar no Alasca depois de tudo. Ou talvez não, eu não acho que eu poderia lidar com o brilho da neve. Torrey me comprou um óculos aviador Ray Ban. Eu quase arrebentei um intestino quando eu descobri o quanto eles custaram. Ela apenas riu.

Mas, tanto quanto eu estava preocupado, a pergunta mais importante não tinha sido feita ainda. Então, durante esse encontro final, eu fiz dela a minha prioridade, uma vez que eu sabia que eu não estava ficando cego.

— Então, hum, doutor, você sabe o que diz no folheto sobre atividade extenuante?

— Sim, e mesmo agora, aconselhamos nenhum trabalho pesado. Nenhum levantamento de peso, por exemplo. — disse ele, olhando-me atentamente, e olhando incisivamente para meu bíceps. Pelo menos eu ainda tinha algum tônus muscular depois de ser uma maldita batata de sofá completa por um mês.

— Não, está tudo bem. Eu não tenho levantado pesos. Acabei de fazer alguns abdominais e flexões nesta última semana para me impedir de me tornar um vegetal completamente.

— Você corre Sr. Kane?

Eu realmente não poderia me acostumar com todo esse “Senhor”.

— Eu corria. Eu não comecei de novo. — eu apontei para o meu peito. — Costelas quebradas, também.

— Ah, é claro. Mesmo assim, eu não recomendo que você comece a correr novamente ainda. Talvez em alguns meses, quando as coisas se acalmarem.

Eu suspirei.

— E quanto a sexo, doutor?

— Desculpe?

— Por favor, me diga que eu estou bem para fazê-lo. Estou prestes a enlouquecer aqui!

— Ah, entendo. Bem, isso depende de como, hum, vigorosa a relação sexual é. Idealmente, eu não recomendo isso.

— Ah, inferno! Por quanto tempo?

— Bem, a atividade *suave* estará bem.

O que diabos isso quer dizer?

— Em Inglês, doutor?

— Ah, deixe sua parceira tomar a maior parte da, uh, tensão.

— Você quer dizer deixá-la ficar em cima?

— Isso seria uma forma de olhar para isso.

Ok, eu poderia viver com isso.

— Por quanto tempo? Quando nós podemos... fazer outras coisas?

Ele sorriu. — Sr. Kane, por mais frustrante que isso possa parecer, é realmente melhor apenas deixar a natureza seguir seu curso e permitir que o seu olho possa cicatrizar completamente. Dentro de dois ou três meses, você vai ficar muito bem e voltará a viver uma vida normalmente. Nós vamos ter que acompanhar o desenvolvimento da catarata, como você sabe. Mas, além disso, apenas tente levar as coisas suaves por agora.

Sim, claro como lama.

Eu me levantei.

— Obrigado por tudo doutor. Eu agradeço o que fez.

— De modo nenhum. Eu vou marcar um acompanhamento para você...

— Na verdade doutor, não estamos planejando ficar por aqui. Vamos começar de novo em algum lugar novo.

Ele pareceu surpreso.

— Então, se eu pudesse obter uma cópia do meu prontuário para levar comigo, isso seria muito útil.

— Eu certamente farei isso por você, Sr. Kane. — ele estendeu a mão para apertar a minha. — Boa sorte com tudo.

Enquanto eu caminhava para fora da porta, ele disse: — Lembre-se, nada vigoroso.

Bastardo.

Mas, ainda assim, era uma luz verde, tanto quanto eu estava preocupado.

Claro, organizar uma noite de romance não era tão simples como planejada em mente, eu ainda morava com meus pais, e minha mulher gritava muito.

Eu considerei as opções: até mesmo o mais barato motel teria destruído as minhas finanças. Eu tinha algumas centenas de dólares que eu economizei de um par de salários do Hulk, mas o bônus que ele tinha dado estava reservado para algo muito importante. O dinheiro era escasso no maldito momento e agora eu não podia trabalhar, e com os planos para começar de novo eu precisava economizar o que eu tinha.

No final, eu tive que recorrer à mendicância. Liguei para meu pai em seu escritório.

— Pai, qualquer chance que você possa levar a mamãe para passear em algum lugar hoje à noite?

Ele parecia confuso.

— Passear?

Revirei os olhos. — Sim, Pai, sair. Eu só gostaria de cozinhar para Torrey uma boa refeição e passar algum tempo a sós com ela.

Tempo sozinho pai! Pegue a maldita dica!

— Bem. — disse ele, hesitante. — Talvez eu pudesse levar sua mãe para jantar fora. Pode ser bom para nós, também. Tudo bem, eu farei isso. Estaremos em casa lá pelas nove horas.

— Você poderia assistir um filme depois. — sugeri.

Ele suspirou. — Eu vou perguntar a ela. Eu não estou prometendo.

— Obrigado, pai.

Minha mãe saiu de casa depois das 17:00h, o que me deu apenas meia hora para deixar tudo pronto.

Minhas habilidades culinárias ainda eram limitadas pelo meu orçamento, mas eu tive uma ideia. Eu tinha parado no Krogers para comprar um par de pedaços de truta, batatas assadas e um saco de salada. Eu esperava que o menu fosse lembrar Torrey de nosso primeiro encontro.

Porque eu estava com pouco tempo, eu coloquei as batatas no micro-ondas, em seguida, atirei-as no forno para assá-las, grelhei o peixe e me amaldiçoei por não ter comprado velas.

Caramba, eu costumava ser bom.

Fiz uma busca na garagem e encontrei um lampião antigo e um par de tocos de velas de emergência. Isso teria que bastar. Corri em volta como uma pessoa louca, dando os toques finais para o meu plano. No último minuto, eu me lembrei de que precisávamos de música. Eu vivi sem ela por tanto tempo, que simplesmente não era algo que eu normalmente pensava. Eu tinha guardado dinheiro para comprar um rádio na prisão uma vez, mas foi quebrado na primeira semana quando o cuzão do meu companheiro de cela entrou em uma briga com alguém que ele devia dinheiro. Eu não me preocupei novamente depois disso.

Torrey levara o iPod para trabalhar, sendo assim, eu encontrei um CD velho do *Smashing Pumpkins,* no quarto de Mikey e o coloquei. Eu tinha ouvido Torrey escutá-lo, assim eu esperava que fosse um bom começo para entrar no clima.

Não deu certo, é claro.

Ela entrou pela porta do quarto antes das seis, tarde o suficiente para me ter andando para cima e para baixo.

— Jordan Kane, você está fazendo alguma coisa! — ela gritou assim que ela pôs um pé através da porta.

Como diabos ela sabia? Essa maldita mulher era vidente.

— Ei, querida. — eu disse, varrendo-a em um abraço apertado. — Como foi seu dia?

— Excelente. Agora, por que você não me diz o que diabos está acontecendo? Onde estão Paul e Gloria? Seus carros sumiram.

— Fora. Temos todo o lugar para nós dois. Eu cozinhei para nós. Venha atrás de mim e fique à vontade.

Ela me lançou um olhar desconfiado.

— O que o médico disse sobre sua recuperação? Você deveria ter me enviado uma mensagem!

— Desculpe, querida, eu queria te dizer pessoalmente. É tudo de bom. E eu tenho uma cópia do meu prontuário para levar... bem, onde quer que iremos.

Ela sorriu e relaxou. — Ah, isso é ótimo, querido. Venha pegar um pouco de açúcar!

Ela fez beicinho com seus lindos lábios para mim, e eu não precisava de um segundo convite.

Tasquei bitocas em todos os cantos de sua boca e, em seguida, puxei seu lábio inferior com os dentes.

Quando ela abriu, eu beijei-a profundamente, deslizando minha língua contra a dela, completamente apanhado na forma como me sentia: seu doce sabor do café; a sensação de estar unido a ela, saboreando-a.

Nós tínhamos evitado fazer isso por todo um maldito mês porque era impossível para nós não nos deixarmos levar.

— Jordan. — ela murmurou contra meus lábios. — Pare de me tentar! Não podemos!

— Na verdade, querida, nós podemos. Tenho tudo mais claro desde o médico.

Ela deu um pequeno suspiro e atacou a minha garganta com a boca quente e úmida, fazendo-me gemer alto. Mas então ela se afastou.

— Espera só um maldito minuto. — ela retrucou. — Eu não tenho certeza se eu acredito em você! Diga-me *exatamente* o que ele disse.

Merda.

Eu não podia mentir para ela. Eu simplesmente não podia fazê-lo.

— Tudo bem, tudo bem. Ele disse que poderíamos ir em frente, enquanto nós não fizermos nada 'vigoroso'. Mas eu estou implorando, querida, eu sinto falta disso, de nós, tão mal...

Ela riu e ergueu as sobrancelhas. — Você pode ter relações sexuais, mas isso não pode ser 'vigoroso'? Isso é possível?

Não, eu não penso assim também.

Ela torceu o nariz, de repente, distraída. — Você está cozinhando alguma coisa?

Eu sorri. — Sim, truta e batatas assadas.

Ela sorriu para mim e deixou que seus dedos trilhassem pelas minhas costas, sobre a minha camisa.

— Você está tentando me seduzir de novo, Jordan Kane?

— Deus, sim! Como eu estou me saindo?

Ela sorriu para mim. — Não está ruim, embora ele realmente disse que não podemos fazer nada 'vigoroso'?

Concordei com rebeldia.

— Hmm, bem, eu acho que só temos que ser criativos. — ela sorriu. — Vamos comer primeiro, eu estou morrendo de fome.

Mesmo que o jantar tenha sido parte do plano, não pude deixar de me sentir frustrado que a comida ficou no caminho para eu levar minha mulher para a cama. Isso e o pensamento de tentar forçar a comida no meu estômago quando meu pau estava latejando na minha calça. Porra de sorte.

Distração. Comida.

Eu servi o peixe em pratos aquecidos e deslizei uma batata fora do espeto para ela.

— E, hum, há saladas, também. — eu disse, empurrando uma tigela de folhas e coco verde na frente dela.

— Obrigada, cowboy. — ela sorriu.

Ela sabia que eu odiava salada. Eu só não vejo o ponto disso.

— E, hum, não é só isso. — eu disse, pegando uma garrafa de champanhe na geladeira.

Torrey bateu palmas e observou eu tirar a rolha. Eu derramei duas taças e entreguei uma a ela.

— A nós, querida.

— A nós.

Bebi lentamente, surpreso com a forma como senti as bolhas em minha língua. Parecia estranho para mim. Sinceramente, eu tinha esquecido como era o gosto do álcool. Eu ainda não tinha tido uma cerveja no último mês. Apesar de não estar em liberdade condicional por mais tempo, Torrey tinha me proibido,

alegando que eu estava tomando muitas drogas e misturá-los não era bom. Isso não me incomodou.

Eu estava nervoso sobre beber novamente, mas eu queria que esta noite fosse especial.

O champanhe era meio doce, tipo marcante, e as bolhas fizeram minha língua formigar; todas as coisas que me lembravam de Torrey.

— Então. — disse ela, lentamente. — Eu acho que nós estamos realmente livres para decolar agora.

— Eu acho que nós estamos.

— Bem, para onde você quer ir?

Eu balancei minha cabeça. — Eu não me importo, contanto que seja com você.

— Não há planos afinal de contas?

— Querida, eu tive cada minuto de cada dia planejado para mim durante os últimos oito anos. Então vamos viajar e ver coisas, ir para longe. Falei com o Hulk e ele me escreveu uma carta de referência para que eu possa ser capaz de obter um emprego. Se você receber uma de Gus, nós vamos ser capazes de pegar um trabalho ocasional sempre que ficarmos sem dinheiro. Se encontrarmos um lugar que gostamos, eu acho que nós simplesmente paramos de dirigir. O que acha disso?

Ela sorriu. — Eu gosto dessa coisa de “sem planos”. O que temos para a sobremesa?

— Eu estava realmente ansioso para que você me perguntasse isso.

— Você está agora?

— A sobremesa é lá em cima.

Ela enrolou os lábios em um sorriso. — Eu pensei que poderia ser.

Nós tiramos os pratos da mesa e empilhamos tudo na máquina de lavar. Torrey pegou a garrafa de champanhe, que ainda estava meio cheia, e eu carreguei as taças.

Eu balançava levemente. Eu estava definitivamente ficando um pouco alto com a bebida. Decidi não beber mais; eu não queria estragar esta noite.

Deixei Torrey liderar o caminho até as escadas, e não apenas para apreciar a vista de seu traseiro, mas para ouvir seu suspiro de surpresa quando abrisse a porta do nosso quarto.

— Oh! Você... você fez tudo isso?

Eu balancei a cabeça, observando o brilho de felicidade em seu rosto quando ela olhou em volta. O lampião jogou uma faixa de sombras suaves ao redor do quarto, e as duas velas tremulavam com a brisa da janela aberta. Eu tinha enchido o cômodo com flores que eu colhi nos campos além dos choupos. Eu poderia citar algumas delas. Eu costumava pegá-las com a mamãe, quando eu era um garotinho. Havia margaridas, videira em chama, urze mexicana, borboleta serralha, e algumas flores cor de rosa que eu não tinha ideia de como eram chamadas. Pensei que Torrey gostaria delas. Elas eram selvagens e naturais, assim como ela.

— Jordan, é lindo! Está definitivamente começando a noite, cowboy.

— Graças à foda por isso! Minhas bolas não estão mais azuis, elas estão com um roxo anormal após dormir ao seu lado, noite após noite e não ser capaz de fazer nada sobre isso.

Ela riu. — Na cama, agora! Oh espere, tire a roupa primeiro!

Foi a minha vez de rir. — Você se esqueceu de como isso funciona?

Ela levantou uma sobrancelha. — Como você e eu tínhamos tido relações sexuais com a maioria das nossas roupas antes, porque você estava muito impaciente em me deixar nua!

Isso era verdade.

Eu coloquei meus tênis alinhados sobre a cadeira. Eu sabia que Torrey estava tentando não rir de mim, mas eu não podia deixar de ser organizado. Além disso, eu sabia que seria confuso o suficiente para nós dois.

Eu tinha deixado o hábito de usar meias. Principalmente porque o primeiro par de semanas que eu estava em casa depois do hospital, eu não podia me curvar para colocá-las. E eu não queria que Torrey me vestisse como se eu fosse um inválido condenado.

Ela observou enquanto eu desfiz os meus botões da camisa, um de cada vez, e lambeu os lábios. Sim, a minha mulher gostava de assistir.

Logo eu estava ali de pé, em apenas meus jeans. Eu estava tão excitado, que eu sabia que não duraria tanto tempo quanto eu gostaria. Isso me lembrou muito a primeira vez que estivemos juntos, só que agora eu sabia como ela se sentia sobre mim.

Eu soltei meu cinto e puxei para baixo o zíper.

— Você quer fazer o resto, querida? Eu sou todo seu.

— Oh, eu quero! — disse.

Ela puxou minha calça jeans pela minha bunda e apalpou meu pau quando ele pulou livre em sua direção. Eu estava a segundos de distância de gozar e ela mal havia me tocado.

Ela se ajoelhou na minha frente e passou a língua ao redor da cabeça do meu pau, e todo o meu corpo respondeu. Agarrei seus ombros para não cair.

— Torrey, eu...

— Shh. — ela murmurou.

— Por favor, meu amor. — eu implorei a ela. — Eu vou...

Mas ela estava no comando. Oh Deus, ela estava no comando.

Eu gozei tão malditamente forte, que vi estrelas. Foi inacreditável o prazer depois de uma proibição que durou um mês, além de sentir uma dor enorme quando minhas costelas protestaram com a forma como eu estava ofegante.

Ela sorriu para mim, lambendo os lábios, enquanto eu lutava para controlar o meu corpo, tremendo dos pés a cabeça.

— Essa foi minha sobremesa, cowboy. — ela riu. — Parece que você precisa se deitar.

Ela ainda estava no comando. Deus, eu amava isso, mas uma coisa eu tinha certeza, mais algumas semanas a partir de agora e eu seria o único a dar as ordens.

— Aproveite enquanto pode querida. — eu disse ofegante. — O troco é uma vadia.

Ela arqueou uma sobrancelha quando ela sorriu para mim, tirando a roupa de seu corpo bonito e perfeito.

— Estou contando com isso. Mas, por enquanto, eu estou no comando. Na cama.

Eu não queria desrespeitar uma senhora, especialmente uma que me tinha pelas bolas, literalmente, então eu deitei.

Eu tentei correr minhas mãos ao longo de seu corpo, mas ela as desviou.

— Uh-uh! — ela sorriu, balançando o dedo para mim. — E lembre-se, nada muito vigoroso.

Revirei os olhos. Ela *nunca* vai me deixar esquecer isso.

— Você sabe. — disse ela, pensativa. — O primeiro dia em que te vi, eu pensei, *aquilo* era um grande copo de água gelada em um dia quente.

— Você pensou?

— Por que você acha que eu o segui com o café?

Eu fiz uma careta de concentração, lembrando cada detalhe daquele dia.

— No início, eu pensei que era porque você sentiu pena de mim, por que... você sabe.

— E depois?

— Eu estava confuso. Eu não podia acreditar que você tinha feito isso se não fosse por... caridade. Eu acho que pensei que você estava sendo gentil.

Ela riu alto. — Eu estava!

— Então, você teria me seguido até a caminhonete, se eu estivesse sem dentes, pernas tortas e com um intestino que chegasse aos meus joelhos?

— Oh, especialmente depois! — ela sorriu. — Honestamente, Jordan, eu acho que eu teria feito um café para alguém apenas para deixar Doreen chateada. Mas você... — e ela lambeu os lábios de novo. — Foi definitivamente um caso especial. Na verdade, só de olhar para você me deixa com sede novamente.

Ela estendeu a mão para o armário de cabeceira e tomou um longo gole de sua taça de champanhe.

— Quer um pouco?

— Não, querida. Eu acho que eu já tive o suficiente por hoje.

— Que pena. — disse ela, com um olhar perverso nos olhos.

Em seguida, ela babou champanhe de sua boca no meu peito e para baixo em direção ao meu umbigo. Não estava frio, mas ainda me fez pular. O movimento atraiu a maldição de mim, quando minhas costelas protestaram.

— Oops, desculpe! — ela riu. — Deixe-me me reparar com você.

E ela lambeu todo o meu corpo. Meu *corpo todo*.

— É bom ter você de volta em uma única peça. — disse ela, com o ar de alguém em uma galeria de arte. — Você é tão bonito.

— Bonito? — eu zombei.

— É. Muito bonito. Quer dizer, pelo amor de Deus! Você tem a pele melhor do que a minha, cílios mais longos e as maçãs do rosto que poderiam ser fatia de queijo. Tenho acne uma vez por mês que explode como uma bola de praia.

Eu não pude deixar de rir.

— Mulher louca! Venha aqui e me beije. Eu iria até você, mas isso seria muito vigoroso.

Seus lábios eram quentes contra o meu e doce como champanhe. Apenas beijá-la era o "Quatro de Julho", Natal e cada aniversário em um só. Minhas mãos percorriam sobre seus ombros estreitos e para baixo dos braços, em seguida, voltavam para brincar com seus lindos peitinhos e mamilos enrijecidos.

Eu circulei-os com meus polegares, inspirando seus suspiros de prazer.

Eu deslizei uma mão para baixo para provocar seu clitóris, trabalhando em torno dela, deslizando o dedo indicador dentro e fora.

— Querida. — eu sussurrei. — Traga a linda e perfeita boceta aqui em cima para que eu possa provar de você.

Ela abriu um olho e olhou para mim.

— Você quer isso?

— Claro que sim! Suba.

Ela se arrastou sobre o meu corpo, com cuidado para evitar as minhas costelas. Elas estavam muito melhor, mas eu não acho que eu poderia tê-la apertando suas coxas em cima de mim. Nós teríamos que trabalhar isso.

Segurei seus quadris e puxei o corpo dela para o meu rosto, respirando seu cheiro almiscarado profundamente. Adorava a forma como ela cheirava, sobretudo quando ela tinha trabalhado o dia todo e não tinha tomado banho. Ela estava menos segura, mas, caramba, o gosto dela me deixava louco.

Friccionei a minha língua, e eu ouvi as palmas de suas mãos dando um tapa contra a parede acima da cabeceira da cama.

— Jordan. — ela gemeu.

Deus, ouvindo-a dizer o meu nome assim.

Eu a circulei, e girei ao redor, sentindo-a tremer e tremer o corpo, tocando, provocando, degustando.

Quando friccionei a minha língua de novo, duas, três, quatro vezes, ela estremeceu e gemeu, seu prazer crescendo a cada estocada da minha língua. Sete, oito, nove vezes...

Sim, era uma menina que gritava.

Ofegante e suada, ela sacudiu os cabelos do rosto e se moveu lentamente de volta para baixo da cama, até que sua bunda doce estava alinhada com os meus quadris.

— Sua vez. — disse ela. — É a minha vez de novo.

Peguei um preservativo do armário de cabeceira e passei para ela.

— Eu vou sentir falta disso. — disse ela, olhando para o pequeno pacote de camisinhas. — Eu acho que é a antecipação.

— Sentir falta do que, querida?

Ela jogou o preservativo de volta para a mesa.

— Nós não precisamos mais deles, baby.

Meu coração pulou uma batida.

— O que você está me dizendo?

— Enquanto você estava... fora dos limites. Eu fiz exames e estou limpa. Estou tomando pílula assim... não há mais necessidade do preservativo.

Então ela abaixou-se para mim, sorrindo enquanto eu chorava baixinho.

Eu podia sentir muito mais. Eu nunca, nunca tinha feito sem camisinha antes. Havia tanta sensação, e o calor em torno de mim quase me deixou sobre a borda. Eu tive que cerrar os dentes e me concentrar. Sentia-a tão suave e firme e sedosa, e era como se cada detalhe fosse mais intenso.

Eu poderia dizer que ela estava sentindo, e o aumento da fricção estava trabalhando para ela, também.

Ela continuou sua doce tortura por mais uma hora, tendo o prazer do meu corpo quando ela me montou de novo e de novo, até que ambos estávamos satisfeitos. Cada parte de mim doía, mas fodidamente valeu a pena.

Com o suor resfriando nossos corpos, deitamos juntos, ouvindo o som da nossa respiração, ouvindo a música tocando suavemente no fundo, ouvindo os grilos fora de nossa janela.

— Você está bem? — ela perguntou, a voz lânguida e suave com amor.

— Sim. Muito bem.

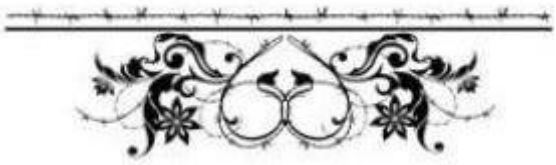
Ela suspirou feliz. — Eu não consigo pensar em uma única coisa, mesmo pequena, que faria este momento melhor agora.

Eu passei meus dedos pela pele macia de seu estômago. — Só uma coisa, querida, o dia que você disser sim, quando eu pedir-lhe para casar comigo.

Ela se acalmou por um segundo, mas não discutiu. Eu sorri para mim mesmo.

A vida era boa.

Capítulo Dezesseis - Balão



Torrey

Eu estava tãão ansiosa para esta noite. Jordan não estava.

Ele tentou me convencer do contrário de todas as maneiras, mas eu não ia desistir. Eu estava ansiando por isso a um longo, longo tempo.

Eu olhei para as roupas novas que eu tinha comprado para ele, ainda sobre a cama, intocadas, onde eu as tinha colocado uma hora atrás.

Eu nunca tinha visto Jordan usar nada além das camisas velhas de Mikey, ou as roupas de segunda mão que Gloria tinha encontrado no brechó. Mas esta noite era a nossa noite especial, e ele merecia algo novo.

Eu também posso ter me presenteado com um vestido de cor safira escuro. Eu sabia que ele gostava dessa cor em mim. Ele disse que combinava com os meus olhos. Na frente era bastante recatado, com uma gola alta, mangas e uma saia que ia um pouco acima dos meus joelhos. Mas a parte de trás era outra coisa, com um decote profundo até a cintura, quase sem nenhum pano e revelando minhas costas nuas. O que significava, é claro, que eu não poderia usar um sutiã. Sim, ele ficaria louco. Eu estava contando com isso.

Eu também tinha ido para a cidade para a maquiagem; a sombra esfumaçada nos olhos, que os fez parecerem enormes, camadas de rímel e batom cereja escuro que eu queria que Jordan tirasse ao me beijar mais tarde.

Fiquei olhando para o jeans preto e camiseta de gola V simples, também preta, que eu tinha comprado para ele. O meu homem sempre pareceu gostoso, mas hoje à noite ele ficaria extremamente gostoso.

Apesar de ele estar me irritando profundamente agora.

Eu andei pelo corredor até o banheiro e bati na porta.

— Trate de vir para fora *agora!* Se você não sair por bem, vai sair por mal. Você tem um minuto antes que eu vá até aí e te arraste.

Ele resmungou algo que eu não podia ouvir, provavelmente um xigamento.

Eu contei até 47, quando a porta do banheiro se abriu e ele saiu, as gotas de água sobre sua pele, parecia que ele tinha gotas de orvalho sobre seu corpo.

Meus olhos foram atraídos automaticamente para o seu peito largo, barriga tanquinho e a toalha pendurada abaixo do umbigo, antes de viajar de volta até seus braços e ombros tatuados, sobre o peito de novo, para seu rosto recém-barbeado, onde eu finalmente encontrei seu olhar divertido.

Ele levantou uma sobrancelha, seus lábios se curvando em um sorriso diabólico.

— Gosta do que vê, meu amor?

Oh sim, eu realmente gosto.

Apertei os olhos para ele.

— Eu sei o que você esta tentando fazer, me fazer achar você delicioso e querer te lamber, não vai ajudar. Nós vamos sair e nos divertir!

— Você tem certeza disso, querida? — ele perguntou, passando a mão sobre o que a toalha escondia.

Eu segurei um gemido. Ele estava me provocando.

— Jordan. — eu gemi. — Eu quero *sair!* Já faz muito tempo. Por favor, faça isso por mim, por nós.

Ele suspirou e olhou para baixo. — Eu sei. Sinto muito.

Eu dei um passo à frente para segurar o seu rosto suavemente. — Não se desculpe, querido. Vai ficar tudo bem. Primeiro nós vamos ter uma bela refeição, depois vamos dançar, e, por último, vamos fazer amor até o amanhecer. Assim como você disse que queria. Além disso, Bev e Pete estarão lá... bem, não para o último item da nossa lista, obviamente.

Ele deu um pequeno sorriso.

— Sim, eu estou sendo um fraco. Estou apenas "um pouco" nervoso, você entende?

Eu sorri e dei um beijo em seus lábios macios.

— O pior que pode acontecer é você perceber que eu tenho dois pés esquerdos e deixar-me por uma mulher que dança como Cheryl Burke[32].

Ele balançou a cabeça.

— Eu não tenho ideia de quem seja, querida, mas não há nenhuma maneira que ela possa ser mais bonita do que você.

— Boa resposta, cowboy. Agora traga seu traseiro bonito para o quarto e *se vista!*

Ele sorriu e piscou, então caminhou pelo corredor deixando cair a toalha antes que entrasse para o quarto.

Ooh, talvez apenas uma rapidinha... Não! Não! Não! Comida... dança... sexo depois.

Deus, espero estar tomando a decisão certa.

[32] Cheryl Burke fez uma participação no programa norte-americano Dancing With The Stars onde dançou com o astro da WWE Chris Jericho, mais foi eliminada muito rápido.

Ele saiu em poucos minutos, totalmente vestido. A camiseta moldando seu peito e as calças jeans moldando sua bunda fabulosa, tonificada e redonda.

— Hum, eu acho que você comprou um tamanho muito pequeno, Torrey. — ele disse, olhando desesperadamente desconfortável. — A camisa e as calças são ótimas, mas... meio apertadas. Eu realmente aprecio o que você está tentando fazer por mim, mas talvez seja melhor eu trocar e...

— Não se atreva a trocar nada, Jordan Kane! — eu gritei. — As roupas estão perfeitas. Toda mulher dentro de um raio de 15 Km não será capaz de manter suas mãos quietas.

— Eu não sei... — ele murmurou.

— Felizmente, eu sei. — eu andei para frente e passei os dedos livremente sobre o peito e cintura, antes de finalmente empurrar minhas mãos nos bolsos de trás. — Está vendo? Simplesmente perfeito.

Ele soltou um suspiro. — Contanto que você pense assim. — disse ele.

Beijei-o rapidamente. — Venha. Eu não posso esperar para te exibir por aí.

Liderei o caminho descendo as escadas e ouvi a respiração engatada em sua garganta quando ele vislumbrou o decote do meu vestido.

— Cristo, Torrey!

— Você gosta? — eu perguntei, sorrindo para ele por cima do meu ombro.

— Hum, sim? — disse ele, hesitante.

Meu sorriso caiu. — O que está errado? Você não gostou?

Sua voz estava embargada quando ele respondeu.

— Claro que sim, mas, querida, eu realmente não quero entrar em uma briga hoje à noite.

— Nós não estamos brigando. — eu disse, sugando pelos meus dentes em irritação. — Você está apenas sendo mal humorado.

Ele sorriu para mim. — Não brigar com *você!* Os caras vão querer você e eu vou ter que reorganizar seus rostos, é isso.

— Oh, se é isso, não há problema. Eu vou te proteger cowboy.

Ele balançou a cabeça, segurando um sorriso. — Vou manter você por perto.

Gloria e Paul estavam sentados assistindo TV na sala da família quando saímos.

— Divirtam-se, vocês dois. — disse Paul e Gloria oferecendo um pequeno sorriso.

Jordan apenas acenou para eles, assim, eu fui civilizada e respondi.

— Obrigada! Até logo.

Eu já tinha colocado uma mala no porta-malas, sem contar para Jordan, assim não tínhamos mais nenhuma razão para nos atrasar. Eu ouvi o bip do meu telefone em minha bolsa.

— Provavelmente é a Bev querendo saber se já estamos a caminho.— eu ri.

— Droga. — ele murmurou. — ela é pior do que você.

O caminho até *Corpus* levou cerca de 40 minutos. Jordan estava se mexendo e se deslocando no banco, em parte animado para sair dos limites da cidade, e em parte ansioso para ir à cidade.

No momento em que cruzamos a Ponte Copano Bay estávamos praticamente saindo dos limites da cidade. A ponte flutuava sobre as águas azuis quentes da baía, quase roçando a superfície. Eu poderia jurar que quem viaja por baixo em um barco poderia perder seu chapéu. Jordan estava se esforçando para olhar para fora da janela, com os olhos nublados de memórias.

Percorremos mais 10 quilômetros e *Corpus* apareceu a distancia, anunciada pela elegante ponte Harbor.

Sua expressão parecia tensa.

— Tudo bem? — eu perguntei, um pouco nervosa.

— Eu me lembro... nós viemos aqui para o aniversário de dezoito anos de Mikey.

Oh merda.

— Eu não sabia, Jordan. Eu sinto muito! Podemos voltar. Nós não temos que...

Ele se virou e sorriu, embora seus olhos estivessem tristes.

— Não, querida. Estou cansado de me esconder do passado. Hora de começar a fazer algumas novas memórias.

Estendi a mão para pegar a mão dele. Eu estava tão orgulhosa dele. Ele ficou tão forte, muito diferente do homem danificado que eu conheci há meses.

— Eu te amo. — eu disse. — Você e eu, o que temos é como eu penso que deve ser o amor, mas eu não acreditava mais que existia.

Ele sorriu calorosamente. — Eu também te amo, Torrey Delaney.

O restaurante que Bev e Pete tinham escolhido era no porto, com vista para iates ancorados na baía. Jordan puxou nervosamente o pescoço de sua camisa enquanto eu estacionava a *Princesa* em uma nuvem de fumaça do escapamento.

— Pare com isso! — eu disse, segurando sua mão. — Você está lindo!

Seus olhos foram nervosamente em direção ao restaurante chique.

— Eu não sei, Torrey...

Cortei o seu protesto com um beijo.

— Você é um homem livre, Jordan. Você pode ir onde quiser. Você confia em mim?

Ele balançou a cabeça e respirou fundo. — Sim, eu confio.

Caminhamos lentamente em direção ao restaurante e, antes mesmo de chegar lá, vi duas mulheres na casa dos trinta admirando-o. Elas ainda pararam e fingiram estar interessada em um vestido feio na vitrine de uma loja, para que elas pudessem dar uma boa olhada em sua bunda gostosa enquanto passávamos por elas. *Piriguetes*. Ter um namorado gostoso definitivamente tinha algumas desvantagens. Os benefícios, no entanto... sim, eu estaria aproveitando isso mais tarde.

Ele colocou o braço protetor em volta de mim quando um grupo de estudantes passou, cheirando como se tivessem ido nadar em uma cervejaria. Um deles cometeu o erro de assobiar para mim.

Jordan quase rosnou para o cara, e eu juro que eles ficaram pálidos quando viram a cara dele. A expressão gelada que ele tinha aperfeiçoado na prisão estava estampada no seu rosto. Eu sabia o que estava por trás disso, mas eles levaram a sério.

Um dos garotos levantou as mãos.

— Só estamos apreciando a vista, cara. Não há nada de errado nisso.

Ooh, ele realmente deveria ter ficado quieto.

— Cai fora, imbecil! — rosnou Jordan. — Se você não quiser perder os dentes!

Eu tive que agarrar seu braço para ele não ir atrás dos garotos.

— Relaxe um pouco, querido. — eu disse, com toda a calma possível.

Para minha surpresa, quando ele se virou para mim ele estava sorrindo amplamente.

— Você esta brincando? — eu perguntei, com a voz exasperada.

Ele balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— O quê? — eu insisti.

Ele piscou para mim. — Foi engraçado!

Eu dei um tapa em seu braço.

— Você me assustou, porra! Eu pensei que você estava prestes a ir atrás deles e que quisesse arrancar a cabeça deles.

Ele riu levemente. — Não estou dizendo que não queria. — e ele me rodeou com os braços com mais força quando entramos no restaurante.

A anfitriã se animou consideravelmente, sorrindo para Jordan. Ele parecia confuso, olhando para mim querendo uma explicação. Revirei os olhos - a primeira de muitas vezes naquela noite, eu suspeitava.

— Posso mostrar-lhe a uma mesa para dois, senhor? Talvez uma mesa com um pouco mais de privacidade? — e ela sorriu.

Que, pouco profissional! Eu não fico sorrindo para todos os clientes, quando estou servido a eles a porra dos seus cafés! Mas então eu me lembrei de que paquerei Jordan no primeiro dia que ele entrou na lanchonete Busy Bee. Mas ele tinha retribuído a paquera. Eu subitamente me tornei invisível para a recepcionista.

— Não, está tudo bem. — eu disse um pouco rude. — Vamos encontrar com uns amigos. Na verdade, eu já os estou vendo.

Eu afastei Jordan dos seus olhares atrevidos, mas quando eu olhei por cima do meu ombro, a sem vergonha da recepcionista *ainda* o estava seguindo com os olhos. E ainda o estava apontado para as suas colegas de trabalho.

— Uau, olhe para você! — disse Bev, olhando para ele com satisfação óbvia.

Jordan ficou corado, quando ela levantou e o abraçou com força. Ele ficou definitivamente mais confortável com aperto de mão de Pete. Acho que ele

preferia um cumprimento mais estilo ‘homem a homem’. Mmm-hmm, eu gostei de saber disso. Muito.

Eles já tinham começado a beber vinho, mas Jordan recusou com a cabeça quando Pete ofereceu a ele.

— Não, obrigado, cara.

Pete olhou surpreso, mas Bev sorriu.

— Você não contou a ele, não é?

Jordan olhou para mim, com uma pergunta em seus olhos.

— Não. É o seu presente. — eu disse para Bev. — Seu e de Pete. Por que você não conta a ele?

— Contar o que? — perguntou Jordan, impaciente. — O que você esta armando?

— Bem. — respondeu Bev com entusiasmo. — Torrey contou como você queria uma noite especial e luxuosa, e nós sabemos que vocês vão se mudar em breve, então isso é uma espécie de presente de despedida. Todos nós vamos ficar em um hotel na cidade esta noite, para sermos mimados. Então, todos nós vamos beber e dançar e amar até o amanhecer!

Ela gritou e bateu palmas, e nos duas tocamos as mãos.

Jordan parecia atordoado.

— O que você acha, querido? — eu perguntei, com delicadeza.

— Uau. Simplesmente uau, vocês... — disse ele.

Ele olhou para suas mãos, obviamente sobrecarregado.

Pete bateu-lhe levemente no braço e colocou um copo de vinho para ele.

— Vamos transar essa noite, amigo!

Bev fez uma careta, mas o comentário de Pete fez Jordan sorrir. — Eu vou brindar a isso. — disse ele. — Obrigado, pessoal. — então ele se virou para mim. — Obrigado por fazer esta noite tão especial, querida.

Ele me beijou suavemente, e eu estava começando a responder quando o garçom veio anotar nossos pedidos.

Os olhos de Jordan ficaram um pouco grandes quando viu o cardápio, e preços, mas ele não fez nenhum questionamento, além de levantar as sobrancelhas para mim.

Nós tivemos uma fabulosa refeição, olhando para o pôr do sol sobre o porto. O oceano passou de azul para uma chama de laranja, em seguida, prata quando a noite caiu silenciosamente.

Eu senti uma pontada de tristeza ao lembrar que estaríamos deixando verdadeiros amigos para trás quando fôssemos embora. Eu estava surpresa que sentiria saudades de tantas coisas nessa pequena cidade do Texas. Claro, nós poderíamos voltar e visitar, mas eu também sabia que nunca iria viver aqui novamente. Era melhor assim.

— Então, o que vocês dois planejaram para o resto da noite? — eu perguntei quando saímos do restaurante, bem alimentados e superdescontraídos.

— Há um ótimo lugar de música ao vivo que Pete me levou. — disse Bev, animadamente. — Eles tocam blues e country, e algumas bandas indie tocam lá também.

Estávamos quase do lado fora do Dr's Rockit, quando Jordan de repente parou, seu corpo ficando rígido e tenso.

Vi imediatamente o que chamou sua atenção.

Ryan Dupont.

Eu não acreditava que encontramos a única pessoa que não gostaríamos de ver há um raio de 50 quilômetros de casa.

— Jordan, não! — eu prendi a respiração.

Eu não tinha certeza se ele tinha ou não me ouvido; ele não respondeu.

Os olhos de Ryan encontraram os meus, voltaram para Jordan, em seguida, para Pete e Bev, que não sabiam o que estava acontecendo, mas perceberem que não era nada bom.

Jordan falou primeiro.

— Será você vai me socar de novo, Ry? Porque eu vou te dizer, eu já paguei minha dívida e dessa vez eu vou revidar, já estou te avisando.

Eu acho que Pete nunca tinha entrado em uma briga em sua vida porque ele parecia tão indefeso como Bev e eu. Mesmo assim, ele deu um passo para frente, pronto e disposto a tomar uma posição.

Ryan nem olhou na nossa direção; seus olhos estavam fixos em Jordan. Ele balançou a cabeça lentamente, sua expressão interrogativa.

— Você não prestou queixa? — disse ele, em voz baixa.

Jordan olhou para ele friamente. — Por que eu faria?

— Porque...

Ryan não conseguiu terminar a frase, mas Jordan apenas o observava, sem piscar, nervosamente.

— Nós éramos amigos. — respondeu Jordan, finalmente.

Ryan engoliu várias vezes. — Eu ainda te odeio pelo que fez.

Jordan não moveu um músculo.

— Eu sei.

Ryan balançou a cabeça, em seguida, voltou a falar.

— Mas eu sempre vou me odiar, também... por deixar você e Mikey sair no carro naquela noite.

Os dois homens continuaram a olhar um para o outro, e eu prendi a respiração. Eventualmente, Ryan baixou o olhar e deu um passo à nossa volta, afastando-se, os ombros curvados e a cabeça para baixo.

Meu coração ainda estava acelerado de medo, então eu olhei para Jordan. Sua expressão era distante, mas não com raiva ou chateado.

— Você está bem? — eu perguntei, esfregando o braço para lembrá-lo que eu estava ali.

Ele deu um pequeno sorriso e deu um beijo suave nos meus lábios.

— Estou tendo uma noite maravilhosa com a minha mulher, então sim, eu estou bem.

— Jesus! Isso foi intenso! — Bev explodiu. — Eu quase fiz xixi nas calças! — Pete revirou os olhos, e ela apertou suas bochechas. — Ah, você me ama, afinal eu sou sempre tão sofisticada, querido!

Eu não pude deixar de rir e fiquei aliviada ao perceber que Jordan também estava se divertindo.

O segurança do Dr's Rockit franziu a testa quando olhou para Jordan, mas estava visivelmente aliviado de não ter que apartar uma briga.

Nós rimos e dançamos, e Jordan entendeu que eu realmente tinha dois pés esquerdos, e ele me disse que me amava de qualquer maneira. Então nós dançamos um pouco mais, fazendo boas lembranças, e bebemos até o local fechar.

No final de uma noite maravilhosa, nós caminhamos para o nosso hotel, com vista para porto, e Jordan me amou até o amanhecer.

Assim como ele queria.

Jordan

— Tem certeza que você pegou tudo? — Torrey me perguntou pela nona ou décima vez.

Eu sorri e levantei uma sobrancelha.

— Bem, deixe-me ver... eu tenho a minha escova de dente, uma muda de roupa intima, o meu celular, mas eu tenho certeza que estou esquecendo alguma coisa... uh, espere, acho que é minha namorada implicante que é incrivelmente gostosa. Sim, eu peguei tudo.

Ela bateu no meu braço e fez uma careta.

— Sério, Jordan? Você não usa roupa intima. Não tem mais nada que você queira levar?

Eu balancei minha cabeça. — Querida, não tem nada meu aqui.

Isso era verdade, de muitas formas.

Eu tinha uma foto de Mikey na minha carteira, mas eu não precisava disso para me lembrar dele. Ele estaria sempre comigo, no meu coração.

— Eu gostaria de parar no túmulo de Mikey, apenas para dizer adeus. — eu disse sério. — Eu não estive lá desde...

Ela entendeu o que eu quis dizer, sem eu ter que terminar a frase.

— É claro. — disse Torrey, com um sorriso. — Eu imaginei que você quisesse.

Eu me virei para olhar a casa, o lugar que eu tinha crescido, e o lugar onde eu aprendi a viver de novo. Eu sabia que o que eu aprendi não tinha a ver com a casa, e sim com esta mulher incrível ao meu lado. Mas, ainda assim, esta casa tinha sido minha casa uma vez - houve uma época que eu tinha sido feliz aqui.

Eu me perguntava se eu voltaria a vê-la.

Eu me perguntava se eu iria rever meus pais, também. Eu viria visitá-los com certeza, mas eu não me sentia particularmente próximo a eles. Nós tentamos reconstruir pontes, conversamos sobre o tempo na prisão e sobre Mikey, mas eu estava louco para ir embora. Meu futuro era com Torrey e eu queria olhar para frente, não para trás. Era hora de seguir em frente.

Eles tinham saído cedo para ir à igreja, sabendo que, quando voltassem, eu estaria muito longe. As despedidas tinham sido estranhas e breves. Eu tinha prometido vagamente que manteria em contato. Eu suspeitava que Torrey me faria ligar para eles.

Olhei uma última vez os topos das árvores onde Mikey e eu competíamos sobre quem subia mais alto, a pintura da casa descascada pelo tempo, as calhas cheias de folhas, absorvendo tudo.

Eu também estava deixando para trás a caminhonete de Mikey. Quando eu disse que não tinha nada meu aqui era a verdade. Meus pais poderiam fazer o que quisessem com ela, não era minha. Papai tinha dito implicitamente que eu poderia ficar com ela, mas eu não queria nada deles. Por isso, recusei.

Eu coloquei a mão sobre a pintura nova, e me lembrei da imagem do coração de Mikey sangrando, então sentei no banco do passageiro do Firebird de Torrey.

— Pronto? — ela perguntou.

— Estou pronto.

Eu olhei nos espelhos laterais, enquanto íamos pela estrada de terra, vendo a casa sumir em volta da sombra das árvores. Eu estava dizendo adeus.

Torrey estendeu a mão para pegar a minha, apertando-a levemente, em seguida, ela colocou-a sobre seu joelho.

Era outono, mas o sol ainda estava quente quando chegamos ao cemitério. Eu podia sentir o cheiro de sal na brisa vindo do oceano.

Nós fizemos nosso caminho pelos caminhos familiares até o túmulo de Mikey.

Mas à medida que me aproximava, todo o ar dos meus pulmões sumiram e foi doloroso quando eu fiquei em frente a sua lápide.

Michael Gabriel Kane

25 de novembro de 1988, 10 de julho de 2006.

Filho Amado

& Irmão

" Não temas os que matam o corpo, pois não podem matar a alma."

— Oh meu Deus. — Torrey sussurrou. — E irmão... eles... seus pais... eles mudaram a inscrição!

Eu balancei a cabeça, incapaz de encontrar as palavras.

Eu estava lá, imortalizado com Mikey para sempre. Com os meus pais. Nosso amor, por ele gravados juntos.

Depois de ter sido apagado por tantos anos, eu estava finalmente visível. Era quase impossível de acreditar.

Pela primeira vez, me senti fazendo parte da família, eu me senti perdoado.

— Eles estão na igreja agora. — disse Torrey, suavemente. — Você quer ir encontrá-los? Dizer adeus corretamente? Nós ainda podemos fazer isso, se você quiser...

— Sim. — eu consegui dizer. — Eu gostaria.

Eu descansei minha mão na pedra aquecida pelo sol.

— Tchau, Mikey. Tenho que ir embora agora. Torrey e eu vamos embora da cidade e eu não sei se vamos voltar. Eu nunca vou te esquecer. — passei meus olhos mais uma vez sobre a inscrição fresca. — Eu te amo, meu irmão.

Torrey pegou minha mão enquanto caminhávamos de volta para o carro.

— Você está bem? — perguntou ela, ansiosa.

Me virei para ela e sorri. — Sim, eu estou bem.

O cemitério não era muito longe da igreja. Eu podia ouvir o som dos cantos, logo que eu abri a porta do carro.

Eu sabia que papai e mamãe normalmente se sentavam na parte de trás, então eu esperava que fosse capaz de vê-los sem perturbar as outras pessoas.

Mas não foi isso o que aconteceu.

O cântico terminou no segundo em que abri a pesada porta de madeira. Ela rangeu alto e todos, TODOS os olhares da congregação viraram na minha direção.

Murmúrios eclodiram por toda parte. Eu vi os rostos dos meus pais. Eles pareciam atordoados. Em seguida, meu pai acenou para nós, pedindo para nos juntarmos a eles. Eu hesitei por um momento, mas senti a mão quente de Torrey na minha e ela sorriu.

Andamos pelo corredor, e eu não pude deixar de sentir o peso do simbolismo de ter Torrey ao meu lado.

Quando nos sentamos ao lado dos meus pais, o murmúrio ficou mais alto. Pensei que estávamos há segundos de termos problemas quando a Reverenda Williams limpou a garganta.

— O tema do meu sermão de hoje é o perdão. — ela olhou para mim quando ela disse isso. — Eu quero que vocês pensem sobre as palavras proferidas por Nosso Senhor em Mateus: *Então Pedro, aproximou-se e disse-lhe: 'Senhor, quantas vezes o meu irmão pecará contra mim, e eu lhe*

perdoarei? Até sete vezes? — Jesus disse-lhe: 'Eu não digo que até sete vezes, mas setenta vezes sete.

Eu ainda esperava que as pessoas se levantassem e saíssem, apesar do grande sermão da Reverenda, mas não aconteceu.

— Eu sou culpada. — continuou a Reverenda. — Culpada de não fazer como eu prego. Isso muda hoje. Eu gostaria de agradecer a minha filha Torrey Delaney por se juntar a nós, e eu gostaria que todos vocês dessem boas-vindas ao filho de Gloria e Paul. É bom vê-lo, Jordan.

Houve um murmúrio de descontentamento, mas foi silenciado.

— Puta merda! — riu Torrey, atrás de sua mão levantada.

Fiz de tudo para não rir.

A Reverenda falou um pouco mais, mas eu quase não ouvi suas palavras.

Eu olhei para Torrey e seus olhos estavam brilhando com amor e orgulho. Ela apertou minha mão com força e eu a vi piscar para conter as lágrimas.

De alguma forma, minha vida tinha feito um círculo completo e eu estava novamente cercado por minha família, e senti o amor em meu coração. O futuro era o caminho a seguir.

— E eu gostaria de terminar. — disse a Reverenda. — Lembrando-lhe das palavras em Ezequiel: — *Porque não tenho prazer na morte de ninguém, diz o Senhor Deus; de modo a transformar e viver '.*

Eu nunca fui muito chegado a ler a Bíblia. Mesmo assim, eu tinha lido milhares de vezes na prisão quando a biblioteca não tinha mais nada a oferecer. Mas eu gostei dessas palavras, sobre transformação e vida, porque era isso que Torrey estava tentando me ensinar. Eu finalmente tinha aprendido a lição, e era o que eu pretendia fazer.

No final do culto, a congregação se levantou para sair. Várias pessoas vieram falar com papai e mamãe, um casal até me agradeceu por ter vindo e

apertou minha mão. Fiquei tão surpreso, que eu não sabia o que dizer. Torrey cutucou meu cotovelo e sorriu para mim.

Então eu vi a Reverenda caminhando em nossa direção.

— Parece que a sua mãe tem algo a dizer. — eu sussurrei, balançando a cabeça na direção da Rev.

Torrey franziu os lábios e cruzou os braços.

— Não seja muito dura com ela, querida. O que ela disse hoje foi muito legal.

Torrey fez uma careta. — Levou muito tempo para ela dizer isso em público!

— Sim, bem, eu me lembro de que alguém que me disse: *Antes tarde do que nunca*. — eu a lembrei.

— Olá, Torrey, Jordan.

— Reverenda. — eu disse, estendendo a minha mão.

Ela a apertou com um sorriso. — Ouvi dizer que você está nos deixando?

Dei de ombros. — Sim, começar de novo. Acho que é o melhor.

— Tem certeza? — ela questionou. — Você tem amigos aqui na comunidade. Demorou um pouco, eu sei, mas é verdade.

Eu balancei minha cabeça. — Eu não tenho certeza se é verdade, mas agradecemos. Não é, meu amor?

Passei a bola para Torrey que estava estranhamente silenciosa.

— Estou feliz que consegui vê-la antes de ir embora. — disse a Reverenda à sua filha. — E, a minha igreja, também. Isso foi uma surpresa maravilhosa.

Torrey abriu um sorriso com o tom de sua mãe.

— Sim, eu estou feliz também. Belo sermão, por sinal, mãe. Eu gostei do tema.

A Reverenda sorriu tristemente. — Mas independente disso você está indo embora.

— Sim. Como Jordan disse, um novo começo para nós dois.

— Para onde você vai?

— Nós temos algumas ideias, mas nada definitivo. Acho que vamos rodar por um tempo e quem sabe visitar o papai... e *Ginger*.

A Reverenda sorriu e levantou uma sobrancelha.

— Eu tenho um novo *lema: "Não julgueis para que não sejas julgado"*. O que você acha?

Torrey riu. — Eu acho que ele vai pegar.

— Bem... — a Reverenda fez uma pausa por um momento. — Diga olá para o seu pai por mim e a Ginger. Vão com cuidado. E Torrey, eu sei que estes últimos meses têm sido... difíceis, mas, por favor, saiba que, se você precisar, você sempre vai ter uma casa aqui comigo. Vocês dois.

Os olhos de Torrey se encheram de lágrimas e ela abraçou sua mãe.

— Obrigada, mãe. — ela ofegou.

— Eu te amo, querida. Tanto.

Então, para minha surpresa, a Reverenda me puxou para um abraço apertado.

— Boa sorte para você, Jordan. Você merece, você realmente merece. Eu acredito que você merece o amor da minha filha também. E não estou dizendo apenas como mãe. — ela sorriu. — E mais uma coisa: — "*Porque eu sei os planos que estou projetando para vós, diz o Senhor, pensamentos de paz e não de mal,*

para vos dar um futuro e uma esperança". Cuide de minha menina, Jordan. Ela é muito especial para mim.

— E, para mim, minha senhora. Eu prometo que vou cuidar dela. Você tem a minha palavra.

A Reverenda limpou suas próprias lágrimas e deu um pequeno sorriso.

— Obrigada, Jordan. Deus o abençoe.

Do lado de fora da igreja nos despedimos do meu pai e da minha mãe.

Ainda era artificial e estranho, mas eu os agradeci pela nova inscrição na lápide de Mikey.

— Eu sinto muito que demorou tanto tempo, meu filho. — disse meu pai. — Foi ideia de sua mãe.

Olhei para os dois, incrédulo. — Sério? Bem, hum, obrigado.

Coloquei minhas mãos em meus bolsos e ficamos ali desconfortavelmente antes de Torrey beijar cada um deles, e agarrar meu braço.

— Entraremos em contato, Paul, Gloria. — disse ela.

Entramos no Firebird, e Torrey acenou quando ela acelerou. Eu não olhei para trás.

Torrey

Acenei através da janela enquanto eu dirigia para longe. Jordan nem acenou, nem se virou. Ele olhou para frente, seu rosto e seus olhos estavam calmos, serenos.

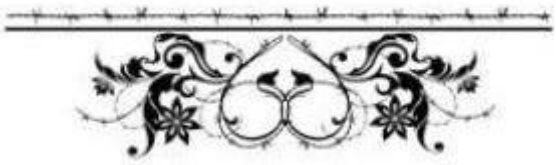
Estendi a mão e peguei a dele. Ele olhou para os nossos dedos entrelaçados, e levou nossas mãos até seus lábios, colocando um pequeno beijo em cada junta. Meu coração pulou, e eu estava sorrindo de orelha a orelha.

— Então, para onde estamos indo, Jordan?

Ele se virou e sorriu para mim.

— Para qualquer lugar que você queira, meu amor. — ele acenou com o braço em direção ao horizonte. — Para qualquer lugar que você queira.

Epílogo - Dez meses depois



Jordan

Tinha sido uma longa viagem.

Do Texas, nós conduzimos a leste, passando pela maioria dos estados do sul, parando em Graceland, então Torrey poderia obter algumas lembranças para seus amigos, em Boston. Isso é o que ela disse, mas eu tenho certeza que ela era uma fã de carteirinha do Elvis.

Nós levamos o nosso tempo na viagem, gostando de estarmos juntos. Falando, sempre falando e rindo muito, planejando o futuro, ousando sonhar.

Ficamos em motéis baratos, como fizemos na longa viagem para o norte, mas acordávamos todas as manhãs para um mundo que parecia cheio de possibilidades. Três ou quatro vezes dormimos fora, estabelecendo cobertores no chão. Torrey não estava interessada em acampar, mas depois de anos estando em salas pequenas, eu respirava mais fácil do lado de fora, o céu sem limites acima de nós. Ela ia tolerando, mas quanto mais ao norte dirigimos, o frio aumentava, e mais ela insistia em ficar em algum lugar com um telhado.

O outono em New England era tão bonito quanto todo mundo disse que seria, mas fiquei chocado com a mudança de temperatura. Torrey disse que não era nada, e que, se ficássemos mais um mês, precisaríamos ter pneus de neve e correntes.

Eu gostei de Boston mais do que eu esperava, apesar de não ser grande como as cidades em geral. Ver história nos edifícios em torno de mim todos os dias era novo, e Torrey me deu um tour completo da Freedom Trail, incluindo a casa de Paul Revere. As pessoas da costa leste eram mais frias do que eu esperava, apesar de que multidões ainda me assustavam um pouco. Eu acho que eu nunca seria capaz de me acostumar a estar perto de tantas pessoas. Mas vestido em um suéter pesado, com minhas tatuagens de prisão escondidas, eu não sentia que as pessoas estavam olhando para mim o tempo todo mais.

Eu gostava do Sul de Boston - Southie como Torrey o chamava - com suas destilarias convertidas, onde um bando de tipos artísticos pareciam viver, pequenas galerias espalhadas e pinturas exibidas em cada café. Eu nunca estive em qualquer lugar assim antes. Inferno, eu nunca tinha saído do Texas antes. Isso me fez querer começar a desenhar de novo, algo que eu não tinha feito desde que eu era criança, e que não fosse a imagem que eu tinha feito de Torrey, quando ela estava dormindo. Claro, isso significava que Torrey apareceria com um bloco de notas e uma caixa de lápis de desenho. Ela estava sempre tentando me ajudar a pensar grande. Não foi fácil, e eu sabia que se eu me estressasse, eu desligaria sobre isso, mas eu estava tentando.

Eu não estava ansioso para conhecer seu velho, mas ele tinha sido surpreendentemente bom, para um advogado. Pelo menos, ele não tinha me prendido. Sim, eu sabia que era irracional, mas eu não conseguia evitar. E Torrey disse que se eu continuasse agindo tão desconfiado quando visse um policial, eu teria meu rabo preso. Suas palavras exatas foram: “Se acalme, porra!”.

Como Torrey havia previsto, seu pai tinha me levado até seu covil para me mostrar um armário cheio de troféus de golfe. Ele se importava menos com o fato de que eu era um ex-presidiário do que com o fato que eu nunca tinha jogado golfe. Ele se ofereceu para me levar para a pista de golfe com ele, mas Torrey disse que não iríamos ficar muito tempo. Graças a Deus!

Sua nova esposa, Ginger, era outra coisa. Ela com certeza não parecia ser o tipo de mulher que um advogado se casaria, mas eles pareciam felizes o suficiente, eu acho. E Torrey estava certa sobre seus peitos; eles eram

estranhamente enormes: com ênfase no 'estranho'. Ginger disse que ela costumava ser uma cantora em navios de cruzeiro indo e voltando para o Caribe antes que ela se casasse. Depois de ouvir a sua versão de *Big Spender,* eu pensei que meus ouvidos derreteriam, e eu não pude deixar de pensar quanto trabalho que poderia ter vindo de uivar como um lince. O pai de Torrey aplaudia como ela queria, e me perguntei se o amor era surdo, bem como cego.

Ginger foi amigável o suficiente. Talvez até um *pouco mais* amigável, e, depois da primeira noite que ficamos com eles, eu implorei para Torrey nunca me deixar sozinho com a madrasta novamente. Torrey continuou tentando descobrir o que tinha acontecido, mas eu levaria esse segredo para o túmulo.

Os amigos de Boston de Torrey tinham sido menos amigáveis, o que eu poderia dizer que foi uma grande decepção para ela. Eles não pareceram ser capazes de superar o fato de que ela tinha desistido de seu trabalho jurídico por causa de seu ex-patrão filho da puta, e ir “lamber” suas feridas em “quem se importa onde”, como uma mulher com a cara enfiada em um terno a tinha colocado. E estava claro que eles pensavam que ela estava no fundo do poço por se juntar a mim. Não foi apenas por ter estado na prisão, o que Torrey foi muito aberta sobre o assunto, mas por estar cercada por pessoas com diplomas de Harvard e do MIT, que pareciam pensar que eu era apenas um burro caipira, todo músculo e sem cérebro, com palha no meu cabelo.

Eu até ouvi uma delas dizer a Torrey que eu era o tipo de cara que ela deveria dormir e esquecer. Só que ela não disse 'dormir com'. Puta!

Nós não ficamos muito tempo em Boston depois disso.

Comemoramos o meu 24 º aniversário em uma cabine de madeira em Moose Brook State Park, comendo pizza em caixas de papelão e bebendo cerveja em latas. Pode não parecer muito, mas para mim foi perfeito. E eu tinha adormecido nos braços da minha mulher.

Nós continuamos dirigindo ao norte, quase até a fronteira, então entramos em Vermont. Acabamos vivendo em uma casa de fazenda com um casal de velhos que precisavam de alguém para fazer o trabalho pesado, enquanto seu filho estava de cama com uma perna quebrada. Eu sabia alguma

coisa sobre a criação de gado, mas tudo tinha sido uma coisa em grande escala. Esta era uma pequena fazenda orgânica que criava gado leiteiro. Eu não me importava com o trabalho, mas levantar às 4 da manhã para ordenhar uma vaca que estava mais interessada em enrolar sua cauda fria e úmida em volta do meu rosto, bem, isso não era para mim.

Mas eu vi neve pela primeira vez, e Torrey me ajudou a construir o meu primeiro boneco de neve, também. Eu queria fazer amor com ela na neve, mas ela vetou essa ideia, olhando para mim como se eu fosse louco. Sim, louco por ela.

Torrey tinha comprado para ela um laptop e estava me mostrando todas as coisas incríveis que eu havia perdido nos últimos oito anos. Eu não poderia colocar minha cabeça em torno de algumas das coisas legais que tinham sido inventadas. Ela até tentou me dar um desses smartphones, mas eu argumentei que eu não precisava disso, já que a única pessoa que eu sempre ligaria seria ela.

Ela configurou o Skype para que pudéssemos conversar com Bev e Pete. Eles tinham sua própria notícia: Bev tinha conseguido um bom emprego em Corpus, trabalhando em algo relacionado com finanças, e eles passaram a morar juntos. Eles pareciam felizes. Nós prometemos que nos encontraríamos novamente, embora nenhum de nós soubesse quando isso fosse acontecer.

Nosso primeiro Natal juntos foi perfeito. Nós compartilhamos um enorme assado, jantamos sentados com o velho casal e seu filho na frente de uma lareira, assistimos "*A felicidade não se compra",* e liguei para os meus pais à noite. Minha conversa foi curta, mas eu estava meio que feliz por ter feito isso.

Nós até mesmo pegamos emprestado um tobogã do celeiro e fizemos uma corrida atrás da casa. Depois fomos para a cama, comemos torta de abóbora, obtendo migalhas nos lençóis e no outro.

Com o degelo da Primavera, fomos para o oeste, seguindo uma antiga rota de vagão de trem, através de uma paisagem sem fim de planos, horizontes sem traços característicos. Ficamos sem dinheiro em Dakota do Sul, então eu tive que pegar outro emprego em uma fazenda, enquanto Torrey trabalhava no escritório. Esta fazenda era enorme, com mais de 2.000 cabeças de gado

leiteiro, e tudo era automatizado. Nenhum de nós gostou muito, por isso, ficamos apenas o tempo suficiente para colocar algum dinheiro no banco e gasolina no carro. Nós estávamos dirigindo um velho Toyota Prius de 12 anos, nos dias de hoje. A princesa tinha morrido quando saímos da cidade de Iowa. Fiquei triste ao vê-la ir, mas seria necessário substituir todo o bloco do motor e nós simplesmente não tínhamos o dinheiro. Torrey derramou lágrimas pelo pedaço de metal, mas o Toyota era muito mais econômico com a gasolina. Ela disse que era carro de um asilo de idosos, mas fazia 17 km/l, então eu acho que ela não se importou muito no final.

Depois de Dakota do Sul, dirigimos para o oeste, indo através de Wyoming e Utah. Até então, eu acho que nós dois tínhamos um destino em mente, embora nenhum de nós dissesse nada para confirmar ou negar isso.



Estava ficando tarde na hora que eu vi as luzes à frente, o brilho de néon da cidade jogando halo laranja para o céu à noite.

Torrey estava dormindo, com a cabeça encostada na janela, meu casaco proporcionando um travesseiro improvisado.

Eu senti emoção aflorar na minha barriga. Era primavera, e nós tínhamos dirigido quilômetros passando de flores amarelas, rosa e roxo, a pintura do deserto com cores vibrantes. Nós tínhamos visto tanto e conhecido tantos lugares, e ainda tínhamos acabado aqui. Talvez fosse o destino, talvez fosse inevitável. Eu gostava de pensar nisso. Desde o primeiro dia que eu a tinha visto na Busy Bee tudo estava apontando para cá.

Eu descansei minha mão no joelho de Torrey e gentilmente a balancei acordando-a.

— Ei, querida, estamos quase lá. Você não vai querer perder isso.

Seus olhos se abriram e ela piscou algumas vezes.

— Uau! Estamos realmente aqui! Las Vegas!

Eu sorri para ela. — Você sabe o que isso significa, querida?

Ela me deu um sorriso inocente, fingindo ignorância.

— E o que seria isso, cowboy?

— A Capital do Casamento no mundo. Acho que você vai ter que se casar comigo depois de tudo.

Ela olhou por um momento, então franziu o nariz.

— Jordan Kane! Essa é a proposta menos romântica que eu *já* ouvi! — ela bufou.

— Quantas propostas você ouviu, então? — eu brinquei com ela.

— Nenhuma, mas ainda é a pior!

Eu não pude deixar de rir com ela. — Isso é um não, então, querida?

Nós dirigimos passando por um sinal que anunciou: '*Capelinha White Wedding'*.

— Você tem certeza de que não posso tentá-la?

— Huh. — ela fez beicinho. — Você nem sequer tem um maldito anel!

— Claro que eu tenho.

— O quê?

— Querida, eu tenho um anel desde antes de sairmos do Texas.

O queixo dela caiu aberto.

— O que... você... mas... eu...

Seu rosto era uma imagem, até que ela gritou comigo.

— Vire o carro, Jordan!

Não era a reação que eu estava esperando.

— Querida...

— Vire o maldito carro!

Eu fiz uma inversão de marcha ilegal, meu coração martelando, me perguntando como diabos eu iria corrigir isso. Mas quando viu a placa para a capela de casamento de novo, ela gritou. — Estacione!

— O quê?

— *Agora,* Jordan Kane. Mas é melhor você fazer direito dessa vez!

Um sorriso lento se estendia no meu rosto.

— Quer dizer que você vai fazer isso? Você vai se casar comigo?

Seus olhos se estreitaram perigosamente. — Que parte de "fazer direito" você não entendeu?

Eu dirigi até o estacionamento e desliguei o motor. Ela ainda estava olhando para frente, mas eu poderia dizer que ela estava tentando não abrir um sorriso. Eu já conhecia os seus olhares.

Eu corri ao redor do SUV e escancarei a porta. Ofereci-lhe a minha mão e ela pegou, delicadamente saindo do carro.

— Hum, eu preciso do anel, querida. — eu disse.

— Bem, eu não tenho isso! — ela bufou.

— Sim, na verdade você o tem. Está no bolso do meu casaco.

Ela olhou para mim, incrédula.

— Eu tenho dormido sobre ele todo esse tempo?

Eu sorri para ela e pisquei.

— Eu estou tão brava com você nesse instante! — ela sussurrou.

— Não, você não está, rojão. — eu disse, calmamente.

Ela me passou o casaco sem comentários, e eu pesquei ao redor para a caixinha de veludo.

Eu respirei fundo, tentando me certificar de que eu tinha oxigênio suficiente nos pulmões para dizer o que precisava ser dito, e eu me deixei cair de joelhos.

— Torrey Delaney, você me deu esperança. Desde a primeira vez que eu vi seu lindo rosto, você me mostrou seu belo coração, também. Eu não esperava encontrar a felicidade neste mundo, mas é um presente que você me dá todos os dias. Eu te amo, e eu quero passar toda a minha vida amando você. Será que o seu coração bate louco por mim? Você vai se tornar minha esposa?

Ofereci-lhe a caixinha de veludo e ela a abriu lentamente. Quando seus olhos encontraram os meus, eles estavam brilhando com lágrimas.

— Safiras?

— Como seus belos olhos, querida. — eu peguei o anel da caixa e coloquei em seu dedo. — Parece bom aí.

Ela assentiu com a cabeça, piscando para conter as lágrimas.

— É melhor você se levantar de seus joelhos, cowboy. — disse ela, por fim. — Nós temos um casamento para ir.

— Então isso é um sim? — eu perguntei, esperando.

Ela sorriu. — Isso nunca ia ser um não.

Levantei-me, não me importando se eu estivesse coberto de poeira e sujeira de uma longa viagem. Juntei-a em meus braços e me prometi que eu nunca a deixaria ir. Nos bons e nos maus momentos, esta mulher era para mim.

— Eu acho que seria melhor ver se esta capela de casamento realmente é 24 horas. — disse ela, rindo em meu pescoço.

Eu me afastei um pouco para que eu pudesse ver seu rosto.

— Você está bem com isso, querida? Você não quer pedir a sua mãe para nos casar? Eu posso esperar.

Eu realmente não queria, mas eu faria isso, se fosse isso o que ela quisesse.

Ela balançou a cabeça e sorriu.

— Isso não seria nós, Jordan. De qualquer forma, já somos abençoados.

Eu entrei naquela capela de casamento, como o homem mais feliz em todo o maldito mundo. Meu dia começou e terminou com ela. E sempre seria assim.

Fim



